

**O PASSE**

**SEU ESTUDO**

Jacob Mello

**Obs.** Esta obra não contém os capítulos VIII e IX: As técnicas.

O Sumário se encontra no final da obra.

## ***A SUBLIME DOAÇÃO***

*"E disse Pedro: Não tenho prata nem ouro; mas o que tenho isto te dou. Em nome de Jesus-Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda". (Atos, 3:6)*

À porta do templo, chamada Formosa, o apóstolo Pedro e o deficiente físico.

Entre ambos um momento de expectativa.

Da alma cansada e sofrida - que espera.

Da alma plena de fé e estuante de amor - que doa.

Não há indagações nem hesitações.

Apenas a sublime doação.

Eis aí o significado profundamente belo e sublimado do passe: a doação de alma para alma.

\* \* \*

Nosso amigo, Jacob Luiz de Melo, apresenta, nestas páginas que se vai ler, todo o processo dessa doação (em cuja passagem acima citada alcança a culminância) que denominamos, em nosso meio espírita - **passes**.

As técnicas, a cura, os fluidos, o doador, o paciente, as diversas escolas, os efeitos, tudo, enfim, que é necessário para aprimoramento desse trabalho de verdadeira caridade, em nossas Casas Espíritas.

Para tanto, Jacob Melo se empenhou em pesquisar, estudar e meditar o passe. E mais ainda: apresenta a sua própria vivência, numa interação entre o conhecimento e a prática, especialmente porque tem ele, desde cedo, uma constante familiaridade com o ambiente espírita.

Há muito as nossas letras se ressentiam de uma obra deste porte, que abordasse o tema em suas angulações e peculiaridades; que atendesse à necessidade de cunho científico e àquelas da praticidade; que avaliasse, numa análise sensata e clara o que está sendo feito nesse campo de atendimento aos que chegam às instituições em busca de alívio e consolo. Para isso faz o autor uma leitura bastante atualizada e lúcida do nosso Movimento Espírita no tocante a essa área de atividade, tirando ilações e apresentando sugestões que possibilitem uma reciclagem e mudanças para que os objetivos superiores que norteiam essa tarefa sejam alcançados plenamente.

Vale ressaltar, de forma preponderante, que Jacob de Melo consegue transmitir tudo isto com distinção e arte, encontrando sempre a palavra adequada, o conceito bem colocado, a crítica sóbria e elevada que nos permitem entrever a sua própria nobreza íntima e o acendrado amor com que revestiu todo este trabalho, desde a sua ideação até o ponto final.

\* \* \*

*"O que tenho isto te dou" - diz Pedro.  
Jacob Luiz de Melo, guardadas as devidas proporções, também faz a sua doação.*

**Suely Caldas Schubert  
Juiz de Fora (MG), outubro de 1991**

## À GUIA DE EXPLICAÇÃO

*“Aquele, porém, que a pratique (uma religião) por interesse e por ambição se torna desprezível aos olhos de Deus e dos homens. A Deus não podem agradar os que fingem humilhar-se diante dele tão somente para granjear o aplauso dos homens”. Espírito da Verdade<sup>1</sup>*

A despeito de quanto se tenha dito ou falado da validade ou não do passe na Casa Espírita, fato inofensivo é que sua importância ali tem sido, e será sempre, muito grande. É difícil imaginarmos uma Instituição Espírita sem possuir trabalhos de assistência espiritual através desse dispositivo terapêutico. Seu uso é tão comum e suas técnicas, em geral, são tão simples que nos perguntamos por que tanta confusão, por que tanto impasse quando se quer entender o passe ou abordar-lhe os princípios?!

Nos ensina a lógica que, quando um assunto afeta a tantos e comporta exames, análises, comparações, comprovações e experiências, imediatamente surgem os pesquisadores e divulgadores sérios - apesar dos "mistificadores" de todos os tempos —, fazendo brotar boas obras e importantes referências, em número proporcional ao uso e ao interesse. Entretanto, estranha e contrariamente a isso, o passe, mesmo com seu milenar conhecimento e sua eficácia ecumenicamente propalada, tem sido muito pouco pesquisado, notadamente por quem mais lhe difunde o valor em nossas "bandas ocidentais": os espíritas.

Se recorrermos à bibliografia Espírita, que em inúmeras áreas é de uma fartura impressionante, nos espantaremos com o reduzido número de obras que tratam do assunto, mormente se de forma especializada. E se formos exigentes quanto à qualidade, como, inclusive, deveremos ser, tal número não caberá na contagem dos dedos de uma única mão. É, deveras, de espantar tão estranho comportamento pois, bem o sabemos, não apenas este assunto interessa muito (e a muitos), como ainda não temos sobre ele uma abordagem mais consentânea com a universalidade dos ensinamentos pertinentes - tal como se faz requerida e como bem sugeriu Allan Kardec, através de seu exemplo, pelo comportamento pessoal dado ao trato da Codificação.

Mesmo sem precipitar julgamentos, o que se nos afigura como justificativa para esse comportamento é uma certa e generalizada acomodação. Ao que vimos sentindo, todos queremos aprender, fazer certo, entender, mas, situações como: "fulano disse que é assim que se aplica o passe" ou "não preciso estudar técnicas e teorias porque Jesus apenas impunha as mãos e curava", têm servido de desculpas para um genérico "cruzar os braços", em vez de "pormos mãos à obra".

De outra maneira, como é comum se querer aprender a aplicar o passe "rapidinho", quase sempre se busca, apenas, "breves estudos", simplórios "manuais"... Nessa "pressa", costumamos assimilar certas orientações equivocadas e, muitas vezes, nelas nos cristalizamos, adotando técnicas e posturas nem sempre coerentes. Em consequência, com o passar do tempo, tentamos justificar nosso procedimento com frases tipo: "já aplico passes há "tantos" anos e tenho obtido excelentes resultados", ou usamos da cômoda transferência de deveres: "deixo aos Espíritos a responsabilidade pois a técnica é deles mesmos e eles podem usar meus fluidos como quiserem que não atrapalho".

Antes de prosseguirmos, analisemos as situações apresentadas já que, por serem muito comuns, justificam aproveitemos o ensejo.

1. **"Foi fulano que me ensinou assim"**; esta é a típica desculpa da pessoa que se sente (ou se diz) sempre "indisposta" e que, portanto, "não tem tempo para estudar". Perguntamos: será que só falta tempo mesmo para o estudo? É nosso propósito de servir ao próximo não merece de nós mesmos um pouco mais de esforço e dedicação? Será que nós gostaríamos de sermos atendidos, por exemplo, por um médico que nunca tem tempo para estudar? E será que a pessoa (ou a obra, Instituição, curso, etc.) que nos ensinou, ensinou "tudo" mesmo e, se ensinou, o fez correto? Como saber reconhecer sem estudar? Bem se vê que só o estudo pode fornecer a segurança devida e nos coloca racionalmente ante nossos compromissos para com os irmãos que buscam nossa ajuda.

2. **"Jesus só impunha as mãos e curava, portanto (...)"**; aqui já não se trata de simples falta de estudo, mas, de desconhecimento até d'O Novo Testamento. Ao longo do livro, teremos oportunidade de

---

<sup>1</sup> KARDEC, Allan. Da lei de adoração. In "O Livro dos Espíritos", Parte 3ª, cap.2, item Adoração exterior, questão 655.

apresentar várias situações envolvendo a ação fluídico-magnética do Cristo e veremos que não era só por imposição de mãos que Ele agia. Fica, desde já, a recomendação de que façamos uma leitura daquele livro, para conhecermos mais proximamente a figura de Jesus e seus exemplos morais e práticos de como atuar nas curas.

3. *"Já faz tanto tempo que aplico assim e dá bons resultados"*; de fato, nada nos impede de procedermos sempre de uma única maneira em nossas atividades e, ainda assim, nos sairmos bem; contudo, isto jamais quererá dizer devamos limitar nosso aprendizado - no que quer que seja - a apenas um método, a uma só ação, pois, nada há no mundo que seja ou deva ser tão restritamente especializado, Além do estudo e da pesquisa, nos compete, igualmente, um pouco de empenho e criatividade (no bom sentido) a fim de favorecermos nosso progresso. Afinal, o que "hoje" é considerado como resultado positivo não descarta a grande possibilidade de, em se melhorando o método ou as técnicas, obtê-lo mais excelente ainda "amanhã".

4. *"Como a técnica é dos Espíritos, deixa que me utilizem e não atrapalho"*; com toda franqueza, os que assim agem tomam uma postura, no mínimo, ridícula. Se nós evoluímos tanto nos Planos Espirituais quanto na Terra, por que não começarmos nosso aprendizado aqui, para aprimorá-lo quando lá estivermos? Por que não pensarmos, a despeito dos Espíritos serem os grandes detentores das técnicas, que nossos conhecimentos e estudos contribuirão eficazmente nos processos de atendimentos fluidoterápicos, pois, permitirão que o trabalho se realize de forma mais participativa? E afinal, queremos ser médiuns passistas de fato ou simples marionetes nas mãos dos Espíritos? E os Espíritos Superiores, por sua vez, estarão solicitando nossa participação como meros brinquedos liberadores de fluidos ou como companheiros efetivos nas atividades fraternas em favor das criaturas necessitadas? Meditemos; meditemos bem, pois, assim como não nos cabe "atrapalhar" os trabalhos dos Espíritos amigos, compete-nos o dever de darmos e fazermos o melhor de nós mesmos, sempre!

Retomando nossa idéia inicial, quando nos propusemos escrever esta obra, com surpresa descobrimos que a bibliografia não Espírita sobre o assunto é muitas vezes mais volumosa e variada que a nossa, o que, de certo modo, nos deixou levemente desapontados. Após "correr" as obras Espíritas sobre o passe e as "clássicas do Magnetismo" que conseguimos consultar, partimos para aquelas outras, nas quais encontramos: fartas pesquisas, sérios aprofundamentos, hipóteses intrigantes e instigantes, e muitas novidades. Infelizmente, porém, tudo de bom que lá se encontra quase sempre está misturado com muitas bobagens, montes de coisas sem qualquer fundamento, algumas (poucas, graças a Deus) afrontas à moral, a Medicina e aos princípios éticos do bom senso, e tantos absurdos destituídos de qualquer lógica ou respaldo.

Como resultado disso tudo, tivemos que nos "vestir" de "garimpeiros do passe" para conseguirmos extrair dali as "pérolas dos bons ensinamentos", procurando não confundi-las com as "argilas endurecidas e cristalizadas dos equívocos e despropósitos" tão virulentamente a elas agregadas.

Nessa "garimpagem", concluímos pelo que excedia em evidência: grandes descobertas, graves estudos, profundas pesquisas e excelentes práticas podem e devem ser encetados nesta área pelos espíritas, pois, sem dúvida alguma, somos "garimpeiros" privilegiados. Dispomos de uma "mina a céu aberto" (a Doutrina Espírita), o que nos livra de qualquer escuridão; contamos com cinco "mapas" (o Pentateuco Kardequiano) magnanimamente codificados; acompanham-nos "guias" (a Espiritualidade Superior) com profundos conhecimentos do terreno e das tarefas; dispomos de "detalhes técnicos" (as obras subsidiárias de Espíritos como André Luiz, Emmanuel e Manoel Philomeno de Miranda) de riquíssima precisão; temos à mão informações "geológicas do solo" com perfis (as obras clássicas e modernas do Magnetismo) já devidamente testados; não nos faltam "elementos" ("nossos" pacientes) para trabalharmos em nossa mineração; possuímos "ferramentas" de primeira qualidade (nossa boa vontade e a disposição de servir); e, como se não bastasse, o nosso senhor é o maior e o melhor de todos os amos (Nosso Senhor Jesus-Cristo, em nome de Deus).

Foi refletindo assim que decidimos aprofundar um pouco mais o estudo sobre o passe, mesmo porque, aquilo que apresentamos como crítica generalizada logo no início desta "explicação", antes que em qualquer pessoa ou Instituição, ela foi aplicada sobre nós mesmos, com toda veemência e honestidade possível. E por pensarmos que não seria justo fazermos todo um trabalho de pesquisa, análise e estudo, no qual encontramos verdadeiras "jóias raras", e não dividirmos as benesses daí advindas (tal como exemplificou Allan Kardec quando acabou de compor aquele que seria a primeira edição de "O Livro dos Espíri-

tos"), aqui trazemos nossa modesta "garimpagem", no intuito de assim contribuirmos para um enriquecimento, um conhecimento e um estudo mais acurado sobre o passe, da parte de todos nós.

É preciso confessar, entretanto, que não garimpamos sozinhos; contamos com muitas ajudas, de todos os níveis e de todos os "planos". Todas, sem exceção, foram valiosíssimas; mesmo aquelas que, de momento, não conseguimos entender, fossem por estarem além de nossa capacidade de tirocínio ou por extrapolarem os largos limites de nossa imperfeição.

Por isso mesmo, todos os méritos deste trabalho são dos Espíritos (encarnados e desencarnados) que - na pessoa dos vários autores consultados, dos amigos que sempre vibraram por nós outros, dos familiares e companheiros que aturaram nossa "teimosia por escrever um livro", dos críticos que escolhemos (e aqui queremos fazer uma ressalva especial para citar a estimada confreira Sarah Jane, pois, devemos a ela uma gratidão enorme, pelo seu empenho e destemor, inteligência e seriedade, estudo e atenção, sem o que esta obra estaria incompleta e com limitações) e dos que se escolheram, dos irmãos que apreciaram os rascunhos e os originais, orientando-nos, todos, com suas judiciosas ponderações, daqueles que tenham tentado nos deter ou atrapalhar nossa manifesta intenção de concluir tal trabalho, e dos que nos ajudaram direta e indiretamente, de forma reconhecida ou anonimamente - só contribuíram para a ocorrência de tudo de bom que aqui se encontra.

Entretanto, queremos registrar, explicitamente, que é do autor, e só dele, de maneira indivisível e absoluta, todo e qualquer ônus que pese por quaisquer equívocos, indelicadezas, desvios ou colocações menos felizes que, porventura, sejam ou venham a ser localizadas nesta obra, pois, temos certeza plena de que se tal se der terá sido por exclusiva pequenez deste menor dos menores irmãos de Jesus, deste que se reconhece como um dos mais modestos dos discípulos de Kardec.

*Jacob Luiz de Melo  
Natal (RN), outubro de 1991.*

# CAPÍTULO I - O PASSE - DEFINIÇÕES

*“A mediunidade é coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente. Se há um gênero de mediunidade que requeira essa condição de modo ainda mais absoluto é a mediunidade curadora” - (Allan Kardec)<sup>2</sup>*

É fora de dúvida que nenhuma Ciência pode ser bem entendida quando não se busca, antes, o conhecimento de sua base, de seus fundamentos. Sendo o Espiritismo, de fato e por definição, uma Ciência e como tal estabelecida por seu insigne Codificador, compete-nos buscar-lhe os princípios para não vagarmos em raciocínios periféricos quando nosso propósito é o do conhecimento coerente.

Os conhecidos “fatos espíritas”, hoje denominados “fenômenos mediúnicos”, ao lado da aplicação analisada e estudada do Magnetismo, foram os propiciadores da parte científica da Doutrina Espírita. Allan Kardec, entretanto, não se limitou a observá-los e estudá-los com profundidade; a partir daí, ele compôs todo o arcabouço teórico e prático do Espiritismo. Desde então tornou-se inconcebível estudar-se a mediunidade sem sedimentar alicerces nos registros kardequianos. Tal tentativa equivaleria a se querer edificar uma construção de grande porte sem antes certificar-se das condições do solo nem cuidar da robustez de suas fundações. Afinal, sem base sólida e robusta não há construção segura.

Decorrentemente, o presente estudo sobre o passe, o qual é uma das mais usuais derivações práticas da mediunidade e do magnetismo na Casa Espírita, para ser coerente e consentâneo com a Doutrina dos Espíritos, estará revestido de grande cuidado quanto a sua fundamentação doutrinária. Não queremos fugir da figura evangélica que lembra ser prudente o homem que constrói sua casa sobre a rocha para assim suportar a chuva que cair, os rios que transbordarem e os ventos que sobre ela se abaterem<sup>3</sup>. Daí iniciarmos por Allan Kardec e seu Pentateuco, símbolos maiores da sólida rocha doutrinária do Espiritismo, e com ele seguirmos até o fim da obra.

Na síntese em epígrafe, é inequívoca a seriedade com que Kardec se postou ante a “mediunidade curadora”. Tanto assim que a ela se refere como uma “coisa santa”, claramente ressaltando a nobreza de caráter da qual deve se revestir todo aquele que se disponha a esse verdadeiro labor divino, a fim de agir, em todos os momentos, “santamente, religiosamente”. Mas, caráter nobre é formatura adquirida nos modos e hábitos diários e não apenas em certos momentos, quase sempre vivenciados na esporadicidade de fundo imediatista, interesseiro ou comodista.

Conscientes dessa posição, podemos analisar inicialmente alguns aspectos que dizem respeito as definições e menções que adiante iremos apreciar. Isso porque não foi normalmente sob o nome passe, mas, via de regra, como “dom de curar”, “mediunidade curadora”, “imposição de mãos”, que o Codificador se referiu ao assunto em estudo. Além disso, em diversas ocasiões tratou deste tema nominando-o, genericamente, “magnetismo”, ainda que nessas oportunidades não deixasse dúvidas sobre que tipo de magnetismo<sup>4</sup> se referia.

Na definição de mediunidade curadora dada por Kardec (é gênero de mediunidade que “consiste, principalmente, no dom que possuem certas pessoas de curar pelo simples toque, pelo olhar, mesmo por um gesto, sem o concurso de qualquer medicação”<sup>5</sup>), já se percebe a abrangência com que ele tratou a matéria.

Uma outra verificação bastante comum é que, se formos analisar enciclopédias e dicionários, notaremos que nem todas as referências existentes são em relação ao *passe* (no singular), que é a maneira usualmente empregada tanto no meio Espírita como na literatura espiritualista em geral, mas, preferencialmente, aos *passes* (no plural).

Importa ainda considerar que o termo “passe” tem significados distintos. Inicialmente era o passe apenas o nome dado ao gesto (ou ao conjunto destes) com fins de se movimentar “eflúvios”. Depois, entendido como atividade de cura, generalizou-se como a própria política da cura. No entendimento Espírita,

<sup>2</sup> KARDEC, Allan. *Daí gratuitamente o que gratuitamente recebestes*. In: “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap. 26, item 10.

<sup>3</sup> *Mateus*, VII, vv. 24 e 25.

<sup>4</sup> *Trataremos do assunto com mais detalhes no capítulo VIII - As Técnicas*.

<sup>5</sup> KARDEC, Allan. *Médiuns curadores*. In “O Livro dos Médiuns”, cap. 14, item 175.

ora é evocado como um, ora como outro sentido. Apesar disso, na maneira como venha a se empregar o termo, passe tanto pode ser entendido como uma terapia espírita, como uma parte do magnetismo, como uma técnica de cura ou ainda como o sentido genérico da “fluidoterapia”.

Isto posto, vamos às definições, menções e equívocos que envolvem nosso assunto, advertindo antecipadamente que limitaremos tais abordagens pois ao longo da obra surgirão muitas outras oportunidades para novas citações, das mais variadas fontes.

## 1. DEFINIÇÕES E MENÇÕES ESPÍRITAS

### 1.1 - De Allan Kardec

“É muito comum a faculdade de curar pela influência fluídica e pode desenvolver-se por meio do exercício; mas, a de curar instantaneamente, pela imposição das mãos, essa é mais rara e o seu grau máximo se deve considerar excepcional”<sup>6</sup>.

“A mediunidade curadora (...) é, por si só, toda uma ciência, porque se liga ao magnetismo, e não só abarca as doenças propriamente ditas, mas todas as variedades (...) de obsessões”<sup>7</sup>. E ainda acrescenta: “(...) Aí nada queremos introduzir de pessoal e de hipotético, procedemos por via de experiência e de observação”.

“Pela prece sincera, que é uma magnetização espiritual, provoca-se a desagregação mais rápida do fluido perispiritual”<sup>8</sup>.

Diz ainda Kardec: “O médium curador transmite o fluido salutar dos bons Espíritos (...)”<sup>9</sup>.

Quando, estudando os possíveis problemas que poderiam surgir entre a “mediunidade curadora” e a lei, Kardec abriu indagações que, por si sós, ratificam o que dissemos acerca de ele usar os termos do magnetismo para se referir ao passe: “As pessoas não diplomadas que tratam os doentes pelo magnetismo; pela água magnetizada, que não é senão uma dissolução do fluido magnético; pela imposição das mãos, que é uma magnetização instantânea e poderosa; pela prece, que é uma magnetização mental; com o concurso dos Espíritos, o que é ainda uma variedade de magnetização, são passíveis da lei contra o exercício ilegal da medicina?”<sup>10</sup>.

Mesmo fazendo uso dos termos mais comuns a época, fica evidente que o passe foi considerado e estudado por Kardec com a mesma seriedade e gravidade que se tornaram sua *marca registrada* na condução do árduo trabalho da Codificação Espírita.

Quando fazemos a ligação entre as terminologias empregadas hoje com as do “ontem recente”, pretendemos convir, sempre e mais uma vez, com Kardec quando, nos primórdios do Espiritismo, já nos orientava sobre o proveito advindo com a Doutrina Espírita, a qual nos lança, de súbito, numa ordem de coisas tão nova quão grande, que só pode ser obtido “Com utilidade por homens sérios, perseverantes, livres de prevenções e animados de firme e sincera vontade de chegar a um resultado”<sup>11</sup>. Daí a necessidade de sermos sérios e graves ante os assuntos do Espiritismo, em especial quando tratamos de temas pontilhados de personalismos, controvérsias e pouco estudo, como é o caso do passe.

### 1.2 - Clássicas (Contemporâneos de Allan Kardec)

“(...) O magnetismo vem a ser a medicina dos humildes e dos crentes, (...) de quantos sabem verdadeiramente amar”<sup>12</sup>. Léon Denis.

<sup>6</sup> KARDEC, Allan. *Curas*, In “A Gênese”, cap.14, item 34.

<sup>7</sup> Da *Mediunidade curadora*. “Revista Espírita”, set. 1865.

<sup>8</sup> KARDEC, Allan. *O passamento*. In “O Céu e o Inferno”, 2ª Parte, cap. 1, item 15.

<sup>9</sup> KARDEC, Allan. *Daí gratuitamente o que gratuitamente recebestes*. In “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap. 26, item 10.

<sup>10</sup> *A Lei e os médiuns*. “Revista Espírita”, jul. 1867, p. 203.

<sup>11</sup> KARDEC, Allan. *Introdução*. In “O Livro dos Espíritos”, item 8.

<sup>12</sup> DENIS, Léon. *A força psíquica. Os fluidos. O magnetismo*. In “No Invisível”, 2ª Parte, cap. XV, p. 182.

Angel Aguared assim se pronunciou: “Deixemos as drogas e os tóxicos para os hipnotizadores e reservemos para os magnetizadores a medicina do espírito, pois na alma se concentra toda a sua força e todo o seu poder”<sup>13</sup>.

Albeít De Rochas já fazia menção ao termo “passes”, assim como à imposição de mãos”. Observe-se, por exemplo, como o erudito escritor e engenheiro português, Dr. Antonio Lobo Vilela, fala sobre ele no seu livro “O Destino Humano”: “O processo experimental de De Rochas (utilizado para indução à regressão de memória) consiste no emprego de *passes magnéticos* longitudinais, combinados, por vezes, com a imposição da mão direita sobre a cabeça do *passivo*”. (Grifos originais)<sup>14</sup>. Mas falar de De Rochas seria praticamente dispensável já que todos os estudiosos do magnetismo, sonambulismo e exteriorização da personalidade (desdobramento) não regateiam elogios e citações ao mesmo. Apesar disso, lembraríamos que após estudar a “transplantação” das doenças - que se dava fazendo-se passar as doenças de uma pessoa para outra ou então para um animal - sugerida por um certo abade Vallemonte, no livro, “Physique Occulte”, escrito em 1693, e que ressurgiu em fins do século passado, rebatizada por “traspases” em plena Paris e implantada em alguns hospitais dali, concluiu ele pela ineficácia de ambos os métodos e, então, preferiu se utilizar dos passes nas suas sessões de estudo sobre os “eflúvios” e a “exteriorização da sensibilidade”<sup>15</sup>.

Para concluir este item, façamos um resumo histórico com Gabriel Delanne: “A ciência magnética compreende certo número de divisões, conforme as diferentes categorias de fenômenos.

“(…) Os anais dos povos da antiguidade formigam em narrativas circunstanciadas, que mostram o profundo conhecimento que do magnetismo tinham os antigos sacerdotes.

“Os magos da Caldéia, os brâmanes da Índia curavam pelo olhar (...). Ainda hoje, na Ásia, (...) os faquires cultivam com êxito as práticas magnéticas (...).

“Os egípcios (...) empregavam, no alívio dos sofrimentos, os passes e a aposição de mãos, como os executamos ainda em nossos dias.

“(…) Amóbio, Celso e Jâmblico ensinam em seus escritos que existia entre os egípcios, em todas as épocas, pessoas dotadas da faculdade de curar por meio da aposição das mãos e de insuflações (...)

“(…) Os romanos também tiveram templos onde se reconstituía a saúde por operações magnéticas. Conta Celso que Asclepiades de Pruse adormecia, magneticamente, as pessoas atacadas de frenesi.

“(…) Quem obteve, porém, maior fama nessa matéria, foi Simão, “o mágico”, que, soprando nos epilépticos, destruía o mal de que estavam atacados.

“(…) Na Gália, os druidas e as druidesas possuíam em alto grau a faculdade de curar, como o atestam muitos historiadores; sua medicina magnética tornou-se tão célebre que os vinham consultar de todas as partes do mundo. (...) Na Idade Média, o magnetismo foi praticado, principalmente, pelos sábios.

“(…) Avincena, doutor famoso, que viveu de 980 a 1036, escreveu que a alma age não só sobre o corpo, senão ainda sobre corpos estranhos que pode influenciar, a distância.

“Arnaud de Villeneuve foi buscar nos autores árabes o conhecimento dos efeitos magnéticos (...).

“(…) Van Helmont dizia: (...) O magnetismo só tem de novo o nome (...)

“(…) Em 1682, assinalaremos Greatrakes, na Inglaterra, que fez milagres, simplesmente com as mãos (...)”<sup>16</sup>, etc.

### 1.3 - Dos Espíritos

“O passe, como gênero de auxílio, invariavelmente aplicável sem qualquer contra-indicação, é sempre valioso no tratamento devido aos enfermos de toda classe (...)”<sup>17</sup>. André Luiz.

<sup>13</sup> MICHAELUS. In “Magnetismo Espiritual”, cap. 7, p. 56.

<sup>14</sup> FREIRE, Antonio J. Experiências do coronel A. Rochas D’Aiglum. In “Da Alma Humana”, cap.5, p. 104.

<sup>15</sup> ROCHAS, Albert de. Cura magnética das feridas e traspasse das doenças. In “Exteriorização da sensibilidade”, cap. 5, itens 1 e 2, pp. 115 a 121.

<sup>16</sup> IMBASSAHY, Carlos. Histórico. In “O Espiritismo perante a Ciência”, 2ª Parte, cap. 1, pp. 75 a 78.



“(...) O passe é uma transfusão de energias psíquicas (...)”<sup>18</sup>. Emmanuel.

“(...) Ensinos espíritas que recomendam a terapia fluídica, através da transmissão das energias de que todos somos dotados, seja pela utilização do recurso do passe, seja pela magnetização da água, usando-se o contributo mental por processo de fixação telepática e transmissão de recursos otimistas, de energias salutaras que refazem o metabolismo, contribuindo eficazmente para o restabelecimento da saúde mental, e, por extensão, da psicofísica (...)”<sup>19</sup>. Aristides Spinola.

“Penetrando nos fatores causais - o Espírito, seu pretérito, seu futuro - a fuidoterapia e o esclarecimento Espírita conscientizam, elucidam, emulam e seguram o homem da queda abissal (...)”<sup>20</sup> Carneiro de Campos.

“O passe é uma transfusão de energias, alterando o campo celular”<sup>21</sup>. André Luiz.

E, para encerrar, uma citação do Espírito Bezerra de Menezes que, de passagem, nos “atualiza” o termo: “Visitando enfermos, socorrendo necessitados, aplicando passes, ou bioenergia, como se modernizou o labor, enfim, a caridade é um esporte da alma, pouco utilizado pelos candidatos à *musculação* moral e inteireza espiritual”<sup>22</sup>. (Grifo original)

## 1.4 - Dos Espíritas

Para contribuir como elo de ligação entre as citações de Kardec com as atuais, vejamos, de início, o que nos diz Antônio Luiz Sayão quando comenta sobre as curas feitas por Jesus:

“Para imaginarmos o poder dos fluidos magnéticos de que dispunha Jesus, o mais puro de todos os Espíritos, e bem assim o poder que a sua vontade exercia sobre esses fluidos, regeneradores e fortificantes, cuja natureza, bem como combinações, efeitos e propriedades Ele conhecia de modo absoluto, basta atentemos nos efeitos que produz o magnetismo humano e nos que conseguem os médiuns curadores (...)”<sup>23</sup>.

Do eminente Carlos Imbassahy tomaremos alguns parágrafos, cuja obra, a seguir referenciada, merece ser lida por quem queira se aprofundar nos detalhes que envolvem “a mediunidade e a lei”:

“Não seria para desprezar as curas do imperador Vespasiano, o qual dava passes e punha bons os nervosos; as de Adriano, que curava os doentes com os dedos; as do rei Olavo, as de Eduardo, o confessor, as de Felipe I, as do imperador Justiniano (...)”

“O dom coube em partilha a todos, assim aos grandes como aos pequenos; vinha do palácio de imperadores e reis até a choupana dos pobres. Levret, um jardineiro, celebrou-se com esses predicados.

“(...) Um dos maiores curadores espiritualistas da França, Charles Parlange, cujas espetaculares curas, oficialmente registradas, eram conseguidas tão-somente pela prece, estivesse o doente junto ou longe dele (...)”<sup>24</sup>.

“O passe é, antes de tudo, uma transfusão de amor”<sup>25</sup>. Divaldo Pereira Franco.

“O passe é um ato de amor na sua expressão mais sublimada”<sup>26</sup>. Suely Caldas Schubert.

Por fim, Herculano Pires nos sintetiza o seguinte: “O passe tornou-se popular por sua eficácia. Mas é tão simples um passe que não se pode fazer mais do que dá-lo”<sup>27</sup>.

---

<sup>17</sup> XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Passe e Oração*. In “*Mecanismos da Mediunidade*”, cap. 12, p. 148.

<sup>18</sup> XAVIER, Francisco Cândido. In “*O Consolador*”, cap. 5, p. 67.

<sup>19</sup> FRANCO, Divaldo Pereira. *Forças mentais*. In “*Terapêutica de Emergência*”, cap. 10, pp. 45 e 46.

<sup>20</sup> FRANCO, Divaldo Pereira. *Doenças e terapêutica*. In “*Sementes de Vida Eterna*”, cap. 8, p. 43.

<sup>21</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Serviço de passes*. In “*Nos Domínios da Mediunidade*”, cap. 17, p. 169.

<sup>22</sup> FRANCO, Divaldo Pereira. *Expição e reparação*. In “*Loucura e Obsessão*”, cap. 23, p. 297.

<sup>23</sup> SAYÃO, Antônio Luiz. In “*Elucidações Evangélicas*”, p. 129.

<sup>24</sup> IMBASSAHY, Carlos. *Curas mediúnicas*. In “*A Mediunidade e a Lei*”, pp. 46 e 61.

<sup>25</sup> FRANCO, Divaldo Pereira. *O passe - propriedades e efeitos*. In “*Diálogo com dirigentes e trabalhadores espíritas*”, p. 61.

<sup>26</sup> SCHUBERT, Suely Caldas. *A importância da fluidoterapia* In “*Obsessão/Desobsessão*”, 2ª Parte, cap. 10, p. 116.

<sup>27</sup> PIRES, J. Herculano. *Mediunidade prática* In “*Mediunidade - Vida e Comunicação*”, cap. 14, p. 127.

## 2 - DEFINIÇÕES E MENÇÕES NÃO ESPÍRITAS

### 2.1 - Dos Dicionários e Enciclopédias

“PASSES. Movimentos com as mãos, feitos pelos médiuns passistas, nos indivíduos com desequilíbrios psicossomáticos ou apenas desejosos de uma ação fluídica benéfica. (...) Os passes espíritas são uma imitação dos passes hipnomagnéticos, com a única diferença de contarem com a assistência, invocada e sabida, dos protetores espirituais”<sup>28</sup>.

“PASSES (Pl. de passe) S. m. pl. Ato de passar as mãos repetidamente ante os olhos de uma pessoa para magnetizá-la, ou sobre uma parte doente de uma pessoa para curá-la”. Aurélio Buarque Holanda Ferreira<sup>29</sup>.

“PASSE, (...) ato de passar as mãos repetidas vezes por diante dos olhos de quem se quer magnetizar ou sobre a parte doente da pessoa que se pretende curar pela *força mediúnica*”. (Grifamos) Francisco da S. Bueno<sup>30</sup>. (Esta definição, por sinal, é a mesma encontrada no dicionário da Academia Brasileira de Letras.)

“PASSE: ato de passar as mãos repetidas vezes por diante ou por cima de pessoa que se pretende curar pela força mediúnica”<sup>31</sup>. (Grifos nossos)

### 2.2 - Dos Magnetizadores Clássicos

Louis Alphonse Cahagnet, considerado por muitos como um dos precursores da Doutrina Espírita, haja vista sua notável obra, os “Arcanos”, além de inúmeras outras - 30 ao todo - sobre o magnetismo<sup>32</sup>, nos concede uma clara definição desta Ciência: “É uma propriedade da alma; o corpo é a máquina por intermédio do qual ele se filtra”<sup>33</sup>.

Deleuze faz ressaltar o ângulo mais religioso do magnetismo, quando nos assevera que “(...) Sendo a faculdade de magnetizar, ou de fazer o bem aos seus semelhantes por influência de sua vontade, a mais bela e a mais preciosa que Deus deu ao homem, deve-se encarar o exercício do magnetismo como um ato religioso, que exige o maior recolhimento e a intenção mais pura (...)”<sup>34</sup>.

Chardel, um dos pioneiros do magnetismo, em 1818 apresentou uma curiosa obra a consideração da Academia de Berlim, na qual afirmava: “O magnetismo é uma transfusão de vida espiritualizada do organismo do operador para o do paciente”<sup>35</sup>. (Grifamos)

Outras definições e menções, de Mesmer, de Du Potet, de Lafontaine, de Puységur e de tantos outros magnetizadores não menos famosos, serão vistas ao longo da obra, pelo que nos permitimos parar por aqui.

### 2.3 - Dos Magnetizadores Contemporâneos

“Aquele (magnetizador) que se propõe a exercer o tratamento deve ter equilíbrio, tranqüilidade espiritual e total consciência da importância das manipulações levadas a efeito”<sup>36</sup>. V. L. Saiunav - A personalidade que assina esta expressão é um russo que desenvolveu suas experiências de cura de uma forma autodidata, mas, apesar do pouco acesso as literaturas estrangeiras, podem verificar, *a posteriori*, que suas conclusões são muito similares e, por vezes, melhores que as experiências do mundo ocidental. Ele, inclu-

<sup>28</sup> PAULA, João Teixeira de. In “Dicionário Enciclopédico Espiritismo Metapsíquica Parapsicologia”, Ilustrado, p. 192, Editora Bels S.A.

<sup>29</sup> “Novo Dicionário da Língua Portuguesa”. Ed. Nova Fronteira.

<sup>30</sup> “Dicionário Escolar da Língua Portuguesa”. MEC - Fename.

<sup>31</sup> “Enciclopédia Mirador Internacional”. vol. II. “Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa”, p. 1289.

<sup>32</sup> WANTUIL, Zeus e THIESEN, Francisco. In “Allan Kardec”, cap. 9, pp. 92 a 100, v. 2.

<sup>33</sup> MICHAELUS. In “Magnetismo Espiritual”, cap. 3, p. 23.

<sup>34</sup> MICHAELUS. In “Magnetismo Espiritual”, cap. 7, p. 54.

<sup>35</sup> MICHAELUS. In “Magnetismo Espiritual”, cap. 1, p. 10.

<sup>36</sup> SAIUNAV, V. L. In “O fio de Ariadne”. cap. 2, p. 71.

sive, em seu livro, nos faz registros de autores cujas obras veio a conhecer depois, e que merecem destaques: “Quem duvidar, hoje, da atuação do magnetismo, deve ser chamado de ignorante e não de cético”. (Schoppenhauer) - “O magnetismo animal é, portanto, a mais poderosa de todas as forças físicas e químicas. (...) A cura magnética processa-se por meio de passes magnéticos, pela aposição de mãos (...)” (Du Prell)<sup>37</sup>.

Ainda na Rússia temos um dos seus mais famosos curadores: o Coronel Krivorotov, o qual foi submetido a uma larga bateria de testes. Seu método de cura é o uso de passes a curta distância dos pacientes. E ele afirma crer que “A energia vem de alguma fonte externa”<sup>38</sup>. Isso sem falar na famosa Djuna que, entre outros, diz ter curado com “suas mãos” o ex-homem-forte da União Soviética, Leonid Brejnev e resolvido até casos de aids, apesar de sua reconhecida excentricidade; além de Barbara Ivanova<sup>39</sup> que tem curado pessoas à distância, pelos mais variados meios, e que é reconhecida como uma das maiores autoridades soviéticas sobre reencarnação.

Para encerrar a lista, vejamos o que nos reserva o renomado e respeitado George W. Meek: “O curador não cura as doenças. Agindo de modo extraordinário, ele proporciona um ambiente no qual a cura pode realizar-se”<sup>40</sup>.

## 2.4 - De Outras Escolas Religiosas

De um pastor presbítero (Dudley Blades):

“A cura espiritual é a cura do Espírito pelo Espírito. (...) Normalmente começo a cura repousando minhas mãos suavemente sobre a cabeça das pessoas (...)”<sup>41</sup>.

De um padre católico (Frei Hugolino Back):

“Analisando, detidamente, os textos, dá-nos a impressão de que essas *ordens* proferidas por Jesus vêm acompanhadas de gestos. E gestos de movimentos rápidos e enérgicos. Seriam formas de passes?

“- Que são passes?

“- São gestos rápidos e enérgicos que são feitos pela pessoa-que-cura ao lado e ao longo do corpo de pessoa-que-está-sendo-curada”<sup>42</sup>. (Grifo original)

Uma prece católica de cura, apresentada pelo reverendo Robert DeGrandis, S. S. J.: “Jesus, quando oramos pelos outros em Teu nome, nós te pedimos que uses nossas mãos para vires até nós e toques aqueles pelos quais oramos, como se nossas mãos fossem tuas. Deixa que Teu Espírito opere, hoje, através de nós, especialmente quando oramos pelos membros de nossa família ou de nossa comunidade. Obrigado, Jesus, pelo Teu amor curador que está fluindo neste momento através de mim”<sup>43</sup>.

Do budismo tibetano:

“Quando se compreendem os processos tântricos, torna-se claro que eles não são nenhum “passe de mágica” religioso com o qual nos iludimos, a nós e aos outros. São a manipulação destra de energias psicofísicas por seres que, mediante a prática do Dharma, em particular a meditação, aprimoram suas capacidades mentais (...)”<sup>44</sup>.

## 3 - CITAÇÕES BÍBLICAS

---

<sup>37</sup> SAIUNAV, V. L. In “O Fio de Ariadne”, pp. 50 e 51.

<sup>38</sup> OSTRANDER, Sheila e SCHROEDER, Lynn. In “Experiências Psíquicas Além da Cortina de Ferro”, cap. 18, p. 242.

<sup>39</sup> Durante o ano de 1990 ela passou vários meses aqui no Brasil proferindo palestras, seminários e cursos e, na oportunidade, publicou a versão do seu livro “O Cálice Dourado”, onde ensina suas técnicas de cura.

<sup>40</sup> MEEK, George W. (Org.). In “As curas paranormais”, 1ª Parte, cap. 2, p. 19.

<sup>41</sup> BLADES, Dudley. O que é a cura? In “A Energia Espiritual e seu Poder de Cura”, cap. 6, p. 52.

<sup>42</sup> BACK, Hugolino e GRISA, Pedro A. As técnicas de Jesus. In “A Cura pela Imposição das Mãos”, p. 74.

<sup>43</sup> DeGRANDIS, Robert. Os dez mandamentos da cura. In “Ministério de Cura para Leigos”, cap. 2, p. 36.

<sup>44</sup> CLIFFORD, Terry. A medicina tântrica. In “A Arte de Curer no Budismo Tibetano”, cap. 5, p. 97.

### 3.1 - No Antigo Testamento

“Então Eliseu lhe mandou um mensageiro, dizendo: Vai, lava-te sete vezes no Jordão, e a tua carne será restaurada, e ficarás limpo.

“Naamã, porém, muito se indignou, e se foi, dizendo: Pensava eu que ele sairia a ter comigo, por-se-ia de pé, invocaria o nome do SENHOR seu Deus, moveria a mão sobre o lugar da lepra, e restauraria o leproso”<sup>45</sup>. (Grifamos)

“E, estendendo-se três vezes sobre o menino, clamou ao SENHOR, e disse: Ó SENHOR meu Deus, rogo-te que faças a alma deste menino tornar a entrar nele.

“O SENHOR atendeu à voz de Elias; e a alma do menino tornou a entrar nele, e reviveu”<sup>46</sup>.

“Josué, filho de Num, estava cheio do espírito de sabedoria, porquanto Moisés havia posto sobre ele as suas mãos: assim os filhos de Israel lhe delam ouvidos, e fizeram como o SENHOR ordenara a Moisés.

“(…) E no tocante a todas as obras de sua poderosa mão, e aos grandes e terríveis feitos que operou Moisés à vista de todo o Israel”<sup>47</sup>.

Nestes três exemplos, que colocamos em ordem reversa à cronológica dos fatos, vimos como o magnetismo era utilizado desde a mais antiga história, sob os métodos mais diversos, inclusive pela imposição das mãos.

### 3.2 - No Novo Testamento

“E Jesus, estendendo a mão, tocou-lhe, dizendo: Quero, fica limpo! E imediatamente ele ficou limpo de sua lepra”<sup>48</sup>.

“Então Ananias foi e, entrando na casa, impôs sobre ele as mãos dizendo: Saulo, irmão, o SENHOR me enviou, a saber, o próprio Jesus que te apareceu no caminho por onde vinhas, para que recuperes a vista e fiques cheio do Espírito Santo”<sup>49</sup>.

“A manifestação do Espírito é concedida a cada um, visando um fim proveitoso.

“Porque a um é dada, mediante o Espírito, a palavra da sabedoria; e a outro, segundo o mesmo Espírito, a palavra do conhecimento.

“A outro, no mesmo Espírito, fé; e a outro, no mesmo Espírito, dons de curar (...)”<sup>50</sup>.

Encontramos igualmente, nestes exemplos, o passe já como prática habitual de cura ao tempo de Jesus e de seus seguidores da primeira hora, quando as mãos aparecem como um dos mais comuns veículos de técnica de cura fluídica, além da origem do termo “dom de curar” pelo apóstolo Paulo.

## 4. DEFINIÇÕES EQUIVOCADAS

Antes de iniciarmos nossa análise sobre alguns dos mais comuns equívocos que se cometem quando se pretende comparar passes a outros métodos, gostaríamos de apresentar uma observação de Kardec: “Magnetizador é o que pratica o magnetismo; magnetista é aquele que lhe adota os princípios. Pode-se, pois, ser magnetista sem ser magnetizador; mas não se pode ser magnetizador sem ser magnetista”<sup>51</sup>. Por extensão, infere-se que o passista tanto pode ser um magnetizador quanto um simples magnetista; será ele magnetizador quando usar seus fluidos na magnetização e magnetista quando adotar os princípios, as téc-

---

<sup>45</sup> II Reis, V, vv. 10 e 11.

<sup>46</sup> I Reis, XVII, vv. 21 e 22.

<sup>47</sup> Deuteronômio, XXXIV, vv. 9 e 12.

<sup>48</sup> Mateus, VIII, v. 3.

<sup>49</sup> Atos, IX, v. 17.

<sup>50</sup> I Coríntios, XII, vv. 7 a 9.

<sup>51</sup> Magnetismo e Espiritismo. “Revista Espírita”, mar. 1858, p. 94, nota de rodapé nr. (1).

nicas e os métodos do magnetismo. Mas só será passista espírita quando suas técnicas forem consentâneas com a Doutrina Espírita e seu proceder moral se coadunar com os princípios desta.

No mesmo artigo<sup>52</sup>, Kardec nos afirma ainda que “O Magnetismo preparou o caminho do Espiritismo (...)”. E prossegue mais adiante: “Se tivermos que ficar fora da ciência do magnetismo, nosso quadro (espiritismo) ficará incompleto (...). A ele nos referimos, pois, senão acessoriamente, mas suficientemente para mostrar as relações íntimas das duas ciências que, na verdade, não passam de uma”.

O leitor há de convir conosco que esta citação é por demais importante. Entre outras, dela podemos tirar uma conclusão óbvia: pela maneira como foi considerado o magnetismo, a Ciência Espírita não pode ficar sem o contributo daquela outra, sob o risco de termos o Espiritismo de forma incompleta. Entretanto, ressalta das palavras de Kardec que se trata de uma mesma ciência pelo fato de uma estar inserida na outra e não que sejam simetricamente iguais.

Analisemos agora os equívocos. Para ficar mais didático, tratá-los-emos em subitens, na forma de perguntas e respostas, destacando os equívocos que pretendemos demonstrar.

### *1. Magnetismo e Espiritismo são a mesma coisa?*

R - Já possuímos matéria suficiente para sustentarmos estar em equívoco aquele que afirmar sejam o magnetismo e o Espiritismo a mesma coisa, pois, da última colocação kardequiana se depreende que o primeiro, como ciência, participa da Ciência Espírita e não que esta esteja contida nos estreitos limites daquela outra. Não são a mesma coisa, afirmamos; nem por definição, nem por meios, nem por objetivos; apenas o magnetismo, com suas técnicas e experiências, viabilizou, no meio científico da época, o reconhecimento da existência de outras forças, energias, fluidos, que desaguaram, via sonambulismo, nas provas da existência do Espírito.

Mas, para que não haja dúvidas, eis a primeira definição de Allan Kardec sobre o Espiritismo: A doutrina *espírita* ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os *espíritas*, ou, se quiserem, os *espiritistas*<sup>53</sup> (grifos originais). Vemos que dessa definição não há como igualar tal Ciência - que é também Filosofia e Religião - ao magnetismo, cujos seguidores são chamados de magnetizadores<sup>54</sup>.

Há, entretanto, estreitas ligações entre as duas ciências. E quem faz uma notável ligação entre o Espiritismo e o Magnetismo é o Espírito E. Quineman que, quando encarnado, segundo suas próprias palavras, ocupou-se com a prática do magnetismo material. Assim se expressa ele: “O Espiritismo não é, pois, senão o magnetismo espiritual, e o magnetismo não é outra coisa senão o Espiritismo humano. (...) O magnetismo é, pois, um grau inferior do Espiritismo (...)”<sup>55</sup>.

### *2. E em relação ao passe propriamente dito, seriam ele e o magnetismo a mesma coisa?*

R - A resposta continua negativa, pois, se para o magnetismo o passe é uma técnica de movimentação de mãos, para o passe (espírita) o magnetismo é uma fonte de técnicas de transferências fluídicas. Atentemos, todavia, para o que nos diz Allan Kardec: “O conhecimento dos processos magnéticos é útil em casos complicados, mas não indispensável”<sup>56</sup>; isto nos sinaliza, inclusive, que nem sempre o passe se recorre do magnetismo como técnica.

Em síntese, todo passista (espírita) é, no fundo, um magnetizador mas nem todo magnetizador é um passista (espírita).

### *3. E a magnetização e o hipnotismo são iguais, são uma mesma ciência?*

R - Trata-se de outro equívoco pensar-se assim. Embora não estejamos estudando o hipnotismo, é da própria história dessa ciência que ela surgiu em decorrência das práticas magnéticas, como uma experimentação, poderíamos dizer, especializada, de partes daquela. O hipnotismo, usando uma linguagem bem

<sup>52</sup> *Magnetismo e Espiritismo*. “Revista Espírita”, mar. 1858, p. 94, nota de rodapé nr. (1).

<sup>53</sup> KARDEC, Allan. Introdução. In “O Livro dos Espíritos”, item 1.

<sup>54</sup> Recomendamos sejam relidos os pontos principais do Espiritismo na Introdução de “O Livro dos Espíritos”, todos registrados no seu item 6, onde se patenteiam as diferenças entre as duas ciências.

<sup>55</sup> *O Magnetismo e o Espiritismo comparados*. “Revista Espírita”, jun. 1867, médium Sr. Desliens, pp. 190 a 192.

<sup>56</sup> *Da Mediunidade curadora* “Revista Espírita”. set. 1865. p. 254.

coloquial, é “filho” direto do magnetismo como o é o “sonambulismo provocado” “O próprio Braíd (chamado o pai do hipnotismo) reconheceu em sua *Neurhypnologie* que os procedimentos hipnóticos não determinavam absolutamente todos os fenômenos produzidos pelos magnetizadores”<sup>57</sup>, evidenciando, assim, o caráter de menor eficiência destes, em termos gerais, que daquele outro. Por ser derivação, confundi-los é o mesmo que se cambiar a obra pelo obreiro, o efeito pela causa.

4. *Já que o magnetismo é usado no passe, isso implicará que devemos usar também o hipnotismo nos nossos passes?*

R - De forma alguma. O Espírito Emmanuel, introduzindo André Luiz no livro “Mecanismos da Mediunidade”, enfatiza que mesmo tendo aquele estudado o hipnotismo “Para fazer mais amplamente compreendidos os múltiplos fenômenos da conjugação de ondas mentais, além de com isso demonstrar que a força magnética é simples agente, sem ser a causa das ocorrências medianímicadas, nascidas, invariavelmente, de espírito para Espírito”, não recomenda. “De modo algum, a prática do hipnotismo em nossos tempos Espíritas”<sup>58</sup>.

Completemos nossa resposta com Michaelus: “Deixemos as drogas e os tóxicos para os hipnotizadores e reservemos para os magnetizadores a medicina do Espírito, pois na alma se concentra toda a sua força e todo o seu poder”<sup>59</sup>.

5. *Mas, algumas pessoas advogam que durante ou após o passe, certos pacientes se sentem “diferentes”, como no hipnotismo.*

R - Sem entrar nos aspectos espirituais da questão, vejamos o que nos diz o renomado Dr. Jorge Andréa: “Não pretendemos negar que a hipnose determina, realmente, inibição de centros nervosos, zonas e mesmo regiões” mas, esclarece ele, “isso é uma consequência natural do desenvolvimento de mecanismo hipnótico”<sup>60</sup>. Não é correto, portanto, que apressadamente se infira dos fatos do hipnotismo, sua equivalência, por suas reações (diversas, por sinal), com os passes. Mero desconhecimento de causa que não justifica o equívoco. Hermínio Correia de Miranda, quando liga o magnetismo ao hipnotismo, nos esclarece com sua síntese peculiar: “Magnetismo, a nosso ver, é a técnica do desdobramento provocado por meio de passes e/ou toques, enquanto a hipnose ficaria adstrita aos métodos de sugestão (...)”<sup>61</sup>.

6. *É o passe uma invenção do Espiritismo?*

R - Garantimos que, em princípio, o Espiritismo nunca “inventou” nada nem tampouco “criou” coisas usualmente a ele atribuídas. Pelas definições e menções apresentadas neste capítulo, fica evidente que o passe, suas técnicas e seu conhecimento remontam à mais longínqua antiguidade. A Doutrina Espírita apenas estudou o magnetismo e suas aplicações, estuda e continuará estudando suas causas e efeitos, tendo chegado a grandes conclusões, notadamente no que diz respeito ao seu uso para o bem dos Espíritos, tanto encarnados quanto desencarnados, dando-lhes emprego sério e útil, e incentivando sua prática dentro dos princípios cristãos e nos limites da pureza doutrinária espírita, lembrando aos seus praticantes, como o fez o Cristo: “(...) De graça recebestes, de graça dai”<sup>62</sup>.

7. *É o passe magia? Por quê?*

R - Não. Porque o passe não se utiliza de fetichismos, não é dogmático, não compactua com Espíritos inferiores para obtenção de favores, quer materiais, quer espirituais, nem se compromete com ritualismos. Não incita adoração a santos ou mitos nem requer pagamentos ou oferendas. Se nos permitimos uma definição própria, o passe é um dos veículos de que se utilizam os Bons Espíritos para atender aos necessitados, de acordo com a vontade de Deus, e não para atender aos homens, segundo nossos, quase sempre pueris caprichos e mesquinhas imposições.

<sup>57</sup> JAGOT, Paul-Clement. *Atualmente*. In “Iniciação a Arte de Curar pelo Magnetismo Humano”, cap. 5, item 7, p. 53.

<sup>58</sup> XAVIER, Francisco Cândido, VIEIRA, Waldo. *Mediunidade*. In “Mecanismos da Mediunidade”, pp. 15 e 16.

<sup>59</sup> MICHAELUS. In “Magnetismo Espiritual”, cap. 7, p. 56.

<sup>60</sup> 58. ANDRÉA, Jorge. *Fenômenos parapsicológicos*. In “Nos Alicerces do Inconsciente”. cap. 4, item 2 - Hipnose, p. 116.

<sup>61</sup> MIRANDA, Hermínio C. In “A Memória e o Tempo”. cap. 4, p. 78, v. 1.

<sup>62</sup> Mateus, X, v. 8.

8. *Como o passe, muitas vezes, usa das técnicas do magnetismo e das colocações kardequianas, entendemos que tanto há fluidificação espiritual como animal (do homem) e mista, isso quer dizer que no passe tanto há mediunismo quanto animismo?*

R - Estabeleçamos primeiro que animismo não é, necessariamente, sinônimo de mistificação; animismo é a projeção ou a manifestação do Espírito do próprio médium por seu próprio corpo ou, ainda, o uso das energias fluídicas de si por si mesmo. Por outro lado, mediunidade existe quando há relação entre homem encarnado e Espírito desencarnado. Por isso podemos dizer, teoricamente, que o passe só é anímico quando o mesmo é aplicado por um magnetizador, com uso exclusivo de suas energias vitais, sem a interferência dos Espíritos (como se isso fosse possível). Mas, pelo que nos asseveram os Espíritos, quando respondendo a Kardec, nos asseguram que eles influem em nossos atos e pensamentos “Muito mais do que imaginais (...) a tal ponto que, de ordinário, são eles que vos dirigem”<sup>63</sup>, forçoso é concluirmos que não há magnetismo puro (quer dizer, sem intervenção espiritual), assim como também não há o animismo puro. A própria definição de passe vista anteriormente no item “2.1 - Dos Dicionários e Enciclopédias”, sob a referência número 27, já nos sugere isso. E, se não bastasse, sigamos Allan Kardec mais uma vez, quando ele pergunta aos Espíritos:

*“Há, entretanto bons magnetizadores que não crêem nos Espíritos?”*

“Pensas então que os Espíritos só atuam nos que crêem neles? Os que magnetizam para o bem são auxiliados por bons Espíritos. Todo homem que nutre o desejo do bem os chama, sem dar por isso, do mesmo modo que, pelo desejo do mal e pelas más intenções, chama os maus”<sup>64</sup>.

9. *Passistas e médiuns curadores são a mesma coisa?*

R - Se bem possam, em determinadas situações, se confundirem, não são necessariamente a mesma coisa pois o passista nem sempre é um médium curador no sentido maior do termo, enquanto que todo curador, posto que sempre usa alguma técnica de passe, é passista, ressaltando-se, contudo que aqui importa distinguir passista de passista Espírita.

Quando Allan Kardec definiu médiuns curadores, disse que esses são “Os que têm o poder de curar ou de aliviar o doente, pela só imposição das mãos, ou pela prece.

“Essa faculdade não é essencialmente mediúnica: possuem-na todos os verdadeiros crentes, sejam médiuns ou não. As mais das vezes, é apenas uma exaltação do poder magnético, fortalecido, se necessário, pelo concurso de bons Espíritos”<sup>65</sup>.

Percebemos assim que, no primeiro parágrafo, ele parece se referir ao passista espírita, enquanto que no segundo se referencia ao magnetizador, ao médium curador. De uma forma ou de outra, não faz grande diferença essa conceituação pois o que mais importa é a ação do passe, e Espírita, de preferência.

10. *Magnetismo e magnetoterapia são a mesma ciência?*

R - Não, não o são. Enquanto que o magnetismo lida com os fluidos animais (humanos), a magnetoterapia se utiliza dos ímãs ou materiais inorgânicos portadores de magnetismo. Enquanto a primeira se baseia no homem como fonte, a segunda tem sua base nos metais; a primeira requer, mesmo no magnetismo puro, um bom posicionamento de moral e equilíbrio do aplicador, enquanto a segunda, nem sempre.

11. *É o magnetismo humano (animal), o mesmo dos ímãs ou do resultante das correntes elétricas?*

R - Não. No magnetismo humano se percebe e se constata a existência de um componente anímico que não participa das outras modalidades de magnetismo. Outrossim, no magnetismo dos ímãs e dos oriundos dos campos energizados por eletricidade, obtêm-se padrões e quantidades invariável e fisicamente mensuráveis, abstração feita as variações previstas e determinadas; no magnetismo humano os valores são extremamente flexíveis e variáveis não apenas por condições físico-químicas e orgânicas mas igualmente por influências psíquicas e espirituais.

12. *Existe diferença entre passes e imposição de mãos?*

<sup>63</sup> KARDEC, Allan. In “O Livro dos Espíritos”, cap. 9, questão 459.

<sup>64</sup> KARDEC, Allan. Dos médiuns. In “O Livro dos Médiuns”, cap. 14, item 176, 3ª questão.

<sup>65</sup> KARDEC, Allan. Dos médiuns especiais. In “O Livro dos Médiuns”, cap. 16, item 189.

R - Em termos espíritos, passes tanto pode ser entendido como o conjunto de recursos de transferências fluídicas levadas a efeito com fins fluidoterápicos, como uma das maneiras pela qual se faz tais transferências. No primeiro caso, a imposição de mãos seria um dos recursos; no segundo, uma das maneiras.

Assim sendo, de forma literal, passe e imposição de mãos não são a mesma coisa; em termos de uso, contudo, tem-se a imposição de mãos como uma técnica de passe<sup>66</sup>. Tanto que é comum se falar de um querendo-se dar a entender o outro.

De outra forma, observemos a ponderação de nossa contemporânea Dalva Silva Souza, em excelente artigo publicado em “Reformador”: “A palavra (passe) é um deverbais de passar, verbo que, sem dúvida, transmite a idéia de MOVIMENTO”<sup>67</sup>. Por outro lado, “imposição de mãos” já deixa bem induzido que se trata de atitude estática, sem movimento, posto que, derivado do verbo impor, imposição, nesse sentido, quer dizer: ato de fixar, estabelecer.

\* \* \*

Outras dúvidas e equívocos, por certo, existirão. Mas, se não temos a pretensão de esgotar o assunto, nos resta a certeza de que ao longo desta obra, muitas questões serão resolvidas e vários problemas ganharão solução. Por outro lado, se novas dúvidas surgirem, como resultado da reflexão, do estudo, da análise e do raciocínio, é sinal de que teremos alcançado um bom “primeiro porto”, do qual, após o reabastecimento em novas pesquisas, partiremos buscando, juntos, novos e promissores horizontes tudo em nome do Evangelho.

---

<sup>66</sup> *Teceremos considerações no capítulo VI adiante.*

<sup>67</sup> *SOUZA, Dalva Silva de. Considerações em torno do passe. In “Reformador”, jan, 1986, p. 16.*



## CAPÍTULO II - OS OBJETIVOS DO PASSE

“E insistentemente lhe suplica: Minha filhinha está à morte; vem, impõe as mãos sobre ela, para que seja salva, e viverá. Jesus foi com ele”<sup>68</sup>.

Mesmo sendo o passe uma das circunstâncias mediúnicas mais comuns nas Instituições Espíritas, precisamos reconhecer, tanto pelo estudo quanto pela vivência, quais seus verdadeiros objetivos para, a pretexto de desconhecimento de causa, não virmos amanhã a desvirtuar-lhe os *fins* utilizando-nos de *meios* antidoutrinários ou então, ainda que através dos *meios* mais corretos, desvalorizemos os *fins*, por impertinentes. Afinal, se fazer é uma obrigação, saber fazer é um dever; e fazê-lo correto, no tempo, momento e lugar certo, é buscar a perfeição. Não sendo outro o motivo de nosso estágio aqui na Terra senão o de buscarmos, pelos meios ao nosso alcance, o *final* feliz, que é a perfeição, reconhecemo-nos numa posição que, pelo nível, ainda nos solicitará muito esforço, trabalho, vidas, renúncias, estudos e sacrifícios, até atingirmos o grande desiderato.

Sendo o magnetismo um dos “meios” que utilizaremos seguidamente, tomá-lo-emos tendo em vista a manutenção do estudo do passe dentro dos limites atinentes às causas e aos efeitos fluídicos de cura e de alívio orgânico e psíquico, além de auxiliar nos tratamentos espirituais e desobsessivos. Evitaremos o aprofundamento que nos levaria ao estudo da *exteriorização da sensibilidade* e da *motricidade*<sup>69</sup>, bem como aos *efeitos hipnóticos*, aos métodos de *regressão de memória*<sup>70</sup> e às características atinentes ao sonambulismo. Afinal, o que vamos estudar mesmo é o *passe* e não necessariamente o *magnetismo*, apesar de com isso não quereremos dizer que desprezaremos suas bases e técnicas, experiências e conclusões; muito pelo contrário, não só as utilizaremos como servirão de fundamental importância na sedimentação do entendimento, na efetivação de sua prática e para a explanação lógica de vários pontos comuns.

Começemos, então, buscando a lucidez e a objetividade do Espírito André Luiz<sup>71</sup>, o qual nos faz meditar com grande proveito: “O passe não é unicamente transfusão de energias anímicas<sup>72</sup>. É o equilibrante ideal da mente, apoio eficaz de todos os tratamentos (...). Se usamos o antibiótico por substância destinada a frustrar o desenvolvimento de microorganismos no campo físico, por que não adotar o passe por agente capaz de impedir as alucinações depressivas, no campo da alma? (...) Se atendemos à assepsia, no que se refere ao corpo, por que descurar dessa mesma assepsia no que tange ao espírito?”.

Aí encontramos André Luiz estendendo definições, com isso favorecendo-nos uma abertura para nosso estudo: o passe “é o equilibrante ideal da mente”, funcionando como coadjuvante em todos os tratamentos, não só físicos, mas igualmente da alma. Por isso mesmo, os objetivos do passe ficam bem categorizados como elementos a serem alcançados em dois campos: materiais e espirituais, a se refletirem no *paciente*<sup>73</sup>, no passista e na Casa Espírita.

Corroborando com isso, encontramos Martins Peralva quando, estudando a mediunidade neste campo específico, nos lembra: “O socorro, através de passes, aos que sofrem do corpo e da alma, é instituição de alcance fraternal que remonta aos mais recuados tempos”<sup>74</sup>.

Tendo este raciocínio como ponto de partida, componhamos uma análise um tanto quanto didática, distinguindo os objetivos do passe em três grupos:

- 1 - Em relação ao paciente;
- 2 - Em relação ao médium; e

<sup>68</sup> Marcos, V, vv. 23 e 24.

<sup>69</sup> Assuntos bem estudados por Albert De Rochas em seus livros (clássicos) “*Extériorisation de la Sensibilité*” e “*L’Extériorisation de la Motricité*”. Apenas o primeiro tem versão brasileira.

<sup>70</sup> Assunto igualmente estudado por De Rochas (“*Les Viés Successives*”, também não versionado).

<sup>71</sup> XAVIER. Francisco Cândido, VIEIRA, Waldo. O passe. In “*Opinião espírita*”, cap. 55, pp. 180 e 181.

<sup>72</sup> Compare-se com nosso comentário acerca do equívoco existente entre animismo e mediunismo no passe, destacado no item 4 das “*Definições equivocadas*”, questão 8, do capítulo anterior.

<sup>73</sup> Convencionamos chamar de “*paciente*” a pessoa ou o Espírito que se submete(rá) ao tratamento fluídico.

<sup>74</sup> PERALVA, Martins. Passes. In “*Estudando a Mediunidade*”, cap. 26, p. 142.

## 1. EM RELAÇÃO AO PACIENTE

O passe Espírita objetiva o reequilíbrio orgânico (físico), psíquico<sup>75</sup>, perispiritual e espiritual do paciente. Chega-se fácil a esta conclusão pela observação de que:

- quando um paciente procura o passe, ele busca, com certeza, melhora para seu comportamento orgânico, psíquico e/ou espiritual, o que já representa uma afirmativa desse objetivo;
- quando os médiuns sentem-se “doando energias” e, por vezes, se fatigam após as sessões de passes, deixam claros indícios de que houve “transferências fluídicas” em benefício do paciente;
- na comprovação das melhoras ou curas dos pacientes, novamente se confirma a tese;
- no estudo dos mais variados tratados e obras sobre o assunto, não há quem discorde desse objetivo;
- e tantas outras evidências existem que não sobra margem para tergiversações.

Não se deve, porém, confundir o *objetivo* do passe com o seu *alcance*. Erroneamente é comum se deduzir do fato de alguém não ter sido curado num determinado tratamento fluidoterápico, este deixa de ter sua objetividade definida. Tal raciocínio equivaleria a se condenar a Medicina tomando como base os casos que não tiveram solução possível, ou se acusar um médico pelo fato de um paciente não responder a certos medicamentos. O passe, como os medicamentos, tem seus objetivos bem definidos, ainda que, por circunstâncias a serem vistas mais adiante, nem sempre sejam alcançados satisfatoriamente. Isso, entretanto, não os descaracterizam.

Angel Aguero<sup>76</sup> nos lembra que “O magnetismo, em certos estados de origem psíquica ou espiritual, basta e, para certos indivíduos, é o melhor agente curativo. Tanto o magnetismo *humano* como o *espiritual*” (grifamos). É bem verdade que esta citação não contemplou os problemas orgânicos em suas palavras mas isso não toma menos digna a nota. Entrementes, quando o autor se refere ao “magnetismo humano e espiritual” deixa liminarmente claro que seu entendimento reconhece a ação do magnetizador comum e daquele que atua com o auxílio dos Espíritos, sem igualmente deixar de lado a ação fluídica apenas por parte dos Espíritos.

Não se trata de opinião isolada; o Espírito Emmanuel assim se pronuncia: “Se necessitas de semelhante intervenção (do passe), recolhe-te à boa vontade, centraliza a tua expectativa nas fontes celestes do suprimento divino, humilha-te, conservando a receptividade edificante, inflama o teu coração na confiança positiva e, recordando que alguém vai arcar com o peso de tuas aflições, retifica o teu caminho, considerando igualmente o sacrifício incessante de Jesus por nós todos, porque, de conformidade com as letras sagradas, *Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e levou as nossas doenças*”<sup>77</sup> (grifos originais). Aqui encontramos toda uma definição de objetividade; um verdadeiro manual de orientação a quem vai se beneficiar das benesses de um passe. É a parte moral e espiritual do passe em destaque, convidando o paciente a humildade com boa vontade, a fé com a responsabilidade de saber que alguém está agindo em seu favor, pelo que o respeito e a contrição são necessários.

Para reforçar que os objetivos alcançam a área das influências Espirituais, eis a palavra de Kardec: “Às vezes, o que falta ao obsidiado é força fluídica suficiente; nesse caso, a ação magnética de um bom magnetizador lhe pode ser de grande proveito”<sup>78</sup>.

Fica definido, desta forma, que o primeiro objetivo do passe é, para a pessoa ou para o Espírito que carece e procura esse notável “agente de cura”, o socorro que lhe proporciona o reequilíbrio orgânico, psíquico, perispiritual e espiritual.

---

<sup>75</sup> Preferimos destacar a condição psíquica para deixar claro estarmos tratando de condições mentais diferentemente de condições espirituais.

<sup>76</sup> AGUAROD, Angel. *O problema da saúde*. In “Grandes e Pequenos Problemas”, cap. 9, item III, pp. 208 e 209.

<sup>77</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *O passe*. In “Segue-me”, p. 100.

<sup>78</sup> KARDEC, Allan. *Da obsessão*. In “O Livro dos Médiuns”, cap. 23, item 251.

## 2. EM RELAÇÃO AO MÉDIUM

Numa importante mensagem do Abade Príncipe de Hohenlohe (Espírito), intitulada “Conselhos Sobre a Mediunidade Curadora”, encontramos farto material para a definição dos objetivos ora epigrafados: “Em geral os que buscam a faculdade curadora têm como único desejo o restabelecimento da *saúde material*, de obter a sua liberdade de ação de tal órgão, impedido nas suas funções por uma *causa material* qualquer. Mas, sabeis-o bem, é o menor dos serviços que esta faculdade está chamada a prestar, e só a conheceis em suas primícias e de maneira inteiramente rudimentar, se lhe conferis este único papel (...) Não: a faculdade curadora tem missão mais nobre e mais extensa! (...) Se pode dar aos corpos o vigor da saúde, também deve dar as almas toda a pureza de que são susceptíveis, e é somente neste caso que poderá ser chamada *curativa*, no sentido absoluto da palavra.

“(...) O aparente efeito material, o sofrimento, tem quase constantemente uma causa mórbida imaterial, residindo no estado moral do Espírito. Se, pois, o médium curador se ataca ao corpo, só se ataca ao efeito, e a causa primeira do mal continuando, o efeito pode reproduzir-se, quer sob a forma primordial, quer sob qualquer outra aparência.

“(...) É necessário que o remédio espiritual ataque o mal em sua base, como o fluido material o destrói em seus efeitos; numa palavra, é preciso tratar, ao mesmo tempo, o corpo e a alma”<sup>79</sup>. (Grifos originais.)

Mediante tal ponderação que mais nos parece um verdadeiro corolário, percebemos que os objetivos do passe em relação ao médium têm estreita afinidade com os definidos aos pacientes. Porém, podemos (e devemos) entender o serviço do passe como uma tarefa muito mais ampla que a limitada a uma simples cura material. Se os pacientes, inadvertidamente, buscam tão-só as curas de suas mazelas orgânicas ou a solução de seus mal-estares, compreendamos e auxiliemo-los. Afinal, muitos deles, e por que não dizer a maioria, quase sempre chegam ao tratamento fluidoterápico buscando “essas coisas” já em última instância, visto que, alegam, “fulano foi quem me recomendou” (e dizem isso fazendo feições de desdém). Entretanto nós, os médiuns Espíritas, jamais deveremos entender nossa ação como sendo uma mera aventura no campo da matéria e dos fluidos, buscando soluções fantásticas e miraculosas pois, parafraseando Allan Kardec, é preciso aplicar e usar o passe como quem lida com uma “coisa santa”, tratando-o e recebendo-o de “maneira religiosa, sagrada”, a fim de seus reais objetivos, de cura material e, sobretudo, psicoespiritual, serem atingidos em sua plenitude, holisticamente.

Por outro lado, aqueles que não têm a visão Espírita e restringem os objetivos dos passes as curas materiais podem, ainda assim, favorecerem um caminho válido para comprovações presentes e futuras de seus benefícios, notadamente quando homens ditos de ciência se pronunciam a respeito pois, a partir do conhecimento e da verificação dos alcances das terapias chamadas “alternativas”, inevitavelmente um dia se chegará à conclusão da origem e da profundidade de muitas delas, resultando, por extensão, num entendimento e numa aceitação mais universal do passe espírita.

Para reforço, num documentário sobre os curadores gregorianos, uma médica de Moscou, Galina Shatalova, que pratica a imposição das mãos em muitos de seus pacientes, disse que “suas tentativas de transferir “energia biológica” freqüentemente pareciam ajudar mais o paciente que o tratamento ortodoxo envolvendo medicina e drogas”. E completou: “A Organização Mundial da Saúde (OMS) tem-se empenhado num objetivo ambicioso - universalizar o tratamento de saúde até perto do final do século. Para atingir esse objetivo, a OMS tinha decidido utilizar os serviços de curadores não ortodoxos”. Então, “Halfdren Mahler (1977), como diretor geral da OMS, declarou que “o treinamento de auxiliares de saúde, parteiras tradicionais e curadores pode parecer desagradável a alguns fazedores de política, mas se a solução é correta no sentido de ajudar pessoas, nós deveríamos ter a coragem de insistir que esta é a melhor política”<sup>80</sup>.

É deveras alvissareira essa abertura pois, mesmo pelo caminho estreito da matéria, com certeza aportaremos nas potencialidades do Espírito e, na conjugação das forças magnéticas orgânicas com as espiritu-

<sup>79</sup> KARDEC. Allan. In “Revista Espírita”, out. 1867, I Parte.

<sup>80</sup> KRIPPNER. Stanley. In “Possibilidades Humanas”, cap. 9, p. 239.

ais, o homem sairá do círculo estreito em que se encontra e o objetivo do tratamento fluídico (em nosso caso particular, do passe) alcançará uma dimensão mais consentânea consigo mesmo.

Continuando, lembramos Kardec quando nos informa que “A faculdade de curar pela imposição das mãos deriva evidentemente de uma força excepcional de expansão, mas diversas causas concorrem para aumentá-la entre as quais são de colocar-se, na primeira linha: a pureza dos sentimentos, o desinteresse, a benevolência, o desejo ardente de proporcionar alívio, a prece fervorosa e a confiança em Deus; numa palavra: todas as qualidades morais”<sup>81</sup>. Ou seja: além de proporcionar a cura ou a melhora do paciente, deve o médium se esforçar por melhorar-se moralmente, no fito de cumprir sua tarefa dignamente e de melhor favorecer aos objetivos do passe.

Como médiuns, devemos ser conscientes de que temos no passe uma oportunidade sagrada de praticar a caridade sem mesclas, desde que imbuídos do verdadeiro Espírito cristão, sem falar na bênção de podermos estar em companhia de bons Espíritos que, com carinho, diligência, amor, compreensão e humildade se utilizam de nossas ainda limitadas potencialidades energéticas em benefício do próximo e de nós mesmos. Ademais, não olvidemos que somos, em maioria, iniciantes na jornada da evolução, pelo que vale a advertência de Emmanuel nos recordando que “Seria audácia por parte dos discípulos novos a expectativa de resultados tão sublimes quanto os obtidos por Jesus junto aos paralíticos, perturbados e agonizantes. O Mestre sabe, enquanto nós outros estamos aprendendo a conhecer. É necessário, contudo, não desprezar-lhe a lição, continuando, por nossa vez, a obra de amor, através das mãos fraternas”<sup>82</sup>.

Pelo fato de ser simples, não se deve doar o passe a esmo, nem, tampouco, a fim de “dar aparências graves” aos mesmos, alimentar idéias errôneas que induzam ao misticismo ou que venham a criar mistérios a seu respeito. Por isso mesmo nos convida André Luiz: “Espíritas e médiuns Espíritas, cultivemos o passe, no veículo da oração, com o respeito que se deve a um dos mais legítimos complementos da terapêutica usual”<sup>83</sup>, induzindo-nos, assim, a responsabilidade que devemos ter como médiuns passistas Espíritas.

### 3. EM RELAÇÃO À CASA ESPÍRITA

O “Movimento Espírita” brasileiro é, seguramente, o mais bem estruturado e o mais atuante de todos os movimentos espíritas graças, não obstante parcas e isoladas opiniões em contrário, ao trabalho da Federação Espírita Brasileira (FEB) e, em especial, do Conselho Federativo Nacional (CFN), órgão que congrega todas as unidades federativas espíritas do país além daquela. E dessas duas células têm surgido os mais elaborados e profícuos trabalhos de orientação em todos os campos onde atuam ou podem atuar as Instituições Espíritas, de uma forma permanente e atualizada, sem, todavia, jamais descuidar dos princípios básicos da Doutrina Espírita nem de sua pureza doutrinária.

Permita-nos o leitor fazer um breve parêntese: infelizmente existem Espíritas que se rotulam de “modernos” e, da mesma maneira como encontraram este adjetivo para eles próprios, buscaram os de “conservadores e retrógrados” como sinônimos para aqueles que cuidam da doutrina com zelo e pureza doutrinária. Pelo fato de Kardec ter vivido no século passado, esses “modernos” chamam seu Pentateuco de “clássico”, ensejando se tratar de “artigo de prateleira de museu”. Embora tenhamos aprendido a respeitar as opiniões alheias, não podemos concordar nem aceitá-las todas. E essa é uma das que discordamos; entendemos como pureza doutrinária a fidelidade que devemos ter ao Pentateuco Kardequiano e o respeito a sua linha isenta de rituais, cismas e dogmas, buscando a atualidade das coisas mas não nos entusiasmando excessivamente pelasavas sucessivas de modismos que de tempos a tempos assola nosso meio, quase sempre destituídas de qualquer fundamentação lógica ou doutrinária. Afinal, atualizar-se não quer dizer desprezar ou menosprezar as bases; ao contrário, significa justapor-lhe, à essência, os avanços comprovadamente coerentes e cabíveis. Nisso tudo estamos integralmente com Ary Lex, quando diz: “No movimento Espírita costuma haver uma certa condescendência para com as pequenas deturpações, condescendência essa rotulada como tolerância cristã. Estão errados. Tolerância deve haver para as falhas das pessoas, que devem ser esclarecidas e apoiadas, ajudando-as a saírem do ciclo erro-sofrimento. Tolerância com as pessoas, sim, mas convivência com as deturpações, jamais”. E conclui acertadamente mais adiante: “É urgente

<sup>81</sup> KARDEC, Allan. *Médiuns curadores*. In “*Obras Póstumas*”, 1ª Parte, cap. 6, item 52.

<sup>82</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Passes*. In “*Caminho, Verdade e Vida*”, cap. 153, p. 322.

<sup>83</sup> XAVIER, Francisco Cândido, VIEIRA, Waldo. *O passe*. In “*Opinião Espírita*”, cap. 55, p. 131.

e fundamental que todos aqueles que tiveram a ventura de entender o Espiritismo lutem, dia a dia, pela manutenção da pureza doutrinária. Que não se omitam. (...) O que não se pode permitir é que, em nome do Espiritismo, se pratiquem atos totalmente condenados pela Doutrina”<sup>84</sup>. (Grifos originais.) Fecha parênteses.

Hoje possuímos um documento de rara oportunidade, resultante de uma série de reuniões, plenárias, encontros, estudos e análises sobre o “Movimento Espírita” brasileiro, promovidos pela FEB e com a participação de todas as unidades federativas espíritas do Brasil<sup>85</sup>, cuja conclusão culminou em meados do ano de 1980 - o que evidencia a atualidade do documento. É ele impresso e distribuído pela própria FEB e tem o nome de “Orientação ao Centro Espírita - 1980”, ao qual, em mais recentes edições, foram incorporados outros mais recentes trabalhos da lavra do mesmo CFN. Nele buscaremos algumas palavras a fim de nortear os objetivos aqui previstos.

Na apresentação do documento, item 5, observamos: “Fraternidade, respeito ao semelhante, desinteresse utilitarista, trabalho idealista na vivência do 'amai-vos uns aos outros', tolerância e simplicidade de coração, humildade de Espírito, numa palavra, a prática das virtudes evangélicas, eis o que distingue o trabalho Espírita e caracteriza a instituição fundada e sustentada sob a inspiração do Espiritismo”<sup>86</sup>. Pois bem, será dentro desses padrões que consideraremos a Casa Espírita para efeito deste livro, mesmo porque, se ela assim não se caracterizar, por si só perderá sua qualificação primordial, ainda que ostente o nome “Espírita” em sua fachada.

No mesmo documento<sup>87</sup> temos: “A liberdade, característica da Doutrina, reflete-se na atuação do adepto. Mas é preciso não confundir livre iniciativa individual lastreada no conhecimento adquirido, com licença para fazer o que bem se entenda. O conhecimento da verdade revelada e o entendimento do Evangelho, em espírito, asseguram essa liberdade e lhe traçam os limites”. Mesmo considerando esta assertiva em seu caráter genérico, não podemos deixar de ver suas conseqüências em referência aos trabalhos do passe. Esse, inclusive, é mais um dos motivos por que estamos substanciando este livro no conhecimento já universalizado pelos Espíritos, tão bem balizado por Allan Kardec e condignamente ratificado pelos Espíritos André Luiz, Emmanuel, Bezerra de Menezes, Manoel Philomeno de Miranda e Alexandre, entre outros.

No capítulo V<sup>88</sup>, o Centro Espírita tem necessidade de promover reunião(ões) de assistência espiritual onde, entre outras providências, haja a “(...) aplicação de passe e fluidificação de água, objetivando a mobilização de recursos terapêuticos do plano espiritual as pessoas carentes deste auxílio”. Ou seja, tem a Casa Espírita, no cumprimento de suas finalidades, a necessidade de manter um serviço de atendimento fluidoterápico, até mesmo para dar oportunidade aos médiuns a ela vinculados de servirem ao Senhor através do próximo, ao tempo em que propicia alento, orientação, reequilíbrio e esperança aos que lhe buscam os benefícios.

Não queremos, todavia, inferir que o serviço do passe seja a atividade mais importante da Casa Espírita. Não, não o é. Mas sua simplicidade aliada ao seu reconfortante alcance, principalmente quando utilizado de forma concomitante a doutrinação e a elucidação evangélico-doutrinária, é de tamanha envergadura que não se deveria deixar jamais de praticá-lo nas Instituições Espíritas. Afinal, no Mundo Espiritual os Mentores que orientam essas mesmas instituições formam equipes especializadas para atendimento aos encarnados. Senão ouçamos André Luiz: “Em todas as reuniões do grupo (...) vários são os serviços que se desdobram sob a responsabilidade dos companheiros desencarnados. (...) Um desses serviços era o de passes magnéticos, ministrados aos frequentadores da casa. (...) Todas as pessoas, vindas ao recinto, recebiam-lhes o toque salutar e, depois de atenderem aos encarnados, ministravam socorro eficiente as entidades infelizes do nosso plano (...)”<sup>89</sup>.

<sup>84</sup> LEX, Ary. *Dos fatos a filosofia*. In “Pureza Doutrinária”, cap. 7, pp. 96 e 98.

<sup>85</sup> Particularmente tivemos a honra de participar, como assessor da FERN, das duas últimas plenárias que elaboraram o referido documento, na sede do CFN da FEB em Brasília-DF.

<sup>86</sup> Conselho Federativo Nacional. In “Orientação ao Centro Espírita”, 1980, p. 11.

<sup>87</sup> *Idem*, p. 12.

<sup>88</sup> *Ibidem*, p.23.

<sup>89</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Passes*. In “Missionários da Luz”, cap. 19, p. 320.

No mesmo tom, anotemos o registro que Manoel Philomeno fez das palavras do Dr. Lustoza (Espírito): “- Como existem Prontos-Socorros para os males físicos e assistência imediata para os alienados mentais em crise, já é tempo que a caridade cristã, nas Instituições Espíritas, crie serviços de urgência fluidotérmica e de consolação para quantos se debatem nos sofrimentos do mundo, e não têm forças para esperar datas distantes ou dias exclusivos para o atendimento. Espíritas esclarecidos, imbuídos do sentimento de caridade, poderiam unir-se neste mister, reservando algum tempo disponível e revezando-se num serviço de atendimento caridosamente programado, a fim de mais amplamente auxiliar-se o próximo, diminuindo a margem de aflições no mundo”.<sup>90</sup>. Meditemos sobre isso!

Chamamos a atenção para o fato de que a Espiritualidade, antes mesmo do início das atividades “materiais” da Casa, já está presente e atuante, pelo que nosso respeito e reto comportamento devem ser uma constante, notadamente nos recintos da Instituição.

Cabe ao Centro Espírita não apenas utilizar-se de seus médiuns para os serviços do passe mas igualmente renovar os conhecimentos dos mesmos através de estudos, simpósios e treinamentos, buscando formar equipes conscientes e responsáveis e se eximindo da limitação tão perniciosa de se ter apenas um médium dito “especial”, ou, o que não é menos grave, contar com pessoas portadoras apenas de boa vontade ao serviço mas sem nenhum interesse em estudar, aprender ou reciclar conhecimentos, limitadas, quase sempre, às práticas do “já faz tanto tempo que ajo assim” ou “meu guia é quem me guia e ele não falha nunca”. Afinal, já sabemos que tempo de prática, considerado isoladamente, não confere respeitabilidade ao passe, assim como a tarefa, no campo da individualidade, é do médium e não de guias que o isente de participação e responsabilidade. Conscientizemos nossos passistas de suas imensas e intransferíveis responsabilidades pois se em todas atividades de nossas vidas somos nós, direta e insubstituívelmente, responsáveis por nossos atos, que se há de pensar daquela vinculada a tão nobilitante tarefa!

---

<sup>90</sup> FRANCO, Divaldo Pereira. *Socorros espirituais relevantes*. In “*Painéis da Obsessão*”, cap. 26, p. 215.

## CAPÍTULO III - O PORQUÊ DO PASSE

*“Enquanto estas cousas lhes dizia, eis que um chefe, aproximando-se, o adorou, e disse: Minha filha faleceu agora mesmo; mas vem, impõe a tua mão sobre ela, e viverá”*<sup>91</sup>.

Os acúmulos de bênçãos que os Céus incessantemente nos concedem se fazem bem patentes quando somos atendidos pela fluidoterapia; quer no alívio de uma simples dor de cabeça, quer fazendo minorar sofrimentos mais atroz; tanto nos clareando a mente em vias de estressar-se quanto nos eximindo das ligações espirituais mais violentas e tenazes. Outrossim, Espíritos endividados tal qual somos, não conseguiríamos por muito em prática a caridade sem o exercício da ajuda aos mais necessitados; e neste campo, a prática do passe é de um valor inestimável.

O passe nos é essencial pelo muito que nos pode oferecer tanto em bênçãos quanto em oportunidades de serviço, a que também é uma benção. Mas é comum, na prática, deturpar-se um pouco esta conclusão; enquanto alguns julgam serem imunes à necessidade dele para si mesmos, outros caem no “vício” de tomá-lo tantas vezes sejam possíveis e não apenas quantas necessárias. Por isso, mesmo já tendo visto os objetivos do passe, importa considerar algumas questões que surgem com relativa frequência.

### 1. O ESPÍRITA PRECISA?

“Ninguém é realmente espírita à altura desse nome, tão-só porque haja conseguido a cura de uma escabiose renitente, com o amparo de entidades amigas, e se decida, por isso, a aceitar a intervenção do Além-Túmulo na sua existência; e ninguém é médium, na elevada conceituação do termo, somente porque se faça órgão de comunicação entre criaturas visíveis e invisíveis”. André Luiz<sup>92</sup>.

Vemos, aos milhares, pessoas que foram beneficiadas pelos diversos atendimentos fluidoterápicos e, só por isso, se dizem espíritas. Mas o dizem sem conhecerem o que é, na verdade, ser espírita; de fato são criaturas que, na maioria, precisam de Evangelho e de Luz; todavia, muito pouco se esforçam para conhecê-lo e percebê-la. A verdade, entretanto, é que muitas vezes se dizem espíritas para, quando precisarem, os Espíritos virem socorrê-las, como se eles estivessem a cata de adeptos para repletarem estatísticas, ou para atenderem ao modismo atual de se estar em “alpha”. Evidente tratar-se de irmãos carentes que, por isso e por outras, precisam não só de passe mas de toda uma mudança interior; de uma verdadeira evangelhoterapia. Afinal, na definição de Kardec, “*Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más*”<sup>93</sup>.

Feitas estas colocações sobre o espírita, fica evidente que serão nestes termos que o consideraremos em nossas análises. Ou seja: são espíritas aqueles que professam a Doutrina Espírita e por sua orientação procuram pautar sua vida e seus atos.

Assim sendo, volta a questão: o espírita precisa do passe? Sem dúvida que sim, pois sendo o espírita um ser humano normal, sujeito a todas necessidades e vicissitudes da vida, está, por isso mesmo, exposto aos mesmos problemas e males que toda humanidade. Entrementes, conhecedor da prece, do Mundo Espiritual e praticante do Evangelho, pode ele, em muitos casos, resolver suas necessidades consigo mesmo. Afinal, o Espiritismo é uma das maiores bênçãos que um homem pode receber numa encarnação e a sua vivência é um verdadeiro evoluir.

Noutro aspecto da questão, recordamos que “Jesus, ouvindo, disse: Os são não precisam de médico, e, sim, os doentes”<sup>94</sup>. Como espíritas, sob o ângulo do conhecimento e da consolação, não somos os doentes mas, pelas vias orgânicas e cármicas, muitas vezes somos dos mais necessitados. Daí nossa necessidade da profilaxia do passe. Mesmo porque se, como espíritas, não fizermos uso da fluidoterapia, como

<sup>91</sup> Mateus. IX, v. 18.

<sup>92</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Pensamento e mediunidade*. In “*Nos Domínios da Mediunidade*”, cap. 13, p. 121.

<sup>93</sup> KARDEC, Allan. *Os bons espíritas*. In “*O Evangelho segundo o Espiritismo*”, cap. 17, tópico 4.

<sup>94</sup> Mateus, IX, v. 12.

poderemos apresentá-la aos não espíritas como uma bênção divina à disposição de todos os homens? Se não lhes aceitamos as evidências, como ensiná-las e distribuí-las ao próximo?

Não se deve, contudo, daí inferir a generalização do “passe pelo passe”, sem medir-lhe a real necessidade. Fazemos nossas as palavras do Espírito Emmanuel quando, dando-nos orientação sobre o uso deste recurso divino à disposição dos homens, recomendou “Não abusar daqueles que te auxiliam. Não tomes o lugar do verdadeiro necessitado, tão-só porque os teus caprichos e melindres pessoais estejam feridos”<sup>95</sup>.

Em termos práticos, o espírita precisa do passe toda vez que se sinta esgotado e que o repouso natural não lhe confira sua volta a normalidade; quando, por motivos diversos, sinta-se com dificuldade em fazer uma prece, de concentrar-se numa boa leitura, de voltar sua atenção para coisas sérias e nobres; se seu organismo, apesar dos cuidados devidos a ele prestados, não estiver tendo o comportamento normalmente esperado; quando idéias obsessivas se assenhorearem de seus pensamentos com frequência e obstinação; quando, apesar de ingentes esforços para melhorar-se, pensar que tudo lhe sai sempre errado; quando idéias negativas e depressivas tornarem-se costumeiras no seu mundo interior; quando, por fim, sentir-se sob envolvimento espiritual de nível inferior e não se encontrar com forças para, por si só, sair da situação. Essas são vicissitudes comuns verificadas no nosso dia-a-dia, indicando-nos a necessidade de tomarmos um passe ou de fazermos um tratamento fluidoterápico, dependendo do caso, sem, contudo, esquecermos que o passe, em grande número desses casos, nada mais é que um simples complemento e não o tratamento total e exclusivo, a solução única e definitiva. O espírita sabe onde está a solução: é só buscá-la e igualmente ensiná-la ao irmão carente. Ademais, já afirmou Jesus: “Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á”<sup>96</sup>.

Não pode, portanto, o espírita prescindir do passe, assim como não deve explorar-lhe os benefícios. Afinal, o espírita conserva em si mesmo grande potencial de auto-socorro.

## 2. O MÉDIUM PRECISA?

*No que diz respeito aos médiuns, a citação atrás<sup>97</sup>, acrescida de “(...) não basta ver, ouvir ou incorporar Espíritos desencarnados para que alguém seja conduzido à respeitabilidade”<sup>98</sup>, se amolda perfeitamente. André Luiz posicionou com equilíbrio sua definição sobre eles, não contradizendo o conceito de Allan Kardec a respeito<sup>99</sup>, mas registrando que uma profundidade maior se faz requerida para a especificidade do termo, para a categorização mais efetiva do fato. Tanto que, continuando dita citação, o autor espiritual lembra: “Não bastará, portanto, meditar a grandeza de nosso idealismo superior. É preciso substancializar-lhe a excelsitude em nossas manifestações de cada dia”, acrescentando mais adiante (p. 122): “Para atingir esse aprimoramento ideal é imprescindível que o detentor de faculdades psíquicas não se detenha no simples intercâmbio. Ser-lhe-á indispensável a consagração de suas forças às mais altas formas de vida, buscando na educação de si mesmo e no serviço desinteressado a favor do próximo o material de pavimentação de sua própria senda”. (Grifamos.)*

Médiuns, nas colocações desse nosso trabalho, são aqueles que usam de seus dons mediúnicos em benefício do próximo, segundo as leis cristãs do “dai de graça o que de graça recebestes”, recordando o que nos diz o apóstolo Paulo: “Não te faças negligente para com o dom que há em ti, o qual te foi concedido mediante profecia, com a imposição das mãos do presbítero”<sup>100</sup>.

Apoiados na argumentação do item anterior, poderíamos afirmar que os médiuns precisam do passe; mas não nos limitaremos a isso. Na série “Nosso Lar” do Espírito André Luiz encontramos várias oportunidades em que os Espíritos estão a aplicar passes sobre pessoas e, especialmente, sobre os médiuns. Isto,

<sup>95</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *O passe*. In “*Segue-me*”, p. 134.

<sup>96</sup> Mateus, VII, v. 7.

<sup>97</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Pensamento e mediunidade*, In “*Nos Domínios da Mediunidade*”, cap. 13, p. 121.

<sup>98</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Pensamento e mediunidade*, In “*Nos Domínios da Mediunidade*”, cap. 13, p. 123.

<sup>99</sup> Em “*O Livro dos Médiuns*”, cap. 14, item 159, diz Kardec: “*Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. (...) Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns*”.

<sup>100</sup> I Timóteo, IV, v. 14.



por si só, já confirma a necessidade do médium em tomá-los; tanto que muitas vezes o tomam, na modalidade “espírito-espiritual” ou “espírito-misto”<sup>101</sup>, sem ao menos se darem conta.

Para exemplificar, observemos duas narrativas:

“(…) Necessitamos de colaboradores para o auxílio magnético ao *organismo mediúnico*. (...) O aparelho mediúnico foi submetido a operações magnéticas destinadas a socorrer-lhe o organismo nos processos de nutrição, circulação, metabolismo e ações protoplásmicas (...)”<sup>102</sup> (Grifamos.)

Agora esta outra: “Enquanto Gabriel se postava ao lado da médium, *aplicando-lhe passes* de longo circuito, como a prepará-la com segurança para as atividades da noite, o condutor da reunião pronunciou sentida prece”<sup>103</sup> (grifamos).

Verificamos, portanto, a Espiritualidade se incumbindo do atendimento aos médiuns através do passe, atividade espiritual nunca desprezada em reuniões mediúnicas, no intuito de favorecer condições necessárias para o encaminhamento dos trabalhos e também ajudar e socorrer os próprios tarefeiros. Isto, contudo, não isenta o médium de suas responsabilidades, posto que, “O médium, por excelente que seja sua assistência espiritual, não deve descurar-se da própria vigilância, lembrando sempre de que é uma criatura humana, sujeita, por isso, a oscilações vibratórias, a pensamentos e desejos inadequados”<sup>104</sup>. (Martins Peralva.)

Atentemos para o fato de que “Os médiuns, em sua generalidade, não são missionários na acepção comum do termo; são almas que fracassaram desastrosamente, que contrariaram, sobremaneira, o curso das leis divinas e que resgatam, sob o peso de severos compromissos e ilimitadas responsabilidades, o passado obscuro e delituoso (...) e que regressam ao orbe terráqueo para se sacrificarem em favor do grande número de almas que desviaram das sendas luminosas da fé, da caridade e da virtude”<sup>105</sup>. (Emmanuel.)

Compreendemos assim que o médium deve realizar permanente esforço de auto-aprimoramento, conhecendo-se a si mesmo e domando suas más inclinações. Dessa forma, estará como o servidor fiel que se encontra pronto sempre que o serviço aparece.

Mas, se por algum motivo, após analisar-se e sentir que não se encontra bem, além da prece e de uma boa leitura, o passe é o coadjuvante por excelência, não só para o médium como para o espírito em geral; diríamos mesmo que ele é o indispensável elemento reequilibrante. O médium não pode achar, só por sê-lo, que está isento de influências ou perturbações diversas. Para ele, até mesmo por sua facilidade de sintonia com o plano espiritual e por sua sensibilidade, o passe pode surtir efeitos mais rápidos e duradouros.

Não entendamos, contudo, devam os passistas buscarem receber passes após o terem aplicado, no sentido de se “reabastecerem”. “Tal prática apenas indica o pouco entendimento que têm as pessoas com relação ao que fazem. Quando aplicamos passes, antes de atirmos as energias sobre o paciente (...), ficamos envolvidos por essas energias, por essas vibrações, que nos chegam dos Amigos Espirituais envolvidos nessa atividade, o que indica que, antes de atendermos aos outros, somos nós, a princípio, beneficiados e auxiliados para que possamos auxiliar, por nossa vez”. (Raul Teixeira)<sup>106</sup>.

### 3. SUBSTITUI O ESFORÇO PRÓPRIO?

“Do ponto de vista terreno, a máxima: *Buscai e achareis* é análoga a esta outra: *Ajuda-te a ti mesmo, que o Céu te ajudará*. É o princípio da *lei do trabalho* e, por conseguinte, da *lei do progresso* (...)”

“(…) Não, os Espíritos não vêm isentar o homem da lei do trabalho: vêm unicamente mostrar-lhe a meta que lhe cumpre atingir e o caminho que a ela conduz, dizendo-lhe: *Anda e chegarás*. Toparás com

<sup>101</sup> A justificativa desses termos será dada no capítulo VI adiante.

<sup>102</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Materialização*. In “*Missionários da Luz*”, cap. 10, pp. 113 e 115.

<sup>103</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Mandato Mediúnico*. In “*Nos Domínios da Mediunidade*”, cap. 16, p. 152.

<sup>104</sup> PERALVA, Martins. *Médiuns*. In “*Estudando a Mediunidade*”, cap. 7, p. 45.

<sup>105</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Quem são os médiuns na sua generalidade*. In “*Emmanuel*”, cap. 11, pp. 66 e 67.

<sup>106</sup> FRANCO, Divaldo Pereira e TEIXEIRA, J. Raul. *Passes*. In “*Diretrizes de Segurança*”, cap. 7, questão 80, p. 70.

pedras; olha e afasta-as tu mesmo. Nós te daremos a força necessária, se a quiseres empregar”<sup>107</sup> Allan Kardec (grifos originais).

Estas palavras são muito transparentes. A necessidade do esforço próprio é inerente a própria Natureza, e à humana com especial ênfase. Isto, inclusive, apesar da simplicidade e objetividade com que o assunto é colocado, põe em xeque muitas hipóteses ditas “revolucionárias” ou “arrebadoras” que vivem a surgir, repletas de promessas as mais mirabolantes e inverossímeis possíveis, ou mesmo com aparentes lógicas e comprovações (mas só aparentes). É que essas propostas de tratamentos e curas, quase sempre sem fundamentos, argumentam o paciente só precisa fazer esse ou aquele exercício (físico ou psíquico), dessa ou daquela maneira, tantas ou quantas vezes, para ficar definitivamente curado.

A própria Ciência Médica nos dá conta de que, apesar dos inúmeros casos laboratoriais - com estudo, análise e desenvolvimento de medicamentos com cobaias, seguidos do acompanhamento sério e metódico das aplicações em que substâncias previamente determinadas são verificadas nos pacientes -, quase nunca as posologias são as mesmas, ainda que para casos semelhantes. Em face de tal verificação, que pensar das propostas cuja maioria não possui fundamentação técnica, teórica ou experimental, em que usam de um mesmo padrão e bitola para todos os casos, ou que, usando regras diferentes, não sustentam um mínimo de questionamento sério? Seriam mais respeitáveis pelo simples fato de se dizerem espirituais ou alternativas? Cremos que não!

Mas essa lógica, para ser boa e correta, deve valer também para os espíritas. E, infelizmente, centros, grupos e pessoas espíritas existem que, apressadamente, estipulam um número “x” de passes para que o paciente fique curado, sem se aterem à imperiosa necessidade de fazê-lo refletir sobre suas necessidades de reformas interiores, bem assim no esforço para reterem os benefícios recebidos por ocasião daquele. Como naquelas outras escolas, aqui também não dará certo. Ocorre que, conforme veremos com mais detalhes adiante, no passe recebemos “fluidos” os quais, apesar do seu alto poder de penetração, podem ser facilmente degenerados, desmaterializados, desmagnetizados enfim, por efeito de nosso comportamento mental, de nosso “hálito psíquico”<sup>108</sup>. Além do que, a absorção fluídica e sua manutenção em nossos corpos físicos e fluídicos dependem de uma enormidade de fatores<sup>109</sup>.

Por mais repetitivo possa parecer, não podemos deixar de enfatizar que “Títulos de fé não constituem meras palavras, acobertando-nos deficiências e fraquezas. Expressam deveres de melhoria a que não nos será lícito fugir, sem agravo de obrigações”<sup>110</sup> (André Luiz).

Verdade é que muitos se enchem de fé pelo fato de alcançarem uma cura. Mas, será fé mesmo? Não seria apenas desculpa momentânea para eximir-se das responsabilidades sempre presentes quando se obtém dádivas do Céu? Suportaria essa fé uma recaída momentânea?

Cientes de suas responsabilidades, os dirigentes espíritas devem ter muita consciência dessa questão, enfatizando-a junto aos que buscam tais serviços na Casa Espírita; responsabilizando os passistas ante tais obrigações e, sobretudo, vivendo e fazendo viver os bons exemplos, em espírito e verdade, a fim de não pretextar falsas interpretações ou atitudes equivocadas noutrem.

Por outro lado, igualmente não devemos nem podemos desvalorizar o trabalho dos Espíritos, atribuindo-lhes valores quiméricos por julgarmos seja obrigação deles nos atenderem prontamente, como se fossemos criaturas ímpares em virtudes e méritos e que, por isso, o cuidado conosco lhes sejam tarefas primordiais. Tampouco imaginemos que a ação fluídica no Plano Espiritual, por eles, seja simplória e graciosa como um simples estalar de dedos, como o uso de uma varinha de condão. A respeito, o Espírito Alexandre, pela narrativa de André Luiz, nos lembra: “Nossos amigos encarnados muitas vezes acreditam que somos meros adivinhos e, pelo simples fato de nos conservarmos fora da carne, admitem que já somos senhores de sublimes dons divinatórios, esquecidos de que o *esforço próprio*, como trabalho legítimo, é uma lei para todos os planos evolutivos”<sup>111</sup> (grifamos).

<sup>107</sup> KARDEC, Allan. *Buscai e achareis*. In “O Evangelho segundo o Espiritismo”, cap. 25, itens 2 e 4.

<sup>108</sup> Por “hálito psíquico” entendemos as vibrações mentais que emitimos e nas quais nos comprazemos, e que impressionam nossa “aura”, nossa exteriorização perispiritual.

<sup>109</sup> No capítulo X adiante, veja-se o item 4. “Dar Alta”.

<sup>110</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Pensamento e mediunidade*. In “Nos Domínios da Mediunidade”, cap. 13, p. 121.

<sup>111</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Intercessão*. In “Missionários da Luz”, cap. 11, p. 126.

Na monumental obra “Memórias de um Suicida”, encontramos uma posição que define a questão em um sentido mais amplo: “(...) O ser iniciado no Espiritismo Cristão não exclui a necessidade de grandes reparações e testemunhos dolorosos”<sup>112</sup>. Sem dúvida se trata de uma advertência das mais “duras”, entretanto, acreditamos que o autor espiritual (Camilo Candido Botelho, pseudônimo do poeta português Camilo Castelo Branco) não queira aí menoscar os valores das ajudas que possamos ter ou que venhamos a buscar; ele patenteia sim a necessidade das reparações, devidas a débitos contraídos, e à “quase fatalidade” dos testemunhos dolorosos que temos de passar, como prova de quitação.

O Espírito Emmanuel, quando analisa a cura da cegueira de Paulo, realizada por Ananias sob a indicação pessoal do Cristo, nos recoloca ante a dimensão real da questão: “(...) O Senhor, utilizando a instrumentalidade de Ananias, não lhe cura senão os olhos, restituindo-lhe o dom de ver. Paulo sente que lhe caem escamas dos órgãos visuais e, desde então, oferecendo-se ao trabalho do Cristo, entra no caminho do sacrifício, a fim de extrair, por si mesmo, as demais escamas que lhe obscureciam as outras zonas do ser.

(...) Não te esqueças, pois, de que na luta diária poderás encontrar os Ananias da fraternidade, em nome do Mestre; aproximar-se-ão, compassivos, de tuas necessidades, mas não olvides que o Senhor apenas permite que te devolvam os olhos, a fim de que, vendo claramente, retifiques a vida por ti mesmo”<sup>113</sup>.

E, continuando com a sabedoria emmanuelina, obtemos a resposta do título deste item: “Naturalmente, toda prática edificante deve ser aproveitada por elemento de auxílio; no entanto, compete a cada individualidade humana o esforço iluminativo”<sup>114</sup>.

Afinal, que exemplo nos deu o Cristo? Que esforços Ele usou? Conclusão inarredável: insubstituível o esforço próprio; quer do paciente, seja ele quem for, quer do médium; quer dos dirigentes, quer dos Espíritos pois ninguém há na Natureza que esteja dispensado das Leis de Trabalho e Evolução. E estas Leis requerem de cada um de nós esforço próprio, empenho, dedicação, superação, reforma íntima, boa vontade, renúncia, humildade e amor.

#### 4. POR QUE OS ESPÍRITOS NÃO DISPENSAM OS MÉDIUNS?

Parece intrigar a muitos o fato da Espiritualidade não dispensar nossa participação nos passes, mesmo quando é reconhecido que a “manipulação” dos fluidos e nosso potencial fluídico são orientados, reforçados e melhorados por ela. Isso sem considerar que muitas vezes, por imprevidência, irresponsabilidade, desconhecimento ou prepotência, ainda criamos embaraços e obstáculos à possibilidade de um melhor serviço da parte deles por nosso intermédio.

Kardec, sempre atento, nos dá uma indicação muito interessante: “Os Espíritos vêm *ajudar o desenvolvimento da ciência humana*, e não suprimi-la”<sup>115</sup> (grifos originais). Aí patenteia-se a Sabedoria dos Espíritos que contam com nossa participação no intuito de nos ajudar a percorrermos os longos caminhos da evolução. Não pensemos que eles não nos dispensem para não se verem como “frágeis Espíritos que não contam conosco!”. Se é para usar a expressão, “mais frágeis ainda seríamos nós, Espíritos vacilantes”, se não fosse a participação deles pois suas ausências, além de outros fatores, nos limitaria os conceitos e conhecimentos, fazendo assim com que a marcha de nosso progresso se desse a passos muito lentos e vacilantes.

Outra situação a considerar é o fato de nossa animalidade orgânica ainda requerer fluidos animalizados e grosseiros, o que é confirmado, inclusive, por Jesus: “O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é espírito”<sup>116</sup>. Isto significa que, fluidicamente falando, ainda somos excessivamente dependentes de fluidos bem materiais, os quais, por serem encontrados em nossos iguais encarnados, são nos extraídos por doação dos portadores mas com a ajuda da “manipulação” pelos Espíritos.

<sup>112</sup> PEREIRA, Yvonne A. *Nossos amigos - os discípulos de Allan Kardec*. In “Memórias de um Suicida”, 1ª Parte, cap. 7, p. 171.

<sup>113</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Escamas*. In “Vinha de Luz”, cap. 149, p. 314.

<sup>114</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *A posse do reino*. In “Pão Nosso”, cap. 159, p. 329.

<sup>115</sup> KARDEC, Allan. *Cura de uma fratura pela magnetização espiritual*. In “Revista Espírita”, set. 1865.

<sup>116</sup> João, III, v. 6.

Inclusive, Espíritos desencarnados, mas ainda sensivelmente ligados à matéria, solicitam idênticos fluidos já que seus perispíritos - que também são considerados materiais - se enquadram perfeitamente no contexto de “carne” expresso pelo Cristo. Não dispendo os Espíritos Superiores em si mesmos de fluidos que tais, buscam em nosso organismo e psiquismo essas “energias”, como também as extraem de outras fontes, quando cabível e indispensável.

Por fim, Deus nos concedeu nossa vitalidade para evoluirmos, por ela zelando, enriquecendo-a e empregando-a em benefício do próximo. E assim como ao aluno é propiciado um mestre, o qual lhe cobra as tarefas, como iríamos aplicá-la se os Espíritos (nossos Mestres) fizessem tudo sozinhos, sem nossa participação física e fluídica? Que oportunidades restariam para exercitarmos a transferência de nossas energias aos necessitados?

Como o ato desses Espíritos para conosco é de amor, a fim de que o nosso em relação ao próximo lhes seja idêntico, agradeçamos-lhes a bênção de suas companhias, paciência e sabedoria sem o que seríamos simples máquinas sem cérebros, meros brinquedos sem vida, vulgares autômatos que obedeceriam a comandos sem lhes entender os significados. E como isso não o somos (graças a Deus), sejamos o que eles esperam nos tornemos: fiéis discípulos do Cristo, nos reconhecendo por muito nos amarmos.

## CAPÍTULO IV - ASSUNTOS COMPLEMENTARES

*“Todo fenômeno edifica, se recebido para enriquecer o campo da essência.*

*“Quanto a nós, porém, estamos fiéis à instrução, desmaterializando o espírito, quanto possível, para que o Espírito disponha a brilhar”. (Emmanuel)<sup>117</sup>*

*“O poder criador nunca se contradiz e, como todas as coisas, o Universo nasceu criança”. (Galileu - Espírito)<sup>118</sup>*

A fim de assimilarmos com mais segurança certas técnicas e procedimentos, bem como para melhor compormos raciocínios um tanto quanto mais elaborados, um conhecimento básico de alguns temas se faz imperioso. Ditos temas, por isso mesmo, servirão como verdadeiras ferramentas, de indispensável “manuseio”, para se obter explicações de várias questões tidas, muitas vezes, como axiomáticas quando, na realidade, são racionalmente demonstráveis.

Estes assuntos, por suas complexidades e extensões, não serão aprofundados senão nos limites das necessidades pertinentes ao bom entendimento dos capítulos seguintes, pelo que nos dispensaremos de fazermos conjecturas e demonstrações eminentemente técnicas<sup>119</sup>.

Desse modo, elegemos três “assuntos complementares” para nossa análise: Fluidos, Perispírito e Centros de Força, cuja seqüência está calcada na grande interdependência existente entre os mesmos.

### 1 - FLUIDOS

Fluido (lê-se fluido e não fluído) é um termo genérico empregado para traduzir a característica “das substâncias líquidas ou gasosas”, ou de substância “que corre ou se expande à maneira de um líquido ou gás; fluente<sup>120</sup>”. Por isso, popularmente falando, designamo-lo como sendo a fase não sólida da matéria, a qual pode se apresentar em quatro subfases<sup>121</sup>: pastosa, líquida, gasosa e radiante, tendo sido esta última apresentada à Ciência por um dos seus mais eminentes sábios, o inglês Sir William Crookes.

O entendimento espírita atribuído ao termo fluido, tal como criteriosamente assimilado por Allan Kardec, pelos Espíritos e por todos os espíritas, não se limita a tão restrita definição. Para nós, fluido é tudo quanto importa à matéria, da mais grosseira a mais diáfana, variando em multiplicidade infinita a fim de atender a todas as necessidades físicas, químicas e inclusive vitais daquela, bem como de sua intermediação entre os reinos material e espiritual. É o fluido não apenas algo que se move a exemplo dos líquidos ou gases, mas a essência mesma desses líquidos, gases e de todas as matérias, inclusive aqueles ainda inapreensíveis por nossos instrumentos físicos ou mesmo psíquicos.

Léon Denis, assimilando as teorias dos Espíritos, explicitou que “A matéria, tornada invisível, imponderável, se encontra sob formas cada vez mais sutis, que denominamos **fluidos**. À medida que se rarefaz, adquire novas propriedades e uma capacidade de irradiação sempre crescente; toma-se uma das formas de energia<sup>122</sup>”. Com este conceito, remontando das conseqüências às causas, consorciava ele seu entendimento às teorias einstenianas por surgirem, chamando fluido de “uma das formas de energia”, assim sinalizando o avanço profundo e além-moderno dos conceitos espíritas sobre o fluido.

Na visão do Espírito André Luiz, temos o fluido definido segundo alguns critérios mais extensivos: assim, o fluido, dessa ou daquela procedência, vem a ser “(...) Um corpo cujas moléculas cedem invariavelmente à mínima pressão, movendo-se entre si, quando retidas por um agente de contenção, ou separando-se, quando entregues a si mesmas<sup>123</sup>”. “Mas no plano espiritual - continua ele —, o homem desencar-

<sup>117</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Dever espírita*. In “Seara dos Médiuns”, p. 123.

<sup>118</sup> KARDEC, Allan, *A criação primária*. In “A Gênese”, cap. 6, item 15.

<sup>119</sup> Estes três assuntos serão aproximadamente merecedores de um estudo mais aprofundando em obra que estamos trabalhando, com o título provisório “Fluidos, Perispírito, Centros de Força e Kundalini; uma abordagem racional”.

<sup>120</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. “Novo Dicionário da Língua Portuguesa”, p. 791.

<sup>121</sup> Atualmente a Ciência já considera até sete subfases para a matéria.

<sup>122</sup> DENIS, Leon. *A força psíquica. Os fluidos. O magnetismo*. In “No Invisível”, cap. 15, pp. 175 e 176.

<sup>123</sup> XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Alma e fluidos*. In “Evolução em Dois Mundos”, item Fluidos em geral, cap. 13, p. 95.

nado vai lidar, mais diretamente, com um fluido vivo e multiforme, estuante e inestancável, (...) absorvido pela mente humana, em processo vitalista semelhante à respiração, pelo qual a criatura assimila a força emanante do Criador, esparsa em todo o Cosmo, transubstanciando-a, sob a própria responsabilidade, para influenciar na Criação, a partir de si mesma. - Esse fluido é seu próprio pensamento contínuo, gerando potenciais energéticos (...) <sup>124</sup>“.

Partindo-se dessas colocações, fica fácil perceber que o fluido merece uma análise não só profunda como, inclusive, que leve em consideração o plano de observação. Por extensão, convimos que nossos conhecimentos atuais são ainda muito limitados para penetrarmos na essência desta matéria. A necessidade do entendimento da "mecânica do pensamento" (tema atualmente estudado por Espíritos desencarnados possuidores de conhecimentos bem avançados e evoluídos) e da própria absorção do fluido vital pela matéria são indispensáveis para o bom conhecimento de como se processa o domínio gerador do pensamento na criação de "potenciais energéticos" no "campo fluídico" esparsos por todo o cosmo.

Disso decorre que muita coisa ainda ficaremos por entender, mas, se por um lado coisas existem completamente ininteligíveis para nós, outro número satisfatoriamente razoável se nos oferece como elemento elucidativo por suas evidências e comprovações.

No que tange ao nosso entendimento dos conceitos eminentemente espíritas em face dos conceitos acadêmicos observamos que parte de nossas atuais dificuldades se devem às atribuições dadas aos fluidos, tal como foi expandido e apreendido pela Codificação, sem considerar, por desconhecer, as teorias da física moderna, a qual criou termos novos para definir teorias e hipóteses novas, sem falar no próprio advento da Parapsicologia, da Psicotrônica e da Psicobiofísica que, por seus parapsicólogos <sup>125</sup> e pesquisadores, abriram campo no seio acadêmico às pesquisas mais aprofundadas sobre tal elemento. Afinal, quando Albert Einstein trouxe ao mundo suas revolucionárias teorias da relatividade e dos campos unificados das forças, e Plank nos trazia à consideração as teorias quânticas, a Codificação já estava para completar seu primeiro cinquentenário. Apesar disso, a não ser no que diz respeito a terminologias e nomenclaturas, tudo quanto ali está expresso condiz - e vai mais além - com os mais avançados postulados e conceitos das Ciências Modernas.

Por isso, concordamos que o termo fluido, em sua acepção normal, já não traduz exatamente o que ele representa no texto da Codificação. Do que assimilamos das modernas teorias físicas, os conceitos de "campos energéticos" e "campos de força" são aqueles que melhor enquadram o sentido que os Espíritos e Kardec quiseram emprestar ao termo fluido (pelo menos no que se refere à sua abrangência), pois por "campo" não se entenderia uma força unilateral, mas, uma dinâmica multidirecional. Exemplificando, seria como quando acendemos uma vela numa sala escura; a chama, que tem seu foco restrito e localizado, ilumina uma zona que lhe é o "campo" peculiar, não se restringindo esse "campo" à labareda, mas à sua ação iluminativa ou, ainda, ao alcance calórico de suas irradiações térmicas.

Nosso confrade Mauro Quintella escreveu interessante artigo <sup>126</sup> onde expressa idêntico pensamento: "Modernamente, com base nas teorias quânticas e relativistas (que, como dissemos acima, eram desconhecidas ao tempo de Kardec), a idéia de uma substância a permear o espaço, está voltando a ser reconsiderada. Se for apressado dizermos que essas novas idéias correspondem inteiramente ao conceito espírita, pelo menos temos certeza de que alguma relação guardam entre si, dada a semelhança entre elas e o postulado kardequiano" (parêntese nosso).

O conceito de "campo", todavia, também não será perfeito se não buscarmos fazer uma distinção entre causa e efeito; como, no exemplo da vela, entre a labareda (*fonte*; causa) e a luminosidade ou o calor (*campo*; efeito); sem isso, conforme nos sugere André Luiz, "A proposição de Einstein (...) não resolve o problema, porque a indagação quanto à *matéria de base* para o *campo* continua desafiando o raciocínio, motivo pelo qual, escrevendo da esfera extrafísica (...), definiremos o meio sutil em que o Universo se equilibra como sendo o Fluido Cósmico ou Hálito Divino, a força para nós inabordável que sustenta a Cria-

<sup>124</sup> XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Alma e fluidos*. In "Evolução em Dois Mundos", item *Fluido vivo*, pp. 95 e 96.

<sup>125</sup> Entendemos por "parapsicólogos" os cientistas que estudam com seriedade os fenômenos paranormais, segundo métodos científicos, e não pessoas que se advogam como tais mas não estudam com profundidade e seriedade o assunto, apenas interpondo, empiricamente, suas observações eminentemente pessoais, destituídas de comprovações.

<sup>126</sup> *Considerações sobre o fluido cósmico universal*. *Correio Fraternal do ABC*, edição sem data.

ção<sup>127</sup>“ (grifos originais). É uma colocação muito pertinente, pois ela pinça uma situação característica de “fonte” onde temos uma marcante conceituação de “campo”, ou vice-versa.

Pelo exposto, percebemos que para tratar da *causa*, do fluido universal (a elementaridade, a “fonte” da qual a matéria se origina), o conceito de “campo” se torna insuficiente e ineficiente, mas, para atendermos aos fluidos de uma forma geral, *conseqüência* portanto, onde se incluem os fluidos cósmico e vital, “campo” é a teoria mais apropriada.

## 1.1 - O Fluido universal

Kardec perguntou se há dois elementos gerais no Universo: matéria e Espírito, ao que os Espíritos responderam: “Sim e acima de tudo Deus, o criador, o pai de todas as coisas. Deus, espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Mas, *ao elemento material se tem que juntar o fluido universal*, que desempenha o papel de intermediário entre o Espírito e a matéria propriamente dita, por demais grosseira para que o Espírito possa exercer ação sobre ela. Embora, *de certo ponto de vista, seja lícito classificá-lo como elemento material*, ele se distingue deste por propriedades especiais. Se o fluido universal fosse positivamente matéria, razão não haveria para que também o Espírito não o fosse. Está colocado entre o Espírito e a matéria; é fluido, como a matéria é matéria, e suscetível, pelas suas inumeráveis combinações com esta e sob a ação do Espírito, de produzir a infinita variedade das coisas de que apenas conhecemos uma parte mínima. *Esse fluido Universal, ou primitivo, ou elementar, sendo o agente de que o Espírito se utiliza*, é princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão e nunca adquiriria as qualidades que a gravidade lhe dá”.

E perguntou mais: “Esse fluido será o que designamos pelo nome de eletricidade?”.

“Dissemos que ele é suscetível de inúmeras combinações. O que chamais *fluido elétrico, fluido magnético, são modificações do fluido universal*, que não é, propriamente falando, senão matéria mais perfeita, mais sutil e que se pode considerar independente<sup>128</sup>“ (grifamos).

Encontramos aí o fluido universal projetado como se os conceitos de “campo” lhe fossem suficientes. A perspicácia de Kardec, entretanto, vislumbrou se tratar de algo maior, de uma “fonte” inestancável, verdadeiro “vórtice gerador matriz”, pelo que ele “entrevistou” o Espírito São Luiz<sup>129</sup>, obtendo deste informações de que o fluido universal é o elemento universal, “o princípio elementar de todas as coisas e que, para o encontrarmos na sua simplicidade absoluta, precisamos ascender aos Espíritos puros”. Fica assim registrado que, além de elemento, ele é o princípio, a causa, a “fonte”, o que difere conceitual e estruturalmente das conseqüências, o “campo”.

Dessa forma confirmamos que o fluido universal não pode ser conhecido totalmente por Espíritos de nosso nível, pois para apreendê-lo em sua intimidade precisaríamos ascender a Espíritos puros; nem poderemos atribuir-lhe, com segurança, os conceitos de “campo” tal como frisamos, sob pena de restringi-lo em sua verdadeira e maior função; mas podemos assimilá-lo com suficiente segurança, pela exploração e pesquisa do fluido cósmico, até o ponto que as Ciências, espírita e oficial, forem abrindo horizontes para um melhor registro e um mais perfeito entendimento.

Apresentamos, entretanto, uma definição de fluido universal que acreditamos abarca suas mais evidentes características: *O FLUIDO UNIVERSAL*, como *elemento cosmogônico básico*, verdadeira *prima-fonte*, assomando a característica de *matriz funcional do grande campo criador do universo material*, com seus universos macros e micros, visíveis e invisíveis, densos e tênues, criados e por criarem-se, irrompe conceitualmente como a *unidade criacionista das forças, a síntese das energias, o plano e o antiplano da matéria*.

<sup>127</sup> XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Fotônios e fluido cósmico*. In “*Mecanismos da Mediunidade*”, item “*Campo*” de Einstein, cap. 3. p. 39.

<sup>128</sup> KARDEC, Allan. *Espírito e matéria*. In “*O Livro dos Espíritos*”, Parte 1ª, cap. 2.

<sup>129</sup> KARDEC, Allan. “*Da teoria das manifestações físicas*”. In “*O Livro dos Médiuns*”, cap. 4.

## 1.2 - O Fluido Cósmico (ou a Grande Derivação do Fluido Universal)

A primeira grande derivação do fluido universal é o fluido cósmico, o fluido que enche todos os vazios, “o meio sutil em que o Universo se equilibra” e faz com que a matéria adquira “as qualidades que a gravidade lhe dá”, um verdadeiro “campo energético” pleno de elementos transformáveis, adaptáveis, expansíveis, contráteis, manipuláveis enfim.

Anotemos as palavras do Espírito André Luiz a respeito: trata-se do “Plasma divino, hausto do Criador ou força nervosa do Todo-Sábio. Nesse elemento primordial, vibram e vivem constelações e sóis, mundos e seres, como peixes no oceano<sup>130</sup>”. “*Nessa substância original, ao influxo do próprio Senhor Supremo, operam as Inteligências Divinas a Ele agregadas, em processo de comunhão indescritível, (...) extraindo desse hálito espiritual os celeiros da energia com que constroem os sistemas da Imensidade...<sup>131</sup>*”. “Em análogo alicerce, as Inteligências humanas (...) utilizam o mesmo *fluido cósmico, em permanente circulação no Universo* (...) assimilando os corpúsculos da matéria com a energia espiritual que lhes é própria, formando assim o veículo fisiopsicossomático em que se exprimem ou cunhando as civilizações que abrangem no mundo a Humanidade Encarnada e a Humanidade Desencarnada. Dentro das mesmas bases, plasmam também os lugares entenebrecidos pela purgação infernal, (...) e que valem por aglutinações de duração breve (...) Na essência, *toda a matéria é energia tornada visível e toda a energia, originariamente, é força divina* de que nos apropriamos para interpor os nossos propósitos aos propósitos da Criação..”<sup>132</sup>. (Grifamos.)

Rapidamente percebemos que André Luiz se refere, sublinearmente, aos conceitos de “campo”, chamando o fluido cósmico ora de “substância original”, ora de “força divina”. Deduz-se, por interpolação, que os conceitos de “fonte” não foram ali considerados.

Em “A Gênese” encontramos: “*A matéria cósmica primitiva* continha os elementos materiais, fluídicos e vitais de todos os universos que estadeiam suas magnificências diante da eternidade. *Ela é a mãe fecunda* de todas as coisas, *a primeira avó* e, sobretudo, *a eterna geratriz*. Absolutamente não desapareceu essa *substância* donde provêm as esferas siderais; não morreu essa potência, pois que ainda, incessantemente, dá à luz novas criações e incessantemente recebe, reconstituídos, os princípios dos mundos que se apagam do livro eterno<sup>133</sup>. (Grifamos.)

Percebamos como inicialmente foi inserido o termo “matéria cósmica primitiva” num sentido de “campo” e não de “fonte”; considerado foi que ela “continha os elementos materiais, fluídicos e vitais”, e não que os gerou (atente-se que gerar é diferente de criar). No momento seguinte, quando titulada de “mãe” e “avó” a um só tempo, ficou transparente o reconhecimento de se estar lidando com dois conceitos distintos; enquanto que a “mãe fecunda” é data imagem de “campo energético”, com suas cargas disseminadas e disponíveis à “manipulação”, a “primeira avó”, a “eterna geratriz” robustece a característica de “fonte primacial”, literalmente “a mãe da mãe”.

Observemos que eles retratam o quadro da “geração” do “campo cósmico” na imagem da “avó”, e o painel auto-renovável daquela matéria cósmica quando lembra que ela “recebe, reconstituídos, os princípios dos mundos que se apagam do livro eterno”, alusão direta ao “tudo se transforma”, ao princípio da conservação de energia.

Disso tudo que temos analisado, acreditamos estar visível que fluido - mesmo o universal - não é Espírito nem princípio espiritual pois, em sua natureza, o Espírito é “O princípio inteligente do Universo”<sup>134</sup>; e inteligência é atributo que o fluido não possui, além do que “A inteligência e a matéria são independentes, porquanto um corpo pode viver sem a inteligência. Mas a inteligência só por meio dos órgãos materi-

<sup>130</sup> XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Fluido cósmico*. In *'Evolução em Dois Mundos'*, cap. I, p. 19.

<sup>131</sup> XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Co-criação em plano maior*. In *“Evolução em Dois Mundos”*, cap. I, p. 19.

<sup>132</sup> XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Co-criação em plano maior*. In *“Evolução em Dois Mundos”*, cap. I, p. 23.

<sup>133</sup> KARDEC, Allan. *Uranografia geral*. In *“A Gênese”*, cap. 6, item 17.

<sup>134</sup> KARDEC, Allan. *Espírito e Matéria*. In *“O Livro dos Espíritos”*, Parte 1ª, cap. 2, questão 23.



ais pode manifestar-se. Necessário é que o Espírito se una à matéria animalizada para intelectualizá-la”<sup>135</sup>. Assim nos dizem os Espíritos da Codificação.

Raciocinando com Kardec, o estado de eterização do fluido é considerado como o estado primitivo, normal, enquanto que o de materialização resulta das transformações daquele, ao ponto de se apresentar como matéria tangível nos seus múltiplos aspectos. O ponto intermediário é o da transformação do fluido em matéria tangível, sem que se verifique, todavia, transição brusca. A cada, um tipo de fenômeno especial; ao segundo, os fenômenos do mundo visível; ao primeiro, do invisível. Na eterização o fluido não é uniforme; suas modificações propiciam o surgimento de fluidos distintos que, se para os homens são invisíveis, para os Espíritos é como se materiais fossem, possibilitando, inclusive, a “manipulação” dos mesmos por Espíritos esclarecidos. Mas, aí remata ele: “Ainda não conhecemos senão as fronteiras do mundo invisível; o porvir, sem dúvida, nos reserva o conhecimento de novas leis, que nos permitirão compreender o que se nos conserva em mistério”<sup>136</sup>. Sem dúvida alguma as teorias quânticas e relativistas se encontram entre ditas leis.

Uma observação, contudo, merece registro: Kardec faz referência ao que usualmente chamamos de *fluido espiritual*. Nos adverte ele, com justa razão, que não se trata de uma qualificação exata pois os fluidos são sempre materiais, entretanto, tal nomenclatura exprime e transmite a idéia de estarmos nos referindo aos “*fluidos utilizados pelos Espíritos*”, pelo que se torna pertinente o uso. Não percamos tal observação para não cairmos em desentendimentos.

### 1.2.1 - O Princípio e o Fluido Vital

É o próprio São Luiz<sup>137</sup>, respondendo a Kardec, quem nos orienta:

“22. Se bem compreendemos o que dissestes, o princípio vital reside no fluido universal; dele o Espírito extrai o envoltório semimaterial que constitui o seu perispírito e é por meio desse fluido que atua sobre a matéria inerte.

É isso mesmo?

“Sim; isto é, ele anima a matéria por uma espécie de vida fictícia; a matéria se anima pela vida animal (...)”.

Pelas colocações do sábio São Luiz, temos confirmado que a vida vem por ação do princípio vital, o qual, por dedução direta, é um “campo”. Sendo “princípio” definido como “qualquer das causas naturais que concorrem para que os corpos se movam, operem e vivam”<sup>138</sup>, vemos que o princípio vital é o “toque mágico” propiciador da vida, o “interruptor” vital que faz a interligação de um “campo” específico chamado “fluido vital” com elemento(s) proveniente(s) de outro “campo” (Princípio Espiritual). Isto é interessante seja notado pois podemos ter, como temos, fluidos vitais dispersos, latentes, acumulados mesmo, nos grandes campos do fluido cósmico, sem que ali se dê a vida propriamente dita; é que aí ainda estaria faltando a “combinação” ou “interação” desses dois campos entre si a qual só se dá ante a propiciatura ativa do “princípio vital”.

Eis Allan Kardec em “A Gênese”<sup>139</sup> a respeito: “(...) Há na matéria orgânica um princípio especial, inapreensível e que ainda não pode ser definido: *o princípio vital*. Ativo no ser vivente, esse princípio se acha extinto no ser morto (...)” (grifos originais). E mais adiante ele afirma: tal princípio é “(...) Um estado especial, uma das modificações do fluido cósmico, pela qual este se torne princípio de vida (...)”.

A vida, portanto, como “efeito” decorrente de um agente (princípio vital) sobre a matéria (fluido cósmico), tem, por sustentação, a matéria e o princípio vital em estado de interação ativa, de forma contínua. Decorrente da mesma fonte original - pois “reside” no “fluido magnético animal”, que, por sua vez, não é outro senão o fluido vital - tem, contudo, a condição peculiar de veicular o contato com o princípio espiritual.

<sup>135</sup> KARDEC, Allan. *Inteligência e instinto*. In “*O Livro dos Espíritos*”, Parte 1ª, cap. 4, questão 71.

<sup>136</sup> KARDEC, Allan. *Os fluidos*. In “*A Gênese*”, cap. 14, item 6.

<sup>137</sup> TEORIA DAS Manifestações Físicas - II. “*Revista Espírita*”, jun. 1858, p. 155.

<sup>138</sup> AULETE, Caldas. “*Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*”, vol. 4, p. 4.078.

<sup>139</sup> KARDEC, Allan. *Gênese orgânica* In “*A Gênese*”, cap. 10, itens 16 e 17.

Assim estabelecidos, tomemos o Espírito Emmanuel quando nos diz que a força denominada princípio vital é a “(...) essência fundamental que regula a existência das células vivas, e no qual elas se banham constantemente, encontrando assim a sua necessária nutrição, força que se encontra esparsa por todos os escaninhos do universo orgânico, combinada às substâncias minerais, azotadas e ternárias, operando os atos nutritivos de todas as moléculas. *O princípio vital é o agente entre o corpo espiritual, fonte da energia e da vontade, e a matéria passiva, inerente às faculdades superiores do Espírito, que o adapta segundo as forças cósmicas que constituem as leis físicas de cada plano de existência, proporcionando essa adaptação às suas necessidades intrínsecas*”<sup>140</sup> (grifamos).

Acompanhemos agora a resposta dos Espíritos dada à seguinte questão:

“Que é feito da matéria e do princípio vital dos seres orgânicos, quando estes morrem?”

“A matéria inerte se decompõe e vai formar novos organismos. O princípio vital volta à massa donde saiu”<sup>141</sup>. Interessante resposta; enquanto a matéria bruta se recomporá através de outros organismos, o princípio vital (matéria sutil) retornará à sua “massa” original (fluido cósmico). O fluido vital, quando o organismo vive, está ativado pelo princípio vital que dá àquele e a todas as suas partes “uma atividade que as põe em comunicação entre si, nos casos de certas lesões, e normaliza as funções momentaneamente perturbadas. Mas, quando os elementos essenciais ao funcionamento dos órgãos estão destruídos, ou muito profundamente alterados, o fluido vital se torna impotente para *lhes transmitir o movimento da vida*, e o ser morre.

“(...)A quantidade de fluido vital não é absoluta em todos os seres orgânicos. (...) Alguns há, que se acham, por assim dizer, saturados desse fluido, enquanto outros o possuem em quantidade apenas suficiente.

“A quantidade de fluido vital se esgota. Pode tornar-se insuficiente para a conservação da vida, se não for renovada pela absorção e assimilação das substâncias que o contêm.

“O fluido vital se transmite de um indivíduo a outro”<sup>142</sup>.

Por força do que vimos dizendo, falar de princípio vital requer abordemos um outro princípio: o espiritual, a fim de que não façamos confusão entre as duas coisas. Para elucidar com segurança, busquemos a Codificação:

“5 - São a mesma coisa o princípio espiritual e o princípio vital?”

“(...) Ora, desde que a matéria tem uma vitalidade independente do Espírito e que o Espírito tem uma vitalidade independente da matéria, (...) essa dupla vitalidade repousa em dois princípios diferentes.

“6 - Terá o princípio espiritual sua *fonte de origem no elemento cósmico universal?* (...)”

“Se fosse assim, o princípio espiritual sofreria as vicissitudes da matéria; extinguir-se-ia pela desagregação, como o princípio vital; (...)”

“7 - Admitindo-se o ser espiritual e não podendo ele proceder da matéria, *qual a sua origem?* (...)”

“Aqui, *falecem absolutamente os meios de investigação*, como para tudo o que diz respeito à origem das coisas (...)”<sup>143</sup> (grifamos).

Com essas seguras respostas, os Espíritos nos informam que ainda não chegamos ao *nec plus ultra*, ao nada mais além. No-los afirmam que muito haverá a ser desvendado, investigado, descoberto, trabalhado. Norteiam nosso entendimento sob vários aspectos, inclusive dando-nos uma pista que nos favorece entendamos por que os materialistas se sentem com razão quando atribuem ávida uma função meramente maquinal, material; mas não remontam à gênese.

<sup>140</sup> XAVIÊR, Francisco Cândido. *O corpo espiritual*. In “Emmanuel”, cap. 24, item “Através dos escaninhos do universo orgânico”, p. 132.

<sup>141</sup> KARDEC, Allan. *A vida e a morte*. XAVIER, Francisco Cândido. In “O Livro dos Espíritos”, Parte 1ª, cap. 4, questão 70.

<sup>142</sup> KARDEC, Allan. *A vida e a morte*. XAVIER, Francisco Cândido. In “O Livro dos Espíritos”, Parte 1ª, cap. 4, questão 70.

<sup>143</sup> KARDEC, Allan. *Gênese espiritual*. In “A Gênese”, cap. 11, item *Princípio espiritual*.

Partindo daquelas explicações, onde o princípio vital tem um significado ímpar perante a vida, mesmo sendo fruto do fluido cósmico e não do princípio espiritual, fica fácil entendermos “a vida”. Não poderíamos esperar que o Espírito agisse independente da matéria, quando ele nela se encontra encarnado. Sendo a matéria (corpo) o meio de expressão do Espírito, terá aquela, forçosamente, que fornecer as condições requeridas para que este se manifeste, qualquer que seja o nível em que isto se dê. Daí, inclusive, vemos tão profundas e estreitas ligações das potencialidades orgânicas com as manifestações do Espírito. Mas, apesar disso, não fica nenhuma dúvida quanto à dualidade do princípio criativo pois à essência espiritual a matéria não pode negar existência (...) nem explicar jamais! E isso aprendemos, de forma veemente, desde o tempo do Cristo: “O que é nascido da carne, é carne; e o que é nascido do Espírito, é espírito”<sup>144</sup>.

Disso tudo, portanto, fica destacado que a Inteligência, o Espírito propriamente dito, se origina de outro princípio que não é o fluido universal mas sim o Princípio Espiritual (ou Princípio Inteligente Universal).

Neste ponto, podemos fazer uma síntese: (FIGURA 1)

**DEUS:** Pai e criador; “inteligência suprema, causa primária de todas as coisas”. Dentre essas “todas as coisas” Ele criou:

**O FLUIDO UNIVERSAL:** “fonte” e princípio básico de todos os fluidos, o qual derivou (e continua a gerar) um grande campo:

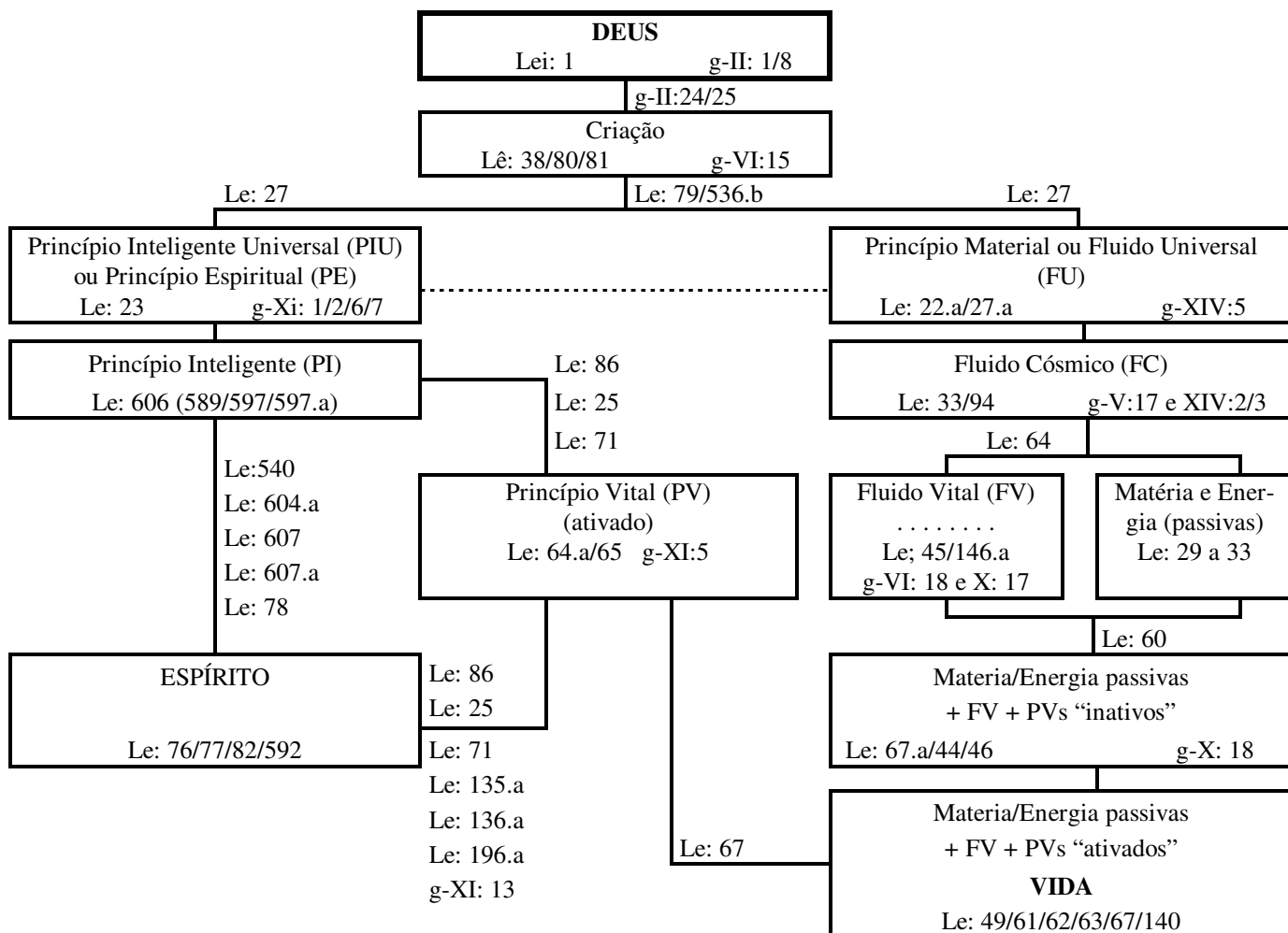


Figura 1

Seqüência evolutiva resultante dos “elementos gerais do universo”, conforme verificado em “O Livro dos Espíritos” (LE) e “A Gênese” (G) de Allan Kardec.

No quadro Fluido Vital (FV), as “partículas” ali disseminadas são, simbolicamente, os PVs “inativos” (“interruptores” vitais). Para destacarmos a união dos dois princípios, fizemos ressaltar uma “partícula” de PV “inativo” a fim de melhor visualizarmos a interação que resulta na vida (orgânica) em todos os reinos.

<sup>144</sup> João, III, v. 6.

*O FLUIDO CÓSMICO*: primeira (e talvez única) e maior decorrência do fluido universal, o qual, além de gerar todos os universos, macros e micros, tem dentro de si mesmo um outro campo:

*O FLUIDO VITAL*: que é o responsável, quando “combinado” com o fluido cósmico, ou com outras de suas derivações, através do agente chamado *PRINCÍPIO VITAL* segundo padrões muito especiais, pela vida.

Voltando a *DEUS*, na outra grande vertente da Criação, surge:

*PRINCÍPIO INTELIGENTE (UNIVERSAL)*: “fonte” do “elemento espiritual” que virá a ser o Espírito Imortal; o “acionador” do P. V.

### 1.3 - Conhecendo o Fluido

O fluido cósmico sofre, primordialmente no estado de eterização, inúmeras modificações, podendo ou não deixar de ser etéreo, vindo a formar fluidos diferentes. Não obstante a mesma origem, tais fluidos adquirem propriedades especiais. Assim como, num processo chamado alotrópico, a combinação de dois átomos de oxigênio é o que chamamos de oxigênio simples, enquanto a combinação de três desses átomos faz com que se obtenha o ozônio, assimilamos a possibilidade da autocombinação poder produzir um outro elemento de padrão diferente do original sem, contudo, destruir-lhe ou negar-lhe a origem. O mesmo se dá, em formas e condições bem diversas e mais ricas, com o fluido cósmico, que não apenas se combina de maneira alotrópica mas por uma infinidade de meios, físicos, psíquicos e químicos, que nem sequer vislumbramos a quantidade nem, muito menos, o *modus operandi*.

“Sabemos que o fluido universal, ou fluido cósmico etéreo, representa o estado mais simples da matéria; sua sutileza é tal que escapa a toda análise. E, entretanto, desse fluido procedem, mediante condensações graduais, todos os corpos sólidos e pesados que constituem a base da matéria terrestre”<sup>145</sup>. “O mundo dos fluidos, mais que qualquer outro, está submetido às leis de atração. Pela vontade, atraímos forças boas ou más, em harmonia com os nossos pensamentos e sentimentos”<sup>146</sup>. Conhecendo essas informações, podemos assegurar que “A vontade de aliviar, de curar, comunica ao fluido magnético propriedades curativas. O remédio para nossos males está em nós”<sup>147</sup>. “O magnetismo, considerado em seu aspecto geral, é a utilização, sob o nome de fluido, da força psíquica por aqueles que abundantemente a possuem”<sup>148</sup>. (Citações de Léon Denis.)

Disso ressalta a precisão com que o fluido interfere em nossas vidas. Sua condição de afinidade, seu atendimento pela vontade, sua harmonização com os pensamentos e sentimentos, fornecem elementos básicos à nossa tarefa de cura, tanto quanto ao alcance como à necessidade de nos posicionarmos moralmente equilibrados para melhor podermos usufruir de suas virtudes.

### 1.4 - Percepção - Assimilação

“Os elementos fluidicos do mundo espiritual escapam aos nossos instrumentos de análise e à percepção dos nossos sentidos, feitos para perceberem a matéria tangível e não a matéria etérea. Alguns há, pertencentes a um meio diverso a tal ponto do nosso, que deles só podemos fazer idéia mediante comparações tão imperfeitas como aquelas mediante as quais um cego de nascença procura fazer idéia da teoria das cores.

“Mas, entre tais fluidos, há os tão íntimamente ligados à vida corporal, que, de certa forma, pertencem ao meio terreno. Em falta de comparação direta, seus efeitos podem observar-se, como se observam os fluidos do ímã (...)”<sup>149</sup>. (Kardec.)

Dessas palavras deduzimos que muito acerca de fluidos só poderemos alcançar através da percepção sub-reptícia, quer tátil, quer intuitiva, ou então por dedução lógica e filosófica; entretanto, fato é que eles

<sup>145</sup> DENIS, Léon. In “No Invisível”, cap. 20, p. 280.

<sup>146</sup> DENIS, Léon. In “No Invisível”, cap. 15, p. 184.

<sup>147</sup> DENIS, Léon. In “No Invisível”, cap. 15, p. 181.

<sup>148</sup> DENIS, Léon. In “No Invisível”, cap. 15, p. 180.

<sup>149</sup> KARDEC, Allan. Os fluidos. In “A Gênese”, cap. 14, item 4.

existem e que sua teorização não se estriba apenas em matéria impalpável tal qual eles, em sua maioria, o são. Seus efeitos são sentidos, percebidos, medidos alguns e evidenciados sempre, seja pela pujança do fato, seja pela dedução do mesmo, pelo que nos compete o estudo sério e aprofundado.

O pensar<sup>150</sup> metaboliza o fluido cósmico, plasmando as imagens geradas pela mente, sendo, por isso mesmo, uma força criadora. O fluido vital não é mero produto mental, pois, se assim o fosse, as plantas e os animais não o possuiriam, posto que, não pensam.

Mas, isso não diz que esse fluido não seja afetado pelo impulso mental; é, e não é pouco! Pela maleabilidade e impressionabilidade dos fluidos, nosso vetor moralidade exerce forte ponderação nos destinos que lhes são decorrentes. Isto podemos confirmar numa colocação do Espírito Aulus quando explanava sobre o sistema de defesa espiritual de um médium moralmente equilibrado: “Quanto aos fluidos de natureza deletéria, não precisamos temê-los. Recuam instintivamente ante a luz espiritual que os fustiga ou desintegra. (...). Os raios luminosos da mente orientada para o bem incidem sobre as construções do mal, à feição de descargas elétricas”<sup>151</sup>. Esta colocação, inclusive, responde às dúvidas muito comuns sobre o destino dos fluidos que são dispersados por ocasião dos passes. Notemos que a moralidade elevada exerce verdadeira desintegração sobre os fluidos nocivos, não alcançando estes, portanto, aquele que se exercita nas práticas morais do Evangelho de Jesus, inclusive através do passe.

Concluimos, portanto, que podemos perceber os fluidos através de nosso próprio referencial; nosso ambiente mental definirá a camada fluídica que nos rodeia e que de nós emana, em favor ou contra o próximo. Como o fluido se comporta segundo a lei de afinidade, fácil percebermos tanto o ambiente fluídico que nos envolve como nos é favorecida sua assimilação, segundo idênticos critérios.

## 1.5 - Propriedades Físicas

Retomando a “A Gênese”, de Allan Kardec, ficamos sabendo que os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais, que são os fluidos etéreos, não manipulando-os como os homens manipulam os gases, mas empregando, sobremaneira, o pensamento e a vontade. Por estes, e aqui relembramos a plasticidade dos fluidos etéreos, imprimem àqueles fluidos tal ou qual direção, aglomerando-os, combinando-os, dispersando-os, organizando com eles conjuntos que constituem uma aparência, uma forma, uma coloração determinadas; mudam-lhes as propriedades, como um químico muda a dos gases e de outros corpos e substâncias, fazendo-os agirem e interagirem segundo certas leis.

Os fluidos não possuem qualidades “sui-generis”; as adquirem no meio onde se elaboram; modificam-se pelos eflúvios desse meio. Portanto, dizendo-se que tal fluido é bom ou mal, nos referimos ao “produto final” e não a sua generalidade. O fluido cósmico é puro e suas derivações são produto das “manipulações”, em níveis e padrões variados ao infinito. Os fluidos derivados são mais ou menos úteis, para tais ou quais casos, sendo excelentes para certos usos e sofríveis para outros. O uso e a assimilação que se tenha dos fluidos é que também podem repercutir. Podemos ter um fluido “fino”, bastante rarefeito, proveniente de uma fonte “elevada”, mas que, para determinado tratamento, seria preferível um fluido mais material, mais denso, pelo que aquele se tornaria menos eficiente que este. De outra forma, seríamos levados a crer que os fluidos teriam personalidades próprias; não as tem, são fluidos, são matéria. Suas qualidades são produtos das “manipulações” mentais, psíquicas, espirituais, ainda que com profundas repercussões físicas.

Do ponto de vista moral, os fluidos trarão impressos em si mesmos, pelas vibrações especiais que se lhes agregam, o cunho dos sentimentos de ódio, inveja, ciúme, orgulho, egoísmo, violência, hipocrisia, bondade, benevolência, amor, caridade, humildade, doçura, afeto e carinho, com que venham a ser laborados.

No caso do fluido magnético, conforme nos assevera Michaelus, sabemos que ele, “Por si só, não apresenta nenhuma propriedade terapêutica, mas age principalmente como elemento de equilíbrio. De sorte que o desequilíbrio (...) dos fluidos magnéticos que envolvem todos os órgãos do corpo humano acarreta a

---

<sup>150</sup> *Pensar (atributo do Espírito), como verbo, traduz ação. Pensamento, substantivo, produto do pensar. Neste sentido é que estamos usando os termos.*

<sup>151</sup> *XAVIER, Francisco Cândido. Psicofonia sonambúlica. In “Nos Domínios da Mediunidade”, cap. 8, p. 49.*

desordem nas funções desses órgãos e, daí, a caracterização do que chamamos doença. Todas as vezes, portanto, que se rompe o equilíbrio, quer por excessiva condensação ou concentração, quer por excessiva dispersão de fluidos, cumpre restabelecê-lo e, daí, a cura”<sup>152</sup>.

Com esta colocação Michaelus desmistifica o fluido, mesmo o magnético. Sua propriedade básica no fenômeno das curas é o do restabelecimento do equilíbrio fluídico, através da mudança fluídica que está a gerar o fator doença.

## 1.6 - Os Fluidos no Magnetismo

Vamos, sucintamente, registrar as observações feitas por Michaelus, a partir de diversos magnetizadores (Deleuze, Aubin Gauthier, Du Potet e Ed. Bertholet, entre outros), e que importam ao magnetismo. Para não nos estendermos demasiadamente, aditaremos alguns breves comentários, colocando-os entre parênteses.

“1.- O fluido magnético, que se nos escapa continuamente, forma em torno do nosso corpo uma atmosfera. Não sendo impulsionado pela nossa vontade, não age sensivelmente sobre os indivíduos que nos cercam (...) (Observemos como a vontade tem um valor preponderante nas chamadas fluidificações ou influências fluídicas. Por outro lado, como toda regra tem exceção - diz a regra —, casos há em que pela excessiva sensibilidade alguém pode sentir e registrar as emanações fluídicas de uma outra pessoa, sem que seja necessariamente acionado o dispositivo da vontade do emissor; são os sensitivos em ação.)

“2.- O fluido penetra todos os corpos animados e inanimados.

“3.- O fluido possui um odor, que varia segundo o estado de saúde física do indivíduo, dos seus dotes morais e espirituais, e do seu grau de evolução e pureza. (...) O odor e a coloração do fluido estão na razão direta do estado de evolução da alma ou do Espírito (...) (Portanto, nada de se pensar que apenas as condições físicas interessam à economia fluídica do indivíduo.)

“4.- O fluido é visto pelos sonâmbulos como um vapor luminoso, mais ou menos brilhante (...) (Regra geral mas não única.)

“Os meios onde superabundam os maus Espíritos são, pois, impregnados de maus fluidos (...)

“5.- O fluido magnético não é o fluido elétrico (...)

“6.- O fluido se propaga a grandes distâncias, o que depende, entretanto, da qualidade e da força do magnetizador, e igualmente da maior ou menor sensibilidade magnética do paciente. (Por “força do magnetizador” entenda-se “força fluídica” e não física.)

“7.- O fluido está também sujeito às leis de atração, repulsão e afinidade (...) (Isto explica muitos problemas verificados nas aplicações de passes e nas fluidoterapias em geral.)

“8.- Precisamente porque o fluido varia de indivíduo a indivíduo, é de notar-se que certos magnetizadores têm mais facilidade em curar determinadas moléstias do que outras. (...) Convém não esquecer que, além do fluido propriamente humano, outros fluidos, dotados de diferentes propriedades, que ainda não conhecemos, poderão intervir na ação magnética (...) (Parece que os magnetizadores queriam falar na ação dos Espíritos. Constatamos que certos médiuns não têm grande força ou impulsão magnética de per si, mas, passam a produzir com fartura quando submetidos à assistência Espiritual evocada e consentida, confirmando como a ação da parte dos Espíritos não só é de grande proveito, mas, diríamos, indispensável.)

“9.- O estado atmosférico pode de certo modo aumentar ou diminuir a intensidade do fluido e, portanto, a eficácia da magnetização (...) (Esta observação não faz muito sentido por dois motivos: quando lidamos com fluidos espirituais, estes não se comportam exatamente como os magnéticos, nem quando aplicados em sua forma mista; por outro lado, magnetizadores contemporâneos comprovaram que tais estados atmosféricos não influem no magnetismo animal, como o evidencia a ação da fluidoterapia a distância.)

---

<sup>152</sup> MICHAELUS. In “Magnetismo Espiritual”, cap. 10, p. 80.

“10.- A quantidade de fluido não é igual em todos os seres orgânicos, variando segundo as espécies, e não é constante, quer em cada indivíduo, quer nos indivíduos de uma espécie (...)

“11.- São extremamente variados os efeitos da ação fluídica sobre os doentes, de acordo com as circunstâncias. Algumas vezes é lenta e reclama tratamento prolongado; doutras vezes é rápida, como uma corrente elétrica. (...) Os fluidos que emanam de uma fonte impura são quais substâncias medicamentosas alteradas.

“12.- A ligação entre o fluido magnético e os corpos que o recebem é tão íntima que nenhuma força física ou química pode destruí-lo. Os reativos químicos e o fogo nenhum efeito têm sobre ele (...) (Mas o efeito da moralidade ou da falta dela são incontestáveis.)

“Donde se conclui que há muito pouca analogia entre os fluidos imponderáveis que os físicos conhecem e o fluido magnético.

“13.- Por último, não é demais repetir que o magnetismo ensaia os seus primeiros passos e que muito pouco sabemos sobre o seu principal veículo do fluido, e que só o estudo e a experimentação poderão um dia descortinar o vasto e ilimitado caminho a percorrer”<sup>153</sup>. (Esta é a parte mais óbvia disso tudo, mas, infelizmente, poucos têm dado a atenção que é devida a tão fascinante estudo.)

Ao final, queremos ressaltar que nem tudo o que é bom e certo para o Magnetismo, como Ciência, o é igualmente para os passes, como prática espírita, pelo que vale termos em mente o cuidado para não tomarmos a especificidade daquele pelo geral das Leis deste, ou a generalidade do Magnetismo pelas particularidades do passe Espírita.

## 2. PERISPÍRITO

*“Envolvendo o germen de um fruto, há o perisperma; do mesmo modo, uma substância que, por comparação, se pode chamar perispírito, serve de envoltório ao Espírito propriamente dito” (Allan Kardec)<sup>154</sup>.*

### 2.1 - Definição

Por ter sido o termo criado pelo Espiritismo, ninguém melhor que Kardec para o definir: perispírito “(...) É o traço de união entre a vida corpórea e a vida espiritual. É por seu intercâmbio que o Espírito encarnado se acha em relação contínua com os desencarnados; é, em suma, por seu intermédio, que se operam no homem fenômenos especiais, cuja causa fundamental não se encontra na matéria tangível e que, por essa razão, parecem sobrenaturais.

(...) O perispírito é o órgão sensitivo do Espírito, por meio do qual este percebe coisas espirituais que escapam aos sentidos corpóreos. (...) O Espírito vê, ouve e sente, por todo o seu ser, tudo o que se encontra na esfera de irradiação do seu fluido perispíritico”<sup>155</sup> (grifos originais).

Deslindando as palavras de Kardec, Leon Denis nos diz que “O perispírito é, pois, um organismo fluídico; é a forma preexistente e sobrevivente do ser humano, sobre a qual se modela o envoltório carnal, como uma veste dupla, invisível, constituída de matéria quintessenciada (...)”<sup>156</sup>

Modernamente já existe uma busca de adaptação de termos para aplicar os conceitos espíritas de perispírito aos conhecimentos da Ciência (ou vice-versa) mas, como ocorreu quando estudávamos fluidos, ainda que a necessidade se faça sentida e mesmo reconhecendo que precisamos conhecer os porquês atuais que envolvem a questão, não carece modifiquemos nossa nomenclatura pois ela define para nós, com largueza, tudo aquilo que a Academia Parapsicológica chama de “corpo bioplásmico” (Escola russa) ou “modelo organizador biológico” (Escola brasileira), mesmo porque o corpo espiritual, como convencionou

<sup>153</sup> MICHAELUS. In “Magnetismo Espiritual”, cap. 6, pp. 46 a 50.

<sup>154</sup> KARDEC, Allan. Perispírito. In “O Livro dos Espíritos”, Parte 2ª, cap. 1, questão 93.

<sup>155</sup> KARDEC, Allan. Os fluidos. In “A Gênese”, cap. 14, item 22.

<sup>156</sup> DENIS, Léon. O perispírito ou corpo espiritual. In “Depois da Morte”, cap. 21, pp. 174 e 175.

chamalo André Luiz<sup>157</sup>, é um corpo maior que esses dois, os quais estão, diríamos, contidos nele. Este, inclusive, é o raciocínio que inferimos das palavras do eminente Dr. Hernani Guimarães Andrade: “O corpo bioplásmico dos soviéticos é o constituinte fronteiro, material, fisiológico, capaz de sofrer a ação dos campos eletrodinâmicos do corpo espiritual. (...) Perispírito e corpo bioplásmico são, portanto, duas entidades distintas, embora conjugadas no processo biológico enquanto dura a vida orgânica”<sup>158</sup>. Afinal, sem querermos aqui debater tais pesquisas e reconhecendo a seriedade com que elas se revestem e os frutos já razoavelmente amadurecidos que nos têm dado, a terminologia kardequiana nos soa mais agradável, mais familiar e mais abrangente.

## 2.2 - O Que É

“135. Há no homem alguma outra coisa além da alma e do corpo?

“Há o laço que liga a alma ao corpo.

“a) De que natureza é esse laço?

“Semimaterial, isto é, de natureza intermédia entre o Espírito e o corpo. É preciso que seja assim para que os dois se possam comunicar um com o outro. Por meio desse laço é que o Espírito atua sobre a matéria e reciprocamente”<sup>159</sup>.

Esse “laço” a que os Espíritos se reportam é o perispírito. Ele, também chamado por Kardec de “corpo fluídico dos Espíritos”, “é um dos mais importantes produtos do fluido cósmico; é uma condensação desse fluido em torno de um foco de inteligência ou alma”. E continua: “Já vimos que também o corpo carnal tem seu princípio de origem nesse mesmo fluido condensado e transformado em matéria tangível. No perispírito, a transformação molecular se opera diferentemente, porquanto o fluido conserva a sua imponderabilidade e suas características etéreas”<sup>160</sup>.

No dizer de Jorge Andréa, ele é “um corpo sutil, extremamente poroso e plástico”<sup>161</sup> mas, na síntese de Léon Denis, descobrimos mais informações: “não é imutável; depura-se e enobrece-se com a alma; segue-a através das suas inumeráveis encarnações; com ela sobe os degraus da escada hierárquica, torna-se cada vez mais diáfano e brilhante para, em algum dia, resplandecer com essa luz radiante de que falam as Bíblias (antigas) e os testemunhos da História (...)”<sup>162</sup>.

Tendo bebido parte de seus conhecimentos na mesma fonte, Gabriel Delanne assim se expressa: “Alma e perispírito formam um todo indivisível, constituindo, no conjunto, as partes ativa e passiva, as duas faces do princípio pensante. O invólucro é a parte material, a que tem por função reter todos os estados de consciência, de sensibilidade ou de vontade; é o reservatório de todos os conhecimentos, e, como nada se perde na natureza, sendo o invólucro indestrutível, a alma tem memória integral quando se encontra no espaço.

“O perispírito é a idéia diretora, o plano imponderável da estrutura orgânica. É ele que armazena, registra, conserva todas as percepções, todas as volições e idéias da alma. E não somente incrusta na substância todos os estados anímicos determinados pelo mundo exterior, como se constitui a testemunha imutável, o detentor indefectível dos mais fugidios pensamentos, dos sonhos apenas entremetidos e formulados.

“É, enfim, o guardião fiel, o acervo imperecível do nosso passado. Em sua substância incorruptível, fixaram-se as leis do nosso desenvolvimento. Tomando-o, por excelência, o conservador de nossa personalidade, por isso que nele é que reside a memória”<sup>163</sup>. Bem se percebe que esta visão nada tem de periférica; vai ao âmago da questão e amplia os campos de entendimento sobre tão fascinante “veículo”

---

<sup>157</sup> Vide introdução do livro “Evolução em Dois Mundos”.

<sup>158</sup> ANDRADE, Hernani Guimarães. *Corpo Bioplásmico e Perispírito*. In “Espírito, Perispírito e Alma”, cap. 1, item Corpo espiritual, p. 10.

<sup>159</sup> KARDEC, Allan. *A Alma*. In “O Livro dos Espíritos”, Parte 2ª.

<sup>160</sup> KARDEC, Allan. *Os fluidos*. In “A Gênese”, cap. 14, item 7.

<sup>161</sup> ANDRÉA, Jorge. *Perispírito ou Psicossoma*. In “Correlação Espírito Matéria”, pp. 19 a 23.

<sup>162</sup> DENIS, Leon. *O perispírito ou corpo espiritual*. In “Depois da Morte”, cap. 21, p. 175.

<sup>163</sup> DELANNE, Gabriel. *A vida, resumo*. In “Evolução Anímica”, cap. 1, p. 55.



*Uma ressalva*, contudo, merece ser considerada: existe uma linha de raciocínio que trata o perispírito como um “campo” restrito, uma unidade sem qualquer outra atribuição que não a de apenas e tão-só ligar, literalmente, o Espírito ao corpo. Quem aprofunde seus estudos em Kardec, todavia, verá que sua síntese perfeita não se contrapõe a uma visão mais ampla do perispírito. Buscando uma analogia, é vulgar se afirmar que no cérebro estão arquivadas as informações conscientes e inconscientes do homem. Com isso expressamos uma “meia verdade” que, a nível de estudos e pesquisas científicas, é satisfatoriamente comprovada. Daí, entretanto, a se querer dizer que é o cérebro que pensa, vai uma larga distância. Bem se vê que quem assim se reporta está tratando do órgão em sua função intrínseca, pelo que se abstrai a evidência maior do ser pensante, o Espírito. De outra forma, o perispírito, como o corpo, pertencem ao Espírito, e não este àqueles. Por isso, mesmo sendo o mais certo se afirmar categoricamente que o Espírito é o único detentor de todas as potencialidades e arquivos de sua individualidade espiritual, não estamos necessariamente errados quando atribuímos ao perispírito - e ao corpo - capacidades e funções que, em essência, são da Matriz, do “gérmen”, do Espírito, pois que são viabilizadas pelas funções destes. É nesse sentido que entendemos e concordamos com as atribuições essencialmente espirituais designadas ao corpo espiritual.

Exemplificando, tomemos algumas palavras do Espírito Emmanuel em seu livro “Dissertações Mediúnicas”, as quais atribuem certas funções ao perispírito, e que podem ser bem assimiladas dentro, da característica que frisamos:

“O ORGANISMO FLUÍDICO, caracterizado por seus elementos imutáveis, é o assimilador das forças protoplásmicas, o mantenedor da aglutinação molecular que organiza as configurações típicas de cada espécie, incorporando-se, átomo a átomo, à matéria do germe e dirigindo-a, segundo a sua natureza particular”.

“O CORPO ESPIRITUAL não retém somente a prerrogativa de constituir a fonte da misteriosa força plástica da vida, a qual opera a oxidação orgânica; é também ele a sede das faculdades, dos sentimentos, da inteligência e, sobretudo, o santuário da memória, em que o ser encontra os elementos comprobatórios da sua identidade, através de todas as mutações e transformações da matéria”.

“É ainda, pois, ao CORPO ESPIRITUAL que se deve a maravilha da memória, misteriosa chapa fotográfica, onde tudo se grava, sem que os menores coloridos das imagens se confundam entre si”.

“É, pois, o CORPO ESPIRITUAL a alma fisiológica, assimilando a matéria ao seu molde, à sua estrutura, afim de materializar-se no mundo palpável”<sup>164</sup>.

Fazendo rápidos comentários, vimos que:

1. O perispírito é mutável, posto que evolucionário e adaptável a cada orbe; portanto, quando Emmanuel fala de “seus elementos imutáveis”, refere-se ele aos caracteres adquiridos pelo Espírito ao longo de sua evolução, e estabilizados na “forma fluídica” para efeito de plasmagem do corpo psicofísico.

2. O perispírito provém do fluido cósmico, pelo que é material; por ser material, não pode produzir o pensamento, atributo do Espírito. Pode, todavia, arquivá-lo, assim como uma fita magnética grava vozes, sons, imagens, dados, etc. Quando, portanto, Emmanuel lhe atribui capacidades de arquivos e sede, com certeza se refere às características do Espírito se refletindo no perispírito, já que este é o veiculador das atividades e potencialidades daquele outro; seria o perispírito uma espécie de “videogravador” do Espírito.

3. Não há discordância entre o que Emmanuel e muitos outros dizem do perispírito, com o que registrou Kardec na Codificação; quando Emmanuel se reporta ao corpo espiritual como “a alma fisiológica” do Espírito, deixa claro, seu entendimento funcional do perispírito.

As palavras do assistente Calderaro, na importante obra “No Mundo Maior”, só fazem sentido se observarmos as particularidades do perispírito segundo uma ótica mais rica e pormenorizada: “Esse organismo, constituído, embora, de elementos mais plásticos e sutis, ainda é edifício material de retenção da consciência”<sup>165</sup>.

### 2.2.1 - Como Tem Sido Conhecido e Chamado

<sup>164</sup> JORGE, José. In “Antologia do Perispírito”, p. 160.

<sup>165</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Mediunidade*. In “No Mundo Maior”, cap. 9, p. 128.

O Espírito Joanna de Ângelis nos apresenta um resumo histórico deste tema, de quem tomaremos nossas informações:

“Conhecido pelos estudiosos, desde a mais remota antiguidade, há sido identificado numa gama de rica nomenclatura, conforme as funções que lhe foram atribuídas nos diversos períodos que duravam as investigações.

“Desde as apreciáveis lições do *Vedanta* quando apareceu como *Manu*, *maya* e *Kosha*, era conhecido no Budismo *esotérico* por *Kama-rupa*, enquanto no *Hermetismo egípcio* surgiu na qualidade de *Kha*, para avançar, na *Cabala hebraica*, como manifestação de *Rouach*. Chineses, gregos e latinos tinham conhecimento da sua realidade, identificando-o seguramente. Pitágoras, mais afeiçoado aos estudos metafísicos, nominava-o *carne sutil da alma*, e Aristóteles, na sua exegese do complexo humano, considerava-o *corpo sutil e etéreo*. Os neoplatônicos, de Alexandria, dentre os quais Orígenes, o pai da doutrina dos *Princípios*, identificava-o como *aura*; Tertuliano, o gigante inspirado da Apologética, nele vai o *corpo vital da alma*, enquanto Proclo o caracterizava como *veículo da alma*, definindo cada expressão os atributos de que o consideravam investido.

“Na cultura moderna, Paracelso, no século XVI, detectou-o sob a designação de *corpo astral*, refletindo as pesquisas realizadas no campo da Química e no estudo paralelo da Medicina com a Filosofia, em que se notabilizou Leibniz, logo depois, substituindo os conceitos panteístas de Spinoza pela teoria dos “átomos espirituais ou mônadas”, surpreendeu-o, dando-lhe a denominação de *corpo fluídico*.

“(…) Perfeitamente consentâneo aos últimos descobrimentos, nas experiências de detecção por efluvioscopia e efluviografia, denominado *corpo bioplásmico*, o Apóstolo Paulo já o chamava *corpo espiritual*, conforme escreveu aos coríntios (I epístola, 15:44), *corpo corruptível* logo depois, na mesma Epístola, v. 53, ou *alma*, na exortação aos companheiros da Tessalônica (I Epístola. 5:23), sobrevivente à morte”<sup>166</sup> (grifos originais).

### 2.2.2 - Sua Formação

“8. - Do meio onde se encontra é que o Espírito extrai o seu perispírito, isto é, esse envoltório ele o forma dos fluidos ambientes. (...)”

“9.- A natureza do envoltório fluídico está sempre em relação com o grau de adiantamento moral do Espírito. Os Espíritos inferiores não podem mudar de envoltório a seu bel-prazer, pelo que não podem passar, à vontade, de um mundo para outro (...).”

“10.- A camada de fluidos espirituais que cerca a Terra se pode comparar às camadas inferiores da atmosfera, mais pesadas, mais compactas, menos puras, do que as camadas superiores. (...) Os efeitos que esses fluidos produzem estarão na razão da soma das partes puras que eles encerram. (...)”

“Os Espíritos chamados a viver naquele meio tiram deles seus perispiritos; porém, *conforme seja mais ou menos depurado o Espírito, seu perispírito se formará das partes mais puras ou das mais grosseiras do fluido peculiar ao mundo onde ele encarna*. O Espírito produz aí, sempre por comparação e não por assimilação, o efeito de um reativo químico que atrai a si as moléculas que a sua natureza pode assimilar.

“Resulta disso este fato capital: *a constituição íntima do perispírito não é idêntica em todos os Espíritos encarnados ou desencarnados que povoam a Terra ou o espaço que a circunda*. O mesmo já não se dá com o corpo carnal(...)

“Também resulta que: o envoltório perispiritico de um Espírito se modifica com o progresso moral que este realiza em cada encarnação, embora ele encarne no mesmo meio; que os Espíritos Superiores, encarnados excepcionalmente em missão, num mundo inferior, têm perispírito menos grosseiro do que o dos indígenas desse mundo”<sup>167</sup> (grifos originais).

Estas conclusões de Kardec demonstram a profundidade com que se reveste o assunto. Vale refletirmos nas extensões daí decorrentes.

<sup>166</sup> FRANCO, Divaldo Pereira. *Perispírito*. In “*Estudos Espíritas*”, cap. 4, pp. 40 e 41.

<sup>167</sup> KARDEC, Allan. *Os fluidos*. In “*A Gênese*”, cap. 14, item 7.

## 2.3 - Três Particularidades

Dentro de um universo de particularidades que envolvem o perispírito, três merecem detenharmos um pouco nossa atenção.

### 2.3.1 - O Cordão Fluídico

Toda literatura religiosa de todos os povos tem registros de um “cordão de prata” que liga o Espírito ao corpo, normalmente só visível em ocasião de desprendimentos ou desligamentos. O que seria então esse cordão, seria uma outra coisa que não o perispírito?

A lógica e as evidências nos têm demonstrado que se trata de uma particularidade do perispírito. O cordão fluídico funciona, para nos servirmos de uma comparação, como o cordão umbilical para o feto. É um “laço” prendendo o corpo espiritual ao corpo físico, só que extremamente flexível e expansível, o qual serve para manter o Espírito jungido ao corpo. Tanto que, dito cordão serve para nos identificar no plano espiritual como encarnados quando para ali vamos em “desprendimento”. Esta, inclusive, é uma observação do próprio Kardec, que acrescenta: “Por meio dessa comunicação entre o Espírito e o corpo, é que aquele recebe aviso, qualquer que seja a distância a que se ache do segundo, da necessidade que este possa experimentar da sua presença, caso em que volta ao seu invólucro com a rapidez do relâmpago. Daí resulta que o corpo não pode morrer durante a ausência do Espírito e que não pode acontecer que este, ao regressar, encontre fechada a porta, conforme hão dito alguns romancistas (...)”<sup>168</sup>

Kardec faz dois registros bem interessantes: “Meu Espírito se destaca um pouco de meu corpo, mas é como um balão cativo, preso pelas cordas. Quando o balão recebe solavancos, produzidos pelo vento, o poste onde está amarrado sente a comoção dos abalos, transmitidos pelas amarras. Meu corpo representa o poste para o meu Espírito, com a diferença que experimenta sensações desconhecidas do poste e que tais sensações fatigam bastante o cérebro”. (Resposta dada por um Espírito encarnado evocado, sobre a questão do sofrimento do corpo. )

Depois ele relata que havia na Inglaterra “(...) um médium vidente, dotado de grande força que, toda vez que se apresentava o Espírito de um vivo, notava um fio luminoso, partindo do peito, através do espaço, não interrompido por qualquer obstáculo material, e que ia terminar no corpo; era uma espécie de cordão umbilical, que unia as duas partes momentaneamente separadas do ser vivo. Nunca o observou quando não havia vida corpórea. Era assim que reconhecia se o Espírito era de um morto ou de um vivo”<sup>169</sup>.

No Antigo Testamento também temos evidências: “Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os maus dias (...)”

“(...) Antes que se rompa o *fio de prata*. e se despedace o copo de ouro, e se quebre o cântaro, junto à fonte, e se desfça a toda junto ao poço,

“e o pó volte a terra, como o era (...)”<sup>170</sup> (grifamos). Parece muito clara a referência ao cordão fluídico.

### 2.3.2 - O Duplo Etérico

Quando o Dr. Jorge Andréa estuda o perispírito no seu “Forças Sexuais da Alma”, considera que “Não poderíamos deixar de aventar as possibilidades da existência de um campo energético apropriado entre o perispírito e o corpo físico, o duplo etérico. Seria uma zona vibratória ocupando posição de destaque em face dos fenômenos conhecidos de materialização. Acreditamos que o campo energético dessa zona, em suas expansões com a do perispírito, se entrelalice nas irradiações do campo físico e forneça excelente material na formulação dos fenômenos psicocinéticos e outros tantos dessa esfera parapsicológica. Com isso, poderíamos explicar muitas das curas que os chamados passes magnéticos podem propiciar, em

<sup>168</sup> KARDEC, Allan. *Da bicorporeidade e da transfiguração*. In “O Livro dos Médiuns”, 2ª Parte, cap. 7, item 118.

<sup>169</sup> LIGAÇÃO ENTRE espírito e corpo. “Revista Espírita”, maio 1859, pp. 139 e 140.

<sup>170</sup> *Eclesiastes*, 12, vv. 1, 6 e 7.

autênticas transfusões de energias - expansões da aura humana”<sup>171</sup>. Concordamos com sua hipótese, admitindo que podemos considerar o duplo etérico como uma extensão do perispírito e não necessariamente um agente destacado e independente daquele; seria como que uma das “camas” do perispírito que, por suas funções de interligação do perispírito propriamente dito com o corpo físico, retém uma maior quantidade fluídica de consistência organo-molecular (fisiológica) que psíquica. Entretanto, não queiramos inferir daí que ele seja mais corpo que perispírito ou vice-versa; ele é um campo mais denso que o perispiritual por onde as energias espirituais se “condensam” em direção ao corpo, e, de forma reversa, recebe os impulsos físicos, processando uma reconversão para os sentidos psíquicos e direcionando-os aos arquivos perispiríticos, mentais, inconscientes e espirituais.

Pela origem esotérica do termo e do fato de Kardec não ter tratado diretamente deste “campo”, surgem algumas opiniões refratárias à hipótese, mas, que ela é bem plausível e sinaliza com grandes possibilidades de perquirição e demonstração, isto é inegável. Tanto que poderíamos inferir que os Espíritos da Codificação a ele se referiam quando afirmaram: “Acompanha os que da Terra partem, sobretudo os que alimentaram paixões bem acentuadas, *uma espécie de atmosfera que os envolve. conservando-lhes o que têm de mau*, por não se achar o Espírito inteiramente desprendido da matéria”<sup>172</sup> (grifamos), e completam adiante<sup>173</sup>: “Pelo simples fato de haver deixado o corpo, o Espírito não se acha completamente desprendido da matéria e continua a pertencer ao mundo onde acabou de viver (...)”. Como se vê, não há aí uma referência direta ao perispírito, senão através de uma de suas particularidades, com uma conotação muito própria. No nosso entender, o duplo etérico.

A Teosofia atribui ao duplo etérico duas funções principais<sup>174</sup>: a de absorver o Prâna (fluido vital), enviando-o a todas as regiões do corpo físico, e a de servir de intermediário entre o corpo físico e o corpo astral (perispírito?). Seria ainda nele, segundo essa Escola, que se encontraram localizados os “centros de força”

Há quem considere o duplo etérico apenas como uma das expressões da aura. O Dr. Kilner nos leva a crer que ele seja uma das partes desta, a mais interna, posto que ele subdivide a aura em três partes: duplo etérico, aura interna e aura externas<sup>175</sup>, afirmando que o duplo etérico constitui-se de uma camada escura, transparente e uniforme, rodeando o corpo físico, com espessura aproximada de 0,5 a 1,0 cm. Já a aura interna é a camada mais densa, com espessura de 10 a 15 cm, enquanto a aura externa começa logo após a interna e estende-se até cerca de 20 a 25 cm a contar da superfície do corpo. Estas medidas são padrões médios, podendo haver variações, sendo que as duas últimas camadas podem ser fundidas e comporem um único “clarão”.

Alguns também assinalam uma quarta camada áurica, a qual é igualmente externa e muito tênue e difusa, conhecida como a Ultra Exterior<sup>176</sup>.

Apesar dessas colocações, não iremos considerar o duplo etérico como uma simples emanção áurica ou mero estado profundo daquele campo, mas um verdadeiro campo energético, ao qual a Literatura Espírita tão bem conceituou, na palavra de André Luiz, na figura do “corpo vital”

Presentemente, não investigaremos as particularidades desse campo pois fugiríamos do propósito do presente registro, porém, reconhecemos a necessidade de se aprofundar os conhecimentos sobre tal assunto pois por seu intermédio não apenas elucidaríamos muitas das dúvidas que nos absorvem os questionamentos advindos da própria fluidoterapia, como do fenômeno vital e de certas questões da “morte”, tais como: como se dá, tecnicamente, o sofrimento dos suicidas, dos que morrem pela eutanásia; por que pessoas acidentadas não padecem os mesmos sintomas dos suicidas; o que é e como Espíritos inferiores vampirizam nossas energias; o que se passa com os perispíritos dos abortados; etc.

### 2.3.3 - A Aura

<sup>171</sup> ANDREA, Jorge. *Perispírito ou psicossoma*. In “*Forças Sexuais da Alma*”, cap. 1, pp. 36 e 37.

<sup>172</sup> KARDEC, Allan. In “*O Livro dos Espíritos*”, 2ª Parte, cap. 6, questão 229.

<sup>173</sup> KARDEC, Allan. In “*O Livro dos Espíritos*”, 2ª Parte, cap. 6, questão 232.

<sup>174</sup> POWELL, Arthur E. *Descrição geral*. In “*O Duplo Etérico*”, cap. 1, pp. 13 e 35.

<sup>175</sup> POWELL, Arthur E. *Descrição geral*. A obra do Dr. Walter J. Kilner. In “*O Duplo Etérico*”, cap. 21, p. 124.

<sup>176</sup> *Veja-se 'Espírito, Perispírito e Alma'*, cap. 3, “*Perispírito e Alma da Individualidade*”, p. 66.

Começemos com André Luiz: “(...) É claramente compreensível que todas as agregações celulares emitam radiações e que essas radiações se articulem, através de sinergias funcionais, a se constituírem de recursos que podemos nomear por “tecidos de força”, em torno dos corpos que as exteriorizam.

“Todos os seres vivos, por isso, dos mais rudimentares aos mais complexos, se revestem de um “halo energético” que lhes corresponde a natureza.

“No homem, contudo, semelhante projeção surge profundamente enriquecida e modificada pelos fatores do pensamento contínuo que, em se ajustando às emanções do campo celular, lhe modelam, em derredor da personalidade, o conhecido corpo vital ou duplo etéreo de algumas escolas espiritualistas, duplicata mais ou menos radiante da criatura.

“(…) Aí temos, nessa conjugação de forças físico-químicas e mentais, a aura humana, peculiar a cada indivíduo, interpenetrando-o, ao mesmo tempo que parece emergir dele, à maneira de campo ovóide, não obstante a feição irregular em que se configura, valendo por espelho sensível em que todos os estados da alma se estampam com sinais característicos e em que todas as idéias se evidenciam, plasmando telas vivas (...)

“Fotosfera psíquica, entretecida em elementos dinâmicos, atende a cromática variada, segundo a onda mental que emitimos, retratando-nos todos os pensamentos em cores e imagens que nos respondem aos objetivos e escolhas, enobrecedores ou deprimentes”.

“(…) A aura é, portanto, a nossa plataforma onipresente em toda comunicação com as rotas alheias, antecâmara do Espírito, em todas as nossas atividades de intercâmbio com a vida que nos rodeia, através da qual somos vistos e examinados pelas Inteligências Superiores, sentidos e reconhecidos pelos nossos afins, e temidos e hostilizados ou amados e auxiliados pelos irmãos que caminham em posição inferior a nossa.

“Isso porque exteriorizamos (...) o reflexo de nós mesmos, nos contactos do pensamento a pensamento, sem necessidade das palavras para as simpatias ou repulsões fundamentais”<sup>177</sup>. (Grifamos)

Notemos alguns pontos:

1. André Luiz não classifica as emanções dos seres não humanos como “auras”, mas, de “halo energético”, constituído por “tecidos de força”, assim sinalizando-nos sensível diferença entre as irradiações humanas das dos demais reinos terrenos.

2. No homem, portanto, além das irradiações celulares, vigem as decorrentes do pensamento, da atividade mental contínua do ser, impondo variações tonais e estruturais as mesmas.

3. Por ser nossa irradiação emitida diretamente ao meio externo, por nossa aura comunicamos ao mundo, material e espiritual, nossa faixa de vibração; não é ela, contudo, Espírito ou perispírito; apenas emanção deste último, como ressonância do duplo etérico ou “corpo vital”, com impregnações morais do primeiro, e orgânicas do corpo.

4. Quando ela é detectada, mostramo-nos exatamente como e o que somos - física, psíquica e moralmente —, e não o que queremos ser.

Em face da comunhão entre as projeções físicas e psíquicas registradas na aura, só poderíamos esperar que sua variedade, em todos os sentidos, fosse demasiadamente grande. Para se ter uma ideia, nos registra Keith Sherwood que “O Conselho Britânico de Cores catalogou as cores da aura e descobriu 1.400 tons de azul; 1.000 matizes de vermelho; mais de 1.400 tons de marrom; mais de 80 tons de verde; 55 laranja; 36 matizes de violeta; e mais 12 tons de branco”, mostrando-nos, assim, a que fascinante variedade de cores está submetida a aura. Continua Sherwood no mesmo texto: “É aceito entre os pesquisadores que têm estudado a aura que ela tem uma forma mais ou menos oval e segue o perfil do corpo humano, ainda que haja variações. Pessoas com maior vitalidade terão uma aura mais forte e conseqüentemente ela se estenderá para o corpo físico. Assim, a composição da aura varia de pessoa para pessoa. A textura, bem co-

---

<sup>177</sup> XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Mediunidade e corpo espiritual*. In “Evolução em Dois Mundos”, cap. 17, itens *Aura humana e Mediunidade inicial*, pp. 129 e 130.

mo a cor e o tamanho, parece indicar a disposição de uma pessoa. A textura geralmente revela o caráter da pessoa, enquanto a forma e a cor demonstram sua saúde e condições emocionais”<sup>178</sup> (Grifamos).

Mas, ao contrário do que possa parecer, a aura não é uma parafernália desorganizada; seu estudo requer seriedade e profundidade pois, a partir dele, chegaremos a grandes conclusões, como as que foram expressadas acima, ou outras, como as compiladas pelo Dr. Jorge Andréa: “Os tecidos doentes mostram sempre uma aura turva, como no caso dos tumores degenerativos; o tecido sadio está sempre límpido. Tem-se observado que nas pequenas modificações, manchas ou turvações, em auras de indivíduos considerados sadios, com o tempo a doença se instala na zona física. Isto fez que se pensasse que a maioria das doenças físicas teria origem nas desestruturações dos campos perispirituais e, o que é mais importante, poderiam ser anotadas antes de sua instalação nas células da zona material”. O mesmo Jorge Andréa, do alto de suas conclusões, vaticina: “Dia haverá em que as biópsias serão coisas do passado (...)”<sup>179</sup>.

Concluindo, além de pesquisas puramente físicas e laboratoriais, outros métodos de estudo da aura são conhecidos, entre os quais destacamos o “tato-magnético” e a vidência mediúnica. Quanto ao primeiro, veja-se detalhes adiante no capítulo VIII; no tocante à vidência, mesmo reconhecendo sua importância nas pesquisas mediúnicas, fazemos uma ressalva, usando as palavras do Prof. Herculano Pires: “A leitura da aura é uma técnica de avaliação das condições espirituais das pessoas através da vidência. Mas é ponto pacífico no Espiritismo que a vidência não oferece nenhuma condição de segurança para servir de instrumento de pesquisa. (...) Não há, até o momento, nenhum meio científico de se verificar objetivamente os graus de percepção mediúnica ou o grau de espiritualidade de uma pessoa. Além disso, o vidente que examina a aura de alguém sofre as mesmas variações provenientes da instabilidade psi-orgânica e emocionais”<sup>180</sup> (grifos originais). Acrescentamos que, além das observações com fins mediúnicos como foram abordadas, insere-se igual raciocínio sobre as repercussões da saúde orgânica e psíquica do vidente, no fenômeno.

## 2.4 - Propriedades do Perispírito

O perispírito, por sua tessitura, organização, flexibilidade e expansibilidade, fornece inúmeras condições de ação ao Espírito, mesmo quando encarnado, condições essas que podemos chamar de propriedades do perispírito, sem, com isso, desconhecermos que o propulsor de toda e qualquer ação é o Espírito.

Para que essas propriedades se tornem evidentes, necessário se atenda às leis dos fluidos, no que tange as suas condições de afinidade, quantidade necessária e qualidade dos fluidos, além de, em alguns casos, o conhecimento e a elevação moral da parte do Espírito que “manuseia” tais fluidos. Sinteticamente, teríamos:

### 2.4.1 - Aparições

Nos diz Allan Kardec: “Por sua natureza e em seu estado normal, o perispírito é invisível (...). Pode ele sofrer modificações que o tornem perceptível à vista, quer por meio de uma espécie de condensação, quer por meio de uma mudança na disposição de suas moléculas. Aparece-nos então sob uma forma vaporosa.

“A condensação (...) pode ser tal que o perispírito adquira as propriedades de um corpo sólido e tangível, conservando, porém, a possibilidade de retomar instantaneamente seu estado etéreo e invisível (...)

“(...) Não basta que o Espírito queira mostrar-se; não basta tampouco que uma pessoa queira vê-lo; é necessário que os dois fluidos possam combinar-se, que entre eles haja uma espécie de afinidade e também, porventura, que a emissão do fluido da pessoa seja suficientemente abundante para operar a transformação do perispírito e, provavelmente, que se verifiquem ainda outras condições que desconhecemos”<sup>181</sup>.

<sup>178</sup> SHERWOOD, Keith. *A diagnose da cura e a aura*. In “*A arte da cura Espiritual*”, cap. 10, item *As características da aura*, p. 114.

<sup>179</sup> ANDRÉA, Jorge. *Reflexões sobre o campo organizador da forma*. In “*Enfoques Científicos na Doutrina Espírita*”, p.33.

<sup>180</sup> PIRES, Herculano. *Grau de mediunidade*. In “*Mediunidade (vida e comunicação)*”, cap. 13, p. 111.

<sup>181</sup> KARDEC, Allan. *Das manifestações visuais*. In “*O Livro dos Médiuns*”. 2ª Parte. cap. 6, item 105.

## 2.4.2 - Tangibilidade

Assevera Kardec: “Conforme o grau de condensação do fluido perispírico (...) pode, mesmo, chegar, até, à tangibilidade real, ao ponto de o observador se enganar com relação à natureza do ser que tem diante de si”<sup>182</sup>.

## 2.4.3 - Transfiguração

“O perispírito das pessoas vivas goza das mesmas propriedades que o dos Espíritos. (...) O daquelas não se acha confinado no corpo: irradia e forma em torno deste uma espécie de atmosfera fluidica. Ora, pode suceder que, em certos casos e dadas as mesmas circunstâncias, ele sofra uma transformação (...): a forma real e material do corpo se desvanece sob aquela camada fluidica, se assim nos podemos exprimir, e toma por momentos uma aparência inteiramente diversa, mesmo a de outra pessoa ou a do Espírito que combina seus fluidos com os do indivíduo (...)

“O fenômeno da transfiguração pode operar-se com intensidades muito diferentes, conforme o grau de depuração do perispírito, grau que sempre corresponde ao da elevação moral do Espírito. Cinge-se às vezes a uma simples mudança no aspecto geral da fisionomia, enquanto que doutras vezes dá ao perispírito uma aparência luminosa e esplêndida”<sup>183</sup> (Allan Kardec)

## 2.4.4 - Bicorporeidade

Foi considerada por Kardec como uma variedade das manifestações visuais, pois que se assenta sobre as mesmas propriedades do perispírito já que, “(...) Quer o homem esteja vivo, quer morto, traz sempre o envoltório semimaterial que (...) pode tornar-se visível (...)”<sup>184</sup>.

“Isolado do corpo, o Espírito de um vivo pode, como o de um morto, mostrar-se com todas as aparências da realidade. Demais (...), pode adquirir momentânea tangibilidade. Este fenômeno, conhecido pelo nome de bicorporeidade, foi que deu azo às histórias de homens duplos (...)”<sup>185</sup> (grifo original).

Esta propriedade, asseveram os Espíritos da Codificação, requer elevação moral da parte do Espírito que vai produzir tais modificações em seu perispírito.

Uma ressalva, porém, merece ser feita: não devemos confundir a bicorporeidade com a bilocação pois enquanto a primeira precisa que a segunda se de, a recíproca não é verdadeira. Para ocorrer a bicorporeidade, carece que o Espírito se desloque, se afaste de seu corpo físico e, onde se manifeste, necessário produza transformações em sua constituição molecular perispiritual a fim de se fazer visto; já para ele se deslocar (bilocação), necessário se dê apenas a primeira parte do fenômeno pois o Espírito pode se desprender sem, contudo, ser visto ou apreendido pelos sentidos comuns.

Outro cuidado é o de não se confundir bicorporeidade e bilocação com o dom da ubiqüidade, o qual o Espírito não possui, visto que ele é uma unidade indivisível, apesar de poder irradiar em múltiplas direções<sup>186</sup>.

## 2.4.5 - Penetrabilidade

Corolário! Esta é a melhor definição para a condição de penetrabilidade atribuída ao perispírito. Por isso mesmo, afirma Kardec: “Outra propriedade do perispírito inerente à sua natureza etérea é a penetrabi-

---

<sup>182</sup> KARDEC, Allan. *Os fluidos*. In “A Gênese”, cap. 14, item 35, *Aparições, - Transfigurações*.

<sup>183</sup> KARDEC, Allan. *Manifestações dos Espíritos*. In “Obras Póstumas”, item 22.

<sup>184</sup> KARDEC, Allan. *Da bicorporeidade e da transfiguração*. In “O Livro dos Médiuns”, cap. 7.

<sup>185</sup> KARDEC, Allan. *Da bicorporeidade e da transfiguração*. In “O Livro dos Médiuns”, cap. 7, item 119.

<sup>186</sup> Veja-se: *Forma e ubiqüidade dos Espíritos*. In “O Livro dos Espíritos”, Parte 2ª, cap. 1, questão 92, p. 84 e cap. 2, questão 137, p. 105.

lidade. Matéria nenhuma lhe opõe obstáculo: ele as atravessa todas, como a luz atravessa os corpos transparentes. Daí vem não haver tapagem capaz de obstar à entrada dos Espíritos (...)"<sup>187</sup>.

## 2.4.6 - Emancipação

Afirmam os Espíritos que “Durante o sono, afrouxam-se os laços que o prendem ao corpo e, não precisando este então da sua presença, ele se lança pelo espaço e entra em relação mais direta com os outros Espíritos”<sup>188</sup> (grifos originais). Mais enfaticamente, afirmam igualmente que “o sono liberta a alma parcialmente do corpo. Quando dorme, o homem se acha por algum tempo no estado em que fica permanentemente depois que morre”<sup>189</sup>.

## 2.5 - Funções do Perispírito

André Luiz nos apresenta importantes informações acerca das funções do perispírito, iniciando por dizer que este não é um reflexo do corpo físico, porque, na realidade, é o corpo físico que o reflete, tanto quanto ele próprio, o corpo espiritual, retrata em si o corpo mental que lhe preside a formação.

“Do ponto de vista da constituição e função em que se caracteriza na esfera imediata ao trabalho do homem, após a morte, é o corpo espiritual o veículo físico por excelência, com sua estrutura eletromagnética, algo modificado no que tange aos fenômenos genésicos e nutritivos, de acordo, porém, com as aquisições da mente que o maneja”. E conclui mais adiante:

“Claro está, portanto, que é ele santuário vivo em que a consciência imortal prossegue em manifestação incessante, além do supulcro, formação sutil, urdida em recursos dinâmicos, extremamente porosa e plástica, em cuja tessitura as células, noutra faixa vibratória, em face do sistema de permuta visceralmente renovado, se distribuem mais ou menos à feição das partículas colóides, com a respectiva carga elétrica, comportando-se no espaço segundo a sua condição específica, e apresentando estados morfológicos conforme o campo mental a que se ajusta”<sup>190</sup>.

Enquanto com André Luiz nos voltamos ao perispírito sob um ângulo de visão espiritual, Allan Kardec nos leva a uma preciosa análise, onde podemos perceber os melindres da ação do Espírito no corpo versus perispírito, num verbo genérico, mas, profundamente singelo: “Tendo a matéria que ser objeto do trabalho do Espírito para desenvolvimento de suas faculdades, era necessário que ele pudesse atuar sobre ela, pelo que veio habitá-la, como o lenhador habita a floresta. Tendo a matéria que ser, ao mesmo tempo, objeto e instrumento do trabalho, Deus, em vez de unir o Espírito a pedra rígida, criou, para seu uso, corpos organizados, flexíveis, capazes de receber todas as impulsões da sua vontade e de se prestarem a todos os seus movimentos”. E prossegue:

“(…) Para ser mais exato, é preciso dizer que é o próprio Espírito que modela o seu envoltório e o apropria às suas novas necessidades; aperfeiçoa-lhe e lhe desenvolve e completa o organismo, à medida que experimenta a necessidade de manifestar novas faculdades; numa palavra, talha-o de acordo com a sua inteligência.

“(…) Desde que um Espírito nasce para a vida espiritual, têm, por adiantar-se, que fazer uso de suas faculdades, rudimentares a princípio. Por isso é que reveste um envoltório adequado ao seu estado de infância intelectual (...)”<sup>191</sup>. Dito isso, numa conclusão definitiva ele ratifica:

“Pela sua essência espiritual, o Espírito é um ser indefinido, abstrato, que não pode ter ação direta sobre a matéria, sendo-lhe indispensável um intermediário, que é o envoltório fluídico, o qual, de certo modo, faz parte integrante dele”<sup>192</sup>.

Concluindo, voltando a palavra de André Luiz, anotamos que é o corpo espiritual que “Preside no campo físico a todas as atividades nervosas, resultantes da entrosagem de sinergias funcionais diversas”<sup>193</sup>

<sup>187</sup> KARDEC, Allan. *Forma e ubiqüidade dos Espíritos*. In “*O Livro dos Espíritos*”. Parte 2ª, item 106.

<sup>188</sup> KARDEC, Allan. *Da emancipação da alma*. In “*O Livro dos Espíritos*”, cap. 8, item *O sono e os sonhos*, questão 401.

<sup>189</sup> KARDEC, Allan. *Da emancipação da alma*. In “*O Livro dos Espíritos*”, cap. 8, item *O sono e os sonhos*, questão 402.

<sup>190</sup> XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Corpo espiritual* In “*Evolução em Dois Mundos*”, cap. 2, item *Retrato do corpo espiritual*, pp. 25 e 26.

<sup>191</sup> KARDEC, Allan. *Gênese Espiritual*. In “*A Gênese*”, cap. 11, itens 10 e 12.

<sup>192</sup> KARDEC, Allan. *Gênese Espiritual*. In “*A Gênese*”, item 17.



pois, do enunciado por Kardec, o Espírito administra a formação do perispírito, “apropriando-o às suas novas necessidades”, entre as quais inserimos: de arquivos das memórias; de modelador da organização fisiobiológica; de forma reflexa dos arquivos pretéritos; etc.

### 2.5.1 - Registro das Formas

Por ser o perispírito um corpo fluídico, ao tempo em que é o mediador entre o Espírito e o corpo, pode sofrer marcas, mutações, lesões mesmo, que só um trabalho igualmente fluídico pode reparar, seja pela ação fluídico-magnética, seja pela mentalização equilibrada. Comprova-o o fato de vermos, ouvirmos e sabermos de tantos Espíritos desencarnados que trazem profundas marcas, fortes deformações em seus perispíritos, como decorrência de desvios pretéritos, regeneráveis pela assimilação moral de uma doutrinação cristã, conjugada à terapia do passe, e todo um processo de arrependimento e reforma íntima que, no seguimento, se estabiliza via etapas reencarnatórias corretivas.

Quando se é Espírito Superior, já se tem poder de adaptar a forma perispiritual à vontade; caso contrário, nossas forças mentais negativas, inferiores, intermitentes, nos impõem formas discrepantes, mossas aparentemente inextinguíveis, que só o tempo, alimentado pela renovação interior e pela reparação dos antigos débitos, poderá: patrocinar os reparos devidos quando, então, a força da fluidoterapia se faz por demais vigorosa.

Se nosso corpo físico recebe impressões perispirituais para sua feição, abastecendo-se para esse mister, igualmente, nas fontes genéticas da hereditariedade, quando desabrocha no plano espiritual “A forma individual em si obedece ao reflexo mental dominante (...)”

“(...) Releva observar que, se o progresso mental não é positivamente acentuado, mantém a personalidade desencarnada, nos planos inferiores, por tempo indefinível, a plástica que lhe era própria entre os homens. E, nos planos relativamente superiores, sofre processos de metamorfose, mais lentos ou mais rápidos, conforme suas disposições íntimas (...)”

“(...) O aspecto que as entidades desencarnadas assumem perante os médiuns humanos (...) pode variar infinitamente.

“(...) É importante considerar, todavia, que os Espíritos desencarnados, mesmo os de classe inferior, guardam a faculdade de exteriorizar os fluidos plasticizantes que lhes são peculiares, espécie de aglutininas mentais com que envolvem a mente mediúnica encarnada (...)” (André Luiz)<sup>194</sup>.

Não há, portanto, como enganar, no mundo espiritual, sobre nosso verdadeiro mundo interior pois, a exemplo da parábola do festim das bodas (Mateus, XXII, vv. 1 a 14), quando Iá chegarmos, teremos que estar vestidos com a “túnica nupcial”, sob pena de nos sujeitarmos à Lei de Justiça em seu aspecto reparativo. Só que esta túnica, numa imagem mais diretamente relacionada ao perispírito, sofre mutações oriundas das aglutinações mentais de nossa realidade intrínseca; se somos equilibrados, nada há que comprometa sua “alvura”; entretanto, se nosso padrão é o da instabilidade moral, seu colorido será destoante.

### 2.5.2 - Na Reencarnação

Assim se expressa Allan Kardec: “Quando o Espírito tem de encarnar num corpo humano em vias de formação, um laço fluídico, que mais não é do que uma expansão do seu perispírito, o liga ao gérmen que o atrai por uma força irresistível, desde o momento da concepção. À medida que o gérmen se desenvolve, o laço se encurta. Sob a influência do *principio vito-material do gérmen*, o perispírito, que possui certas propriedades da matéria, se une, *molécula a molécula*, ao corpo em formação, donde o poder dizer-se que o Espírito, por intermédio do seu perispírito, se enraíza, de certa maneira, nesse gérmen, como uma planta na terra. Quando o gérmen chega ao seu pleno desenvolvimento, completa é a união; nasce então o ser para a vida exterior”<sup>195</sup>. (Grifos originais)

<sup>193</sup> XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Mecanismos da mente. In “Evolução em Dois Mundos”, cap. 16, item Importância da encefalização, p. 124.

<sup>194</sup> XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. Mecanismos da mente. IN “Evolução em Dois Mundos”, 2ª Parte, caps. 4 e 5, pp. 176 a 179.

<sup>195</sup> KARDEC, Allan. Gênese espiritual. In “A Gênese”, cap. 11, itens 18 e 20.

A palavra do Dr. Jorge Andréa também é bem objetiva: “O perispírito, representando a capa externa do Espírito, serviria de filtro e tela de suas manifestações. Apesar de apresentar intenso dinamismo psíquico, superior ao da zona consciente ou zona física, dirige os campos celulares físicos por influência do próprio Espírito donde é dependente”.

“O perispírito é zona que sofre modificações intensas nos processos reencarnatórios, passando por condições de miniaturização e mesmo perda de algumas energias, pois, ao se acercar do ovo para impulsionar a sua morfogênese, estará elaborando uma nova estruturação que responderá por um novo corpo físico. Se, no perispírito, estivessem sediados todos os arquivos do ser, é claro, que as intensas transformações do mecanismo reencarnatório afetariam a estruturação de imortalidade. Dessa forma, as aptidões que são absorvidas nas experiencições que o ser passa diante das diversas etapas reencarnatórias estariam nas zonas definitivas do Espírito e refletidas no perispírito, zona dimensionalmente mais densa que a primeira e, por isso, mais apropriada às correlações com a matéria. Destarte, a matéria recebe o que necessita do impulso espiritual pelas telas perispirituais; estas, embora apresentando um campo avançado de trabalho, não são a sede das energias criativas da vida”<sup>196</sup>.

Com estas palavras de Jorge Andréa, o assunto abordado no item 2.2 acima é recolocado, deixando claro o entendimento que se pode e se deve dar a certas atribuições do perispírito. Ressaltamos apenas que o Dr. Jorge Andréa, em sua hipótese de trabalho, faz considerações colocando o perispírito de forma destacada face outros componentes (capas) do perispírito propriamente dito, pelo que recomendamos seja buscada a obra referenciada para um melhor entendimento de sua postura.

### 2.5.3 - Na Desencarnação

Sigamos com Kardec, prolongando a citação (79) acima: “Por um efeito contrário, a união do perispírito e da matéria carnal, que se efetuara sob a influência do princípio vital do germen, cessa, desde que esse princípio deixa de atuar, em consequência da desorganização do corpo. Mantida que era por uma força atuante, tal união se desfaz, logo que essa força deixa de atuar.

Então, o perispírito se desprende, molécula a molécula, conforme se uníra, e ao Espírito é restituída à liberdade. Assim, *não é a partida do Espírito que causa a morte do corpo; esta é que determina a partida do Espírito* “. (grifos originais)

### 2.5.4 - Na Evolução

Assim comentou o assistente Calderan, com André Luiz sobre o perispírito: “Estamos diante do órgão perispiritual do ser humano, adeso à duplicata física, da mesma forma que algumas partes do corpo camal têm estreito contacto com o indumento. Todo o campo nervoso da criatura constitui a representação das potências perispiríticas, vagorosamente conquistadas pelo ser, através de milênios e milênios. Em renascendo entre as formas perecíveis, nosso corpo sutil, que se caracteriza, em nossa esfera menos densa, por extrema leveza e extraordinária plasticidade, submete-se, no plano da Crosta, às leis de recapitulação, hereditariedade e desenvolvimento fisiológico, em conformidade com o mérito ou demérito que trazemos e com a missão ou o aprendizado necessáns”<sup>197</sup>.

Um pouco mais adiante, fazendo ligação entre o perispírito e o corpo, o mesmo Calderaro nos informa: “Comparando (...) nossa situação com o estado menos lúcido de nossos irmãos encarnados, importa não nos esqueça que os nervos, o córtex motor e os lobos frontais (...) constituem apenas regulares pontos de contacto entre a organização perispiritual e o aparelho físico, indispensáveis, uma e outro, ao trabalho de enriquecimento e de crescimento do ser eterno. Em linguagem mais simples, são respiradouros dos impulsos, experiências e noções elevadas da personalidade real que não se entingue no túbulo, e que não suportariam a carga de uma dupla vida. Em razão disto, e atendendo aos deveres impostos à consciência de vigília para os serviços de cada dia, desempenham função amortecedora (...)”<sup>198</sup>.

<sup>196</sup> ANDRÉA, Jorge. Reflexões sobre o campo organizador da forma. In “Enfoques Científicos na Doutrina Espírita”, pp. 32 e 33.

<sup>197</sup> XAVIER, Francisco Cândido. Estudando o cérebro. In “No Mundo Maior”, cap. 4, pp. 54 e 55.

<sup>198</sup> XAVIER, Francisco Cândido. Estudando o cérebro. In “No Mundo Maior”, cap. 4, pp. 60 e 61.

Nisso tudo vemos a perfeita conjugação dos componentes trinos que somos. O perispírito, como veículo do Espírito, projetando-se sobre a matéria, propicia-lhe vida, espiritualiza-a mesmo, posto que, lhe imprime não apenas vitalidade, mas, lhe induz a um contacto direto com a “mente”; por sua vez, subtrai a essência da experiência, assim respondendo ao mesmo agente que lhe solicita estímulos por evoluir.

Allan Kardec nos lembra que “Sendo um dos elementos constitutivos do homem, o perispírito desempenha importante papel em todos os fenômenos psicológicos e, até certo ponto, nos fenômenos fisiológicos e patológicos”<sup>199</sup> (grifamos).

Tanto é verdade que André Luiz reforça dizendo: “(...) em qualquer estudo acerca do corpo espiritual, não podemos esquecer a função preponderante do automatismo e da herança na formação da individualidade responsável, para compreendermos a inexecuibilidade de qualquer separação entre a Fisiologia e a Psicologia, porquanto ao longo da atração no mineral, da sensação no vegetal e do instinto no animal, vemos a crisálida de consciência constituindo as suas faculdades de organização, sensibilidade e inteligência, transformando, gradativamente, toda a atividade nervosa em vida psíquica”<sup>200</sup> (Grifamos). Para assimilarmos melhor, continuemos com André Luiz: “De modo geral, porém, a etiologia das moléstias perduráveis, que afligem o corpo físico e o dilaceram, guardam no corpo espiritual as suas causas profundas (...)

“É assim que o remorso provoca distonias diversas em nossas forças recônditas, desarticulando as sinergias do corpo espiritual, criando predisposições mórbidas para essa ou aquela enfermidade (...) Todavia, (...) detemos conosco os resíduos mentais da culpa, qual depósito de lodo no fundo de calma piscina, e que, um dia, virão a tona de nossa existência, para a necessária expunção, à medida que se nos acentue o devotamento à higiene mental”<sup>201</sup>. E simplifica numa outra obra<sup>202</sup>: “A doença, como resultante de desequilíbrio moral, sobrevive no perispírito, alimentada pelos pensamentos que a geraram, quando esses pensamentos persistem depois da morte do corpo físico”.

Sigamos um pouco mais com o Iúcido Espírito que é André Luiz: “Enquanto não se aprimore, é certo que o Espírito padecerá, em seu instrumento de manifestação, a resultante dos próprios erros. Esses desajustes, como é natural, não se limitam a comunidade das células físicas, quando em disfunções múltiplas por força dos agentes mentais viciados e enfermos; estendem-se, muito especialmente, à constituição do corpo espiritual, a refletir-se no cérebro ou gabinete complexo da alma, aí ocasionando os diversos sintomas de perturbação do campo encefálico, acompanhados dos fenômenos psico-sensoriais que produzem alucinações e doenças da mente. (...)

“Torturada por suas próprias ondas desorientadas, a reagirem, incessantes, sobre os centros e mecanismos do corpo espiritual, cai a mente nas desarmonias e fixações conseqüentes e, porque o veículo de células extrafísicas que a serve, depois da morte, é extremamente influenciável, ambienta nas próprias forças os desequilíbrios que a senhoreiam, consolidando-se-lhe, desse modo, as inibições que, em futura existência, dominar-lhe-ão temporariamente a personalidade, sob a forma de fatores mórbidos, condicionando as disfunções de certos recursos do cérebro físico, por tempo indeterminado”<sup>203</sup>.

Atuando de forma direta ou indireta, impressionando ou sendo impressionado, agindo ou reagindo, o perispírito, como ponte, ligação, intermediário, canal emissor/captador, aparelho transmissor/receptor, e tantas coisas mais, transmuda-se no retrato não só da imagem de um corpo físico, mas no do arquivo vivo do Espírito, no exato degrau de evolução em que este estagia, como encarnado ou desencarnado, bruto ou angelizado, inconsciente ou Iúcido, aqui ou além. Por isso já nos asseverava Léon Denis: “O invólucro fluídico do ser depura-se, ilumina-se ou obscurece-se, segundo a natureza elevada ou grosseira dos pensamentos em si refletidos. Qualquer ato, qualquer pensamento repercute e grava-se no perispírito. Daí as

---

<sup>199</sup> KARDEC, Allan. *Manifestações dos Espíritos*. In “*Obras Póstumas*”, item 12.

<sup>200</sup> XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Automatismo e corpo espiritual*. In “*Evolução em Dois Mundos*”, cap. 4, item *Automatismo e herança*, p. 39.

<sup>201</sup> XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Predisposições mórbidas*. In “*Evolução em Dois Mundos*”, cap. 19, pp. 211 e 212.

<sup>202</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Ante o serviço*. In “*Nos Domínios da Mediunidade*”, cap. 4, p. 40.

<sup>203</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Obsessão*. In “*Mecanismos da Mediunidade*”, cap. 24, itens *Pensamento e obsessão e Perturbações morais*, pp. 156 a 158.

conseqüências inevitáveis para a situação da própria alma, embora esta seja sempre senhora de modificar o seu estado pela ação contínua que exerce sobre seu invólucro”<sup>204</sup>.

Reveste-se, portanto, de significativa importância o perispírito nos campos energéticos da evolução por este se urdir não só de fluidos eminentemente físicos, densos, mas por igualmente se entretecer com as emanações psicomentais do Espírito, seu detentor.

### 2.5.5 - No Passe

Podendo o Espírito, “(...) Pela ação de sua vontade, operar na matéria elementar uma transformação íntima, que lhe confira determinadas propriedades”, já que “Esta faculdade é inerente a natureza do Espírito que muitas vezes a exerce de modo instintivo, quando necessário, e sem disso se aperceber”<sup>205</sup> e sabendo-se - conforme veremos no capítulo VIII - que “(...) Papel capital desempenha a vontade em todos os fenômenos do magnetismo”, “Assim se explica a faculdade de cura pelo contacto e pela imposição das mãos”<sup>206</sup> (Kardec), podemos inserir que, como o perispírito é o meio de veiculação da vontade do Espírito, cabe a ele o papel transformador e reativo nos e dos fluidos, especialmente quando movimentados nos trabalhos do passe. Daí a necessidade de o passista ser uma pessoa equilibrada, pois, sua vontade, por carecer de uma base firme, não pode, para fornecer saúde e harmonia, calcar-se numa estrutura movediça de moral vacilante e tonicidade intermitente. Ademais, “Se as paixões baixas e materiais perturbam, obscurecem o organismo fluídico, os pensamentos generosos, em um sentido oposto, as ações nobres apuram e dilatam as moléculas perispiríticas. Sabemos que as propriedades da matéria aumentam com seu grau de pureza”<sup>207</sup>, é o que nos lembra Léon Denis.

O Espírito Anacleto, pelo registro de André Luiz, nos ensina que “Assim como o corpo físico pode ingerir alimentos venenosos que intoxicam os tecidos, também o organismo perispiritual pode absorver elementos de degradação que lhe corroem os centros de força, com reflexos sobre as células materiais”<sup>208</sup>, tudo isso provindo das atividades mentais negativas ou excessivamente presas aos limites da matéria. Por esse motivo é que podemos fazer refrão com o Espírito Áulus quando nos diz que estampamos “(...) no próprio corpo espiritual os sofrimentos de que (somos) portadores”<sup>209</sup>.

A ser verdade tudo isso - e de fato o é —, torna-se final e decisivo que o perispírito tem participação impar nos fenômenos e nas manifestações mediúnicas e anímicas, sendo ele, portanto, o intermediário vital e indispensável da transmissão fluídica por ocasião do passe, da prece em favor dos outros e de nós mesmos, do próprio magnetismo pessoal e do intercâmbio com o chamado “reino dos mortos”.

Concluindo nosso estudo, busquemos André Luiz mais uma vez para observarmos como se dá o desprendimento do perispírito de um médium em serviço, através da ajuda do passe aplicado pelo plano espiritual: “Aproximou-se dele o irmão Clementino e, a maneira do magnetizador comum, impôs-lhe as mãos aplicando-lhe passes de longo circuito.

“Castro como que adormeceu devagarinho, inteiriçando-se-lhe os membros.

“Do tórax emanava com abundância um vapor embranquiçado que, em se acumulando à feição de uma nuvem, depressa se transformou, à esquerda do corpo denso, numa duplicata do médium, em tamanho ligeiramente maior.

“Nosso amigo como que se revelava mais desenvolvido, apresentando todas as particulandades de sua forma física, apreciavelmente dilatadas.

“(...) Enquanto o equipamento fisiológico descansava, imóvel, Castro, tateante e assombrado, surgia, junto de nós, numa cópia estranha de si mesmo, porquanto, além de maior em sua configuração exterior, apresentava-se azulada a direita e alaranjada a esquerda.

“Tentou movimentar-se, contudo, parecia sentir-se pesado e inquieto (...)

<sup>204</sup> DENIS, Léon. *A vontade e os fluidos*. In “*Depois da Morte*”, cap. 32, p. 208.

<sup>205</sup> KARDEC, Allan. *Do laboratório do mundo invisível*. In “*O Livro dos Médiuns*”, cap. 8, item 129.

<sup>206</sup> KARDEC, Allan. *Do laboratório do mundo invisível*. In “*O Livro dos Médiuns*”, cap. 8, item 131.

<sup>207</sup> DENIS, Léon. *A vontade e os fluidos*. In “*Depois da Morte*”, cap. 32, p. 210.

<sup>208</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Passes*. In “*Missionários da Luz*”, cap. 19, p. 325.

<sup>209</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Ante o serviço*. In “*Nos Domínios da Mediunidade*”, cap. 4, pp. 41 e 42.

“Clementino renovou as operações magnéticas e Castro, desdobrado, recuou, como que se justapondo novamente ao corpo físico.

“Venfiquei, então, que desse contacto resultou singular diferença. O corpo carnal engolira, instintivamente, certas faixas de força que imprimiam manifesta irregularidade ao perispírito, absorvendo-as de maneira incompreensível para mim.

“Desde esse instante, o companheiro, fora do vaso de matéria densa, guardou o porte que lhe era característico”<sup>210</sup>.

Das últimas palavras, ficam algumas questões que o leitor poderia, como sugestão, meditar a respeito:

1. Que seriam “passes de longo circuito” que o irmão Clementino aplicou em Castro?
2. Que vapor seria esse que saiu do corpo de Castro?
3. Por que Castro, se revelara maior, em perispírito, que seu corpo? Como e por que isso se dá?
4. Que cordão vaporoso era aquele que ligava Castro ao corpo?
5. Por que teria havido necessidade de uma segunda aplicação de passe?
6. Que se pensar das cores azul e laranja; cada uma num lado distinto do corpo espiritual de Castro?
7. Afinal, o que teria sido “engolido”, do perispírito de Castro, por seu próprio corpo?

São questões que, se não puderem ser bem respondidas por enquanto, depois que tivermos concluído o livro o leitor terá, com certeza grandes soluções. Portanto, vamos em frente!

## 2.6 - Uma Rápida Conclusão

O perispírito, este nosso companheiro de estrada ou, melhor dizendo, este nosso melhor indumento, necessita ser bem conhecido; afinal, não se trata de uma mera vestimenta física ou de uma insígnia para fazer registrar o “status” de seu possuidor. Muito mais que isso, é uma “máquina” multiuso, de poderes tão variados e para atendimento de finalidades tão diversas que desconhecê-lo é, no mínimo, desperdício injustificável, mormente por quem quer extrair-lhe os melhores produtos. Assim como um computador, que quase nada vale se não sabemos usá-lo, o perispírito perde muito de suas potencialidades se lhe atribuirmos apenas a importante, mas limitada, função de gerenciar as atividades diretas e exclusivas de ligar o Espírito ao corpo. Assim como o computador não é, em si mesmo, inteligente, o perispírito igualmente não o é por não ser Espírito; enquanto o computador guarda funções e executa tarefas tão avançadas e de maneira tão eficiente, por resoluções que evidenciam a inteligência do homem que o concebeu e o opera, o perispírito, por um automatismo divino, interpreta o Espírito que lhe preside a existência. Assim como do computador não precisamos, necessariamente, entender a sua estrutura mecânica, física, elétrica e eletrônica para podermos operá-lo com proveito, mas, carecemos aprender a manuseá-lo, segundo sua concepção “filosófica” e fazer uso dos dispositivos para tal destinados, semelhantemente podemos deduzir que o Espírito em essência, nos é ainda inabordável, mas, é quase imperiosa a necessidade de conhecermos este indumento, suas funções e sob que leis se rege para, dessa maneira, extrairmos de sua essência, todas as suas potencialidades funcionais.

Quando inserimos o perispírito de forma destacada neste capítulo, foi porque ele é o melhor (e talvez o único, por enquanto) meio de entendermos e alcançarmos o Espírito, já que, suas evidências e seus registros deixados ao longo do tempo nos facilitam o entendimento. Por ele podemos avaliar funcionamento, limites e regência de leis na elaboração do relacionamento que temos, cada um de nós, com a matéria; e por ser fluidico, temos (e já o fizemos) como comprovar que sua estrutura funcional obedece às leis dos fluidos e, portanto, dirigido pela ação psíquica do seu senhor, o Espírito.

Fechemos esta parte deste capítulo com a palavra do Espírito Lamennais:

---

<sup>210</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Desdobramento em serviço*. In “*Nos Domínios da Mediunidade*”, cap. 11, pp. 97 e 98.

“O que uns chamam de *perispírito* não é senão o que outros chamam de envoltório material fluídico. Direi (...) que esse fluido é a perfectibilidade dos sentidos, a extensão da vista e das idéias. Falo aqui dos Espíritos elevados. Quanto aos Espíritos inferiores, os fuidos terrestres ainda Ihe são de todo inerentes; logo, como vedes, matéria. Daí os sofrimentos da fome, do frio, etc., sofrimentos que os Espíritos Superiores não podem experimentar, visto que os fuidos terrestres se acham depurados em torno do pensamento, isto é, da alma. (...) O perispírito, para nós outros Espíritos errantes, é o agente por meio do qual nos comunicamos convosco, quer indiretamente, pelo vosso corpo ou pelo vosso perispírito, quer diretamente, pela vossa alma; donde, infinitas modalidades de médiuns e de comunicações.

“Agora o ponto de vista científico, ou seja: a essência mesma do perispírito. Isto é outra questão. Compreendi primeiro, moralmente. Resta apenas uma discussão sobre a natureza dos fluidos, coisa por ora inexplicável. A ciência ainda não sabe o bastante, porém Já chegará, se quiser caminhar com o Espiritismo. O perispírito pode variar e mudar ao infinito. A alma é o pensamento: não muda de natureza. Não vades mais longe, por este lado; trata-se de um ponto que não pode ser explicado. Supondes que, como vós, também eu não perquiro? Vós pesquisais o perispírito; nós outros, agora, pesquisamos a alma. Esperai, pois”<sup>211</sup> (grifo original).

### 3 - CENTROS DE FORÇA

Procuraremos fazer uma ligação entre os três “assuntos complementares”, recorrendo às palavras do Codificador: “Pela sua união íntima com o corpo, o perispírito desempenha preponderante papel no organismo. Pela sua expansão, põe o Espírito encarnado em relação mais direta com os Espíritos livres e também com os Espíritos encarnados”.

“O pensamento do encarnado atua sobre os fluidos espirituais, como o dos desencarnados, e se transmite de Espírito a Espírito pelas mesmas vias e, conforme seja bom ou mau, saneia ou vicia os fluidos ambientes”.

“(…) Sendo o perispírito dos encarnados de natureza idêntica a dos fluidos espirituais, ele os assimila com facilidade, como uma esponja se embebe de um líquido. Esses fuidos exercem sobre o perispírito uma ação tanto, mais direta quanto, por sua expansão e sua irradiação, o perispírito com eles se confunde”.

“Atuando esses fuidos sobre o perispírito, este, a seu turno, reage sobre o organismo material com que se acha em contacto molecular. Se os eflúvios são de boa natureza, o corpo ressentido uma impressão salutar; se forem maus, a impressão é penosa. Se são permanentes e enérgicos, os eflúvios maus podem ocasionar desordens físicas; não é outra a causa de certas enfermidades.

“Os meios onde superabundam os maus Espíritos são, pois, impregnados de maus fluidos que o encarnado absorve pelos poros perispiríticos, como absorve pelos poros do corpo os miasmas pestilenciais”<sup>212</sup> (grifamos).

Antes que detalhemos o assunto, indagamos: que seriam esses “poros perispirituais” a que se referiu Kardec? E quando ele questionou os Espíritos se a alma seria exterior ou interior ao corpo, que teriam quando os Espíritos realmente expressar com “A alma é o centro de todos os envoltórios, como o gérmen em um núcleo (...)”<sup>213</sup>?

#### 3.1 - Definições

Praticamente em toda e qualquer literatura que trate do assunto, nos depararemos com a ligação entre as terminologias: Centros de Força (também chamados de Centros Vitais por André Luiz) e chakras, sendo frisado que a palavra Chakra significa roda, em sânscrito.

Outra concordância comum é quanto a sua condição energética:

<sup>211</sup> KARDEC, Allan. *Dos sistemas*. In “*O Livro dos Médiuns*”, 1ª Parte, cap. 4.

<sup>212</sup> KARDEC, Allan. *Os fluidos*. In “*A Gênese*”, cap. 14, item 18.

<sup>213</sup> KARDEC, Allan. *Da encarnação dos Espíritos*. In “*O Livro dos Espíritos*”, Parte 2ª, cap. 2, item A alma, questão 141.

“(…) Podem ser encarados como vórtices de força” - Peter Rendel<sup>214</sup>;

“Os chakras, ou centros de força, são pontos de conexão ou enlace pelos quais flui a energia de um a outro veículo ou corpo do homem” - Leadbeater<sup>215</sup>;

“Estes chakras funcionam como terminais, através dos quais a energia (prana) é transferida de planos superiores para o corpo físico” - Keith Sherwood<sup>216</sup>;

“Centros de Força ou Rodas são acumuladores e distribuidores de força espiritual, situados no corpo etéreo pelos quais transitam os fluidos energéticos (...)” - Edgard Armond<sup>217</sup>;

“Chakra é considerado como um intermediário de transferência de energia entre duas dimensões vizinhas do ser, tanto como um centro proporciona a conversão de energia entre um corpo e sua mente correspondente” - Hiroshi Motoyama<sup>218</sup>;

“CHAKRAS SÃO CENTROS PSIQUICOS que estão sempre ativos no corpo, não importa se temos ou não consciência deles. A energia se move através dos chakras para produzir diferentes estados psíquicos” - Harish Johari<sup>219</sup> (Maiúsculas originais); e tantas e tantas outras.

### 3.1.1 - A Visão Espírita

Capturando as questões que propusemos há pouco, apesar de não podermos afirmar que por “poros perispiríticos” tenha Kardec explicitado os centros de força, nem que por “envoltórios” tampouco tenha se referido diretamente aos “corpos ou capas do espírito” tal como ensinados pelo esoterismo, não podemos esquecer que, pelo genérico com que muitos assuntos foram abordados, fica aberta a possibilidade de tirarmos algumas ilações de suas palavras mesmo que elas não tragam o cunho do explícito. Isto, contudo, não pode ser argumento para se importar ou se impor qualquer teoria ou hipótese ao corpo doutrinário: vale para que busquemos raciocínios, informações e, inclusive, crivemos coisas universalmente conhecidas e estudadas por doutrinas espiritualistas, pela ótica sempre avançada e firme do Espiritismo.

Tendo partido de constatação como esta, foi que, alguns Espíritos da maior credibilidade e autores com insuspeita isenção de ânimos e apurados sentidos críticos e analíticos, houveram por bem trazer à Doutrina Espírita tão ricos e profícuos estudos. Por eles, constatamos que os Centros de Força não constituem parte intrínseca da estrutura do Espírito, pois, são instrumentos desenvolvidos no corpo espiritual com o fim de realizar as adequações devidas entre os aspectos exteriores e interiores da realidade espiritual do ser imortal. Nosso confrade Jorge Andréa esclarece bem o assunto: “Vários estudos têm mostrado a existência, no perispírito, de discos energéticos (chakras), como verdadeiros controladores das correntes de energias, centrífugas (do Espírito para a matéria) ou centrípetas (da matéria para o Espírito), que aí se instalam como manifestações da própria vida. Esses discos energéticos comandariam, com as suas “superfunções”, as diversas zonas nervosas e de modo particular o sistema neurovegetativo, convidando, através dos genes e código genético, ao trabalho ajustado e bem ordenado da arquitetura neuroendócrina”<sup>220</sup>.

“Como não desconhecem - diz o Espírito Clarêncio —, o nosso corpo de matéria rarefeita está íntimamente regido por sete centros de força, que se conjugam nas ramificações dos plexos que, vibrando em sintonia uns com os outros, ao influxo do poder diretriz da mente, estabelecem, para nosso uso, um veículo de células elétricas, que podemos definir como sendo um campo eletromagnético, no qual o pensamento vibra em circuito fechado”<sup>221</sup>. E completa: “Nossa posição mental determina o peso específico do nosso envoltório espiritual e, conseqüentemente, o “habitat” que Ihe compete. Mero problema de padrão vibratório”, acrescentando mais adiante: “Tal seja a viciação do pensamento, tal será a desarmonia no centro de força, que reage em nosso corpo a essa ou àquela classe de influxos mentais”<sup>222</sup> (grifamos).

<sup>214</sup> RENDEL, Peter. *Introdução*. In “Os Chakras”, p. 11.

<sup>215</sup> LEADBEATER, C. W. *Centros de força*. In “Os Chakras”, cap. 1, item Os centros, p. 19.

<sup>216</sup> SHERWOOD, Keith. *Os chakras*. In “A Arte da Cura Espiritual”, cap. 6, p. 65.

<sup>217</sup> ARMOND, Edgard. *Centros de força*. In “Passes e Radiações”, cap. 2, p. 46.

<sup>218</sup> MOTOYAMA, Hiroshi. *Introdução*. In “Teoria dos Chakraas”, item Os chakras e os nadis, p. 21.

<sup>219</sup> JOHARI, Harish. *Prefácio*. In “Chakras”, p. 9.

<sup>220</sup> ANDRÉA, Jorge. *Perispírito ou psicossoma*, In “Forças Sexuais da Alma”, cap. 1, p. 36.

<sup>221</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Conflitos da Alma*. In “Entre a Terra e o Céu”, cap. 20, p. 126.

<sup>222</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Conflitos da Alma*. In “Entre a Terra e o Céu”. cap. 20, p. 127.

Para estabelecer, em definitivo, o assunto, segundo a ótica espírita, deixamos com Clarêncio e André Luiz a palavra, na qual poderemos constatar o caráter sempre voltado para a moralidade com que ela, a Doutrina, se posiciona: “- Cada “centro de força” - ponderou André Luiz - exigirá absoluta harmonia, perante as Leis Divinas que nos regem, a fim de que possamos ascender no rumo do Perfeito Equilíbrio (...)

“- Sim - confirmou Clarêncio —, nossos deslizes de ordem moral estabelecem a condensação de fluidos inferiores de natureza gravitante, no campo eletromagnético de nossa organização, compelindo-nos a natural cativo em derredor das vidas começantes às quais nos imantamos”<sup>223</sup> (grifamos).

### 3.1.2 - A Visão Esoterista

Mesmo reconhecendo que as energias espirituais e mentais são preponderantes na ação desses centros de força, algumas escolas preferem se ater mais aos aspectos físicos ou, diríamos, mais materiais da questão, criando, inclusive, imagens para expressá-los como centros anímicos, igrejas, Íotus, estrelas, divindades, ou endereçando-os a prováveis correspondentes físicos, como os plexos, ou a elementos como o azoto, o éter, o ar, o fogo, a água e a Terra.

De uma forma genérica, no esoterismo não encontramos uma uniformidade sobre quase nada que diz respeito a tal assunto ou coligados, a começar pela definição do número de centros de força, como é o caso do budismo tibetano:

“Os chakras ou plexos psíquicos (em tibetano: khor-lo, literalmente “roda”) são os centros circulares formados sobre a veia central pela intersetção de muitas veias sutis e pela coleção de várias essências.

“(...) No sistema tântrico tibetano há um máximo de seis chakras principais, em confronto com os sete do sistema hindu. Só se usam, de hábito, cinco chakras na visualização interior tibetana e, não raro, só se menciona três”<sup>224</sup>. Por este exemplo se vê que a questão do número é bem imprecisa. Portanto, não iremos nos fixar no caráter absoluto que alguns autores querem dar a suas hipóteses mas apenas aventaremos alguns pontos para conformar com nossas necessidades de entendimento e comparação.

O estudo dos chakras, assim como do perispírito, remonta a uma antiguidade muito distante. Por ter sido transmitido quase sempre de forma iniciática e muito privada, esteve restrito durante milênios e limitados ao oriente. Entrementes, ao contrário do que imaginava quem acreditava estivesse tal assunto, por assim tratado, isento de desvios e universalidade, ocorreu exatamente o contrário; o assunto ganhou as ruas, muitos adaptaram entendimentos, alguns impuseram ilações próprias e hoje é comum se encontrar, em qualquer livraria, literatura sobre o assunto. Contudo, é desnorteante o fato de não haver uma concordância entre os diversos autores sobre coisas, inclusive, consideradas básicas. Assim nos pronunciamos, no intuito de alertar quem queira conhecer o assunto com maior aprofundamento, quanto ao cuidado que deve ter quando estudar e interpretar as obras concernentes. Particularmente, tivemos dúvidas e entendimentos muito contraditórios quando tentamos estudar tal tema em sua vez primeira; e o fator causador foi exatamente essa falta de concordância. E como o assunto, além de envolver algumas abordagens, por subjetivas demais, complexas, invariavelmente é tratado de uma maneira muito mística e misteriosa, fica difícil um discernimento mais seguro enquanto não se tiver vasculhado um bom número de obras.

A visão esoterista dos chakras, portanto, não poderia, nem conviria, ser resumida neste espaço pois se assim fizéssemos criaríamos um emaranhado de conjugações de termos e valores que só traria mais problemas que soluções. Por isso, para quem queira proceder um aprofundamento na área, recomendamos sejam buscadas muitas obras, lidas todas mas tendo-se em mente, sempre, a recomendação paulina de que “leiamos tudo, retendo apenas o que for bom”. Neste campo, mais que em outros, todo cuidado é pouco!

## 3.2 - Sua Classificação

Busquemos a palavra do Espírito Clarencio a respeito: “Analisando a fisiologia do perispírito, classifiquemos os seus centros de força, aproveitando a lembrança das regiões mais importantes do corpo terres-

<sup>223</sup> XAVIER, Francisco, *Cândido. Conversação edificante*. In “Entre a Terra e o Céu”, cap. 21, pp. 131 a 133.

<sup>224</sup> CLIFFORD, Terry. *A medicina tântrica*. In “A Arte de Curar no Budismo Tibetano”, cap. 5, item *Os chakras e a esplendida visão interior*, p. 104.



tre. Temos, assim, por expressão máxima do veículo que nos serve presentemente, o “centro coronário” que, na Terra, é considerado pela filosofia hindu como sendo o lótus de mil pétalas, por ser o mais significativo em razão do seu alto potencial de radiações, de vez que nele assenta a ligação com a mente, fulgurante sede da consciência. (...) Logo após, anotamos o “centro cerebral”, contíguo ao “centro coronário” (...). Em seguida, temos o “centro laríngeo” (...). Logo após, identificamos o “centro cardíaco” (...). Prosseguindo em nossas observações, assinalamos o “centro esplênico” (...). Continuando, identificamos o “centro gástrico” (...) e, por fim temos o “centro genésico”.

“(…) Tudo é trabalho da mente no espaço e no tempo, a valer-se de milhares de formas, a fim de purificar-se e santificar-se para a Glória Divina”<sup>225</sup> (grifamos).

### 3.3 - Sua Localização

Uma coisa podemos ter como certa: os centros de força têm seus correspondentes (não confundir com “suas identidades”) no corpo orgânico; partindo daí podemos fazer uma localização geográfica, correspondendo-os aos plexos com que se relacionam, desde que, atentemos para o fato de que os centros de força em si não se acham encerrados no corpo físico, mas no perispírito pelo que eles podem se encontrar, como são registrados pelos estudos da aura, externos ao corpo orgânico, ainda que se afunilem em direção àquele. E quando dizemos “se afunilem”, o dizemos de forma literal, pois, as informações existentes, sobre a forma dos centros de força, são concordes em todas as Escolas, ou seja: são como funis que giram num determinado sentido, formando minifuracões, mini-redemoinhos, com a “boca” desses funis direcionada ao espaço etérico (vide FIGURAS 2.A e 2.B).

Dessa forma teríamos:

<u>Centro de Força</u>	<u>Plexo Correspondente</u>	<u>Localização</u>
Coronário	Coronário	Alto da cabeça
Frontal	Frontal (Carótico)	Fronte (Lobo frontal)
Laríngeo	Laríngeo (Faríngeo)	Na garganta
Cardíaco	Cardíaco	Sobre o coração
Gástrico (Solar)	Gástrico (Solar)	Sobre o estômago
Esplênico	Esplênico (Mesentérico)	Sobre o baço
Genésio (Básico)	Coccígeo (Hipogástrico)	Baixo ventre

Como já vimos acima, o confrade Jorge Andéa preferiu chamar os chakras de “discos energéticos”, relacionando-os ao perispírito (psicossoma). Assim se expressa ele: “A zona mais externa do psicossoma, onde se expressam os discos energéticos, é a mais rica de vibrações e colorido, variando de um para outro disco, na dependência da importância fisiológica de que estão investidos”. São muitos; mas os principais e dignos de citação são em número de sete, e, pela localização, podemos classificá-los em:

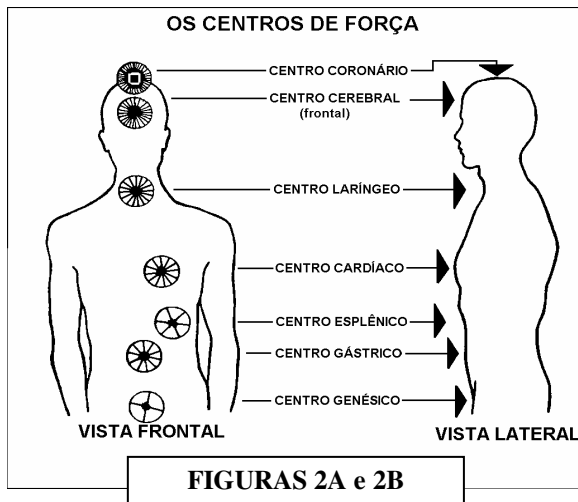
- “a) epifisiário - no centro do crânio;
- “b) frontal - ao nível do lobo frontal;
- “c) laríngeo - na região cervical (pescoço);
- “d) cardíaco - na região pericardial (coração);
- “e) solar - na região epigástrica (correspondendo ao fígado);
- “f) esplênico - na região esplênica (correspondendo ao baço); e
- “g) hipogástrico ou genésico - na região hipogástrica (correspondendo á bexiga)<sup>226</sup>.

### 3.4 - Suas Funções

<sup>225</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Conflitos da Alma*. In “Entre a Terra e o Céu”, cap. 20, p.128.

<sup>226</sup> ANDRÉA, Jorge. *Psicossoma*. In “Nos Alicerces do Inconsciente”, cap. 2, p.69.

Um fator que nos faz ponderar acerca de uma necessidade, tão-só meridiana, de conhecermos o assunto é a parcimônia com que os Espíritos sérios têm tocado no tema; enquanto alguns a eles se referem inpassant, mencionando-os por terem sido acionados e não adiantando nada mais além, apenas com André Luiz registramos uma infomação mais direta, mais aberta, mais explícita.



Isto posto, iremos ver as funções desses sete centros de força, com moderada reflexão, a fim de que a precipitação não nos projete a emaranhados de dúvidas, nem nos fixemos no comodismo de desconhecer esses verdadeiros canais de assimilação e projeção do perispírito. Afinal, concordemos ou não, para que tenhamos um aprofundamento dos conhecimentos que envolvem a fluidoterapia, faz-se indispensável consideremos, ainda que por hipótese apenas, os centros de força.

### 3.4.1 - Do Centro Coronário

Assim se refere o Espírito Clarêncio: “(...) Nele assenta a ligação com a mente, fulgurante sede da consciência. Esse centro recebe em primeiro lugar os estímulos do Espírito, comandando os demais, vibrando todavia com eles em justo regime de interdependência. Considerando (...) os fenômenos do corpo físico, e satisfazendo aos impositivos da simplicidade (...), dele emanam as energias de sustentação do sistema nervoso e suas subdivisões, sendo o responsável pela alimentação das células do pensamento e o provedor de todos os recursos eletromagnéticos indispensáveis à estabilidade orgânica. É, por isso, o grande assimilador das energias solares e dos raios da Espiritualidade Superior, capazes de favorecer a sublimação da alma”<sup>227</sup>.

André Luiz, que registrou as informações acima, diz mais em outra obra<sup>228</sup>, quando relaciona ditos centros de força com o perispírito, neste identificando “O centro coronário, instalado na região central do cérebro, sede da mente, centro, que assimila os estímulos do Plano Superior e orienta a forma, o movimento, a estabilidade, o metabolismo orgânico e a vida consciencial da alma encarnada ou desencarnada, nas cintas de aprendizado que Ihe corresponde no abrigo planetário. O centro coronário supervisiona, ainda, os outros centros vitais que Ihe obedecem ao impulso, procedente do Espírito, assim como as peças secundárias de uma usina respondem ao comando da peça-motor de que se serve o tirocínio do homem para concatená-las e dirigi-las”. E acrescentou: “Temos particularmente no centro, coronário o ponto de interação entre as forças determinantes do Espírito e as forças fisiopsicossomáticas organizadas.

“Dele parte, desse modo, a corrente de estímulos espirituais com ação difusível sobre a matéria mental que o envolve, transmitindo aos demais centros da alma os reflexos vivos de nossos sentimentos, idéias e ações, tanto quanto esses mesmos centros, interdependentes entre si, imprimem semelhantes reflexos nos órgãos e demais implementos de nossa constituição particular, plasmando em nós próprios os efeitos agradáveis ou desagradáveis de nossa influência e Conduta”<sup>229</sup>.

### 3.4.2 - Do Centro Cerebral

Continuemos com a palavra de Clarêncio<sup>230</sup>: “(...) Anotamos o “centro cerebral”, contíguo ao “centro coronário”, que ordena as percepções de variada espécie, percepções essas que, na vestimenta carnal, constituem a visão, a audição, o tato e a vasta rede de processos da inteligência que dizem respeito à Palavra, à Cultura, à Arte, ao Saber. É no “centro cerebral” que possuímos o comando do núcleo endócrino, referente aos poderes psíquicos”.

<sup>227</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Conflitos da Alma*, In “Entre a Terra e o Céu”, cap. 20, p.127.

<sup>228</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Corpo espiritual*. In “Evolução em Dois Mundos”, cap. 2, item Centros vitais, p.26.

<sup>229</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Corpo espiritual*. In “Evolução em Dois Mundos”, item Centro coronário, p. 27.

<sup>230</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Conflitos da Alma*, In “Entre a Terra e o Céu”, cap. 20, p.127.

André Luiz novamente acrescenta mais algum detalhe<sup>231</sup>: “Desses centros secundários, entrelaçados no psicossoma, e, conseqüentemente, no corpo físico, por redes plexiformes, destacamos o centro cerebral contíguo ao coronário, com influência decisiva sobre os demais, governando o córtice encefálico na sustentação dos sentidos, marcando a atividade das glândulas endócrinas e administrando o sistema nervoso, em toda a sua organização, coordenação, atividade e mecanismo, desde os neurônios sensitivos até as células efectoras (...)”.

Pela exposição das funções desses dois primeiros centros de força, onde a espiritualidade já consigna ao primeiro o título de centro principal e, ao segundo, o de mais importante dos secundários, podemos, clara e linearmente, perceber a importância maior dos que estão acima sobre os que lhe são subsequentes, na disposição “geográfica” do corpo humano. Isto é valioso ser registrado, pois, estes dois centros de força têm excepcional importância não apenas na vida física, como na psíquica e na espiritual propriamente dita; registre-se, portanto, o valor que é dado à seqüência “alto para baixo”, “partes superiores a partes inferiores”, “cabeça aos pés”, etc. Esta seqüência, a nível de grau de importância, não é privativa dos Espíritos nem dos espíritas; ela é comum a todas as filosofias e escolas que estudam os chakras, apesar de várias delas, na hora da prática, esquecerem este “pequeno detalhe”. Precisaremos dessa observação mais adiante.

### 3.4.3 - Do Centro Laríngeo

Voltamos a palavra a Clarêncio<sup>232</sup>: “Em seguida, temos o “centro laríngeo”, que preside aos fenômenos vocais, inclusive às atividades do timo, da tireóide e das paratireóides”, “(...) controlando notadamente a respiração e a fonação”<sup>233</sup>. André Luiz.

### 3.4.4 - Do Centro Cardíaco

Continuemos, respectivamente, com Clarêncio<sup>234</sup> e André Luiz<sup>235</sup>: “Logo após, identificamos o “centro cardíaco”, que sustenta os serviços da emoção e do equilíbrio geral (...)”, “(...) dirigindo a emotividade e a circulação das forças de base”.

Jorge Andréa, se referindo ao “disco cardíaco”, lembra ainda que ele “responderia pelas energias em todo o aparelho circulatório, dando orientação aos fenômenos da zona de “vitalização”<sup>236</sup>.

### 3.4.5 - Do Centro Esplênico

Permita-nos o leitor continuemos com Clarêncio e André Luiz, na mesma seqüência e obras como vimos fazendo: “(...) Assinalamos o “centro esplênico”, que, no corpo denso, está sediado no baço, regulando a distribuição e a circulação adequada dos recursos vitais em todos os escaninhos do veículo de que nos Servimos”, “(...) determinando todas as atividades em que se exprime o sistema hemático, dentro das variações de meio e volume sanguíneo”.

### 3.4.6 - Do Centro Gástrico

E vamos prosseguindo com a mesma dupla acima, na mesma ordem: “(...) Identificamos o “centro gástrico”, que se responsabiliza pela penetração de alimentos e fluidos em nossa organização”, e “pela digestão e absorção dos alimentos densos ou menos densos que, de qualquer modo, representam concentrados fluidicos penetrando-nos a organização”.

### 3.4.7 - Do Centro Genésico

<sup>231</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Corpo espiritual*. In “Evolução em Dois Mundos”, cap. 2, item Centros vitais, p.26.

<sup>232</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Conflitos da Alma*, In “Entre a Terra e o Céu”, cap. 20, p.127.

<sup>233</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Corpo espiritual*. In “Evolução em Dois Mundos”, cap. 2, item Centros vitais, p.26.

<sup>234</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Conflitos da Alma*, In “Entre a Terra e o Céu”, cap. 20, p.127.

<sup>235</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Corpo espiritual*. In “Evolução em Dois Mundos”, cap. 2, item Centros vitais, p.26.

<sup>236</sup> ANDRÉA, Jorge. *Psicossoma*. In “Nos Alicerces do Inconsciente”, cap. 2, p. 69.

Concluamos com os mesmos Espíritos que nos orientaram nos seis centros anteriores, na mesma sequência: “(...) Por fim, temos o “centro genésico”, em que se localiza o santuário do sexo, como templo modelador de formas e estímulos”, por isso mesmo “(...) Guiando a modelagem de novas formas entre os homens ou o estabelecimento de estímulos criadores, com vistas ao trabalho, à associação e à realização entre as almas”.

### 3.4.8 - Gerais

Já tivemos oportunidade de registrar que o Espírito André Luiz também tituló os centros de força como “centros vitais”; eis, então, sua visão mais generalizada dos mesmos: “São os centros vitais fulcros energéticos que, sob a direção automática da alma, imprimem às células a especialização extrema, pela qual o homem possui no corpo denso, e detemos, no corpo espiritual em recursos equivalentes, as células que produzem fosfato e carbonato de cálcio para a construção dos ossos, as que se distendem para a recobertura do intestino, as que desempenham complexas funções químicas no fígado, as que se transformam em filtros do sangue na intimidade dos rins e outras tantas que se ocupam do fabrico de substâncias indispensáveis à conservação e defesa da vida nas glândulas, nos tecidos e nos órgãos que nos constituem o cosmo vivo de manifestação”<sup>237</sup>. Mas ele não parou por aí: “(...) Os centros vitais (...) são também exteriorizáveis, quando a criatura se encontre no campo da encarnação, fenômeno esse a que atendem habitualmente os médicos e enfermeiros desencarnados, durante o sono vulgar, no auxílio a doentes físicos de todas as latitudes na Terra, plasmando renovações e transformações no comportamento celular, mediante intervenções no corpo espiritual, segundo a lei do merecimento, recursos esses que se popularizarão na medicina terrestre do grande futuro”<sup>238</sup>.

No prosseguimento, André Luiz nos fala desses centros no indivíduo que desencarna, os quais, como resultante no perispírito, sofrem variações, “segundo o equilíbrio emotivo e o avanço cultural daqueles que o governam (...), apresentando transformações fundamentais (...) principalmente no centro gástrico, pela diferenciação dos alimentos de que se provê, e no centro genésico, quando há sublimação do amor, na comunhão das almas que se reúnem no matrimônio divino das próprias forças, gerando novas fórmulas de aperfeiçoamento e progresso para o reino do Espírito”<sup>239</sup>.

Assim encontramos André Luiz, com sua visão espiritual, fazendo verdadeira precognição quanto ao futuro da Ciência Médica, quando do encontro desta com as realidades do perispírito e dos centros de força, não por extensão de um materialismo que se torna, a cada dia, mais filosófico e metafísico, mas pela evidência irrefutável do impalpável - com sói acontece às ondas de uma emissora de rádio - que se tornará captável, não apenas pelos sentidos psíquicos e mediúnicos, porém pela parafernália eletrônica que se avizinha do nosso cotidiano comum, de forma irreversível, avassaladora. Neste campo específico, a obra “Teoria dos Chakras” de Hiroshi Motoyama já apresenta, ao final, toda uma maquinaria eletrônica por ele utilizada para medir campos e pontos energéticos do corpo humano e, segundo ele, astral também. Dito autor, hoje, é ovacionado por muitos cientistas de várias partes do mundo pelo cunho muito sério que vem dando às suas pesquisas.

### 3.4.9 - Exemplos de Passes nos Centros de Força

Até mesmo para não tornar a leitura cansativa, faremos apenas dois registros de exemplos, onde fica bem evidenciada a ação dos passes por interveniência dos centros de força; ambos exemplos serão extraídos de uma mesma obra espírita, posto que as palavras de André Luiz e Clarêncio, já mencionadas, deixam claro que este assunto não é, necessariamente, doutrina estranha.

“O obsessor dominava-o, quase completamente, acoplando-se aos centros de forças com toda a pujança do desejo irrefreável.

“(...) A única medida apaziguadora e oportuna será um ligeiro sono.

<sup>237</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Corpo espiritual*. In “Evolução em Dois Mundos”, cap. 2, item Centros vitais e células, p.

28.

<sup>238</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Corpo espiritual*. In “Evolução em Dois Mundos”, item Exteriorização dos centros vitais,

p. 29.

<sup>239</sup> FRANCO, Divaldo Pereira. *Nefasta planificação desarticuladora*. In “Loucura e Obsessão”, cap. 14, pp. 174 e 175.

“Acercou-se do leito (...) e aplicou-lhe energias relaxadoras, que, adicionadas ao desgaste emocional dos momentos vividos, passaram a um efeito quase imediato.

“Dirigidas aos centros cerebral e solar, acalmaram-lhe a mente e as emoções inferiores (...)”<sup>240</sup> (Márcio Philomeno de Miranda) (grifos originais).

“(...) Conseguiu, também, através da aplicação correta de bioenergia nos centros coronário e cerebral, diluir as ideoplastias (...)”<sup>241</sup>.

Uma outra fonte riquíssima de informações, mormente sobre os centros coronário e genésico, se encontra na obra “No Mundo Maior” de André Luiz, onde o aprofundamento das questões do cérebro e da mente são de uma riqueza indescritível. Deixamos ao leitor a sugestão dessa infatigável e enriquecedora leitura.

### 3.5 - Desarmonia dos Centros de Força

Desde que podemos assimilar a ação dos centros de força até mesmo por força das ações orgânicas do corpo humano, de igual sorte podemos entender que sua desarmonia, sua disfunção, repercutirá diretamente nos veículos somático e perispiritual, pelo que importa tenhamos-los harmonizados, equilibrados, em perfeito funcionamento.

Já observamos que nossa condução mental influi, direta e decisivamente, em nosso hálito fluídico, e este, por sua vez, impressiona nosso "corpo e espiritual"; se equilibrado e hármonico, transubstancia defeitos em “virtudes”, mazelas físicas em saúde pela substituição osmótica ou indireta das moléculas desarmonizadas ou doentes por moléculas sãs; se em desequilíbrio, transmite deficiências, marcas e doenças, a maior ou menor prazo, com mais forte ou mais brando efeito, sob ação temporal ou com reflexos crônicos.

De maneira direta, nosso agir e nosso pensar desequilibrados fazem surgir desarmonias nos centros de força que, para se restabelecerem, carecem do restabelecimento do seu portador. E isso não se dá pelo simples acionar de uma chave chamada “ativação dos centros de força” e sim pelo reequilíbrio do “campo” que gerou o “defeito”. E, disso todos temos plena convicção, não será um simples passe que resolverá, nem mesmo uma oração balbuciada pelo reflexo condicionado apenas de se juntar palavras; são os passes e a prece veículos intercessórios, medicamentos reparativos complementares, que, embora dos mais úteis e, diríamos, indispensáveis, não são a base real do reequilíbrio e da rearmonização dos centros de força, a qual se estriba na reforma moral, pelo “carregar a própria cruz”, sem blasfêmias, sem alvoroços, sem temeridade.

Rearmonizar os centros de força, portanto, é reformar-se moralmente, agindo de maneira cristã em todos os momentos da vida. Mas, como isso não é comum às nossas ampliadas comodidades, a nós, falíveis espíritos devedores, nos cabe exercitar por possuí-las pelo perdão, pela fraternidade e pela compreensão, ajudando, socorrendo e, sobretudo, orando por nosso próximo. Dessa forma vibraremos em ondas de mais elevado teor moral, fazendo valer nosso centro coronário como captador das boas energias espirituais para distribuir o equilíbrio devido aos demais centros, assim espiritualizando nossa matéria, como nos propôs Emmanuel na nota que abriu nosso capítulo.

### 3.6 - A Kundalini

Apenas para não deixar de mencionar, registramos este item, posto que vários autores fazem referência a tal tema, alguns chegando mesmo a sugerir o “despertar da kundalini” nas práticas Espíritas. O nível de desinformação e desencontro que envolve o assunto, entretanto, é tão grave que não recomendamos esse “despertar”.

Para se ter uma idéia, enquanto alguns afirmam que a kundalini provém do “centro da Terra”, outros dizem que ela se assenta e se origina “no centro básico” do homem, enquanto outros garantem que ela é uma das energias vindas do sol. Por outro lado, em existindo essa força, essa energia é excessivamente ma-

<sup>240</sup> FRANCO, Divaldo Pereira. *Nefasta planificação desarticuladora*. In “*Loucura e Obsessão*”, cap. 14, pp. 174 e 175.

<sup>241</sup> FRANCO, Divaldo Pereira. *As consultas*. In “*Loucura e Obsessão*”, cap. 3, p. 35.

terial, venha de onde vier, parta de onde partir, pois, pela maioria que a estuda e a propaga, é ela classificada como violenta, materializante, bruta, ígnea e profundamente ligada à parte mais triste da sexualidade. Isso, cremos, já bastaria para convirmos que não é de boa medida sua busca, seu desenvolvimento, muito menos utilizá-la para “acionar, rodar ou ativar os centros de força”; pelo menos como alguns vêm ensinando.

Antes de tudo, temos uma visão Espírita, baseada no Evangelho de Jesus, que nos recomenda valorizemos nossa elevação pela reforma moral, pelo esforço em corrigir os próprios defeitos, pela prática do bem sem segundas intenções, além de buscarmos forças nos Planos Espirituais através da prece sentida e sincera, pois, nosso progresso se dá pela ação efetiva do amor, trabalho e renúncia e não por meros exercícios de concentração, meditação e reclusão. Por isso, não julgamos seja uma atitude de bom senso o querer fazer com que essa força seja a substituta das energias espirituais mais elevadas no papel de rearmenição dos centros de força, nem mesmo das energias solares. Eis por que não aceitamos como de boa medida o chamado “despertar da kundalini”, que vem a se confundir, em claro português, com um trânsito de energias densas e restritivas por nosso corpo, via maior adensamento do duplo etérico, ativando, de baixo para cima, nossos centros de força.

Queremos ativar chakras? Busquemos o Evangelho. Queremos renovar energias? Cumpramos o Evangelho. Queremos sublimar energias? Vivamos o Evangelho. Tudo o mais nos virá por acréscimo da bondade de Deus!

## CAPÍTULO V - QUEM É QUEM NO PASSE

*“Nem todos os homens são sensíveis à ação magnética, e, entre os que o são, pode haver maior ou menor receptividade, o que depende de diversas condições, umas que dizem respeito ao magnetizador e outras ao próprio magnetizado, além de circunstâncias ocasionais oriundas de diversos fatores”. (Michaélus)<sup>242</sup>.*

Antes que iniciemos o estudo do “quem é quem” propriamente dito, analisemos três fatores de alta relevância para o entendimento e a consecução do passe.

### 1. FÉ, MERECIMENTO E VONTADE

#### 1.1- A Fé

“O poder da fé se demonstra, de modo direto e especial. na ação magnética; por seu intermédio, o homem atua sobre o fluido, agente universal, modifica-lhe as qualidades e lhe dá uma impulsão por assim dizer irresistível. Daí decorre que aquele que, a um grande poder fluídico normal, junta ardente *fé*, pode, só pela força da sua *vontade* dirigida para o bem, operar esses singulares fenômenos de cura e outros, tidos antigamente por prodígios, mas que não passam de efeito de uma lei natural. Tal o motivo por que Jesus disse a seus apóstolos: “Se não o curastes, foi porque não tendes fé” (Allan Kardec)<sup>243</sup>. (Grifos nossos.)

Na verdade não há muito o que interpretar dessas palavras de Kardec; apenas ressaltamos a ponte existente entre a fé e a ação fluídica por obra da “força da sua vontade”. Desnecessário, portanto, dizer que a ausência da fé, por parte do passista, é a anulação prática de seu “poder” e, no paciente, é a falta do catalisador fundamental da cura. É, como disse Anna, rainha da Romênia, quando prefaciou George Chapman: “Serão salvos os que tiverem fé”<sup>244</sup>.

Na pena de Léon Denis, observamos uma notável síntese deste assunto: “a *fé* vivaz, a *vontade*, a *prece* e a *evocação dos poderes superiores* amparam o operador e o sensitivo. Quando ambos se acham *unidos pelo pensamento e pelo coração*, a ação curativa é mais intensa”<sup>245</sup> (grifamos). Dispensável qualquer outro comentário.

Colocando-nos na posição daquele que não crê, ou não o quer, diríamos: “até parece que ter fé é uma coisa simples, fácil, que se pode conseguir sem maiores esforços”; mas, na realidade, não o é. Considerando determinados padrões de relatividade, não podemos dizer que ter fé seja fácil ou difícil, mas, sem dúvida, é adquirível. Afinal, conforme Kardec, “Entende-se como fé a confiança que se tem na realização de uma coisa, a certeza de atingir determinado fim. Ela é uma espécie de lucidez (...)”. Entretanto, “Cumprir não confundir a fé com a presunção. A verdadeira fé se conjuga à humildade”<sup>246</sup>, ao que reforça as palavras de Chico Xavier. ensinando-nos como consegui-la: “A conquista da fé, a nosso ver, se faz menos penosa, quando resolvemos ser fiéis, por nós mesmos, às disciplinas decorrentes dos compromissos que assumimos”<sup>247</sup>.

Fé, portanto, é ação. É a confiança operando. Ao contrário do que muitos imaginam, a fé não é a passividade acomodada nem a expectativa contemplativa; ela nos solicita raciocínio, razão, paciência, trabalho e humildade. Daí nos preocuparmos com os esclarecimentos que devem ser dados aos pacientes e aos Espíritos em geral, a fim de, compreendendo a maneira como se dão as curas, possamos usar a razão, que nos fará rejeitar os absurdos, com a paciência humilde do “Pai Nosso, (...) seja feita a vossa vontade” - e não necessariamente “a nossa” -, confiantes de que nossas dores de hoje, se bem suportadas, transformar-se-ão nas glórias de amanhã.

<sup>242</sup> MICHAELUS. In “Magnetismo Espiritual”, cap. 7, p. 58.

<sup>243</sup> KARDEC, Allan. A fé transporta montanhas. In “O Evangelho segundo o Espiritismo”, cap. 19, item 5.

<sup>244</sup> CHAPMAN, George. Prefácio. In “Encontros Extraordinários”, p. 1.

<sup>245</sup> DENIS, Léon. A força psíquica. Os fluidos. O magnetismo. In “No Invisível”, 2ª Parte, cap. 15, p. 181.

<sup>246</sup> KARDEC, Allan. A fé transporta montanhas. In “O Evangelho segundo o Espiritismo”, cap. 19, itens 3 e 4.

<sup>247</sup> XAVIER, Francisco Cândido e ARANTES, Hércio Marcos C. Questões da atualidade. In “Encontro no Tempo”, cap. 3, pergunta 28, p. 30.

A fé, contudo, não é artigo apenas dos religiosos. Saiunav, como outros magnetizadores de todos os tempos, lhe faz referência. Eis um exemplo: “Se o agente sabe *como* extrair de si o “biocampo”, o “bio-choque” (...), duvidar da capacidade de projetar do seu interior esse algo, ele nada conseguirá.

“(…) É *imprescindível* a confiança inabalável em si próprio, nas próprias forças, na própria vontade, na própria capacidade. De fato, só a fé é capaz de mover montanhas!”<sup>248</sup> (Grifos originais.)

Enaltecendo a fé através do pensamento e da vontade firme na execução de uma ação, Michaelus reforça que “A vontade por si só não terá a virtude de tornar eficiente a ação magnética, se não for acompanhada de um outro elemento - a confiança”, lembrando, ainda, que “O elemento confiança há de surgir necessária e logicamente da nossa fé e do auxílio que sempre recebemos do Alto”<sup>249</sup>.

Até mesmo como um alento a quem esteja desesperado, por qualquer que seja o motivo, lembramos as palavras de José, Espírito Protetor, quando, discorrendo sobre “A Fé: mãe da Esperança e da Caridade”, nos convida, esclarecendo: “Crede e esperai sem desfalecimento: os milagres são obras da fé”<sup>250</sup>.

Portanto, para *quem recebe* e para *quem doa* o passe, a fé há de ser o luzeiro que descortinará o horizonte promissor da cura: material, moral e espiritual.

## 1.2 - O Merecimento

Para se entender o merecimento em maior profundidade faz-se necessário recorrer-se à teoria reencarnacionista. Como esse tema, por si só, comporta muitos volumes e não é nosso objetivo precípuo aqui pormenorizá-lo, limitar-nos-emos a um raciocínio de Kardec, simples e por demais objetivo, o qual se não leva os descrentes a aceitar a reencarnação, pelo menos os induz a pensar e reconhecer, logicamente, que sua possibilidade é mais racional e justa que sua negação pura e simples: “(…) por virtude do axioma segundo o qual *todo efeito tem uma causa*, tais misérias (doenças incuráveis ou de nascença, mortes prematuras, reveses da fortuna, pobreza extrema, etc.) são efeitos que hão de ter uma causa e, desde que se admita um Deus justo, essa causa também há de ser justa. Ora, ao efeito precedendo sempre a causa, se esta não se encontra na vida atual, há de ser anterior a essa vida, isto é, há de estar numa existência precedente. (...) não podendo Deus punir alguém pelo mal que não fez, se somos punidos, é que fizemos o mal; se esse mal não o fizemos na presente vida, tê-lo-emos feito noutra. É uma alternativa a que ninguém pode fugir e em que a lógica decide de que parte se acha a justiça de Deus”<sup>251</sup>. (Grifos originais; parênteses, síntese, do autor.)

Isto colocado, afiançamos que a questão do merecimento está diretamente vinculada aos débitos do passado, tanto desta quanto de outras vidas, como aos esforços que vimos empreendendo para nos melhorarmos física, psíquica, moral e espiritualmente.

Se na vida anterior sujeitamos nosso corpo a pesados e indevidos desgastes, não só o teremos comprometido como igualmente nosso perispírito terá assimilado as conseqüências de tais mazelas. Em decorrência, nosso órgão perispiritual transferirá ao novo corpo as deficiências localizadas, as quais, dependendo da extensão e gravidade dos delitos, se demorarão para normalizar, ensejando-nos o aprendizado da valorização das reais finalidades orgânicas.

Por outro lado, se temos problemas pulmonares devido ao fumo e queremos nos tratar, mas não abandonamos o cigarro, por mais ingentes sejam os esforços fluídicos empregados para a cura, tudo redundará em falhas ou ineficiência (recorde-se o caso anteriormente apresentado - item 1.2.3 deste - da assistência espiritual por apenas dez vezes). Num outro exemplo, se queremos tratar algum problema, sobretudo se psíquico ou perispiritual (cármico), e não nos esforçamos por melhorar nosso mundo mental, nosso padrão vibratório, nosso campo psíquico, dificilmente conseguiremos atingir nosso desiderato. Situações tais, vulgarmente chamadas de “ausência de merecimento”, são fatores a se considerar no tratamento fluidoterápico.

<sup>248</sup> SAIUNAV, V. L. In “O Fio de Ariadne”, p. 29.

<sup>249</sup> MICHAELUS. In “Magnetismo Espiritual”, cap. 4, p. 34.

<sup>250</sup> KARDEC, Allan. A fé transporta montanhas. In “O Evangelho segundo o Espiritismo”, cap 19, item 11.

<sup>251</sup> KARDEC, Allan. In “Bem-aventurados os aflitos. In “O Evangelho segundo o Espiritismo”, cap.5, item 6.



Como a situação da falta de merecimento está vinculada diretamente à nossa inferioridade, poucos são os que aceitam tal explicação com tranquilidade, pois, mesmo sendo quem somos, acreditamo-nos melhores do que na realidade o somos e, por isso mesmo, queremos “driblar” a Espiritualidade fazendo rápidas e curtas boas ações, com isso imaginando adquirir a “senha” do merecimento. Mas, se é verdade que Deus não está “lá em cima com um caderninho” anotando tudo o que fazemos (os registros de nossos atos se dão em nossa própria consciência), é igualmente verdadeiro que vibramos e emitimos ondas psíquicas em nosso redor de acordo com nossa realidade íntima e não com as aparências que procuramos apresentar. Afinal, o merecimento está estabelecido em leis de justiça e amor, vinculado tanto ao presente quanto ao passado espiritual de cada um. Como reforço, observemos algumas citações extraídas das obras de André Luiz onde vemos a importância do merecimento nos tratamentos:

“Em todo lugar onde haja merecimento nos que sofrem e boa vontade nos que auxiliam, podemos ministrar o benefício espiritual com relativa eficiência”<sup>252</sup> (Alexandre).

“Ao toque da energia emanante do passe, com a supervisão dos benfeitores desencarnados, o próprio enfermo, na pauta da confiança e do merecimento de que dá testemunho, emite ondas mentais características, assimilando os recursos vitais que recebe (...)”<sup>253</sup> (André Luiz).

“No terreno das vantagens espirituais, é imprescindível que o candidato apresente uma certa “tensão favorável”. Essa tensão decorre da fé. Certo não nos reportamos ao fanatismo religioso ou à cegueira da ignorância, mas sim à atitude de segurança íntima, com reverência e submissão, diante das Leis Divinas (...)”<sup>254</sup> (Áulus).

A propósito dessa “tensão”, o grande apóstolo do magnetismo, H. Durville, ao seu “Tratado Experimental de Magnetismo”, nos coloca: “No indivíduo são e bem equilibrado, pode-se admitir que a *tensão magnética é normal*. Em todos os casos, se essa tensão é aumentada, produz-se um aumento da atividade orgânica; se, ao contrário, é diminuída, a atividade orgânica diminui e, em ambos os casos, o equilíbrio funcional se rompe. Não é sempre assim nos enfermos, porque é fácil compreender que, aumentando a tensão onde ela está diminuída e a diminuindo onde ela está muito considerável, levam-na pouco a pouco ao seu estado normal, e o conjunto das funções orgânicas retoma o equilíbrio que constitui a saúde, com a condição, todavia, de que os órgãos essenciais à vida não sejam muito profundamente alterados.

“Tal princípio constitui a base de toda a terapêutica do magnetismo”<sup>255</sup> (grifos originais).

Como bem podemos notar, nos dois casos a “tensão magnética” é considerada como fator de doação e receptividade fluídica; assim sendo, reconhecendo-se que a fé exerce um poder determinante em relação a tal tensão, não há que duvidar de sua necessidade nos tratamentos fluidoterápicos.

Num outro aspecto do merecimento, o médium Chico Xavier lembra, quando consultado sobre a possibilidade de alguém receber uma cura mesmo sem fé, que “(...) os Espíritos aconselham *um Espírito de aceitação*. Primeiramente, em qualquer caso da doença que possa ocorrer em nós, em nosso mundo orgânico, *o espírito de aceitação* torna mais fácil para o médico deste mundo ou para os benfeitores espirituais do outro atuarem em nosso favor. Agora, a nossa aflição ou a nossa inquietação apenas perturbam os médicos neste mundo ou no outro, dificultando a cura. (...) Muitas vezes temos conosco determinados tipos de moléstias, que nós mesmos pedimos, antes da nossa reencarnação, para que nossos impulsos negativos ou destrutivos sejam treinados. Muitas frustrações que sofremos neste mundo são pedidas por nós mesmos, para que não venhamos a cair em falhas mais graves do que aquelas em que já caímos em outras vidas”<sup>256</sup> (grifamos).

Finalizando, lembramos que não existe tratamento impossível, mesmo porque esta palavra, bem como milagre, não consta do dicionário Divino. Basta lembrar a máxima do Cristo de que “A fé transporta montanhas”<sup>257</sup>, o que nos dá a dimensão da fé e, conseqüentemente, do poder da Divindade. Se alguns tra-

<sup>252</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Passes*. In “Missionários da Luz”, cap. 19, p. 168.

<sup>253</sup> XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Mecanismo do passe*. In “Mecanismos da Mediunidade”, cap. 22, p. 147.

<sup>254</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Serviço de passes*. In “Nos Domínios da Mediunidade”, cap. 17, p. 168.

<sup>255</sup> LHOMME, José. *A graduação das faculdades curadoras*. In “O Livro do Médium Curador”, cap. 4, item Princípio de base, p. 46.

<sup>256</sup> SILVEIRA, Adelino da. *Merecimento e aceitação*. In “Chico, de Francisco”, 2ª Parte, pp. 86 e 87.

<sup>257</sup> Mateus, XVII, v. 20.

tamentos não produzem os frutos que seriam almeçados, é porque a lei de causa e efeito é uma lei de justiça; ademais, com nossa cegueira espiritual, muitas vezes não queremos ver a ação além dos limites estreitos do imediatismo material, não nos ocorrendo que, mesmo sem a recomposição orgânica, é comum, pela evangelização, alcançarmos verdadeiros prodígios no campo da paciência, da renúncia, da compreensão, da prudência, da harmonia interior e da renovação de ânimos que, por si sós, nos projetam a condição dos que, parafraseando Jesus<sup>258</sup>, “vêm pois que têm olhos para ver”.

### 1.3 - A Vontade

Apesar da fé e do merecimento serem importantes fatores (ditos subjetivos) em qualquer análise séria sobre as chamadas “curas espirituais” nem todos escritores e pesquisadores não Espíritas levam-nos em consideração. Já no tocante à vontade, encontramos unanimidade sobre seu efeito e necessidade, em toda e qualquer Escola, ainda que algumas utilizem nomes diferentes para designar tão importante agente.

Iniciemos seu estudo com Kardec: “Sabe-se que papel capital desempenha a vontade em todos os fenômenos do magnetismo. Porém, como se há de explicar a ação material de tão sutil agente? (...) A vontade é atributo essencial do Espírito (...). Com o auxílio dessa alavanca, ele atua sobre a matéria elementar e, por uma ação consecutiva, reage sobre seus compostos, cujas propriedades íntimas vêm assim a ficar transformadas”. E continua: “Tanto quanto do Espírito errante, a vontade é igualmente atributo do Espírito encarnado; daí *o poder do magnetizador*, poder que se sabe *estar na razão direta da força de vontade*. Podendo o Espírito encarnado atuar sobre a matéria elementar, pode do mesmo modo mudar-lhe as propriedades, dentro de certos limites”<sup>259</sup> (grifamos). E, na palavra dos Espíritos que lhe responderam, já vimos que “Se magnetizas com o propósito de curar (...) e invocas *um bom Espírito* (...), *ele aumenta a tua força e a tua vontade*, dirige o teu fluido e lhe dá as qualidades necessárias”<sup>260</sup> (grifamos).

A clareza e a objetividade destas palavras são irreprocháveis. Tratam desde a origem, a sede da vontade, até seu alcance, sua desenvoltura, ligando-lhe a intensidade aos sucessos magnéticos da cura. A vontade, não podendo ser confundida como uma técnica em si, é a propulsora da ação fluidoterápica por excelência, tanto a nível de emissão fluídica como de recepção.

Complementariamente, os Espíritos ainda nos garantem que ela pode ser aumentada por suas influências e ajudas, indiretamente confirmando-nos que, de fato, somos por eles dirigidos<sup>261</sup>.

Prosseguindo, busquemos uma informação originária de uma obra antiga:

“Uma vontade decidida é o princípio indispensável de todas as operações magnéticas (...)” (Autor anônimo hebreu)<sup>262</sup>.

Vejamos outras citações para exemplificar:

“(...) A força posta em atividade não irradia em todos os sentidos, mas se transmite na direção que lhe assina a vontade” (Albert de Rochas)<sup>263</sup>.

“Emilie Coue, a maior metafísica da França, escreveu: “(...) Nossas ações vêm de nossa vontade, e não de nossa imaginação”<sup>264</sup>.

“A vontade ativa representa a decidida determinação de alcançar um objetivo definido. Esta vontade e o magnetismo são inseparáveis” (V. Turnbull)<sup>265</sup>.

“(...) E mostraremos que não só a vontade existe realmente, como faculdade da alma, mas também que exerce seu poder, durante a vida, fora do corpo terrestre e, *a fortiori*, além do perispírito no espaço (...) Nós (...) sustentamos que a vontade é uma faculdade do Espírito; que ela existe positivamente como

<sup>258</sup> Mateus, XIII, v.9.

<sup>259</sup> KARDEC, Allan. *Do laboratório do mundo invisível*. In “O Livro dos Médiuns”, cap. 8, item 131.

<sup>260</sup> KARDEC, Allan. *Dos médiuns*. In “O Livro dos Médiuns”, cap. 14, item 176, questão 2ª.

<sup>261</sup> Veja-se “O Livro dos Espíritos”, questão 459, a ser comentada no capítulo VII.

<sup>262</sup> MALIK, Malcom. *El arte de magnetizar*. In “El Art de Magnetizar al Alcance de Todos”, pp. 85 e 86.

<sup>263</sup> ROCHAS, Albert De. In “Exteriorização da Sensibilidade”, Nota “L”, p. 206.

<sup>264</sup> SHERWOOD, Keith. *A enfermidade mental*. In “A Arte da Cura Espiritual”, cap. 4, p.41.

<sup>265</sup> TURNBULL, V. Lição 18. In “Curso de Magnetismo Pessoal”, p. 85.

potência; que sua ação se revela claramente na esfera do corpo e que pode mesmo projetar a distância sua energia (...) Esse poder da alma sobre o corpo pode chegar até a vencer a enfermidade. Muitas vezes, uma vontade enérgica consegue restabelecer a saúde (...)” (Gabriel Delanne)<sup>266</sup>.

Voltemos a Kardec: “O Sr. Jacob, não tocando no doente, não fazendo mesmo nenhum passe magnético, o fluido não pode ter por motor e propulsor senão a vontade”<sup>267</sup>.

“Mas se a vontade for ineficaz quanto ao concurso dos Espíritos, é onipotente para imprimir ao fluido, espiritual ou humano, uma boa direção e uma energia maior. No homem mole, *distraído*, a corrente é mole, a emissão é fraca; o fluido espiritual pára nele, mas sem que o aproveite; no homem de vontade enérgica, a corrente produz o *efeito de uma ducha*. Não se deve confundir vontade enérgica com teimosia, porque esta é sempre resultado do orgulho ou do egoísmo, ao passo que o mais humilde pode ter a vontade do devotamento”<sup>268</sup> (grifos originais).

Noutro momento, Kardec transcreve uma mensagem de Mesmer, Espírito:

“Existindo no homem a vontade em diferentes graus de desenvolvimento, em todas as épocas tanto serviu para curar, quanto para aliviar. (...) A vontade tanto desenvolve o fluido animal quanto o espiritual, porque, todos sabeis agora, há vários gêneros de magnetismo. e o magnetismo espiritual que, conforme a ocorrência, pode pedir apoio ao primeiro”<sup>269</sup>.

Observemos o que diz Paulo, apóstolo, em mensagem psicografada: “Uma palavra sobre os médiuns curadores... Que, ao empregarem sua faculdade, a prece, que é a vontade mais forte, seja sempre o seu guia, seu ponto de apoio. Em toda a sua existência, o Cristo vos deu a mais irrecusável prova da vontade mais firme; mas era a vontade do bem e não a do orgulho. Quando, por vezes, dizia eu quero, a palavra estava cheia de unção (...)”<sup>270</sup> (grifos originais). É de se admirar e reconhecer toda pujança presente numa vontade pura; sedimentada no amor vivido e exemplificado, torna-se uma vontade verdadeiramente divina. Eis o que o Cristo nos ensinou; eis o que Paulo nos lembra!

Léon Denis, com sua síntese, nos concede outra jóia de raciocínio:

“A vontade de aliviar, de curar, comunica ao fluido magnético propriedades curativas”<sup>271</sup>. Ao que André Luiz acrescenta: “Pelo passe magnético (...), notadamente naquele que se baseie no manancial da prece, a vontade fortalecida no bem pode soerguer a vontade enfraquecida de outrem para que essa vontade novamente ajustada à confiança magnetize naturalmente os milhões de agentes microscópicos a seu serviço, a fim de que o Estado Orgânico, nessa ou naquela contingência, se recomponha para o equilíbrio indispensável”<sup>272</sup>. E, sendo mais explícito ainda, ratifica dizendo: “Temos, assim, as variadas províncias celulares sofrendo o impacto constante das radiações mentais, a lhes absorverem os princípios de ação e reação desse ou daquele teor, pelos quais os processos da saúde e da enfermidade, da harmonia e da desarmonia são associados e desassociados, conforme a direção que lhes imprima a vontade”<sup>273</sup>, complementando que “O processo de socorro pelo passe é tanto mais eficiente quanto mais intensa se faça a adesão daquele que lhe recolhe os benefícios, de vez que a vontade do paciente, erguida ao limite máximo de aceitação, determina sobre si mesmo mais elevados potenciais de cura.

“Nesse estado de ambientação, ao influxo dos passes recebidos, as oscilações mentais do enfermo se condensam, mecanicamente, na direção do trabalho restaurativo, passando a sugerir-lo às entidades celulares do veículo em que se expressam, e os milhões de corpúsculos do organismo fisiopsicossomático ten-

<sup>266</sup> DELANNE, Gabriel. In “A Alma é Imortal”, Quarta Parte, pp. 289 a 293.

<sup>267</sup> O ZUAVO, Jacob. “Revista Espírita”, nov. 1867, p. 346.

<sup>268</sup> Da mediunidade curadora. “Revista Espírita”, set. 1865, p. 253.

<sup>269</sup> Médiuns curadores. “Revista Espírita”, jan. 1864, p. 7.

<sup>270</sup> Médiuns curadores, *Ibidem*. p. 8.

<sup>271</sup> DENIS, Léon. A força psíquica. Os fluidos. O magnetismo. In “No Invisível”, 2ª parte, cap. 15, p. 181.

<sup>272</sup> XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. Passe magnético. In “Evolução em Dois Mundos”, 2ª Parte, cap. 15, p. 203.

<sup>273</sup> XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. Mediunidade curativa. In “Mecanismos da Mediunidade”, cap. 22, item Mente e psicossoma, p. 144.

dem a obedecer, instintivamente, às ordens recebidas, sintonizando-se com os propósitos do comando espiritual que os agrega”<sup>274</sup>.

Em outra oportunidade, este Espírito correlaciona a mente, o corpo, o perispírito e a vontade, numa panorâmica de inexcedível profundidade: “Tomando (...) o sistema cerebral por gabinete administrativo da mente, reconheceremos sempre que a conduta do corpo espiritual está submetida ao governo da nossa vontade”<sup>275</sup>. E não apenas isso; a “corrente de partículas mentais exterioriza-se de cada Espírito com qualidade de indução mental, tanto maior quanto mais amplos se lhe evidenciem as faculdades de concentração e o teor de persistência no rumo dos objetivos que demande.

“(...) No reino dos poderes mentais (...), a corrente mental é suscetível de reproduzir as suas próprias peculiaridades em outra corrente mental que se lhe sintonize. (...) O fenômeno obedece à conjugação de ondas, enquanto perdure a sustentação do fluxo energético.

“Compreendemos (...) que a matéria mental é o instrumento sutil da vontade, atuando nas formações da matéria física, gerando as motivações de prazer ou desgosto, alegria ou dor, otimismo ou desespero, que não se reduzem efetivamente a abstrações, por representarem turbilhões de força em que a alma cria os seus próprios estados de mentação indutiva, atraindo para si mesma os agentes (por enquanto, imponderáveis na Terra) de luz ou sombra, vitória ou derrota, infortúnio ou felicidade”<sup>276</sup>.

Quanto à ausência da vontade, partindo da premissa de que quem não confia no que faz não tem boa vontade sobre o que quer: “A falta de confiança, diz Aubin Gauthier, faz o timorato; teme-se o efeito magnético, em vez de o desejar; ele se apresenta, é recebido com inquietação; os efeitos imprevistos enchem de pasmo o incrédulo, ou impelem a imprudências e exageros, que não se danam em havendo diretrizes a reflexão, o critério e a experiência”<sup>277</sup>.

Concluimos generalizando, por extensão de tudo o que vimos, que só seremos bons passistas se, além dos caracteres anteriormente já analisados, possuímos

uma vontade firme e ativa, a qual é construída com ação e vivência consciente, e não só com palavras.

## 2. QUEM RECEBE

Basicamente, dois são os personagens que se interligam no mecanismo do passe: o receptor e o doador. Por isso, o sucesso ou o insucesso de um tratamento fluidoterápico depende, diretamente, do comportamento deles. Este é, sem dúvida, um raciocínio genérico, haja vista sabermos que vários fatores influem no processo, os quais nem ao menos se limitam à esfera material. Esses outros fatores serão objeto de estudo em momento próprio. No momento, veremos quem recebe.

Sabemos que não apenas nós, os encarnados, recebemos os benefícios do passe. Quem tenha participado de reunião de desobsessão ou mesmo procedido leitura criteriosa das obras da Codificação e suas subsidiárias, há de ter comprovado que os Espíritos desencarnados igualmente se beneficiam desse bálsamo divino, tanto diretamente dos Espíritos quanto com a ajuda dos encarnados. Contudo, como nos dirigimos precipuamente aos encarnados, não consideraremos esta outra evidência neste item, pois a questão que ora nos diz respeito é mais atinente ao nosso plano físico e suas conseqüências neste.

Como faremos nossas colocações de forma didática, ressaltamos que alguns tópicos serão analisados sem levar em consideração outras evidências; contudo, sempre as mencionaremos pois, de fato, não serão desprezadas, senão destacadas para um melhor entendimento.

Ressalvas à parte, consideremos o paciente, que é nosso primeiro “quem”, um desconhecido. Não sabemos de onde veio, por que veio, que religião professa, se acredita ou não nos Espíritos, nem que tipo

<sup>274</sup> XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Mediunidade curativa*. In “*Mecanismos da Mediunidade*”, item *Vontade do paciente*, p. 148.

<sup>275</sup> XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Mecanismos da mente*. In “*Evolução em Dois Mundos*”, cap. 16, item *Secção da medula*, pp. 121 e 122.

<sup>276</sup> XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Matéria mental*. In “*Mecanismos da Mediunidade*”, cap. 4, item *Indução mental*, pp. 43 e 44.

<sup>277</sup> MICHAELUS. In “*Magnetismo Espiritual*”, cap. 10, p. 85.

de problemas tem. Mas, sabemos o essencial: *ele é o nosso próximo!* E, se ali está, é porque, querendo ou não, acreditando ou sem acreditar, se dispôs a receber “algo” que, sem dúvida, é para nós, os médiuns, os dirigentes e as Casas Espíritas, um bom caminho para a prática do amor fraternal, desinteressado e cristão. Portanto. mãos à obra!

Primeiro, nos conscientizemos de que devemos dar ao paciente, além do passe, tudo o mais que é da maior importância: evangelho, orientação, desmistificação do tratamento e desmistificação dos ídolos, concitando-o à reforma interior e a compreensão dos fatos para, pelo conhecimento, não ser levado a vícios e equívocos que, embora costumeiros, são injustificáveis.

Depois, não olvidemos que cabe a nós, os assistidos, antes que ao paciente, o dever de saber o que fazemos, como fazemos e por que fazemos o passe já que nem sempre aquele outro irá tomá-lo sabendo exatamente o que fazer ou como fazê-lo. Não podemos cair na desculpa de atribuir responsabilidades aos outros, relegando a nossa a escanteio. Afinal, assim como certos pacientes criam hábitos e vícios perniciosos por falta de orientação correta, o médium assistido, pela falta de estudo, bom senso, ponderação e assiduidade, pode não apenas adquirir manias ridículas e antidoutrinárias como transmiti-las, inadvertida e perniciosamente, aos pacientes e companheiros desavisados.

Como homens, sabemos que a administração do patrimônio orgânico é tarefa pessoal e intransferível, estando não apenas sua manutenção sob nossa responsabilidade, mas, igualmente sua conservação dentro dos padrões de equilíbrio que a própria Natureza nos indica. “Quando, porém, o homem espiritual dominar o homem físico, os elementos medicamentosos da Terra estarão transformados na excelência dos recursos psíquicos e essa grande oficina achar-se-á elevada a santuário de forças e possibilidades espirituais junto das almas”. Emmanuel<sup>278</sup>.

Desde então, que evoluamos em moralidade e conhecimentos, pórticos de alcandoradas possibilidades abrir-se-nos-ão, descortinando horizontes de harmonia e equilíbrio, num oceano de boas energias, onde tão acessível nos será receber benesses espirituais quanto transferirmos tais bênçãos aos mais carentes.

Retomando nossa linha de raciocínio inicial para seqüenciar o estudo, podemos destacar, entre os que “recebem”:

- pacientes com problemas físicos;
- pacientes com problemas espirituais; e
- pacientes com ambos problemas.

## **2.1- Pacientes Com Problemas Físicos**

Aqui iremos nos referir apenas a problemas orgânicos, desprezando qualquer fator que não seja puramente físico. Portanto, estaremos afastando, momentaneamente, as decorrências de fatores espirituais e morais. Subdividiremos este grupo de pacientes em três:

### **2.1.1 - Portadores de Doenças Contagiosas**

Recomendação de André Luiz: “Interditar, sempre que necessário. a presença de enfermos portadores de moléstias contagiosas nas sessões de assistência em grupo, situando-os em regime de separação para o socorro previsto” pois “A fé não exclui a previdência”<sup>279</sup>.

É evidente que a medida sugerida tem caráter puramente preventivo e jamais discriminatório como há quem possa querer julgar. É lógico não devamos expor alguém que venha em busca de um auxílio, ao contágio de um outro, mal, tal como não será cristão dispor o contagiante, que igualmente busca ajuda, ao ridículo da execração de outrem. O bom senso nos indica que cuidados são necessários e devidos. A prudência nos sugere discernimento e tato. A razão nos solicita não só agir, mas reflexionar. Sejamos, pois, cristãos. Afinal, o portador de doença contagiosa já sofre uma espécie de isolamento que, mesmo sendo natural e involuntário, não deixa de ser constrangedor. E se sua doença for de longo curso, seu estado de

<sup>278</sup> XAVIER, Francisco Cândido. In “O Consolador”, 1ª Parte, cap. 5, questão 97, p. 67.

<sup>279</sup> VIEIRA, Waldo. Perante o passe. In “Conduta Espírita”, cap. 28, pp. 103 e 104.

ânimo, face essa “solidão”, pode estar bastante abatido. Não sejamos nós portanto, por imprudência, os agravantes desse estado. Ajamos com a razão, mas, sem esquecer que ela é má conselheira se desassociada do sentimento.

Até mesmo em nome da prudência e do bom senso, o passe recomendado a esta categoria de doentes deve ser aplicado em caráter individual e reservado, com os cuidados cabíveis e recomendáveis para situações que tais.

*Uma observação importante* merece ser destacada: o passista não deve simplesmente negar atendimento a pacientes dessa categoria por medo de contágio. Ao lado de certos cuidados que podem e devem ser tomados, uma ponderação do Espírito Manoel Philomeno de Miranda vem a calhar: “Médicos e enfermeiros, assistentes sociais e voluntários, religiosos dedicados que se entregam às tarefas mais sacrificiais em Sanatórios dos males de Hadsen, de Koch e de outras baciloses violentas sem que o contato demorado com os pacientes lhes cause qualquer contágio, adquirem resistências imunológicas, enquanto outros, que não convivem com portadores de inumeráveis moléstias, de um para outro momento fazem-se vítimas das vigorosas doenças que lhes exterminam o corpo, em razão de se encontrarem no mapa cármico de cada um as condições propiciatórias para que se lhes manifestem os males que merecem e de que necessitam em razão dos delitos praticados e que são atenuados pela misericórdia do Senhor, já que o amor é mais poderoso do que a justiça, que por aquele se faz comandada”<sup>280</sup> (Grifamos a última frase.)

## 2.1.2 - Portadores de Doenças não Contagiosas

Como o paciente aqui enquadrado não expõe outros a riscos de contágios, seu atendimento poderá ser feito tanto de forma individualizada quanto em grupo, dependendo do tratamento e das técnicas a serem usadas.

Por ser comum o paciente que busca o tratamento magnético estar passando por acompanhamento médico ou sob medicação indicada por facultativo, convém, nesses casos, manter ficha de acompanhamento contendo informações sobre tipos de tratamento e medicações que esteja fazendo uso<sup>281</sup>.

A propósito, eis o que nos diz Suely Caldas Schubert: “Se o doente está fazendo uso de medicação receitada por médico da Terra, esta não deverá ser suspensa nem sob o pretexto de atrapalhar o tratamento espiritual. Uma atitude dessas traz graves implicações, cujos resultados poderão comprometer seriamente aquele que a recomendou. Afinal, sabemos à saciedade que existem casos de caráter misto, em que se conjugam o mal espiritual e o físico, exigindo por isso uma terapêutica igualmente mista”<sup>282</sup>. (Grifos originais.)

Não desconhecemos que a clássica Escola de Mesmer recomendava fossem evitadas certas substâncias no corpo orgânico para um melhor alcance do tratamento magnético. Mas, como dissemos no capítulo I, não nos propomos a tratar do magnetismo em exclusividade, mas, sim do passe, fazendo mão das técnicas, experiências e conclusões daquele, porém, adaptando-as a nossa realidade. Ademais, posteriores estudos acerca do magnetismo não deram muita ênfase aquele aspecto restritivo, apesar de se comprovar, numa enormidade de casos, que a homeopatia age, quando conjugada ao magnetismo, mais proficuamente que a alopatia, mormente em casos de origem cármica. Todavia, como o passe espírita atua, primordialmente, a nível de perispírito, não encontramos muita argumentação a favor de que o medicamento humano interfira no paciente a ponto de inutilizar ou anular o efeito magnético. Modestamente, inclusive, já há consenso quanto à necessidade de tratamentos concomitantes, haja vista o que nos trazido das avançadas pesquisas verificadas no Leste Europeu.

Contrariamente, temos inúmeras comprovações de que as atitudes mentais perniciosas e as vibrações e mentalizações negativas por parte do paciente são violentos veículos degeneradores do reequilíbrio fluídico adquirido através da fluidoterapia, onde, portanto, nossa redobrada atenção e cuidado são requeridos no intuito de instruir os pacientes a respeito.

---

<sup>280</sup> FRANCO, Divaldo Pereira. *Resgate necessário e urgente*. In “Painéis da Obsessão”, cap. 4, p. 36.

<sup>281</sup> Vide apêndices I, II e III onde apresentamos modelos de ficha de acompanhamento usado no Grupo Espírita Allan Kardec - GEAK, de Natal-RN.

<sup>282</sup> SCHUBERT, Suely Caldas. *Os recursos espíritas*. In “Obsessão / Desobsessão”, 2ª Parte. cap. 8, p. 112.

### 2.1.3 - Portadores de Doenças Desconhecidas

Para pacientes com esta característica e que venham a tomar passes com acompanhamento (controle por meio de fichas), devemos buscar informações via receituário da Casa Espírita bem como junto ao próprio paciente ou acompanhantes, seguindo-se com o tratamento que for recomendado, ou, ainda, por outros meios confiáveis que são a intuição espiritual e o “tato-magnético”<sup>283</sup>.

Dispensado dizer que as observações apresentadas no item anterior são igualmente extensivas a este grupo, assim como, informados da possibilidade de contágio, se interpolarão os cuidados recomendados na matéria do primeiro item (1.1.1) deste capítulo.

## 2.2 - Pacientes com Problemas Espirituais

Nesta oportunidade nos deteremos nos problemas eminentemente espirituais, abstraindo-nos, portanto, das injunções orgânicas.

É comum observarmos que parte dos pacientes englobados neste grupo sente uma certa “aproximação ou influência” quando recebe o passe. O Espírito André Luiz, entretantes, nos recomenda que devemos “Interromper as manifestações mediúnicas no horário de transmissões do passe curativo”<sup>284</sup>. Além de ser uma recomendação prudente, é de uma aplicação, diríamos, intransigentemente necessária. Sem tal cuidado, muito dos melhores esforços fica seriamente comprometido, em especial quando se trata de passes em cabines coletivas ou quando não está a dirigir os trabalhos pessoa de elevada moral e conhecimento doutrinário seguro. Posteriormente trataremos desse assunto.

Neste grupo faremos igualmente três subdivisões:

### 2.2.1 - De Origem Perispirítica (ou Cármica)

Como somos hoje o resultado da autoconstrução promovida nas experiências pretéritas, trazemos para esta vida mazelas que encontram suas origens nos desequilíbrios que patrocinamos alhures. Sendo nosso perispírito o agente arquivador dos reflexos desses desequilíbrios, é por seu intermédio que se verifica a transposição das chamadas injunções cármicas, fazendo refletir no corpo orgânico de hoje as consequências dos desvios perpetrados “ontem”. É a lei de “causa e efeito”. Exemplificamos: uma criatura que apresente problemas pulmonares “de nascença” pode ter sido uma alma viciada em fumo em precedente existência; pessoas com sérios distúrbios intestinais, sem cometerem excessos que favoreçam tal quadro hoje, por certo, encontrarão nas glotonarias do passado justificativas bem lógicas para suas atuais patologias; indivíduos com dores de cabeça violentas e permanentes, sem qualquer explicação clínica, encontram nas vidas anteriores as causas matrizes; cânceres, aleijões, demências, lepras, asma, epilepsias, deformidades congênitas e tantas outras situações que, diversas vezes, não encontram qualquer justificativa em causas presentes, indubitável serão racionalmente explicadas como de origem cármica.

Pela natureza pretérita da doença, fácil se concluir nem sempre ser possível grandes conquistas, inclusive com a fluidoterapia. Como a origem do mal está, neste caso, diretamente ligada a fatores morais do passado, é imprescindível uma reestruturação moral e vibratória do paciente. Sem isso, pouco se pode esperar, salvo os casos em que o paciente já esteja em término de quitação do débito.

Nestes casos, como em especial todos os de origem espiritual, a responsabilidade dos médiuns passistas aumenta, assim como devem aumentar a fé e o interesse do próprio paciente em se curar. Mas nós, os médiuns devemos “Criar em torno dos doentes uma atmosfera de positiva confiança, através de preces, vibrações e palavras de carinho, fortaleza e bom ânimo”<sup>285</sup> (André Luiz) para, dessa forma, contribuirmos mais eficazmente no processo de reparação/recuperação do paciente.

---

<sup>283</sup> Vide detalhamento no cap. VIII - “As Técnicas”.

<sup>284</sup> VIEIRA. Waldo. *Perante o passe*. In “*Conduta Espírita*”, cap. 28. p. 103.

<sup>285</sup> VIEIRA. Waldo. *Perante os doentes*. In “*Conduta Espírita*”, cap. 22. p. 84.

Ademais, conforme nos lembra Manoel Philomeno: “Na terapia do passe (...) a disposição do paciente exerce papel relevante para os resultados. A má vontade habitual (...) gera energia de alto teor destrutivo que se irradia do interior da pessoa para o seu exterior, produzindo a anulação da força (...)”<sup>286</sup>.

Como vimos, a efetiva participação do paciente é fundamental, não apenas nessas, como em outras situações. Por outro lado, se noutros casos a participação do passista é muito importante, neste é de inegável valor. Afinal, o perispírito do paciente carece de fluidos tanto do plano espiritual quanto do material, sendo que estes últimos apenas são fornecidos pelos médiuns. Por serem os fluidos dos médiuns, em termos de vibração, de equivalência igual ao do paciente mas tecnicamente harmoniosos, a renovação fluídica que se verificará pelo passe favorecerá o estabelecimento das condições de cura ou, quando pouco, de manutenção da carga fluídica, então renovada.

Daí, em tais casos, o comum à ver-se a ação fluídica superar a ação oriunda da farmacopéia e dos tratamentos médico-hospitalares pois, via de regra, bom número desses casos só obtêm da medicina tradicional resultados apenas satisfatórios e de forma intermitente.

*Uma regra geral*, todavia, se sobressai: este tipo de paciente quase sempre requer tratamento de longo prazo; o que não quer dizer não haja curas quase instantâneas em pacientes tais. Isto porque nos encontramos em nível de provas e expiações e, muitas vezes, passamos por sofrimentos que são a resposta do preceito evangélico: “Se a vossa mão ou o vosso pé vos é objeto de escândalo, cortai-os e lançai-os longe de vós; melhor será para vós que entreis na vida tendo um só pé ou uma só mão, do que terdes dois e serdes lançados no fogo eterno”<sup>287</sup>. Lembramos, todavia, que estes pacientes têm de trabalhar seriamente em prol de suas reformas morais, sempre.

Quanto aos passes aqui aplicados, tanto podem ser individuais quanto coletivas, mas existem casos mais graves em que o bom senso recomenda se opte pelos aplicados individualmente.

### **2.2.2 - De origem Obsessiva**

Uma grande parte dos espíritas, quando encontra alguém com problemas obsessivos, recomenda-lhe participar de reunião de desobsessão (com frases tipo: “você precisa ir para a “mesa” desenvolver”; “ou você dá “passividade” ou vai se dar mal”; ou ainda “lá no Centro tem um médium que “tira” esse Espírito bem “ligeirinho” ”). Antes que tudo, reunião de desobsessão não é reunião pública nem à sua parte prática devem comparecer os obsidiados, conforme recomendam os Espíritos e a experiência o comprova; reunião de desobsessão é reunião privada, onde médiuns (que devem ser equilibrados) se reúnem no intuito de auxiliarem os Espíritos sofredores, encarnados e desencarnados, orando e vibrando em favor dos mesmos. O que pode e deve haver é uma parte doutrinária, pública, para levar o Evangelho aos pacientes obsidiados, lhes obsequiando o passe ao final.

“Desenvolver” a mediunidade, por sua vez, é educá-la, dirigi-la com sabedoria e consciência e não colocar-se uma pessoa “numa mesa” para “incorporar” o obsessor. Ora, se alguém está perturbado por obsessão, claro se encontra sob o jugo de Espíritos imperfeitos, dos quais não tem sabido se desvencilhar. Como, então, propor a essa criatura a desenvoltura de suas possibilidades medianímicas se elas também estão sob domínio inferior? Correto será primeiro sanar o clima espiritual para só depois fazer encaminhamento a educação mediúcnica, sob pena de facilitar mais ainda o obsidiado ao domínio daquele(s) de quem se está a querer fugir.

Lamentavelmente temos observado que nem sempre se dá a importância devida ao passe na terapia desobsessiva; de ordinário verificamos que o passe só tem se revestido de seus reais valores quando se trata de atendimento para cura ou alívio de dores e mal-estares físicos. De outra forma, o que é mais lastimável, tem sido considerado como um mero complemento de reunião doutrinária ou como, pasme-se, criação ritualística do Espiritismo (Doutrina que não tem nem se coaduna com rituais de quaisquer tipos ou natureza) para substituir o sentido atribuído à hóstia católica.

O passe, no tratamento desobsessivo, é de capital importância. Não apenas o passe coletivo, de gabinete, espiritual, como usualmente é chamado, mas, para vários casos, o passe onde o magnetismo do mé-

<sup>286</sup> FRANCO. Divaldo Pereira. *Reencontro feliz*. In “*Nas Fronteiras da Loucura*”, cap. 30, pp. 235 e 236.

<sup>287</sup> Mateus, Cap. V, v. 29. In “*O Evangelho segundo o Espiritismo*”, cap. 8, item 11, p. 159.



dium, unido aos fluidos dos Espíritos, é aplicado de uma forma bem própria e racional; em suma, o passe misto-magnético ou o misto-misto<sup>288</sup>.

A doutrinação evangélica, conforme já dito anteriormente, é tão ou mais importante que o passe, pois tem o papel indispensável de renovar as disposições íntimas do obsidiado e do obsessivo, favorecendo, assim, o rompimento das ligações “mento-magnéticas” estabelecidas entre eles, por meio da elevação do padrão vibratório de ambos. O passe, em tais casos, fornece fluidos para a renovação do “clima” fluídico do obsidiado, predispondo-o a manutenção das bênçãos em si mesmo. É óbvio que, a depender do caso, o tipo ou a técnica do passe poderá variar<sup>289</sup>.

Pacientes submetidos a processos de subjugação normalmente terão tratamento mais trabalhoso e prolongado. Os passes para eles serão bem diversos, com predominância dos fluidos magnéticos. Porém, como medida complementar, os nomes desses pacientes deverão estar inscritos nos livros de preces das Instituições que fazem reuniões de desobsessão ou de atendimento espiritual a distância, lembrando que, em todo caso, o verdadeiro livro de preces deve ser o coração do médium, pleno de amor e de boas vibrações em favor não só do obsidiado como do obsessivo.

Fator relevante é que os passes nos pacientes com problemas obsessivos atingem igualmente os obsessivos. E como eles são também saturados de bons fluidos, se renovam, se houver predisposição para tal, ou se controlam, como se dominados por uma força estranha, ou, ainda, nalgumas situações, fogem espavoridos, largando “a presa” por momentos, os quais serão valiosíssimos se bem aproveitados pelos doutrinadores, assistentes e pacientes<sup>290</sup>.

Corroborando, nos diz Antonio J. Freire: “O magnetismo, quando aplicado com proficiência e bondade, pode prestar relevantes serviços a estes Espíritos sofredores; por vezes, ficam curados numa só sessão. As preces (...) são de magnífico efeito auxiliar, conjuntamente com as aplicações magnéticas a fim de expurgar o perispírito da parte etérica que ainda lhe esteja agregada, o que se consegue com os passes magnéticos dispersantes”<sup>291</sup>.

Para facilitar o entendimento, voltamos a buscar a palavra do Espírito Manoel Philomeno, o qual nos apresenta um precioso estudo sobre o tema: “Nos comportamentos obsessivos, as técnicas de atendimento ao paciente, além de exigirem o conhecimento da enfermidade espiritual, impõem ao atendente outros valores preciosos que noutras áreas da saúde mental não são vitais (...). São eles: a conduta moral superior do terapeuta - o doutrinador encarregado da desobsessão -, bem como do paciente, quando este não se encontra inconsciente do problema; a habilidade afetuosa de que se deve revestir, jamais esquecendo do agente desencadeador do distúrbio, que é, igualmente, enfermo, vítima desditosa, que procura tomar a justiça nas mãos; o contributo das suas forças mentais, dirigidas a ambos litigantes da pugna infeliz; a aplicação correta das energias e vibrações defluentes da oração ungida de fé e amor; o preparo emocional para entender e amar tanto o hóspede estranho e invisível quanto o hospedeiro impertinente e desgastante no vácuo das recidivas e desmandos (...)

“A cura das obsessões, conforme ocorre no caso da loucura, é de difícil curso e nem sempre rápida, estando a depender de múltiplos fatores, especialmente, da renovação, para melhor, do paciente, que deve envidar esforços máximos para granjear a simpatia daquele que o persegue (...)”<sup>292</sup>.

A tarefa desobsessiva, portanto, não é eminentemente do passe, mas este entra como reforço de primeira linha. Observemos a seguinte colocação de Bezerra de Menezes quando comentava sobre um processo desobsessivo com a atuação do plano espiritual: “Foi muito sábia a Mentora amiga, propondo, em primeiro ato, a desobsessão, para depois serem aplicadas outras fluidoterapias ao lado da medicamentosa e da psicoterapia que a Doutrina Espírita pode propiciar com excelentes resultados, a depender de fatores vários como do próprio paciente, quando possa optar pela ocupacional, dedicando-se ao serviço de benevolência e de abnegação, em favor do próximo, através do qual granjeará méritos que influirão na regula-

<sup>288</sup> No capítulo VI – “Como - O Impasse do Passe”, apresentamos nossas justificativas para as nomenclaturas que temos utilizado na titulação dos tipos dos passes.

<sup>289</sup> Nos capítulos VI e VIII adiante, veremos os tipos e as técnicas do passe.

<sup>290</sup> Veja-se, no capítulo VIII adiante, o tem “Choque Anímico”.

<sup>291</sup> FREIRE, Antônio J. *Do corpo vital ou duplo etérico*. In “Da Alma Humana”, cap. 3, p. 50.

<sup>292</sup> FRANCO, Divaldo Pereira. *Introdução*. In “Loucura e Obsessão”, p. 14.

rização de suas dívidas, pela diminuição dos seus débitos. Não devemos, como é sabido, agasalhar idéias otimistas exageradas, quanto à recuperação da saúde mental do nosso doente (...)”<sup>293</sup>.

### 2.2.3 - Decorrente de Desvios Morais

Como a ação fluídica tem na vontade seu motor e no pensamento seu veículo, fica evidente que pacientes com tais problemas tornam-se, via de regra, extremamente refratários a fluidoterapia porquanto tal decorrência tem matriz nas desarmonias que são geradas na instabilidade moral do paciente, o que, por sua vez, não lhe favorece uma mentalização equilibrada e constante no bem.

Não queremos com isso dizer que estes pacientes sejam considerados incuráveis ou que não se lhes deva prestar todo o auxílio possível; ao contrário, lembremo-nos de que “Somos devedores de amor e respeito uns para com os outros e, quanto mais desventurados, de tanto mais auxílio necessitamos. É indispensável receber nossos irmãos comprometidos com o mal, como enfermos que nos reclamam carinho”<sup>294</sup> (André Luiz).

Na espiritualidade, entretanto, existem limites. Observemos um caso exemplar tratado pelo Espírito Anacleto e narrado por André Luiz: “Há pessoas que procuram o sofrimento, a perturbação, o desequilíbrio, e à razoável que sejam punidas pelas conseqüências de seus próprios atos. Quando encontramos enfermos dessa condição, salvamo-los dos fluidos deletérios em que se envolvem por deliberação própria, *por dez vezes consecutivas*, a título de benemerência espiritual. Todavia, se as dez oportunidades voam sem proveito para os interessados, temos instruções superiores para entregá-los a sua própria obra, a fim de que aprendam consigo mesmos. Poderemos aliviá-los, mas nunca libertá-los”<sup>295</sup> (grifamos).

Pode parecer estranho que a Espiritualidade seja tão rígida para com aqueles que persistem no erro, mas perguntamos: será que nós temos tanta paciência com aqueles que convivem conosco? Será que reprimariamos a oportunidade por dez vezes consecutivas para quem insistisse em continuar cometendo o mesmo erro? Veja-se bem; não se trata aqui do perdão, que deve ser dado “Não só sete vezes mas setenta vezes sete vezes”<sup>296</sup>, porém do atendimento repetido ao renitente, ao incorrigível, que persiste em cometer as mesmas faltas, os mesmos delitos, de forma consciente.

Para este grupo de pacientes a recomendação do estudo metódico e sistemático da Doutrina, aliada ao hábito de boas leituras, freqüência às reuniões evangélico-doutrinárias e a prática do bem, com exercício da paciência, do perdão, da humildade e da resignação, é imperativo. Mas, bem o sabemos, devido seu estado mental, dificilmente conseguirá ele iniciar-se por aí, sem auxílio. Para tanto, nossas preces e o passe são contributos valiosíssimos.

Como disseram os Espíritos a Allan Kardec: “Não basta que um doente diga ao seu médico: dê-me saúde, quero passar bem. O médico nada pode, se o doente não faz o que é preciso”<sup>297</sup>. Assim nosso paciente; ele deve ser alertado sobre suas responsabilidades no processo de cura, pois, a fluidoterapia não pode ser vista como transferência ou omissão delas, mas, sim, benesses complementares que são adquiridas e estabilizadas pela sua vivência.

## 2.3 - Paciente Com Ambos os Problemas

Agora, não isolaremos decorrências, pois, este item trata de casos mistos: físicos (orgânicos) e psíquicos (espirituais).

Do ponto de vista material, a ação do passista é quase sempre muito restrita. Afinal, por mais se tenha estudado e pesquisado, falecem-nos os meios por dominar a “manipulação fluídica”, dom por enquanto apenas acessível a Espiritualidade. Na realidade, quase sempre nos limitamos a fornecer os fluidos que nos são peculiares, dando-lhes a impulsão benéfica de acordo com nossa vontade firme de fazer o bem. Ter

<sup>293</sup> FRANCO, Divaldo Pereira. *O drama de Carlos*. In “*Loucura e Obsessão*”. cap. 4, p. 52.

<sup>294</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Mandato Mediúnico*. In “*Nos Bastidores da Mediunidade*”, cap. 16, p. 150.

<sup>295</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Os passes*. In “*Missionários da Luz*”, cap. 19, p. 334.

<sup>296</sup> Mateus, XVIII, v. 22.

<sup>297</sup> KARDEC, Allan. *Da obsessão*. In “*O Livro dos Médiuns*”, cap. 23, item 254, questão terceira.

consciência disso é importante, pois, além de nos fazer refletir sobre como agir cotidianamente no bem, para podermos fornecer bons fluidos, impõe-nos a necessidade do estudo continuado a fim de melhor contribuirmos no processo fluidoterápico.

Através do estudo, sempre conjugado à intuição espiritual, podemos avaliar a maior valência do problema do paciente para bem direcionar o tratamento. Caso prevaleça o aspecto físico, recomendam-se os cuidados descritos para pacientes com estes problemas (item 2.1); do contrário, deve-se observar os descritos no item seguinte (2.2). Contudo, o bom senso nos recomenda não fazermos distinção tão marcante, notadamente porque os Espíritos serão os verdadeiros “operadores” e, quase sempre, serão eles quem encaminharão todo o processo, abstração feita à responsabilidade dos médiuns.

Neste grupo de pacientes teremos tratamentos conjugados, os quais só a análise caso a caso poderá determinar o caminho a seguir. É sempre bom lembrar, todavia, que nada nem nenhum tratamento fluido-terápico pode ser tão técnico que descuide dos princípios básicos do amor cristão e da fé em Deus.

### 3. QUEM DOA

“Na cura, nós somos o aparelho e, falando de forma simples, temos de estar sempre nos esforçando para nos tornarmos melhores receptores. (...) O poder que traz a cura começa como um Espírito puro, como uma energia pura, que tem de ser reconduzida, enfraquecida, transformada, tornada mais grosseira, num certo sentido, antes que possa ser transmitida para “fulana”, que veio para ser curada (...)”<sup>298</sup> (Dudley Blades). - Ao contrário do que se poderia imaginar, esta citação é de um pastor presbítero inglês e não de algum autor Espírita. Inclusive, na obra (“A Energia Espiritual e Seu Poder de Cura”) ele comenta sobre reencarnação (é favorável), mundo espiritual, Espíritos, e tem uma visão muito feliz sobre as bênçãos de Deus em relação a nós.

De suas palavras apreendemos a importância de nos melhorarmos como doadores, pois apesar de mostrarmos repetidas vezes que o papel do médium no tratamento do passe é, dentro de certos ângulos, mais de canal que necessariamente de gerência, “Apregoarmos que o resultado do passe independe do médium que o aplica, além de ser um ponto de vista sem base doutrinária, será motivo para que o médium se acomode, não encontrando ele por que se esforçar por melhorar-se. Ao contrário, que a Doutrina ensina é que ele deve adotar hábitos salutareos, eliminando os vícios, vigiando as emoções e sentimentos, aplicando-se ao estudo, à meditação e a prece, cultivando intenções nobres, enfim, trabalhando pelo seu aperfeiçoamento moral para que possa ser instrumento útil dos companheiros espirituais no amparo as necessidades humanas”<sup>299</sup> (Dalva Silva Souza). Por isso mesmo deve o magnetizador “(...) Contar com boa saúde, sua vontade deve ser firme; a fé na ciência que professa, absolutamente inquebrantável; sua conduta deve ser inobjektável, seus costumes moderados e, ademais, ser um ser humano disposto sempre a sacrificar-se por seus semelhantes”<sup>300</sup> (Malcolm Malik).

Dentro dessa seqüência, Paul-Clément Jagot nos afirma que “O essencial, para magnetizar de uma maneira benéfica, é um equilíbrio moral, intelectual e físico satisfatório. Se o moral é ao mesmo tempo firme e sensível, se o intelecto é lúcido e culto, se os mecanismos fisiológicos são robustos, profusamente radioativos, os resultados serão máximos. Mas, repito, a retidão da intenção, seu ardor e um estado de saúde normal bastam”<sup>301</sup>, prosseguindo mais adiante: “A insônia, a intoxicação alimentar, a insuficiência respiratória enfraquecem consideravelmente a tensão de exteriorização. A agitação nervosa, as emoções vivas, as paixões obsessivas perturbam a emissividade, que então se torna instável, espasmódica e perde suas propriedades equilibrantes”<sup>302</sup>. Como vimos, no final ressurgue a tensão que, da parte do passista, implica a qualidade de sua participação no processo fluidoterápico.

Sem dúvida, o passista é peça-chave nos tratamentos fluídicos. E mesmo sendo aquele que aplica o passe um médium, todos o podem praticar já que as condições para se ser passista não requer se tenha me-

<sup>298</sup> BLADES. Dudley. In “A Energia Espiritual e Seu Poder de Cura”, cap. 2, p. 31.

<sup>299</sup> OS EFEITOS do passe. “Reformador”, ago, 1986, p. 254.

<sup>300</sup> MALIK. Malcolm. Hipnotismo. In “El Arte de Magnetizar al Alcance de Todos”, p. 23.

<sup>301</sup> JAGOT, Paul-Clément. Introdução. In “Iniciação a Arte de Curar pelo Magnetismo Humano”, cap 1, item 5, Toda pessoa equilibrada pode magnetizar, p. 14.

<sup>302</sup> JAGOT Paul-Clément. Noções elementares. In “Iniciação a Arte de Curar pelo Magnetismo Humano”, cap. 2, item 4. O magnetizador, p. 17.

diunidade ostensiva em qualquer de suas nuances. Tal nos afirma Léon Denis: “Como o Cristo e os apóstolos, como os santos, os profetas e os magos, todos nós podemos impor as mãos e curar, se temos amor aos nossos semelhantes e o desejo ardente de os aliviar”<sup>303</sup>. Daí, contudo, não se crer seja o passe um brinco que a todos é dado direito manusear de maneira irresponsável. Como diz Roque Jacintho, “Ninguém recebe uma graça ou um acréscimo especial da Misericórdia Divina para ser, aqui na Terra, um passista comum. E no mesmo sentido, ninguém, para essa atividade normal, traz missão especialíssima”<sup>304</sup>. Conscientização das responsabilidades, portanto, à tarefa inadiável.

O Espírito André Luiz em diálogo com o mentor Alexandre, examinando a participação dos Espíritos nos processos da fluidoterapia, pergunta: “Esses trabalhadores apresentam requisitos especiais?” Ao que Alexandre responde:

“- Sim (...), na execução da tarefa que lhes está subordinada, não basta a boa vontade, como acontece em outros setores de nossa atuação. Precisam revelar determinadas qualidades de ordem superior e certos *conhecimentos especializados*. O Servidor do bem, mesmo desencarnado, não pode satisfazer em semelhante serviço, se ainda não conseguiu manter um padrão superior de elevação mental contínua, condição indispensável à exteriorização das faculdades radiantes”. Isto coloca com liminar clareza a posição de conhecimentos e esforços dos Espíritos nesta tarefa que, na nossa ótica puramente material, se nos parece tão simples, tão mecânica.

Para nos posicionar no outro ponto da questão (o do médium passista), André Luiz indaga: “Os amigos encarnados, de modo geral, poderiam colaborar em semelhantes atividades de auxílio magnético?” A resposta é primorosa:

“- Todos, com maior ou menor intensidade, poderão prestar concurso fraterno, nesse sentido, porquanto, revelada a disposição fiel de cooperador a serviço do próximo, (...) as autoridades de nosso meio designam entidades sábias e benevolentes que orientam, indiretamente, o neófito, utilizando-lhe a boa vontade e enriquecendo-lhe o próprio valor. *São muito raros, porém, os companheiros que demonstram a vocação de servir espontaneamente*. Muitos, não obstante bondosos e sinceros nas suas convicções, aguardam a mediunidade curadora, como se ela fosse um acontecimento miraculoso em suas vidas e não um serviço do bem, que *pede do candidato o esforço laborioso do começo*”<sup>305</sup> (grifamos).

Se, por um lado, temos de reconhecer a seriedade do trabalho dos passes, que nos requer estudos, tanto da Doutrina quanto especializados, e esforço laborioso para o grande desiderato, podemos estar tranqüilos quanto a nos vincularmos nas tarefas do passe, pois “Os orientadores da Espiritualidade procuram companheiros, não escravos. O médium digno da missão do auxílio não é um animal subjugado à canga, mas sim um Irmão da Humanidade e um aspirante à Sabedoria. Deve trabalhar e estudar por amor (...)”<sup>306</sup> (Áulus). Portanto, “Todas as pessoas dignas e fervorosas, com o auxílio da prece, podem conquistar a simpatia de veneráveis magnetizadores do Plano Espiritual, que passam, assim, a mobilizá-las na extensão do bem. (...) É importante não esquecer essa verdade para deixarmos bem claro que, onde surjam a humildade e o amor, o amparo divino é seguro e imediato”<sup>307</sup> (Áulus).

Analisando o papel do doador nas atividades do passe, iremos estudar separadamente os médiuns e os Espíritos.

### 3. 1 - Os Médiuns

Com serenidade concluímos que no campo do passe há espaço para todos. Lembremo-nos, todavia, que “Ser médium é ser ajudante do Mundo Espiritual. E ser ajudante em determinado trabalho é ser alguém que auxilia espontaneamente, descansando a cabeça dos responsáveis”<sup>308</sup> (Emmanuel).

<sup>303</sup> DENIS, Léon. In “No Invisível”, Parte 2, cap. 15, p. 182.

<sup>304</sup> JACINTHO, Roque. Passistas. In “Passe e Passista”, cap. 3, p. 19.

<sup>305</sup> XAVIER, Francisco Cândido. Passes. In “Missionários da Luz”, cap. 19, pp. 321 e 322.

<sup>306</sup> XAVIER, Francisco Cândido. Mandato mediúnico. In “Nos Domínios da Mediunidade”, cap. 16, p. 156.

<sup>307</sup> XAVIER, Francisco Cândido. Serviço de passes. In “Missionários da Luz”, cap. 17, p. 167.

<sup>308</sup> XAVIER, Francisco Cândido. Ser Médium. In “Seara dos Médiuns”, p. 138.

Aos médiuns, portanto, “O estudo da constituição humana lhes é naturalmente aconselhável, tanto quanto ao aluno de enfermagem, embora não seja médico, se recomenda a aquisição de conhecimentos do corpo em si. E do mesmo modo que esse aprendiz de rudimentos da Medicina precisa atentar para a assepsia do seu quadro de trabalho, o médium passista necessitará vigilância no seu campo de ação, porquanto de sua higiene espiritual resultará o reflexo benfazejo naqueles que se proponha socorrer. Eis por que se lhe pede a sustentação de hábitos nobres e atividades limpas, com a simplicidade e a humildade por alicerces (...)”<sup>309</sup> (André Luiz).

Por outro lado, o receio de se ser visto pelos não espíritas como meros gesticuladores ou magos curandeiros não deverá encontrar respaldo em nossos sentidos, pois o que deveras conta é nossa participação efetiva no socorro aos necessitados. Ademais, existe a visão espiritual da questão: “Os passistas afiguravam-se-nos como duas pilhas humanas deitando raios de espécie múltipla, a lhes fluírem das mãos, depois de lhes percorrerem a cabeça (...)”<sup>310</sup> (André Luiz). E, a partir desta visão, não podemos nos deter em raciocínios menores, sem, contudo, açularmos vaidades piegas ou fomentarmos a imaginação com a irrealidade de se possuir poderes miraculosos, daqueles que derrogariam as leis Naturais. Somos passistas; somos trabalhadores da seara do Cristo. Isto é muito. Isto é tudo!

### 3.1.1 - Condições Físicas

À primeira vista, poderia parecer que apenas aqueles que têm bom condicionamento físico são passíveis de aplicar passes. É fora de dúvida que uma saúde perfeita, um corpo sem doenças, favorecerá enormemente na função de uma boa doação fluídica. Mas, por tudo o que já vimos até aqui, é fácil deduzir que isso não é tudo; afinal, são inumeráveis os casos de pessoas que são socorridas por outras mais débeis e frágeis fisicamente, mas, nem por isso, os alcances são menos expressivos. Contudo, não estamos com isso querendo menosprezar o valor do equilíbrio orgânico do médium passista, notadamente daquele que doa suas próprias energias: o passista magnético, o magnetizador propriamente dito. O cuidado com sua saúde não só é importante como imprescindível.

Vejamos como pensa Michaelus: “Um corpo sem saúde não pode transmitir aquilo que não possui; a sua irradiação seria fraca, ineficaz e mais nociva do que útil, para si e para o paciente.

“Deve-se, entretanto, distinguir entre uma pessoa incessantemente doente (...) da que é apenas atingida de uma doença local, um mal de estomago, dos rins, etc., embora de caráter crônico”<sup>311</sup>. (Este é, inclusive, o pensamento de Aubin Gauthier expresso em seu “Magnétisme et Somnambulisme”). O mesmo Michaelus, continuando o assunto, traduz a assertiva de Alfonse Bué (do seu “Magnétisme Curatif”) que deve ser bem ponderada: “Não se creia, entretanto, que o poder magnético caminhe de par com a força muscular”.

Apesar de parecer contraditório, a saúde é importante ser velada, mas, de igual modo, não é tudo. Afinal, como o fluxo magnético provém não só do corpo senão essencialmente da alma, é desta que devemos cuidar em primeiro lugar. Só que é indissociável o cuidar de uma sem o zelar da outra. Outrossim, o estado físico, por si só, não diz tudo o que precisa ser observado; já dissemos, alhures, que a mentalização negativa destrói, desintegra, perturba nossas camadas fluídicas equilibradas e equilibrantes, donde fácil concluir que o físico não é sobrevalente ao estado mental.

Muitas vezes, não conseguimos evitar o acometimento de certas doenças em nós mesmos, visto podermos ingerir algo deteriorado sem o percebermos e isso nos complicar a saúde, por exemplo. Ou então, aquelas epidemias que de tempos a tempos aparecem e nos pegam “desprevenidos”. Até aí está relativamente justificado o problema verificado em nossa saúde, sem, com isso, termos comprometido nossa moral. Mas, existem outras situações que não nos exime das responsabilidades decorrentes: “A fiscalização dos elementos destinados aos armazéns celulares é indispensável, por parte do próprio interessado em atender as tarefas do bem. O *excesso de alimentação* produz odores fétidos, através dos poros, bem como das saídas dos pulmões e do estomago, prejudicando as faculdades radiantes, porquanto provoca dejeções

<sup>309</sup> XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Mediunidade curativa*. In “*Mecanismos da Mediunidade*”, cap. 22, item *Médium passista*, p. 146.

<sup>310</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Serviço de passes*. In “*Nos Domínios da Mediunidade*”, cap. 17, p. 165.

<sup>311</sup> MICHAELUS. In “*Magnetismo Espiritual*”, cap. 7, pp. 51 e 52.

anormais e desarmonias de vulto no aparelho gastrointestinal, interessando a intimidade das células. *O álcool e outras substâncias tóxicas* operam distúrbios nos centros nervosos, modificando certas funções psíquicas e anulando os melhores esforços na transmissão de elementos regeneradores e salutares”.<sup>312</sup> (Grifos nossos.) Esta colocação do Espírito Alexandre nos adverte para algumas das coisas que devemos ter cuidado, a fim de não comprometermos nosso corpo somático nem o trabalho de assistência via passes. Afinal, se no exemplo anterior poderíamos ser catalogados, de certa forma, como vítimas das circunstâncias, agora somos os agentes dos distúrbios, por não vigiarmos ou por agirmos em desacordo com os cuidados requeridos.

Corroborando com tudo o que foi visto, ampliaremos, aqui, os compromissos que temos com nossa saúde. Um técnico em planejamento reencarnatório, no plano espiritual, assim se refere a um grupo que prejudicou seus corpos: “Abusaram eles da magnífica saúde que possuíam. Saúde! Bem inapreciável de que o homem desdenha, fingindo ignorar que se trata de um auxílio divino que a solicitude do Altíssimo concede as criaturas (...). Sem a mínima demonstração de respeito à autoridade do Criador, aqueles nossos inditosos irmãos envenenaram os fardos preciosos com excessos de toda a natureza!”<sup>313</sup>. Desnecessário dizer que, se para a vida como um todo a falta de cuidados com a saúde tem repercussões que tais, imaginemos o que ocorre a nível das disposições fluídicas em face da urgência de determinados trabalhos fluídicos.

Por tudo isso, existe um coro uníssono e universal a respeito. Fred Wachsmann nos sintetiza que, “De um modo geral, deve-se evitar tudo quanto importa no desgaste ou perda de energia: excessos sexuais, trabalhos demasiados, alimentação imprópria, hiperácida, hipercarnívora, energética, bem como o álcool, a nicotina e os entorpecentes de toda espécie; deve-se, enfim, viver mais naturalmente e adquirir melhores qualidades”<sup>314</sup>.

Carlos Imbassahy, por sua vez, nos adverte: “O Espiritismo (...) aconselha que preservemos o nosso corpo dos elementos ou fatores que lhe diminuam a capacidade de resistência, e assim teremos que nos alimentar, sóbria, mas suficientemente; não podemos perder a noite em prazeres inúteis ou os dias em maus contubérnios e em vícios; não devemos entregar-nos à ociosidade; não usaremos vestes impróprias ao clima; não procuraremos exagerar o recato até o ridículo; não sacrificaremos as benesses da Natureza em nome de convenções ou de uma moral movediça, intermitente, errática, oriunda de mitos, das superstições ou da ignorância. É, enfim, nosso dever, promover a robustez, entreter a saúde, alimentar a existência por meio do exercício físico (...)”<sup>315</sup>.

Consideraremos, separadamente, as condições para as crianças e para os idosos<sup>316</sup>. A questão do deficiente mental, abordaremos no item 3.1.3 adiante.

### 3.1.2 - Condições Morais

Eis o que o Codificador nos indica a respeito: “Se o médium, do ponto de vista da execução, não passa de um instrumento, exerce, todavia, influência muito grande, sob o aspecto moral. (...) A alma exerce sobre o Espírito livre uma espécie de atração, ou de repulsão, conforme o grau da semelhança existente entre eles. (...) As qualidades que, de preferência, atraem os bons Espíritos são: a bondade, a benevolência, a simplicidade do coração, o amor ao próximo, o desprendimento das coisas materiais. Os defeitos que os afastam são: o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a cupidez, a sensualidade e todas as paixões que escravizam o homem a matéria”<sup>317</sup>. Além disso, a porta que os espíritos imperfeitos “Exploram com mais habilidade é o orgulho, porque é a que a criatura menos confessa a si mesma. O orgulho tem perdido muitos médiuns dotados das mais belas faculdades (...)”<sup>318</sup>.

<sup>312</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Passes*. In “*Missionários da Luz*”, cap. 19, p. 323.

<sup>313</sup> PEREIRA, Yvonne A. In “*Memórias de um Suicida*”, 2ª Parte, cap. 6, pp. 361 e 362.

<sup>314</sup> MICHAELUS. In “*Magnetismo Espiritual*”, cap. 7, p. 54.

<sup>315</sup> MICHAELUS. In “*Magnetismo Espiritual*”, cap. 7, p. 55.

<sup>316</sup> Vide capítulo X.

<sup>317</sup> KARDEC, Allan. In “*O Livro dos Médiuns*”, cap. 20, item 227.

<sup>318</sup> KARDEC, Allan. In “*O Livro dos Médiuns*”, cap. 20, item 228.

Na “Revista Espírita” de outubro de 1867 Kardec publicou uma mensagem do Abade Príncipe de Hohenlohe muito interessante: “(...) Conforme o estado de vossa alma e as aptidões do vosso organismo, podeis, se Deus vo-lo permitir, tanto curar as dores físicas quanto os sofrimentos morais, ou ambos. Duvidais de ser capaz de fazer uma ou outra coisa, porque conheceis as vossas imperfeições. Mas Deus não pede a perfeição, a pureza absoluta dos homens da terra. A esse título, ninguém entre vós seria digno de ser médium curador. Deus pede que vos melhoreis, que façais esforços constantes para vos purificar e vos leva em conta a vossa boa vontade. (...) Melhorai-vos pela prece, pelo amor do Senhor, de vossos irmãos e não duvideis que o Todo-Poderoso não vos dê as ocasiões freqüentes de exercer vossa faculdade mediúnica. (...) Até lá orai, progredi pela caridade moral, pela influência do exemplo (...)”<sup>319</sup>.

Noutra oportunidade o Codificador indagou ao Espírito Annonay, sonâmbula de uma “lucidez notável”, a qual ele conhecera quando encarnada:

“27 - O poder magnético do magnetizador depende de sua constituição física?

“- Sim; mas muito de seu caráter. Numa palavra: depende de si próprio.

“30. - Quais as qualidades mais essenciais para o magnetizador?

“- O coração; as boas intenções sempre firmes; o desinteresse.

“31. - Quais os defeitos que mais o prejudicam?

“- As más inclinações, ou melhor, o desejo de prejudicar”<sup>320</sup>.

É Kardec quem comenta: “O fluido espiritual será tanto mais depurado e benfazejo quanto mais o Espírito que o fornece for puro e desprendido da matéria. Compreende-se que o dos Espíritos inferiores deva aproximar-se do homem e possa ter propriedades *maléficas*, se o Espírito for impuro e animado de más intenções.

“Pela mesma razão, as qualidades do fluido humano apresentam nuances infinitas, conforme as qualidades *físicas e morais* do indivíduo. É evidente que o fluido emanado de um corpo malsão pode inocular princípios mórbidos ao magnetizado. As qualidades morais do magnetizador, isto é, a pureza de intenção e de sentimento, o desejo ardente e desinteressado de aliviar o seu semelhante, aliados a saúde do corpo, dão ao fluido um poder reparador que pode, em certos indivíduos, aproximar-se das qualidades do fluido espiritual”<sup>321</sup>. (Grifos originais.)

Reveste-se de fundamental importância o registro acima pelas conclusões que albergam. Entre outros, Kardec nos confirma o valor da moral ante a qualidade dos fluidos, a qual pode transsubstanciar nossos fluidos animais em “quase” espirituais .

A essas alturas, lembramos uma citação que vimos alhures: “Há mediunidades extraordinárias, mas poucos médiuns extraordinários”<sup>322</sup>. Sem dúvida, ela se presta a várias interpretações, mas, uma delas vem a calhar ao nosso caso. Existem, deveras, mediunidades extraordinárias; quanto ao sentido, quanto ao alcance e quanto ao espetáculo. Mas, médiuns extraordinários, anônimos servidores do Cristo, que fazem e cumprem seus deveres sem estardalhaços, sem personalismos, sem vaidades ou outros sentimentos menos nobres, esses são poucos. Entretanto, não sejamos tão pessimistas; eles existem. E nós, eu e você, poderemos ser um deles. Sabe de quem depende isso? De nós apenas. “- Mas como?”, pode ser perguntado. “- Com nosso esforço, pela melhora moral nossa”. “- E os Espíritos Superiores, esses nos ajudarão?” “- Sim, pois que já nos ajudam, mesmo sem nos melhorarmos. Apenas não os percebemos porque nos sintonizamos em freqüências diferentes, por opção própria”. Eles estão sempre prontos. Infelizmente, nós é que quase nunca estamos a disposição deles. Como dois só conseguem quando os dois querem, é necessário que queiramos, pois os Espíritos Superiores o querem, com certeza (pelo que fica faltando só a nossa parte). Vale ser lembrado, contudo, que querer é ter disposição, boa vontade e ação e não apenas dizer “quero”, e cruzar braços.

<sup>319</sup> “Dissertações Espíritas”, III, pp. 320 e 321.

<sup>320</sup> SRA. REYNAUD. “Revista Espírita”, mar, 1859, p. 80.

<sup>321</sup> Da mediunidade curadora. Revista Espírita”, set. 1865, item 4, p. 252.

<sup>322</sup> TOLEDO, Wenefledo de. In “Passes e Curas Espirituais”, 2ª Parte, lição 6ª, p. 93.

Observemos, agora, o que nos diz o Espírito Alexandre: “O servidor do bem, mesmo desencarnado, não pode satisfazer em semelhante serviço (do passe) se ainda não conseguiu manter um padrão superior de elevação mental contínua, condição indispensável à exteriorização das faculdades radiantes. *O missionário do auxílio magnético, na Crosta ou aqui em nossa esfera, necessita ter grande domínio sobre si mesmo, espontâneo equilíbrio de sentimentos, acendrado amor aos semelhantes, alta compreensão da vida, fé vigorosa e profunda confiança no Poder Divino.* (...) Na esfera carnal, a boa vontade sincera, em muitos casos, pode suprir essa ou aquela deficiência, o que se justifica, em virtude da assistência prestada pelos benfeitores de nossos círculos de ação ao servidor humano, ainda incompleto no terreno das qualidades desejáveis”<sup>323</sup> (grifamos).

Todavia, não pensemos que isso só se aplica aos médiuns e aos Espíritos. A moral é chave fundamental para todos. Observe-se, por exemplo, o que nos diz George W. Meek<sup>324</sup>: “Os curandeiros são quase invariavelmente generosos, amáveis, preocupando-se muito com seus pacientes”. Ou seja, mesmo aqueles que não são necessariamente vistos com os bons olhos da coletividade humana, inclusive uma grande parte Espírita, são portadores de virtudes enobrecedoras e, sem dúvida, isso é fundamental para seus sucessos.

Feita esta constatação, sentimos como o posicionamento moral do médium é muito importante para o sucesso de sua tarefa. Não esperamos, pois, que os pacientes sejam sempre “bonzinhos” e que os Espíritos estejam sempre “na agulha” para agirem ao nosso “estalar de dedos”, sem que sejamos nós os primeiros a estar prontos, física e, sobretudo, moralmente para o trabalho. Não seria de se imaginar diferente. A moral há de ter importância preponderante nos trabalhos fluídicos, já que o meio onde os fluidos são processados é basicamente mental (para não dizer espiritual). A mente determina a vibração fluídica a partir da vontade e esta libera os fluidos, tonificando-os pelos padrões psíquicos do(s) emissor(es); estes fluidos serão tão melhormente consistentes e harmonizados quanto maior equilíbrio tiver a moral do(s) doador(es). Assim, deixando de lado as condições do receptor final (paciente), a emissão fluídica assume o cunho de pureza determinada pela moral em que vibra(m) o(s) emissor(es).

### 3.1.3 - Condições Mentais (Psíquicas)

Não devemos forçar a prática mediúnica em pessoas débeis, pois a perda de fluidos pode lhes ser danosa. Diríamos até que *não se deve forçar*, no sentido literal da palavra, qualquer prática mediúnica em qualquer criatura. Mas, seguindo com Kardec, desse exercício “Cumpra afastar, por todos os meios possíveis, as que apresentem sintomas, ainda que mínimos, de excentricidade nas idéias, ou de enfraquecimento das faculdades mentais, porquanto, nessas pessoas, há predisposição evidente para a loucura, que se pode manifestar por efeito de qualquer sobreexcitação. (...) O que de melhor se tem a fazer com todo indivíduo que mostre tendência a idéia fixa e dar outra diretriz as suas preocupações, a fim de lhe proporcionar repouso aos órgãos enfraquecidos”<sup>325</sup>.

De início, portanto, já concluímos com Allan Kardec que aquelas criaturas com limitações mentais não são indicadas as tarefas mediúnicas. Entretanto, as implicações não se restringem a esse aspecto. Voltando à última citação do Espírito Alexandre<sup>326</sup>, encontramos-lo, um pouco mais adiante, agora sob outro ângulo: “Falaremos tão-só das conquistas mais simples e imediatas que deve fazer (o médium), dentro de si mesmo. Antes de tudo, é necessário equilibrar o campo das emoções. Não é possível fornecer energias construtivas a alguém (...) se fazemos sistemático desperdício das irradiações vitais. Um sistema nervoso esgotado, oprimido, é um canal que não responde pelas interrupções havidas. A mágoa excessiva, a paixão desvairada, a inquietude obsidente, constituem barreiras que impedem a passagem das energias auxiliadoras”<sup>327</sup>.

Uma outra observação de impedimento as práticas da mediunidade nos é colocada pelo Espírito André Luiz quando nos sugere “Interdizer a participação de portadores de mediunidade em desequilíbrio nas

<sup>323</sup> XAVIER, Francisco Cândido. Passes. In “Missionários da Luz”, cap. 19, p. 321.

<sup>324</sup> MEEK, George W. Observações. In “As Curas Paranormais”, cap. 5, p. 61.

<sup>325</sup> KARDEC, Allan. Inconvenientes e perigos da mediunidade. In “O Livro dos Médiuns”, cap. 18, item 222.

<sup>326</sup> XAVIER, Francisco Cândido. Passes. In “Missionários da Luz”, cap. 19, p. 321.

<sup>327</sup> XAVIER, Francisco Cândido. Passes. In “Missionários da Luz”, cap. 19, p. 323.



tarefas sistematizadas de assistência mediúnica, ajudando-os discretamente no reajuste” posto que “Um doente-médium não pode ser um médium-sadio”<sup>328</sup>. Mais claro e objetivo é impossível.

Prossigamos com a literatura de André Luiz, agora na palavra do Espírito Albério: “(...) A mente permanece na base de todos os fenômenos mediúnicos. (...) Nossa mente é, dessarte, um núcleo de forças inteligentes, gerando plasma sutil que, a exteriorizar-se incessantemente de nós, oferece recursos de objetividade às figuras de nossa imaginação, sob o comando de nossos próprios desígnios. (...) Em qualquer posição mediúnica, a inteligência receptiva está sujeita às possibilidades e a coloração dos pensamentos em que vive, e a inteligência emissora jaz submetida aos limites e às interpretações dos pensamentos que é capaz de produzir. (...) Em mediunidade, portanto, não podemos olvidar o problema da sintonia”<sup>329</sup>. Eis aí, claramente estabelecido, por que a mente equilibrada e, em consequência, nossa posição psíquica, é de vital importância para conseguirmos o fruto desejado nas lides fluidoterápicas.

O cultivo de mente pura à nosso dever, já que ela é o filtro por onde passam as benesses que favorecerão nosso próximo e, por conseguinte, a nós mesmos. Afinal, “A energia transmitida pelos amigos espirituais circula primeiramente na cabeça dos médiuns”<sup>330</sup>. (Só para recordar, lembra o leitor onde fica o Centro Coronário e qual a sua importância?)

Poderíamos ainda pensar nas condições psicológicas do médium ante o serviço do passe. Muitas publicações têm surgido ultimamente enfatizando o poder da mente, com colocações, diríamos, nem sempre bem ponderadas. Isto porque, na maioria delas, enfatiza-se o “querer é poder”, mas, atribuindo ao querer a simples repetitividade, até meio irracional, de palavras ou frases “chaves”. Por exemplo: “Diga para você, 'tantas' vezes por 'tanto' tempo, que você vai conseguir isso, ou que você terá aquilo ou que você alcançará aquilo outro”. E depois de você se convencer disso, garante que terá alcançado ou estará por alcançar seu desejo. É, sem querer menosprezar as obras sérias que tratam do assunto, um simplismo fabricado para atender à comodidade da “lei do menor esforço”. Querer estabelecer poderes através do simples condicionamento de palavras é, no mínimo, reduzir as maravilhosas potencialidades do ser humano a puro automatismo irracional.

Os médiuns não de desenvolver condições íntimas de fé e confiança, que se adquirem com muito labor. “O Evangelho segundo o Espiritismo” muito nos tem ensinado nesse sentido. E são essas condições, adquiridas e vividas de forma inabalável, que nos favorecerão as condições psicológicas do “eu quero, eu posso”, posto que estabelecidas em vivência, em prática, em Espírito e verdade e não por refração de palavras.

Nossa posição psicológica para a aplicação do passe deve ser tal qual a assertiva do Mestre Jesus: “Seja o vosso falar (e agir), sim, sim; não, não”<sup>331</sup>. Sem espaço para vacilações, sem espaço para descrença, sem espaço para o medo. A mente tem que estar repleta de pensamentos positivos e o coração emitindo vibrações de um harmônico amor. Nosso desejo não será o de curar de qualquer maneira mas o de favorecer o paciente, o irmão necessitado, com a “ajuda máxima que possamos dar”, mas, sob os alcances determinados pelo “seja feita a vontade de Deus”, e não necessariamente a nossa.

Podemos concluir com uma síntese de Keith Sherwood: “O curador busca duas direções: primeiro Deus, concretizando a afinidade com o Todo, a fonte da cura e depois com seu paciente, tornando-se o canal através do qual a energia fluirá”<sup>332</sup>. Isto representa uma imagem ideal para o passista, posto que, buscar a Deus, Jesus já bem ensinou, através do “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”<sup>333</sup>; e se buscando-O amamos o semelhante, e vice-versa, alcançamos o ideal da Lei já que ali se encontram “toda a lei e os profetas”<sup>334</sup>, inclusive a lei das curas.

## 3.2 - Os Espíritos

<sup>328</sup> VIEIRA, Waldo. *Do dirigente de reuniões doutrinárias*. In “*Conduta Espírita*”, cap. 3, p. 24.

<sup>329</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Estudando a mediunidade*. In “*Nos Domínios da Mediunidade*”, cap. 1, pp. 15, 17 e 18.

<sup>330</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Serviço de passes*. In “*Nos Domínios da Mediunidade*”, cap. 17, p. 165.

<sup>331</sup> Mateus, V, v. 37.

<sup>332</sup> SHERWOOD, Keith. *O perigo do medo*. In “*A Arte da Cura Espiritual*”, cap. 2, item *Confiança e união*, p. 36.

<sup>333</sup> Mateus, XXII, v. 39.

<sup>334</sup> Mateus, XXII, v. 40.

Será que já nos demos conta de que, para a realidade da existência do passista, se torna necessária a presença de trabalhadores no plano espiritual nessa mesma área, para secundar (o mais certo seria primar) os trabalhos?

Independentemente do atendimento dos Espíritos aos trabalhos específicos do passe, sabemos, com o Espírito Alexandre, que “Há verdadeiras legiões de trabalhadores de nossa especialidade amparando as criaturas, que através de elevadas aspirações, procuram o caminho certo nas instituições religiosas de todos os matizes”<sup>335</sup>. Inclusive, com esta afirmação, fica evidente que o trabalho da Espiritualidade Superior, no atendimento de nossas necessidades, não se vincula a qualquer ordem ou orientação religiosa dessa ou daquela estirpe; simplesmente atende aos necessitados, na proporção direta de sua fé, de seu merecimento e de sua vinculação com os planos elevados. Isto ratifica a postulação de Kardec no capítulo XV de “O Evangelho segundo o Espiritismo”, quando, registrando passagens do Cristo e de Paulo neste especial, corporifica o “Fora da caridade não há salvação”.

Os Espíritos, temos certeza, são indispensáveis em nossas atividades fluidoterápicas e sua ação é tão palpável que negá-los se nos apresenta como ignorância ou puro orgulho; ignorância da parte daquele que não sabe, não conhece, não experimentou; orgulho, naquele que sabe, conhece ou experimentou, mas se acredita insubstituível e fonte natural de todos os recursos que fluem por seu intermédio; pobre coitado carente de oração e cuidados para não se obsidiar em grau mais elevado.

### 3.2. 1 - Nos Passes

“- Mãos à obra! Distribuamos alguns passes de reconforto!

“(…) Recordei Narcisa (...) Pareceu-me, ainda, ouvir-lhe a voz fraterna e carinhosa - 'André, meu amigo, nunca te negues, quanto possível, a auxiliar os que sofrem. Ao pé dos enfermos, não olvides que o melhor remédio é a renovação da esperança; se encontrares os falidos e os derrotados da sorte, fala-lhes do divino ensejo do futuro; se fores procurado, algum dia, pelos Espíritos desviados e criminosos, não profiras palavras de maldição. Anima, eleva, educa, desperta, sem ferir os que ainda dormem. Deus opera maravilhas por intermédio do trabalho de boa vontade!' (...)”

“Aniceto designou-me um grupo de seis enfermos espirituais, acentuando:

“- Aplique seus recursos, André. (...)”

“Aproximei-me duma senhora profundamente abatida (...), entendendo que não deveria socorrer utilizando apenas a firmeza e a energia, mas também a ternura e a compreensão. (...)”

“Lembrando a influência divina de Jesus, iniciei o passe de alívio sobre os olhos da pobre mulher, reparando que enorme placa de sombra lhe pesava na frente”<sup>336</sup>.

Pela exposição, não temos motivos para descrer da ação dos Espíritos, já que a larga maioria dos experimentadores de todas as Escolas, de forma direta ou velada, também se reporta a essa ação, quer por menção à intuição, quer por referência as sensações de “acompanhamentos”.

Chico Xavier perguntou a André Luiz: “Quais os principais métodos usados na Espiritualidade para o tratamento das lesões do corpo espiritual?” Eis a resposta: “- Na Espiritualidade, os servidores da Medicina penetram, com mais segurança, na história do enfermo para estudar, com o êxito possível, os mecanismos da doença que lhe são particulares.

“Aí, os exames nos tecidos psicossomáticos com aparelhos de precisão (...) podem ser enriquecidos com a ficha cármica do paciente a qual determina quanto a reversibilidade ou irreversibilidade da moléstia, antes de nova reencarnação, motivo por que numerosos doentes são tratáveis, mas *somente curáveis mediante longas ou curtas internações no campo físico, a fim de que as causas profundas do mal sejam extirpadas da mente pelo contacto direto com as lutas em que se configuraram.*”

“Crucial, portanto, é que o médico espiritual se utilize ainda, de certa maneira, da medicação que vos é conhecida, no socorro aos desencarnados em sofrimento (...)”

<sup>335</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Passes*. In “*Missionários da Luz*”, cap. 19, p. 327.

<sup>336</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Assistência*. In “*Os Mensageiros*”, cap. 44, pp. 228 a 231.

“Contudo é imperioso reconhecer que na Espiritualidade Superior o médico (...) se ergue com (...) as qualidades morais que lhe confirmam valor e ponderação, humildade e devotamento, visto que a *psicoterapia e o magnetismo, largamente usados no plano estrafísico*, exigem dele grandeza de caráter e pureza de coração”<sup>337</sup> (grifamos).

A transcrição dispensa comentários.

Na espiritualidade, é de se notar, também se faz uso da “psicoterapia e do magnetismo”, ficando, assim, definido que não se trata de Ciências eminentemente humanas, mas, sobretudo, Naturais. Isso é bom ficar bem entendido pois Psicologia é o estudo da alma e Magnetismo à a Ciência do bem em ação; e por assim serem entendidas, não podem, pura e simplesmente, ser afastadas das Casas Espíritas. Devemos, isto sim, usar-lhe os benefícios, orientados pela lucidez kardequiana da Codificação Espírita, sem com isso estarmos apregoando devam as Instituições Espíritas ter ou vir a ser clínicas de psicologia ou departamentos de magnetismo aplicado.

### 3.2.2 - Sua Ação de Maneira Direta no Paciente

Vejamos um caso registrado por Allan Kardec que fala por si:

“Tínhamos ocultado a morte do Sr. Demeure à Sra. G..., médium vidente e sonâmbula muito lúcida, para poupar sua extrema sensibilidade. E o bom doutor (Demeure), percebendo nosso ponto de vista, sem dúvida tinha evitado manifestar-se a ela. A 10 de fevereiro último, estávamos reunidos a convite de nossos guias que, diziam eles, queriam aliviar a Sra. G... de uma entorse de que sofria cruelmente desde a véspera. Não sabíamos mais que isto (...). Apenas caída em sonambulismo, a dama soltou gritos lancinantes, mostrando o pé. Eis o que se passava:

“A Sra. G... via um Espírito curvado sobre sua perna, mas as suas feições ficavam ocultas; *operava fricções e massagens*, fazendo de vez em quando uma *fricção longitudinal* sobre a parte doente, absolutamente como teria feito um médico. A operação era tão dolorosa que a paciente por vezes vociferava e fazia movimentos desordenados. Mas a crise não teve longa duração; ao cabo de dez minutos todo o traço de entorse havia desaparecido; não mais inflamação, o pé tinha tomado sua aparência normal; a Sra. G... estava curada.

“(…) A cura referida acima é um exemplo da ação do magnetismo espiritual puro, sem qualquer mistura do magnetismo humano”<sup>338</sup> (grifamos).

Eis outro exemplo, agora como testemunho pessoal; há alguns anos sofríamos de um violento processo alérgico nas fossas nasais, ao ponto de só dormirmos com aplicação local de remédios vasoconstritores. Como sofremos de hipertensão, a situação ficou muito delicada. Certa noite, a hora de dormir, pedimos aos Amigos Espirituais que, se possível, “procurassem um jeitinho” para resolver o problema, pois já não conseguíamos dormir direito, em virtude da dificuldade de respiração. Dias depois, enquanto trabalhávamos ao computador, repentinamente veio um mal-estar na narina mais fortemente afetada e, num espirro, saiu uma carnosidade bastante volumosa dali, envolta de sangue enegrecido. Ficamos espantados mas, por precaução, guardamos aquela “carne” num vidro com álcool. Fato é que não nos lembrávamos mais da prece daquela noite e, após uns quatro ou cinco dias deste último fato, percebemos que o nariz não mais ficava obstruído, pelo que voltamos a dormir direito (...) Só então percebemos que tal se deu depois do desprendimento daquela “coisa”. Procuramos, então, um médico amigo, contamos-lhe o fato, ele examinou o material e disse se tratar de um “cartucho” (esse é o nome que conhecemos) que tinha sido “cirurgiado”. Para nós, foram os Espíritos que fizeram a cirurgia, se bem não sabemos como se deu o fenômeno na sua intimidade.

Não há dúvidas: isto é exemplo de intervenção espiritual!

## 4. POTENCIAL FLUÍDICO

<sup>337</sup> XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Predisposições mórbidas*. In “Evolução em Dois Mundos”, 2ª Parte, cap. 19, pp. 215 e 216.

<sup>338</sup> Poder curativo do magnetismo espiritual. In “Revista Espírita”, abr. 1865, pp. 109 a 111.

Como quem doa tem que ter o que doar ou saber o que, e onde conseguir para doá-lo, faremos alguns registros neste sentido.

Allan Kardec nos informa que “São extremamente variados os efeitos da ação fluídica sobre os doentes, de acordo com as circunstâncias. Algumas vezes é lenta e reclama tratamento prolongado, como no magnetismo ordinário; doutras vezes é rápida, como uma corrente elétrica. Há pessoas dotadas de tal poder, que operam curas instantâneas nalguns doentes, por meio apenas da imposição das mãos, ou, até, exclusivamente por ato da vontade. Entre os dois pólos extremos dessa faculdade, há infinitos matizes. Todas as curas desse gênero são variedades do magnetismo e só diferem pela intensidade e pela rapidez da ação. O princípio é sempre o mesmo: o fluido, a desempenhar o papel de agente terapêutico, e cujo efeito se acha subordinado à sua qualidade e a circunstâncias especiais”<sup>339</sup>.

Observemos como o Codificador deixou bem diferenciado o magnetismo ordinário do magnetismo que é levado a efeito pelo Espiritismo e, por conseguinte, nos passes. Como se infere, tanto da teoria quanto da prática, o magnetismo ordinário é de aplicação bem mais demorada que o espírita, mesmo em se tratando de um idêntico objetivo, um mesmo alcance. Todavia, para quem não aceita ou não conhece o Espiritismo fica difícil entender o motivo disso tudo. Para nós, que estudamos a Doutrina dos Espíritos, é fácil esse entendimento; nossa ação conta com a participação consciente e aceita dos Espíritos e de seu instrumental, que chamaríamos de cósmico, fluido-espírico ou ainda fluídico-espírita.

Allan Kardec nos concede outras observações: “(...) o médium (curador) tem uma ação mais poderosa sobre certos indivíduos do que sobre outros, e não cura todas as doenças. Compreende-se que assim deva ser, quando se conhece o *papel capital que representam as afinidades fluídicas* em todos os fenômenos de mediunidade. Algumas pessoas mesmo só gozam acidentalmente e para um determinado caso. Seria, pois, um erro crer que, por isso que se obteve uma cura, mesmo difícil, podem ser obtidas todas, pela razão que o *fluido próprio de certas doenças é refratário ao fluido do médium*; a cura é tanto mais difícil quanto a assimilação dos fluidos se opera naturalmente. Assim, é surpreendente que algumas pessoas frágeis e delicadas exerçam uma ação poderosa sobre indivíduos fortes e robustos. Então é que essas pessoas podem ser bons condutores do fluido espiritual, ao passo que homens vigorosos podem ser maus condutores. Têm seu *fluido pessoal, fluido humano, que jamais tem a pureza e o poder reparador do fluido depurado dos bons Espíritos*”<sup>340</sup> (grifamos).

Acreditamos ser óbvio que um corpo são tem melhores recursos fluídicos, via de regra, que um corpo débil, doente. Numa obra já mencionada<sup>341</sup>, há registro das observações do comportamento orgânico em médiuns, onde, pelas perdas de peso, alteração de pulso e pressão e consideráveis modificações nos níveis sanguíneos, fica evidente que é necessário um bom estado orgânico para que se tenha um grande potencial fluídico. Mas a recíproca não é necessariamente verdadeira. O animismo (perispiritual) pode fornecer tônus vital próprio que exceda os potenciais orgânicos, assim como as condições nunca desprezíveis, advindas da atuação fluídica decorrente de uma vontade forte e da ação dos Espíritos reforçam esses potenciais.

## 4.1- Afinidade x Potencial Fluídico

Na “Revista Espírita” de 1858, Kardec nos diz: “A emissão do fluido pode ser mais ou menos abundante: daí os médiuns mais ou menos potentes.

E como não é permanente, explica a intermitência daquele poder. Enfim, se levarmos em conta o grau de afinidade que pode existir entre o fluido do médium e o de tal ou qual Espírito, compreender-se-á que sua ação se possa exercitar sobre uns e não sobre outros”<sup>342</sup>.

Concluído que a potência fluídica está diretamente relacionada com a quantidade e a qualidade da emissão fluídica por parte do médium, localizamos, com Kardec, outra dependência: a da afinidade. Tanto

<sup>339</sup> KARDEC, Allan. *Os fluidos*. In “A Gênese”, cap. 14, item 32.

<sup>340</sup> Poder curativo do magnetismo espiritual. In “Revista Espírita”, abr. 1865, pp. 111 e 112.

<sup>341</sup> KRIPPNER, Stanley (ph.D). *Psicocinesia em Leningrado*. In “Possibilidades Humanas”, cap. 2.

<sup>342</sup> Teoria das manifestações físicas - 2. In “Revista Espírita”, jun. 1858, p. 156.

que ele diz: “A cura é devida às afinidades fluídicas, que se manifestam instantaneamente, como um choque elétrico, e que não podem ser prejudicadas”<sup>343</sup>.

Isso tudo nos induz ao entendimento das muitas vezes em que um determinado tipo de tratamento funciona com um paciente e não com outro; ou com um, segundo uma extensão temporal mais ou menos longa, que em outros. Por isso achamos precipitado acusarmos ineficiência em certos médiuns ou deficiência nalguns pacientes; muitas vezes o médium com maior potencial não consegue grandes coisas com determinado paciente, o qual vem a se curar com outro médium tido como “fraco”, fluidicamente falando. É que além do potencial fluídico a afinidade é fundamental.

Para se entender como funciona essa afinidade, façamos uma analogia: uma emissora de rádio, por mais forte que seja seu “sinal”, não será receptada por um rádio que esteja sintonizado noutra frequência, ainda que de “sinal” mais fraco. É que, como nos passes, além da potência do “sinal”, é indispensável a sintonia (afinidade) na mesma frequência. Por outro lado a afinidade a que nos referimos não deve ser confundida com a simpatia que temos pelas pessoas. A “afinidade fluídica” depende da vibração do campo fluídico em uma mesma frequência ou onde se instale uma frequência que comporte a outra. Isto quer dizer que até frequências diferentes podem se combinar, desde que dentro, de determinados padrões e limites.

Reconhecendo o empirismo em que este assunto ainda se encontra, fica a sugestão para que busquemos investigar, pesquisar e aprofundar nossos conhecimentos na área para, de futuro, podermos equacionar melhor nossos padrões de afinidade versus potenciais fluídicos.

## 4.2 - Moral x Potencial Fluídico

Quanto aos valores morais em função do potencial fluídico, já concluímos que seu engrandecimento é marcadamente necessário. Para não nos alongarmos desnecessariamente, vejamos a analogia feita pelo Espírito Emmanuel: “(...) Em essência, os olhos de um analfabeto de um preguiçoso, de um malfeitor e de um missionário do bem não exibem qualquer diferença de histologia da retina (...)

“Imaginemos fosse concedida, aos quatro, determinada máquina com vistas à produção de certos benefícios, acompanhada da respectiva carta de instruções para o necessário aproveitamento.

“O analfabeto teria, de balde, o aparelho, por desconhecer como deletrear o processo de utilização.

“O preguiçoso conheceria o engenho, mas deixá-lo-ia na poeira da inércia.

“O malfeitor aproveitá-lo-ia para explorar os semelhantes ou perpetrar algum crime.

“O missionário do bem, contudo, guardá-lo-ia sob a sua responsabilidade, orientando-lhe o funcionamento na utilidade geral.

“Força medianímica, desse modo, quanto acontece a capacidade visual, é dom que a vida outorga a todos.

“O que difere, em cada pessoa, é o problema de rumo”<sup>344</sup>.

Dispensando outros comentários, podemos concluir com Michaelus: “(...) Tanto maior será a força do magnetizador quanto mais puro for o seu coração. Quanto mais o homem se elevar espiritualmente, tanto maior será o poder de sua irradiação”<sup>345</sup>. Ou seja: façamos nossa parte; façamos o melhor possível pois a Espiritualidade faz sua parte, sempre. E se “A cada um é dado segundo suas obras”, também prevalece o “Faze por ti que o Céu te ajudará” (Jesus).

<sup>343</sup> O ZUAVO Jacob - 2. In “Revista Espírita”, nov. 1867, p. 345.

<sup>344</sup> XAVIER, Francisco Cândido. Força mediúnica in’*Seara dos Médiuns*”, pp. 55 e 56.

<sup>345</sup> MICHAELUS. In “Magnetismo Espiritual”, cap. 4, p. 36.

## CAPÍTULO VI - COMO : O IMPASSE DO PASSE

*“E quem tiver feito seus estudos e experiências reconhecerá que a diversidade dos processos resulta principalmente da própria natureza e das propriedades do fluido de cada magnetizador. Uma observação acurada nos levará à convicção de que o essencial é agir de acordo com os princípios, sem ficar preso aos métodos prescritos, mas adotando aquele que for, em cada caso, o mais consentâneo e eficiente”. (Michaelus)<sup>346</sup>*

Desde criança ouvimos que a Doutrina Espírita não tem mistérios, que tudo (ou quase tudo) tem explicação, que o bom senso sempre prevalece e que nada é imposto, principalmente, se vem de Espíritos Superiores. Mas na hora de se explicar o passe, “é um Deus nos acuda!”. Tanto que é comum pessoas e Instituições Espíritas recriminarem abertamente o “passe magnético” sem, entretanto, darem para tal fato explicações convincentes.

Perquirindo e raciocinando a respeito, fomos percebendo que o grande problema a ser vencido estava a nível de definição, pois as discussões que havia, via de regra, giravam em torno de palavras e não dos fatos em si.

Procurando resolver esta situação, embora ousando um pouco e correndo o risco de sermos mal interpretados, propomos uma forma de solucionar o que chamamos de “impasse do passe”.

### 1. NECESSIDADE DE CARACTERIZAÇÃO DO PASSE

É sabido que o passe não atende a uma única finalidade nem sua origem fluídica promana de uma única fonte. Sabemos igualmente que muitas escolas orientais e esotéricas têm estudado as técnicas do magnetismo sob as mais diversas denominações e com os mais variados objetivos. Percebemos, por fim, que o passe na Casa Espírita está muito miscigenado, por vezes de uma forma um tanto quanto indevida; não que tal fato seja, em si, condenável pois, atendendo ao convite feito pelo “apóstolo dos gentios”<sup>347</sup>, devemos analisar tudo, retendo o que é bom; apenas não devemos incorporar conceitos, práticas e rituais que sejam contraditórios entre si, que afrontem os princípios doutrinários do Espiritismo ou que não melhorem, não aprimorem ou apenas piorem aquilo que já está estabelecido e reconhecido como correto e frutuoso.

A par disso, o personalismo as práticas eminentemente individuais ou de grupos isolados da realidade universal, além de certas informações não crivadas na razão e no bom senso, dadas por determinados “guias” - os quais se melindram ao serem questionados, relegando o interesse na promoção da universalidade de seus ensinamentos, como que a temê-lo -, muito têm contribuído para os desvios e impasses com que nos deparamos na maioria das Casas Espíritas.

Decorrentemente, começaram a surgir nomes, técnicas e métodos os mais variados e exóticos possíveis, sem falar nas concepções equivocadas atribuídas a nomenclaturas já bem definidas. Desse embaraçamento restou a constatação límpida de que nós, os espíritas, já não nos entendemos quando nos referimos ao passe, como se os termos que o envolvem formassem um verdadeiro dialeto e, o que é pior, um dialeto muito pobre e conflitante.

O que fazer então para sair do “impasse do passe”? Sem dúvida que a resposta é estudar. Só que estudar não é apenas ler um livro, ouvir uma palestra ou participar de um curso; é isso e muito mais. É pesquisar, experimentar com equilíbrio e sob boa orientação, é buscar o sentido das coisas, tudo ponderando com critério e bom senso. É bitolar-se pela Lei Natural.

Vamos estudar, então. E comecemos por Kardec:

“A ação magnética pode produzir-se de muitas maneiras:

“1º) pelo próprio fluido do magnetizador; é o magnetismo propriamente dito, ou *magnetismo humano*, cuja ação se acha adstrita a força e, sobretudo, à qualidade do fluido;

<sup>346</sup> MICHAELUS. In “*Magnetismo Espiritual*”, cap. 9, p. 66.

<sup>347</sup> I Tessalonicenses, V, v. 21.

“2º) pelo fluido dos Espíritos, atuando diretamente e sem intermediário sobre um encarnado, seja para o curar ou acalmar um sofrimento, seja para provocar o sono sonambúlico espontâneo, seja para exercer sobre o indivíduo uma influência física ou moral qualquer. É o *magnetismo espiritual*, cuja qualidade está na razão direta das qualidades do Espírito;

“3º) pelos fluidos que os Espíritos derramam sobre o magnetizador, que serve de veículo para esse derramamento. É o *magnetismo misto, semi-espiritual*, ou, se o preferirem, *humano-espiritual*. Combinando com o fluido humano, o fluido espiritual lhe imprime qualidades que ele carece (...)” (grifos do original)<sup>348</sup>.

Percebe-se claramente que Kardec tomou por referencial apenas um aspecto da questão fluidoterápica: a ação magnética em função da “*fonte dos fluidos*”, ou seja, de sua origem. Isto quer dizer que, traduzindo suas palavras para a terminologia do passe, ele falou, respectivamente, do passe magnético, do passe espiritual e do passe misto; tudo, perdoem-nos a ênfase, apenas no que se refere à fonte dos fluidos.

Racionalizando nossa realidade, sabemos que o passe também pode (e deve, e é) ser analisado segundo, pelo menos, outros dois aspectos: em relação ao “*alcance do fluido*” e as “*técnicas*” usadas.

Retornemos ao raciocínio inicial: tornou-se por demais comum ouvir-se dizer que na Casa Espírita não deve ser aplicado o passe magnético mas apenas o espiritual ou o mediúnico (...) Nesse ponto perguntamos: e o que é o passe mediúnico? Será aquele que se aplica “incorporado”? Não concordamos que seja dessa forma<sup>349</sup>, assim como discordamos se aplique passes com riqueza de técnicas do magnetismo de forma pública e coletiva. Como se vê, dependendo da situação proposta poderemos concordar ou discordar de determinadas práticas. Uma coisa, contudo, ressalta: precisamos saber exatamente o que se quer dizer quando se fala de passe magnético, espiritual e/ou misto. Eis por que precisamos urgentemente de uma caracterização do passe na Casa Espírita<sup>350</sup>.

## 2. TIPOS DE PASSE

“O conhecimento da mediunidade curadora é uma das conquistas que devemos ao Espiritismo; mas o Espiritismo, que começa, ainda não pode ter dito tudo; não pode, de um só golpe, mostrar-nos todos os fatos que abarca; diariamente os mostra novos, dos quais vêm corroborar ou completar os já conhecidos, mas é necessário tempo material para tudo”<sup>351</sup>. Com este pensamento, Kardec nos adverte para a progressividade do tema. Ele, é fácil verificarmos, não se prendeu a análise isolada dos outros fatores que envolvem a prática do magnetismo tal como didaticamente o faremos nesta oportunidade; mas que ele sabia dessas considerações é inegável, pois em várias oportunidades estudou e comentou, em sua “*Revista Espírita*”, os aspectos do “alcance” do fluido e das “técnicas” do passe, conforme teremos ocasião de observar ao longo das citações que faremos.

Busquemos então, sem mais delongas, o entendimento para o passe segundo as três situações propostas.

### 2.1- O Passe Segundo a Fonte do Fluido

Conforme já observamos e deduzimos anteriormente, aqui teremos três tipos de passes, cuja seqüência obedecerá àquela seguida por Kardec<sup>352</sup>: magnético, espiritual e misto.

a) O passe magnético aqui caracterizado é aquele cujo fluido utilizado emana *basicamente*<sup>353</sup> do próprio passista (ou do médium, magnetizador, curador, curandeiro, etc.). Seria, isoladamente considerado, o animismo de cura.

<sup>348</sup> KARDEC, Allan. *Os fluidos*. In “*A Gênese*”, cap. 14, item Curas, tópico 33.

<sup>349</sup> No capítulo X, item 9 - “*Incorporação Durante o Passe*”, trataremos detalhadamente deste aspecto.

<sup>350</sup> No Congresso Internacional de Espiritismo de 1989, realizado em outubro daquele ano em Brasília-DF, tivemos a honra de apresentar este assunto sob o título “*Caracterização dos Passes Ministrados na Casa Espírita*”, cujo trabalho serviu de base para este capítulo.

<sup>351</sup> *Da Mediunidade Curadora*. In “*Revista Espírita*”, set. 1865, p. 250.

<sup>352</sup> KARDEC, Allan. *Os fluidos*. In “*A Gênese*”, cap. 14, item Curas, tópico 33.

b) O *passé espiritual* é o que se verifica pela doação fluídica direta dos Espíritos ao paciente, sem interferência de médiuns. Na prática dos encarnados, contudo, a presença do médium, nesse caso, serve apenas como “canal” dos fluidos espirituais<sup>354</sup>.

A Literatura Espírita nos mostra exemplos registrando a ação do Plano Espiritual sobre o Físico. Eis dois registros de André Luiz: “Aproximou-se dele o irmão Clementino e, a maneira do magnetizador comum, impôs-lhe as mãos aplicando-lhe passes de longo circuito”<sup>355</sup>; o Espírito Áulus, numa tarefa de atendimento desobsessivo, “Aplicou passes de desobstrução a garganta da enferma (encarnada) e, em breves instantes, o verdugo (obsessor desencarnado) começou a falar (...)”<sup>356</sup>.

Antes de passarmos ao próximo tipo, notemos que os Espíritos trabalham no Plano Espiritual, “à maneira do magnetizador comum”, isto é, “aplicando-lhe passes de longo circuito”. O que será isso? Um outro fator a se considerar ainda é que este *passé* se dá igualmente de Espírito para Espírito.

c) O *passé misto*, que é predominante em nosso meio conta com a participação fluídica tanto dos Espíritos quanto dos médiuns. Este *passé* também recebe o nome de *mediúnico* por alguns Espíritos, em virtude da presença espiritual manifesta no fenômeno por seu derramar fluídico, a qual por vezes se dá de forma muito ostensiva, e indevida, através da psicofonia<sup>357</sup>.

## 2.2 - O *Passé Segundo o Alcance do Fluido*

Até aqui este capítulo foi elaborado levando em consideração apenas o *passé* que tem por base a *fonte* de onde “primordialmente” se origina o fluido. Apesar desse aspecto ser de importância basilar, a característica que ora iremos analisar também se destaca por sua relevância. É pelo *alcance do fluido* que buscaremos, posteriormente, as técnicas, para atender aos três tipos de pacientes que caracterizamos no capítulo V, item 1 - “Quem recebe”.

Uma dificuldade parece se interpor: como definir novos nomes para os passes, agora *segundo o alcance* dos fluidos, sem com isso criarmos mais terminologias numa área onde o excesso de termos só tem gerado confusão e desencontro de idéias? Ou então, como aceitar uma mesma terminologia sem cair neste já complicado impasse? Bem se vê que urge uma solução. Iremos propô-la e acreditamos que será bem aceita e entendida com facilidade.

Mas, antes de fazermos nossa propositura, pedimos permissão para usarmos a mesma terminologia utilizada no item anterior para definir o *passé*, só que agora levaremos em conta apenas sua ocorrência *em relação ao “alcance do fluido”*. Assim sendo, teremos:

a) O *passé magnético*, neste enfoque, é aquele cujo alcance objetiva o atendimento de problemas orgânicos, físicos e/ou perispirituais, aí se incluindo aqueles passes praticados pelos Espíritos diretamente em desencarnados com o fim de recuperar deficiências ou limitações “físicas” naqueles.

b) O *passé espiritual* aqui assume a feição daquele destinado ao atendimento de problemas de ordem espiritual, principalmente dos cujas matrizes são os processos obsessivos ou decorrentes de desvios morais. Para exemplificar, este *passé* é aplicado pelos médiuns nas reuniões de desobsessão, assim como pelos Espíritos.

c) O *passé misto*, a exemplo do seu homônimo anterior, já nos sugere ser aquele onde o tratamento visa não uma mas todas as partes do ser, ou seja: corpo, perispírito e espírito. Obviamente os fluidos aqui “manipulados” atuarão não apenas a nível perispiritual, mas atingirão as próprias células do corpo e alcançarão igualmente a intimidade do Espírito, ainda que por via perispiritual.

---

<sup>353</sup> Dizemos “basicamente” porque sabemos sempre haver participação dos fluidos espirituais, mesmo naquilo que se convencionou chamar de “magnetismo puro”.

<sup>354</sup> Atente-se para o que referimos no capítulo IV, item 1.2, último parágrafo.

<sup>355</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Desdobramento em serviço*. In “Nos Domínios da Mediunidade”, cap. 11, p. 97.

<sup>356</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Fascinação*. In “Nos Domínios da Mediunidade”, cap. 23, p. 220.

<sup>357</sup> Mais conhecido popularmente por “incorporação”. Embora esta expressão não seja bem aceita por todos, ela é usualmente empregada e assimilada no meio Espírita.



Acreditamos que o leitor já terá percebido onde queremos chegar. Por esta nova caracterização ficou patente que muitos de nossos desentendimentos se dão mais por questão de falta de definição do que propriamente por má vontade ou menor entendimento da parte de algum.

Mas ainda existe, como dissemos no início, uma outra “variável” para o nosso equacionamento; é a questão da técnica.

## 2.3 - O Passe Segundo a Técnica

Pelos mesmos motivos explanados no item anterior, mais uma vez deixaremos de criar novos termos e faremos uso dos três já utilizados nos itens acima. Não creia o leitor que isto é simples comodidade ou mera inovação; é que muitas pessoas, por exemplo, quando falam “passe magnético”, estão se referindo aos passes que usam as técnicas do magnetismo, sem se reportarem necessariamente às características que já apresentamos. Tanto é que comumente ouvimos as pessoas dizerem que preferem tomar passe com “fulano” porque ele dá um “passe magnético” (com movimentação de mãos) enquanto “sicrano” só dá “passe espiritual”, pois “nem sequer se mexe”.

Vejam, então, como fica nosso entendimento em face desta nova situação, atentando que não iremos levantar as técnicas em si mesmas.

a) O *passe magnético* agora é entendido como o que é aplicado segundo as técnicas do magnetismo, não importando nem de onde venham os fluidos, nem para que fins se destinam, nem ainda quem o aplique.

b) O *passe espiritual*, conforme seu entendimento nesta situação sugere, é aquele onde o passista utiliza, como técnica, apenas a prece, a irradiação (a distância) ou, no máximo, a imposição de mãos, sem movimentos e sobre a cabeça ou frente do paciente. Este seria aquele caso em que o médium passista não necessitaria ter tantos conhecimentos de técnicas pois sua ação seria essencialmente mental.

c) O *passe misto* aqui é entendido como o que faz a utilização conjugada da prece com imposição de mãos, seguido do uso de outras técnicas, ou então a aplicação de um passe com técnicas variadas após uma radiação (que é um passe espiritual, segundo a técnica). Para reforço do entendimento, diríamos que tal passe é aquele onde se utiliza a dispersão fluídica antes e/ou após a imposição de mãos, intercalada por técnicas outras.

Agora que definimos nossas três características típicas, vamos à proposição que visa solucionar o problema do entendimento. Entrementes, caso não tenham sido percebidas as diferenças estabelecidas nos itens acima pormenorizados, sugerimos sua releitura antes de entrarmos no próximo tópico.

## 3. O FIM DO IMPASSE

Na matemática encontramos um cálculo chamado “combinação” que nos permite encontrar o resultado da soma de vezes em que um número de coisas se combinam com outras, dentro dos padrões estabelecidos pela propositura do problema. Como, nas situações apresentadas, temos três características de passes (em relação a origem do fluido, em relação a seu alcance e em relação a técnica aplicada) onde cada um nos apresenta três tipos (magnético, espiritual e misto), se fizermos a combinação desses três elementos três a três, teremos, por resultado, o número vinte e sete. Isto quer dizer que, se para cada tipo de combinação rotulássemos um nome, teríamos que criar vinte e sete nomes diferentes para atendê-las todas. Convenhamos, seria um embaraço sem fim, fazendo com que nosso simplório passe se revestisse de uma falsa prosopopéia, além do agravante de atrapalhar o raciocínio de pessoas humildes, no meio das quais, por sinal, se encontra o maior número dos médiuns mais produtivos, prestativos, honestos e pontuais.

Como nos recorremos da matemática para chegarmos ao número acima, faremos mão de suas teorias outra vez a fim de explicar nosso raciocínio. Aprendemos que, quando temos uma única equação com tais variáveis, se torna indispensável fixemos valores a duas dessas variáveis para descobrirmos a outra incógnita.

Com isso queremos dizer que iremos fixar nomes para podermos simplificar nossa solução.

Paralelamente, buscaremos na gramática um recurso muito usado para, por meio de duas ou mais palavras, se exprimir uma terceira significação; trata-se da “união gramatical”, aquele tracinho (-) que quando une guarda com chuva, por exemplo, faz com que desapareça o sentido de vigilante e de aguaceiro para surgir o de protetor contra a chuva. Essa união gramatical, quando necessário, nos permite usar um artifício bem interessante que é o de sincopar as palavras, ou seja, reduzi-las, suprimir-lhe certas letras sem, contudo, alterar-lhe o sentido. De posse dessas “ferramentas”, vamos ao que interessa.

*Primeiro*, vamos lidar com uniões gramaticais para definir nossa caracterização onde, portanto, a união gramatical será nossa linha de equação. Para isso, fixemos nossa primeira variável ou seja: todos os primeiros nomes das nossas uniões gramaticais. Que nomes serão esses? Serão exatamente os nomes dados à nossa primeira característica de passe, isto é: os nomes dos passes *segundo a fonte do fluido*; magnético, espiritual e misto. Antes de passarmos aos segundos nomes das uniões, a fim de facilitar a composição que faremos a seguir, tomemo-los em suas formas sincopadas, quer dizer: passe magneto (de magnético), passe espírito (de espiritual) e passe misto (este não convém sincopar).

*Em seguida*, fixemos, da mesma maneira, nossa segunda variável que são os nomes dos passes caracterizados *segundo o alcance do fluido*. Aqui iremos empregá-los em suas formas naturais e não mais de maneira sincopada. Para facilitar nosso entendimento, deixemos nossa terceira variável (passes segundo a técnica), provisoriamente, de lado.

Componhamos agora nossa união gramatical com as variáveis que já fixamos, combinando essas variáveis duas a duas:

<b>2º a origem</b>	<b>2º o alcance</b>
passe magneto	- magnético
passe magneto	- espiritual
passe magneto	- misto
passe Espírito	- magnético
passe Espírito	- espiritual
passe Espírito	- misto
passe misto	- magnético
passe misto	- espiritual
passe misto	- misto

Antes de seguirmos, poderíamos fazer um certo “aperfeiçoamento” naquelas uniões gramaticais, mesmo não sendo isso tão importante. Se observarmos com atenção veremos que ali alguns termos se repetem, soando como uma repetição meio esquisita. Por este motivo, e para quem ache que assim ficará mais conveniente, poderemos substituir o segundo termo das uniões que se repetem pelo algarismo “II” (em romanos). Com isso, três daquelas uniões seriam modificadas:

- a) de “passe magneto-magnético” para “passe magneto-II” (ou “passe magnético”);
- b) de “passe Espírito-espiritual” para “passe Espírito-II” (ou “passe espiritual-II”); e
- c) de “passe misto-misto” para “passe misto-II”.

Que queremos dizer com isso? Exatamente o que o leitor já deve ter imaginado. Estamos usando os mesmos nomes para dizer as mesmas coisas só que agora com tudo bem definido, pois em nossa união gramatical o primeiro termo estará sempre se referindo à origem, a fonte básica do fluido, enquanto que o segundo estará definitivamente fazendo alusão ao destino, ao alcance do fluido.

Vejamos como ficaria nosso entendimento:

- quando falarmos em “passe magneto-espiritual”, estaremos nos referindo, de forma clara, direta e irretorquível, do passe magnético, segundo a origem do fluido (os quais são predominantemente do médium), com o fim de tratar problemas de fundo espiritual, que é o passe segundo o alcance do fluido;

- quando se disser: “passe misto-magnético” estar-se-á referindo ao passe misto segundo a origem do fluido (com fluidos tanto do passista quanto da espiritualidade), para tratamento de problemas orgânicos e espirituais (pois este é o alcance pretendido do fluido);

- no caso do “passe misto-misto” (ou “misto-II”), isto exprimirá que o passe está sendo aplicado com fluidos oriundos dos dois Planos da vida, com o objetivo de atender a problemas materiais e espirituais. E assim por diante...

Neste ponto fazemos uma sugestão: que tal você mesmo tentar denominar as outras seis variações que não esmiuçamos? Com isso você poderá checar seu entendimento acerca dessas caracterizações.

Não! Não esquecemos a variável do passe segundo a técnica; apenas reservamos uma surpresa a respeito: por incrível possa parecer não iremos incorporá-la de forma definitiva em nossa união gramatical. Ocorre que as divergências maiores comumente envolvem as duas primeiras características. Com isso evitaremos as uniões gramaticais triplas.

Mas, com justa razão, alguns leitores não aceitação este argumento, pois na abertura deste assunto não só atiçamos a curiosidade como prometemos uma solução para os impasses. Ei-la, então. Quando houver necessidade de se explicitar o tipo de passe segundo uma técnica, conjuntamente com as outras características, apresentaremos as uniões gramaticais acima já definidas e acrescentaremos, explicitamente, o tipo de técnica que se vai usar. Com isso poderemos, inclusive, descer a nomações específicas das técnicas, posto que estas têm vários nomes já bem estabelecidos e reconhecidos universalmente. Assim, quando se quiser recomendar um passe “misto-magnético” com uma técnica magnética, diremos, simplesmente: “passe misto-magnético” com técnica(s) tal(is), expondo a técnica a ser empregada (por exemplo: um “passe misto-magnético-longitudinal”). Tal procedimento será de grande valia para instruir iniciantes, para exposições acerca das técnicas ou quando, nos trabalhos do passe, um instrutor funcionar sugerindo os procedimentos aos demais médiuns, ou ainda para facilitar o encaminhamento nas orientações dos receituários da Casa Espírita.

De forma alguma estamos desconsiderando a técnica nesse modo de caracterizar o passe; como na maioria das vezes não é necessário ou não são conhecidas as técnicas, tal supressão é mais benéfica que desrespeitosa. Ademais, estamos deixando em aberto, para quem queira, a liberdade de explicitar mais ainda as técnicas ou, o que à outra opção, poder até fazer-se a união gramatical com três elementos, seguindo os mesmos princípios já estabelecidos para os dois primeiros tipos. Dessa maneira, agindo assim participamos da idéia do Codificador do Espiritismo quando, se posicionando quanto às técnicas, disse: “Se a mediunidade curadora pura é privilégio das almas de escol, a possibilidade de suavizar certos sofrimentos, mesmo de os curar, ainda que não instantaneamente, umas tantas moléstias, a todos é dada, sem que haja necessidade de ser magnetizador. *O conhecimento dos processos magnéticos é útil em casos complicados, mas não indispensável*”<sup>358</sup> (grifamos).

Tomando as palavras de Kardec, faremos um parêntese aqui: se ele reconheceu que “o conhecimento dos processos magnéticos é útil”, como querer não se deva usar os recursos do magnetismo nas Casas Espíritas? Ou será que nas Casas Espíritas ou nos serviços de atendimento pelos Espíritas não surjam “casos complicados”? Ou será ainda que do fato de não ser “indispensável” se queira tornar aquele conhecimento inútil, menosprezando-o?

Tomemos Kardec mais uma vez:

“1ª - “Podem considerar-se as pessoas dotadas de força magnética como formando uma variedade de médiuns?

- “Não há que duvidar.

“2ª - Entretanto, o médium é um intermediário entre os Espíritos e o homem; ora, o magnetizador, haurindo em si mesmo a força de que se utiliza, não parece que seja intermediário de nenhuma potência estranha.

“É um erro; a força magnética reside, sem dúvida, no homem, mas é aumentada pela ação dos Espíritos que ele chama em seu auxílio. Se magnetizas com o propósito de curar, por exemplo, e invocas um bom Espírito que se interessa por ti e pelo teu doente, ele aumenta a tua força e a tua vontade, dirige o teu fluido e lhe dá as qualidades necessárias.

“3ª Há, entretanto, bons magnetizadores que não crêem nos Espíritos?

---

<sup>358</sup> Da *Mediunidade Curadora* In “*Revista Espírita*”, set. 1865, p. 254.

“Pensas então que os Espíritos só atuam nos que crêem neles? Os que magnetizam para o bem são auxiliados por bons Espíritos. Todo homem que nutre o desejo do bem os chama, sem dar por isso (...)

“4ª Agiria com maior eficácia aquele que, tendo a força magnética, acreditasse na intervenção dos Espíritos?

“Faria coisas que considerareis milagres”<sup>359</sup>.

Nos afirmando os Espíritos que os magnetizadores são médiuns, sentimos não há como criar precisas demarcações limítrofes entre os domínios da mediunidade e do animismo, pois que os fluidos utilizados nos passes e, por extensão, nas manifestações anímicas, não são só dos Espíritos encarnados. Depois verificamos que, mesmo sem crer-se nos Espíritos, os magnetizadores (animistas, portanto) são ajudados por eles, os quais agem por seu intermédio, ainda que a inconsciência ou não perceptibilidade do fato se verifique. Isso nos faz recordar uma outra questão proposta por Kardec: “Influem os Espíritos em nossos pensamentos?

“Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto que, de ordinário, são eles que vos dirigem”<sup>360</sup>.

E quando Kardec nos acrescenta: “Todo magnetizador pode tornar-se médium curador, se souber fazer-se assistir por bons Espíritos. Neste caso os Espíritos lhe vêm em ajuda, derramando sobre ele seu próprio fluido, que pode decuplicar ou centuplicar a ação do fluido puramente humano”<sup>361</sup>, ficamos extasiados ante o universo que se descortina em face de nossas possibilidades, hoje raquíticas, mas com justas esperanças por um centuplicar misericordioso.

Com tudo isso para fechar este longo parêntese, não dá para entender não se deva aplicar o passe magnético (em qualquer de suas três versões apresentadas) na Casa Espírita; é elementar uma conclusão favorável pois se os Espíritos multiplicam nosso poder “humano”, dentro dos limites da Lei de amor e justiça, certamente que será para uma finalidade superior. O que não aconselhamos, e isso queremos deixar bem frisado, é querer transformar-se o magnetismo em algo maior que a participação da Espiritualidade em nossos trabalhos de passe, ou que se fique a imaginar que “nossas energias” sejam melhores ou mais efetivas que quaisquer outras beneficiadas pelos Mentores Espirituais. Afinal, são eles, com suas “energias e técnicas”. que invariavelmente atuam, “manipulando” os fluidos e nos favorecendo com suas “intuições” e benesses a fim de suprir nossas deficiências e limitações.

Por tudo isso era necessário uma caracterização do passe a fim de possibilitar não caminhássemos indefinidamente nos trilhos do desentendimento por falta de simples definições.

Encerrando este assunto, nos daríamos por felizes se o leitor comparasse seus conceitos sobre tipos de passes com esses que, mesmo não sendo exclusivamente nossos, vimos propor. Na verdade, eles fazem luzir reflexões, as quais poderão propiciar a germinação de bons e proveitosos frutos nos níveis de entendimento em meio àqueles Espíritos desprendidos que buscam meios de ajudar e progredir, servindo e amando.

---

<sup>359</sup> KARDEC, Allan. *Dos médiuns*. In “*O Livro dos Médiuns*”, cap. 14, item 176.

<sup>360</sup> KARDEC, Allan. *Influência oculta dos Espíritos em nossos pensamentos e atos*. In “*O Livro dos Espíritos*”, Parte 2ª, cap. 9, questão 459.

<sup>361</sup> *Da Mediunidade Curadora* In “*Revista Espírita*”, set. 1865, p. 253.

## CAPÍTULO VII - QUANDO E ONDE

*“Fazei aos homens tudo o que quereis que eles vos façam, porque esta é a Lei e os profetas.” (Jesus)<sup>362</sup>*

Falar das imensas necessidades, privações e provações que a humanidade terrena está constantemente a viver é redundante. Luz na Doutrina Espírita todo um manancial de informações, observações, teorias e comprovações, quer filosóficas, científicas ou inspiradas, a confirmar a destinação presente de nosso orbe: “mundo de provas e expiações”. Em conseqüência, nada mais natural que tanta dor, tanto sofrimento, tantos desatinos, tantos erros... Por outro lado, atendendo as Leis de Amor e Justiça, percebemos tantas bênçãos anônimas, tantas almas generosas, tantas oportunidades de reparação e tantos e eloqüentes convites ao Evangelho...

Infelizmente, por conjugações visivelmente equivocadas, muito se tem usado o argumento de que, sendo aqui mundo de provas e expiações, cada um tem que pagar seu quinhão sozinho, com isso se esquivando do exercício do amor fraternal... Que pena! Quão dignos de compaixão e esclarecimentos são os que assim pensam, agem ou ensinam! Bernardino, Espírito protetor, em Bordéus, 1863, já nos recomendava: “Não digais, pois, quando virdes atingido um dos vossos irmãos: “É a justiça de Deus, importa que siga seu curso.” Dizei antes: “Vejam os meios que o Pai misericordioso me pôs ao alcance para suavizar o sofrimento do meu irmão. (...) Vejam mesmo se Deus não me pôs nas mãos os meios de fazer cesser esse sofrimento; se não me deu a mim, também como prova, como expiação talvez, deter o mal e substituí-lo pela paz.” (...) Resumindo: todos estais na Terra para expiar; mas, todos, sem exceção, deveis esforçar-vos por abrandar a expiação dos vossos semelhantes, de acordo com a lei de amor e caridade”<sup>363</sup>.

Examos daí que nos compete agir em favor do próximo, pois, se para ele suas dificuldades são “testes”, para nós, os conscientes das Verdades Eternas ensinadas pelo Cristo, são oportunidades de “quitação” pois, já nos asseverou Pedro: “Tende amor imenso uns para com os outros, porque o amor cobre a multidão de pecados”<sup>364</sup>. Agindo assim estaremos contribuindo para o bem não só da humanidade senão de nós mesmos; estaremos aprendendo a amar, pois amor não é título que se compre ou se regateie, mas sim uma vivência profunda de largo conjunto de práticas, tais como a afabilidade, a doçura, a renúncia, a resignação, o perdão, o esquecimento das ofensas, a compreensão, a humildade, a benevolência, a caridade, a paciência...

### 1. QUANDO

Se devemos socorrer nossos irmãos, sejam eles quem forem, isso nos leva a meditar sobre a oportunidade de fazê-lo. Deveremos, em qualquer caso, atender, socorrer um irmão necessitado? Óbvio que sim. Mas, no caso do passe, devemos igualmente prestar este atendimento a qualquer hora e sob quaisquer condições? Meditemos um pouco antes de emitirmos alguma resposta. Na primeira situação tínhamos uma questão extremamente genérica requisitando uma solução em igualdade de condições, ou seja: genérica. Na segunda proposição encontramos um questionamento genérico requerendo uma ação fundamentalmente específica. Busquemos uma comparação para materializar o entendimento: uma pessoa está acidentada na via pública; devemos socorrê-la? E, no mesmo caso, deveremos, ali mesmo, cirurgiá-la, ainda que sejamos médico cirurgião? Parece estar claro que à primeira pergunta a resposta será afirmativa enquanto que à segunda talvez não o seja. Por quê? Pelo simples fato de situações especiais requererem atendimentos especiais. Assim, salvo situações quase sempre incomuns, o passe pode ter aguardada sua aplicação por parte do paciente, o qual deverá ser enquadrado ou se enquadrar às normas de atendimento desse serviço, tal como o acidentado do exemplo que será ou deverá ser preparado para o atendimento devido, no momento e lugar próprios.

Para que não nos percamos num emaranhado de hipóteses e proposições, tornaremos o mais didático possível nossa classificação sobre “quando” aplicar o passe.

<sup>362</sup> *Mateus, VII, v. 12.*

<sup>363</sup> *KARDEC, Allan. Bem aventurados os aflitos. In “O Evangelho segundo o Espiritismo,” cap. 5. item 27.*

<sup>364</sup> *I Pedro, IV, v. 8.*

## 1.1 - Em Relação ao Paciente

O orientador espiritual Anacleto, comentando sobre o passe em sua visão desde o Plano Espiritual, nos lega uma advertência muito séria: “Nossa missão é de amparar os que erraram e não de fortalecer os erros”<sup>365</sup>. Comentemos: nessa oportunidade tinha sido socorrido um Espírito encarnado, através dos benefícios do passe, pela décima vez seguida, sem que ele se corrigisse de suas conscientes e corrigíveis falhas. Que lição podemos tirar daí? Além da seriedade com que os Espíritos tratam das atividades a eles atinentes, ressalta o fato de que situações existem em que a caridade não C necessariamente prestar um atendimento ao necessitado, socorrendo-o com novos e novos suprimentos de energias pa~a um reerguimento físico ou psíquico imediato, mas ajudá-lo com esses recursos, fazendo-o compreender a necessidade de sua participação efetiva, sem, contudo, se acumpliciar com seus equívocos; aliviá-lo, porém não eximindo-o de suas responsabilidades, as quais são pessoais e intransferíveis.

De forma bem genérica, podemos concluir, por força do bom senso e do amor cristão, que:

### 1.1.1 - Podemos Aplicar o Passe Quando

a) O paciente procura ou solicita tal serviço, se esforçando por consegui-lo. Nesse caso, deverá ele se condicionar às normas de atendimento do passe da casa por ele buscada, dando, assim, demonstração de seu real interesse. Esta atitude, aparentemente anacrônica, irá auxiliá-lo profundamente, pois Jesus já nos ensinou que “Buscai e achareis, batei e abrir-se-vos-á”<sup>366</sup>, ensejando-nos assim que a participação de cada um é devida e requerida.

A exceção, no que diz respeito à participação consciente do paciente, fica para os casos de emergência como crises epilépticas, obsessivas, febres violentas ou situações similares;

b) O paciente se encontra hipnotizado ou em estado sonambúlico, quer por força material, anímica, quer por força espiritual, quer de forma natural, quer provocada, e é necessário tirá-lo desse estado;

c) Como recurso terapêutico total, complementar, reparatório ou preparatório.

*Total:* quando forem casos plenamente tratáveis por essa terapia;

*Complementar:* se o tratamento for conjugado, com a medicina dos homens ou com a *medicina espiritual*;

*Reparatório:* quando visa corrigir equívocos e/ou excessos decorrentes de terapias mal aplicadas; e

*Preparatório:* como auxiliar de primeiro momento para tratamentos médicos, fluidoterápicos e de ligamentos ou desligamentos nos processos reencarnatórios e/ou desencarnatórios;

d) O paciente se encontra sob influência obsessiva, pelo que, além da “evangelhoterapia”, o passe é altamente significativo; e

e) O paciente atende indicação tanto de consulta espiritual, através do receituário da casa Espírita, quanto de recomendação que lhe tenha sido feita nesse sentido.

Omitimos a condição requerida para efeitos de pesquisas científicas por nosso trabalho não visar tal alcance, mas, com a ressalva, alertamos também para este “quando”.

Entretanto, por ser recomendável poupemos esforços na aplicação de passes em determinadas situações, cabe-nos o cuidado de examinarmos algumas situações criadas pelos pacientes que, mesmo sem querer nem dever fazer-se disso uma preocupação tamanha a ponto de inibir as boas ações, nos indicam:

### 1.1.2 - Não e Conveniente Aplicar o Passe Quando

a) O paciente é refratário por decisão própria, provocando com isso apenas desgaste fluídico para os médiuns. Tal paciente é, via de regra, mordaz, cínico, irrefletido, buscando antes um motivo para chacotas

<sup>365</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Passes*. In “*Missionários da Luz*”, cap. 19, p. 374.

<sup>366</sup> *Mateus*. VII, v. 7.

a uma solução para seu(s) problema(s). Antes recomendamos-lhe muito Evangelho, estudo metódico de obras sérias e boas orientações através do “diálogo fraterno”, sem falar na inclusão de seu nome para as irradiações e desobsessões;

b) O paciente simplesmente não quer tomar o passe;

c) A procura do passe é simples curiosidade, comodidade ou teste para tentar se convencer daquilo que, no fundo, não quer se convencer; e

d) O paciente se nega a seguir as orientações que lhe são dadas no sentido de, por exemplo, assistir reuniões doutrinárias, evitar bebidas alcoólicas antes e depois do passe ou não ficar faltando sistematicamente ao tratamento, etc.

Como se vê, tudo tem sua lógica, tudo se ajusta, pois do fato de o amor fraternal mandar nos socorramos uns aos outros, de igual maneira orienta não abusemos dos valores alheios nem joguemos “pérolas aos porcos”. Bem servir é servir com utilidade e não necessariamente prestar serviço inopinadamente. Afinal, como judiciosamente pondera André Luiz, “A caridade não dispensa a prudência”<sup>367</sup>.

## 1.2 - Em Relação ao Médiun

Se o paciente deve assumir certas obrigações, notadamente de ordem moral, para poder fazer-se merecedor da assistência dos Bons Espíritos, o médium do passe, no cômputo de suas responsabilidades, deverá estar submetido a um condicionamento de muito equilíbrio e retidão. O Espírito Alexandre nos informa que “O missionário do auxílio magnético, na Crosta ou aqui em nossa esfera, necessita ter grande domínio de si mesmo, espontâneo equilíbrio de sentimentos, acendrado amor aos semelhantes, alta compreensão da vida, fé vigorosa e profunda confiança no Poder Divino”. E acrescenta: “Na esfera da carne a boa vontade sincera, em muitos casos, pode suprir essa ou aquela deficiência, o que se justifica, em virtude da assistência prestada pelos benfeitores de nossos círculos de ação ao servidor humano, ainda incompleto no terreno das qualidades desejáveis”<sup>368</sup>.

Se por um lado vemos reconhecida a importância da boa vontade para o bom desempenho desse ministério, não podemos inferir seja ela condição única. Precisamos adquirir todas as virtudes ali descritas, pois são elas necessárias não apenas aos Espíritos mas igualmente aos médiuns passistas.

Para compormos os demais subtítulos deste item será necessário relembremos as três caracterizações que acabamos de ver no capítulo anterior, ou seja: temos o passe conforme a origem do fluido; em relação ao alcance deste; e de acordo com as técnicas utilizadas. Neste capítulo levaremos em consideração apenas a primeira característica, isto é: a origem do fluido (que seria o primeiro termo de nossa união gramatical). Assim, podemos concluir:

### 1.2.1 -O Médiun Pode Aplicar

#### 1.2.1.1 - O Passe Espiritual

(Só para reforçar, este, por definição, é aquele cujos fluidos provêm fundamentalmente dos Espíritos.)

a) Quando estiver moralmente equilibrado e se sentir em condições físicas para tal. A partir daí, vêm as outras condições;

b) Quando for solicitado, em casos sérios ou urgentes;

c) Quando estiver ou for indicado para tal tarefa; e

d) Quando em condições ambientais e fluídicas propícias.

<sup>367</sup> VIEIRA, Waldo. *Do dirigente de reuniões doutrinárias*. In “*Conduta Espírita*”, cap. 3, p. 25.

<sup>368</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Passes*. In “*Missionários da Luz*”, cap. 19, p. 321.

Apesar de poucas, não se prenda ninguém a essas limitações. Afinal, se seguirmos as colocações feitas por Alexandre, não só estaremos sempre em condições de aplicar o passe como teremos moral suficiente para equilibrar os ambientes onde iremos operar.

### 1.2.1.2 - Os Passes Magnético e Misto

(É evidente que aqui o significado destes passes é o daqueles cujos fluidos são preferencialmente dos próprios médiuns (magnéticos) ou de ambas as fontes (mistos).)

- a) Quando preencher todos os requisitos do item 1.2.1.1 acima;
- b) Quando dispuser de fluidos magnéticos próprios e suficientes para o trabalho;
- c) Quando conhecer, ao menos, a dispersão fluídica, a concentração de fluidos e a imposição de mãos; tiver vontade firme e desinteressada e boa intuição e/ou “tato magnético”<sup>369</sup>; e
- d) Não portar doenças infecto-contagiosas nem deficiências orgânicas que sejam transmissíveis via fluido magnético<sup>370</sup>.

### 1.2.2 - O Médium Não Deve Aplicar

- a) Quando não se sentir confiante pois, “Imerso em vontade duvidosa, fica impossibilitado de obter qualquer efeito curativo ou mesmo o mais insignificante alívio ao seu pobre paciente”<sup>371</sup>.
- b) Quando estiver nutrindo sentimentos negativos e não conseguir superá-los;
- c) Quando tiver vícios como o uso regular de alcoólicos, fumo, tóxicos, alimentar-se desregradadamente ou usar de práticas que promovam desgastes físicos exaustivos e desnecessários, pois “Não é possível fornecer forças construtivas a alguém (...) se fazemos sistemático desperdício das irradiações vitais”<sup>372</sup>.
- d) Quando estiver com o estômago muito cheio ou após ter se alimentado de maneira “pesada”;
- e) Quando submetido a tratamento que prescreva medicamentos controlados (especialmente aqueles que agem no sistema nervoso central);
- f) Quando em idade avançada e com visível esgotamento fluídico ou portando deficiências orgânicas impeditivas<sup>373</sup>;
- g) Quando se é criança ou muito jovem ainda (adolescente), notadamente se o passe for magnético (dentro da conceituação aqui considerada)<sup>374</sup>;
- h) Quando se encontrar estafado física e/ou mentalmente<sup>375</sup>; e
- i) Observemos esta situação que foi proposta a Chico Xavier: “Como agir com as pessoas que nos procuram nas horas impróprias? Devemos atender a todos a qualquer hora?

R - “(...) Todo trabalho para expressar-se em eficiência e segurança reclama disciplina. Aprendamos a controlar os horários de ação espiritual, a fim de que a perturbação não venha aparecer, em nossas tarefas, sob o nome de caridade. Peçamos a Jesus nos inspire e abençoe para isso. A ordem preside o progresso e, por isto mesmo, não podemos perder a ordem de vista, sob pena de desequilibrar, embora sem querer, o nosso próprio trabalho”<sup>376</sup>.

A isto, acrescenta Divaldo Franco: “As conseqüências de um médium andar daqui para ali aplicando passes são muitos graves, porque ele não pode pretender estar armado de defesas para se acautelar das in-

<sup>369</sup> No capítulo VIII - “As Técnicas”, trataremos com detalhes de todas essas técnicas.

<sup>370</sup> Vide capítulo X, item 7.5 - “O passista doente”.

<sup>371</sup> TOLEDO, Wenefledo. Introdução. In “Passes e Curas Espirituais”, p. 37.

<sup>372</sup> TOLEDO, Wenefledo. Médiuns passistas. In “Passes e Curas Espirituais”, p. 32.

<sup>373</sup> Vide adiante no capítulo X, o item 2, “O idoso”.

<sup>374</sup> Vide adiante no capítulo X, o item 1. “A Criança”.

<sup>375</sup> Vide diante no capítulo IX, o item 4.3, “A Fadiga”.

<sup>376</sup> SILVEIRA, Adelino da. Passes - Desobsessão - Disciplina. In “Chico, de Francisco”, questão 8, p. 119.



fluências que o aguardam em lugares onde a palavra superior não é ventilada, onde as regras de moral não são preservadas, e onde o bom comportamento não é mantido”<sup>377</sup>.

Por fim, conforme nos observa Hermínio Miranda, “A primeira norma que poderíamos lembrar é a de que (o passe) não deve ser aplicado a qualquer momento, indiscriminadamente, e por qualquer motivo”<sup>378</sup>. Por isso, ao tempo em que não queremos apor limites aos passistas, procuramos fazer convergir à reflexão aqueles que têm por hábito a aplicação do passe a qualquer hora, em qualquer lugar, sob qualquer pretexto, estando ou não em condições de fazê-lo.

### **1.3 - Em Relação à casa Espírita**

Hermínio Miranda, em obra de valor irreprochável, a qual estuda a temática da desobsessão, nos lembra que “O Espírito desencarnado, incorporado ao médium, torna-se facilmente acessível ao passe magnético e, portanto, aberto aos benefícios que o passe proporciona”<sup>379</sup>. Isto quer dizer que o passe está intimamente associado aos trabalhos desobsessivos, por força mesmo de sua eficácia neste terreno. Atentos, todavia, aos limites propostos para este capítulo, assimilamos que a incorporação referida, para estar submetida a uma boa norma, devem se dar em reuniões para este fim destinadas. Por isso mesmo, é importante que a casa Espírita esteja preparada para atender às tarefas da assistência espiritual também neste setor. Afinal, ainda que a prática da desobsessão - no seu sentido genérico - não seja uma prática exclusivamente espírita, é, entretanto, a casa Espírita quem melhor execução e uso pode dar a tão valoroso socorro, a tão ímpar profilaxia espiritual. E como nesse mister o passe irrompe com o instrumento de subido valor, não podemos nem devemos negligenciar-lhe a atenção e prática devidas. Partindo-se daí, fica evidente que a casa Espírita deve promover reuniões de assistência espiritual, com o passe a elas associado.

Há outras situações igualmente em que o passe também se reveste de uma importância muito grande para a casa Espírita, pelo que:

#### **1.3.1 - Deve Ser Aplicado**

a) Quando do atendimento aos necessitados nas reuniões de assistência social e espiritual da casa Espírita;

b) Após as reuniões doutrinárias, àquelas pessoas que precisem ou queiram receber tal bênção;

c) Quando surja alguém muito necessitado dessa providência, em caráter de urgência, mesmo que naquele momento não tenha reunião própria para tal serviço, mas que exista ao menos um passista de boa vontade ali presente;

d) Nas reuniões mediúnicas, não apenas para atender aos Espíritos comunicantes, mas como auxílio aos médiuns. Dizemos “auxílio aos médiuns” para que não se ritualizem nem se imponha, por norma, os passes nas reuniões mediúnicas da casa Espírita<sup>380</sup>; e

e) Em horários previamente estabelecidos para tal serviço.

Contrariamente, tal como se verificou nos itens anteriores, mesmo para a casa Espírita existem casos em que necessitamos analisar a conveniência ou não de sua aplicação. Por isso mesmo, vejamos:

#### **1.3.2 - Devemos Evitar**

a) Quando antes não tiver sido feito nem uma prece ou pequena reflexão sobre página evangélica (para que o passe se dê com equilíbrio e maior proveito é conveniente se harmonizem o ambiente, os passistas e os pacientes):

<sup>377</sup> FRANCO, Divaldo Pereira e TEIXEIRA, Raul J. Passes. In “Diretrizes de Segurança”, cap. 7, questão 81, p. 70.

<sup>378</sup> MIRANDA, Hermínio Correia de. O Passe. In “Diálogo com as Sombras”, cap. 4, p. 249.

<sup>379</sup> MIRANDA, Hermínio Correia de. O passe. In “Diálogo com as Sombras”, cap. 4, p. 247.

<sup>380</sup> No capítulo X, item 11 – “Passes Antes e Depois”, analisaremos este aspecto com mais detalhes.

b) Concomitante às reuniões ou explicações evangélico-doutrinárias, evitando-se, com isso, subtrair o paciente da evangelização que, conforme já percebemos, é igualmente fundamental. Exceções ocorrem quando a casa dispõe de evangelização conjugada com o atendimento fluídico-magnético para os pacientes:

c) Em horários não determinados (de forma habitual), salvo em casos de emergência; atentemos, porém, para não fazermos da exceção a regra;

d) Quando for apenas para atender a pedidos fantasiosos ou comodismos que são, via de regra, infundados e descaridosos; e

e) Quando não existir passista preparado para a tarefa. Vale lembrar, por oportuno, que a Instituição Espírita deve estar sempre atenta à formação moral, teórica e prática de seus médiuns, preparando-os para as tarefas e alertando-os sobre os graves inconvenientes ocasionados por suas faltas e ausências repentinas.

## 1.4 - Quando Não Convém

Além dos vários inconvenientes já alinhavados nos itens anteriores, deveríamos meditar sobre mais alguns a fim de não faltarmos com a prudência e o bom senso tão recomendados por Kardec.

a) Em casos de obsessões violentas e subjugações, só aplicar o passe contando com o apoio espiritual e material indispensável e suficiente ao bom desempenho dessa tarefa, notadamente quando estivermos, por alguma circunstância, fora da casa Espírita;

b) Nos lares. Quando a prática do passe no nosso lar assumir característica de rotina ou quando formos ali para atender comodismos ou “vergonhas” do paciente em ir ao Centro Espírita, verdadeiramente não convém a prática:

c) Em hospitais, detenções, manicômios ou outros ambientes públicos, salvo em condições de muita necessidade e atendendo aos seguintes requisitos:

1 - Possuir autorização tanto da casa em nome da qual se faça o atendimento (se for o caso) quanto da Instituição visitada;

2 - Concordância e aceitação desse tratamento por parte do paciente e/ou de seu(s) responsável(eis), se for o caso;

3 - Estar-se em equipe de, pelo menos, dois membros;

4 - Poder antes fazer a leitura de uma mensagem, seguida de uma prece e voltando a fazer outra prece de agradecimento ao final. Vale lembrar que nestes casos, mais que em qualquer outro, é necessário vigilância redobrada e equilíbrio inabalável não apenas no sentido de se manter em perfeita sintonia com a Espiritualidade Superior mas de coibir gestos, bocejos, incorporações e toques que, se em condições normais são injustificáveis, agora são literalmente impróprios; e

d) Quando o bom senso não recomendar e a prudência não o determinar.

## 2. ONDE

Se por um lado Jesus preconizou que “Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estarei no meio deles”<sup>381</sup>. Allan Kardec nos afirmou que “Uma reunião é um ser coletivo, cujas qualidades e propriedades são a resultante das de seus membros”<sup>382</sup>. Conjugando-se tais posições, vemos que elas se completam, fazendo-nos concluir que o ambiente de uma reunião será bom se observarmos que “As condições do meio serão tanto melhores, quanto mais homogeneidade houver para o bem, mais sentimentos puros e elevados (...)” Kardec<sup>383</sup>.

---

<sup>381</sup> *Mateus, XVIII, v. 20.*

<sup>382</sup> *KARDEC, Allan. Das reuniões e das Sociedades Espíritas. In “O Livro dos Médiuns”, cap. 29, item 331.*

<sup>383</sup> *KARDEC, Allan. Da influência do meio. In “O Livro dos Médiuns”, cap. 21, item 233.*

É por todos - e em todos os tempos - conhecido que as vibrações emitidas pelas pessoas, quer com palavras, atos e/ou pensamentos, impregnam os ambientes de um certo “clima psíquico”, correspondente ao nível dessas emissões. Assim, em lugares onde se verifiquem reuniões serias e com fins nobres, ter-se-á, sempre, um “clima” favorável aos trabalhos de passes. Tendo-se por base tal raciocínio, analisemos:

## 2.1 - Lugares Mais Apropriados

“No templo espírita, os instrutores desencarnados conseguem localizar recursos avançados do plano espiritual para o socorro a obsidiados e obsessores (...)”<sup>384</sup>. Generalizando a partir desta afirmação do Espírito André Luiz e na certeza de que os fluidos nesses ambientes favorecem excelentes condições para combinações fluídicas altamente ricas e profícuas em face das elevadas vibrações aí reinantes, podemos afirmar categoricamente que a Instituição verdadeiramente Espírita é o lugar ideal para a aplicação do passe, em qualquer de suas modalidades, abstração feita às aplicações ocorridas em Regiões Espirituais Superiores.

Outrossim, na casa Espírita existem equipes espirituais atentas a tal mister, como se pode perceber nesse registro de André Luiz onde Hilário pergunta a Conrado (no plano espiritual):

“- O amigo permanece freqüentemente aqui?”

“- Sim, tomamos sob nossa responsabilidade os serviços assistenciais da instituição, em favor dos doentes, duas noites por semana.

“- Dos enfermos tão-somente encarnados?”

“- Não é bem assim. Atendemos aos necessitados de qualquer procedência.

“- Conta com muitos cooperadores?”

“- Integramos um quadro de auxiliares, de acordo com a organização estabelecida pelos mentores da Esfera Superior.

“- Quer dizer que, numa casa como esta, há colaboradores espirituais devidamente fichados (...)?”

“- Perfeitamente. (...) O êxito do trabalho reclama experiência, horário, segurança e responsabilidade do servidor fiel aos compromissos assumidos. A Lei não pode menosprezar as linhas da lógica”<sup>385</sup> (grifamos).

Somos levados a meditar na evidência da casa Espírita como o mais apropriado lugar para se fazer a aplicação do passe e, de preferência, lá, em sua sala (cabine) própria (se houver).

Fora do Templo Espírita, entretanto, pode-se igualmente fazer aplicação do passe, mas, para tanto, as condições precisam ser consideradas. Por extensão do que exemplificamos no início do capítulo, assim como os médicos eventualmente dispõem de “mini-hospitais ambulantes” para prestarem socorro aos pacientes fora dos hospitais ou consultórios, por atendimento de condições de urgência ou de impossibilidade de transferência daqueles a ambientes mais apropriados, a casa Espírita também poderá prover “equipes de atendimento de emergência” através de “plantões” de atendimento com o objetivo de prestar, com equilíbrio, denodo e responsabilidade, este tipo de serviço.

Nesses lugares, ou seja, fora das Instituições Espíritas porém, “O magnetizador deverá, antes de tudo, certificar-se do ambiente em que vai operar, de maneira que possa agir com calma, atenção, recolhimento, sem receio de que possa ser perturbado. (...) Não deve permitir aglomeração de pessoas no recinto e aconselhar o maior silêncio. Todavia, é útil a presença de uma, duas ou três pessoas, preferentemente das que mais desejam a cura do paciente” (Michaelus)<sup>386</sup>. Tais recintos devem ser reservados, tranquilos, bem arejados ou calafetados (conforme o caso) e, durante a aplicação dos passes, evitar-se trânsito, conversas ou poluições físicas e mentais.

<sup>384</sup> XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Templo Espírita*, In “Desobsessão”, cap. 9, p. 47.

<sup>385</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Serviços de passes*. In “Nos Domínios da Mediumidade”, cap. 17, p. 163.

<sup>386</sup> MICHAELUS. In “Magnetismo Espiritual”, cap. 9, p. 67.

Para aplicação do passe na casa do paciente, além das condições já mencionadas, não descurar de alertar os envolvidos de que tal tarefa, naquele ambiente, é de cunho temporal e extraordinário, devendo o(s) paciente(s) ser(em) encaminhado(s) à casa Espírita não só para buscar(em) o refrigério do passe mas para se alimentar(em) com o “pão do Evangelho”.

## 2.2 - Lugares Não Recomendados

Quase fazendo coro à última citação de Michaelus, André Luiz nos adverte para se “Proibir ruídos quaisquer, baforadas de fumo, vapores alcoólicos, tanto quanto ajuntamento de gente ou a presença de pessoas irreverentes e sarcásticas nos recintos para assistência e tratamento espiritual”, pois “De ambiente poluído, nada de bom se pode esperar”<sup>387</sup>.

Por esta situação proposta, podemos dizer que, para a aplicação do passe:

### 2.2.1 - Não São Lugares Recomendados

a) Ambientes poluídos mental e fluidicamente, ou onde se verifique grande trânsito de pessoas ou muitos ruídos;

b) Lugares públicos em geral, salvo se observadas as recomendações já anotadas;

c) O lar não é recomendado para se fazer tratamento fluídico, notadamente quando se trata de problemas obsessivos. Nos lembra Suely Caldas Schubert, entretantes, que “Se houver imperiosa necessidade de se socorrer o paciente em seu lar, por exemplo, através do passe, é imprescindível que compareçam, no mínimo, dois integrantes da equipe. O médium passista nunca devera ir só, para quaisquer atividades do seu setor, mormente em casos dessa natureza”<sup>388</sup>.

Anotamos ainda que, assim como existem lugares melhores e outros não recomendáveis, existe uma outra situação a ser considerada.

## 2.3 - Quando o Lugar Não Importa

Voltamos a André Luiz para registrar nossa observação de “Dar atenção e carinho aos corações angustiados e sofredores, sem falar ou agir de modo a humilhá-los em suas posições e convicções, buscando atender-lhes às necessidades físicas e morais dentro dos recursos ao nosso alcance”, pois “A melhoria eficaz das almas deita raízes na solidariedade perfeita”<sup>389</sup>.

O Espírito Manoel Philomeno de Miranda, por sua vez, registrou uma nota de grande valor, dita por Genézio Duarte:

“- O médico não teme o contágio do enfermo, porque sabe defender-se; o sábio não receia o ignorante, porque pode esclarece-lo (...) Ora, o espírita, realmente consciente, que se não apóia em mecanismos desculpistas, enfrenta vibrações de teor baixo, armado do escudo da caridade e protegido pela superior inspiração que haure na prece, partindo para o serviço no lugar em que se faz necessário, onde dele precisam”<sup>390</sup>.

Estas duas citações nos resume as situações que sintetizam este tópico: dentro do espírito de “solidariedade perfeita”, tenhamos em mente que as verdadeiras urgências muitas vezes superam quaisquer outras recomendações, tal como nos enseja o vigoroso exemplo da parábola do bom samaritano<sup>391</sup>.

<sup>387</sup> VIEIRA, Waldo. *Perante o passe*. In “*Conduta Espírita*”, cap. 28, p. 103.

<sup>388</sup> SCHUBERT, Suely Caldas. *Os recursos espíritas*. In “*Obsessão / Desobsessão*”, cap. 8, p. 111.

<sup>389</sup> VIEIRA, Waldo. *Perante os doentes*. In “*Conduta Espírita*”, cap. 22, p. 85.

<sup>390</sup> FRANCO, Divaldo Pereira. *Apontamentos necessários*. In “*Nas Fronteiras da Loucura*”, cap. 17, p. 126.

<sup>391</sup> Vide Lucas, cap. X, vv. 25 a 37.

## 2.4 - Ambiente das cabines

Há quem diga que o passe não exige ambiente próprio. Não concordamos integralmente com tal afirmação, pois do fato de ele poder ser aplicado em quase todos os lugares, não se pode concluir não mereça um local para este fim destinado. Por analogia, do fato de podermos, dependendo das circunstâncias, dormir em qualquer lugar, inclusive ao relento, isto não implica devamos ficar desprovidos de quartos e leitos.

Roque Jacintho sugere que “Nos Templos do Espiritismo-cristão<sup>392</sup>, contudo, é bastante oportuno destacar ou erigir um pequeno cômodo, isolado da visitação e da permanência alongada do público”<sup>393</sup>. Concordamos com esta afirmativa, desde que não se entenda por “cabine de passes” um lugar onde as pessoas simplesmente entram, se aquietam e de lá saem, como se fosse uma espécie de oratório. Acreditamos, inclusive, que foi este o enfoque dado pelo Roque Jacintho, mas, conforme podemos observar, ele é sumamente feliz quando diz que “Por útil a câmara de passes, o passista não deve, porém, a ela escravizar-se”, assim como “Não deve, também, tomar-se de inconcebível purismo, policiando ou proibindo a entrada de pacientes à câmara de passes, chegando a torná-la apenas o seu oratório e reflexório particular (...)”.

Concordes que estamos de que a casa Espírita precisa (e merece) de um lugar reservado para a aplicação dos passes, não devemos limitar tal necessidade aos aspectos da construção física do ambiente pois “Há uma tarefa especial, particularmente destinada aos espíritos, à margem das obrigações que lhe são peculiares: a formação de ambiente adequado ao trabalho edificante dos Bons Espíritos. (...) É forçoso recordar, sobretudo, que os alicerces de qualquer ambiente espiritual começam nas forças do pensamento” (Emmanuel)<sup>394</sup>. Portanto, além do espaço físico, cuidemos primordialmente do “espaço mental”.

Por isso afirmamos: deve sim! O Centro Espírita deve ter uma cabine de passes, mesmo que seja apenas uma divisão por biombo, cortina, plástico ou o que seja; ainda que num espaço onde só caiba um passista e um paciente, mesmo que em pé. É importante que tenha uma cabine. Fisicamente ela deve ser clara, sem com isso querer se entenda atingida diretamente pelos raios solares ou submetida a fortes refletores; seu ambiente deve ser calmo e arejado (em nosso clima quente) ou aquecido (para climas frios), “podendo” (e não “devendo”) ter uma luz vermelha que será acionada precipuamente para os trabalhos de passes com fluidos de origem magnéticos (já que, em tese, os passes espirituais dispensam tal cuidado). E quando dizemos “luz vermelha” fazemos nossa sugestão apoiada em confirmações experimentais - as quais existem desde os primeiros magnetizadores -, que indicam seja tal espectro o que menos afeta certas características dos “fluidos das curas”, ou seja: o fluido magnético, o ectoplasma<sup>395</sup>.

Alguns magnetizadores antigos fazem reservas à umidade, a horários preferenciais, a condições climáticas e outros fatores físico-químicos de menor importância. Tais enfoques, para o passe espírita, além de não resistirem a uma análise mais profunda, são destituídos de respaldo doutrinário. Ocorre que, ao tempo dos pioneiros do magnetismo, chegou-se a algumas conclusões levando-se em consideração fatores que tais, mas ditas conclusões não só não se universalizaram como, por bom número de vezes, tiveram suas eficiências negadas. Vale lembrar que referidos magnetizadores inclusive - e isso não é o nosso caso - não dispunham da companhia *invocada e sabida*<sup>396</sup> dos Espíritos, o que, sem dúvida, não eliminava suas presenças mas limitava muito suas participações, pois os Espíritos Superiores não interferem nas disposições íntimas de ninguém, de modo a sobreporem-se ao livre-arbítrio das pessoas. Em consequência, essa menor ação dos Espíritos serviu (e serve) para evidenciar que suas ausências ou não interferências mais diretas toldavam-lhes ou embaraçavam-lhes os resultados, tomando as sessões de passes, por isso mesmo, longas, fastidiosas e, por vezes, inopinadamente infrutuosas. Isso, a prática da fluidoterapia, de hoje, demonstra com fartura.

---

<sup>392</sup> Imaginamos que o autor quis fazer uso de uma ênfase, pois, coerentemente com Kardec, não conhecemos Espiritismo sem ser cristão.

<sup>393</sup> JACINTO, Roque. *Passe e câmara*. In “*Passe e Passista*”, cap. X, p. 30.

<sup>394</sup> XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Ambiente espiritual*. In “*Estude e Viva*”, p. 200.

<sup>395</sup> *Maiores detalhes serão considerados no capítulo X, itens 14 e 15.*

<sup>396</sup> *Vide primeira definição do item 2.1 - dos dicionários e enciclopédias, no capítulo I.*

Na visão espiritual, entretanto, a cabine (ou sala de passes), quando mantida sob o influxo da prece e das boas ações, tem outra dinâmica: “Atravessamos (diz André Luiz) a porta e fomos defrontados por ambiente balsâmico e luminoso.

“(…) Como compreender a atmosfera radiante em que nos banhamos? aventurou Hilário, curioso.

“- Nesta sala - explicou Áulus, amigavelmente - se reúnem sublimadas emanções mentais da maioria de quantos se valem do socorro magnético, tomados de amor e confiança. Aqui possuímos uma espécie de altar interior, formado pelos pensamentos, preces e aspirações de quantos nos procuram trazendo o melhor de si mesmos”<sup>397</sup>. Para que nossas cabines de passes tenham tais bálsamos e luminosidades, basta seguirmos os esclarecimentos ora prestados pelo Espírito Áulus.

### 3. RECOMENDAÇÕES

Muito já foi dito mas não queremos nos furtar de lembrar alguns pontos, ao tempo em que acrescentamos novos apontamentos.

I. Para o bom julgamento do “quando e onde” se aplicar ou não o passe, é imprescindível que se use o bom senso e a razão. Entre o certo e o errado, existe a condição de “conveniência”. É comum o certo, por inconveniente, se tomar errado, como ocorre com o errado que, tomado convenientemente, pode vir a ser considerado certo.

2. “Não penetreis, pois, nesse domínio sem a pureza de coração e a caridade. Nunca ponhais em ação as forças magnéticas, sem lhes acrescentar o impulso da prece e um pensamento de amor sincero por vossos semelhantes. Assim procedendo, estabereis a harmonia de vossos fluidos com o dinamismo divino e tomareis sua ação mais profunda e eficaz” (Léon Denis)<sup>398</sup>.

3. “Tendo Jesus partido dali, entrou na sinagoga deles.

“Achava-se ali um homem que tinha uma das mãos ressequida; e eles então, com o intuito de acusá-lo, perguntaram a Jesus: É lícito curar no sábado?”

“Ao que lhes respondeu: Qual dentre vós será o homem que, tendo uma ovelha, e, num sábado esta cair numa cova, não fará todo o esforço, tirando-a dali?”

“Ora, quanto mais vale um homem que uma ovelha? Logo, é lícito fazer bem, aos sábados”<sup>399</sup>. O raciocínio é direto: podemos e devemos fazer o bem, a qualquer tempo, em qualquer tempo e em qualquer dia. Afinal, o dia foi feito para o homem e não o homem para o dia. Faça-o quem tiver caridade para fazê-lo. Mas jamais isso quererá dizer ou deverá ser interpretado como “faça-se o que se quiser, quando, onde e como se quiser”.

4. A despeito de podermos favorecer ajudas de grande valor aos pacientes, não nos é dado o direito de fazer brotar neles comodismos, falsas esperanças ou disassociação da necessidade de reforma íntima e do esforço próprio para sua própria recuperação. Nossa ação, para ser completa, deve atender ao corpo e ao Espírito, sempre!

5. Ainda que o lugar não seja o mais recomendado; ainda que o paciente não seja dos mais coerentes; ainda que não nos sintamos em condições excepcionais, lembremo-nos de Jesus, confiemos em seu amor misericordioso e procuremos fazer de nossa ação uma extensão de seu psiquismo divino sobre o atendido, esforçando-nos para favorecer uma melhor harmonia no ambiente, uma melhor compreensão e assimilação por parte do paciente e uma determinante decisão de corrigir os próprios deslizes, orando, vigiando, vibrando equilibradamente e agindo bem.

6. Isentemo-nos do orgulho pois “Onde há verdadeira fraternidade, o orgulho é uma anomalia” (Kardec)<sup>400</sup>.

<sup>397</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Serviços de passes*. In “*Nos Domínios da Mediumidade*”, cap. 17, pp. 160 e 161.

<sup>398</sup> DENIS, Léon. *A força psíquica. Os fluidos. O magnetismo*. In “*No Invisível*”, 2ª parte, cap. 15, p. 184.

<sup>399</sup> Mateus, XII, vv. 9 a 12.

<sup>400</sup> KARDEC, Allan. In “*O Livro dos Espíritos*”, item 3.

## SUMÁRIO DESTA OBRA

Capítulo I – O passe - definições

Capítulo II – Os objetivos do passe

Capítulo III – O porquê do passe

Capítulo IV – Assuntos complementares

Capítulo V – Quem é quem no passe

Capítulo VI – Como: o impasse do passe

Capítulo VII – Quando e onde

**OBSERVAÇÃO:** Por motivos alheios a nossa vontade, não se encontram neste volume os capítulos VIII e IX, que são as técnicas do passe.